D. W Winnicott
TUDO COMEÇA EM CASA
Traduçao ***PÁ ULO SANDLER***

N123?7
***Martins* Fontes**
São Pauío 1999

Esta obra foi publicada origina/mente em inglês com o titulo
HOME IS WIIERE WE START FROM
Copos rghr © Lhe Winnrr ris! 7,uss, /986, assar es de ar ordr, crus Mar/ç Pare oro,,
Copo, ighr © Lirruria Marrrns Fontes Edisrrra Lida
Sao Paulo, 1989, para apsesense edrçao.

O ediçao
junho ri,') 989
3' ediçan
Ir **Jr,rrr,**

Traduçao
PAULO SA\DLLR

Revisan gráfica
Isabel Cristina de Meio Rrrdrrguer
Ana Marra de Olheira Mondes Barhrrra
Produçfao gráfica
Gera/do Alter
Paginaçao/Fotolitos
Sradr,r 3 *Desenvolrrmensr, Ed,turrral* (6957 76531

Dada. Internacionais **de** Catalogaçao **na** Publicaçáo **ICIP)**
(Ceunara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
W,nnicott. Donaid W., 5896 1971
Tudo começa rir, casa / 0W. W,nnicoti tradução Paulrs Sandice.
3' cd. São **Paulo** Maolnr, **Fonte.,** 1999. (Psi,.oiogia e pedagogia)

Titulo ,sngsnal: 1-tome is where we slaei frour.
ISBN 115.536 1150-1

1.Ciências sociais Discursos, ensaios, conterências 2. Famil,a
5. Psicanalise Aspectos sociais 4. Psicologia patologica 5. Psicologia social 1. Titulo. II Série.

Índices **para catálogo sistematico:**
- Sociedade familia : Interação social 302
2. Sociedade tndssiduo Interação social 302
3. Psicologia infantil 302

Todos os direilos paro a lingua prursuguesa rese, rados **ri**
Livraria Margina Fonies Ediiora Lida.
Rues Conselhei,'cr Ramalho, 330/340
01325-000 Sao Paulo SP Brasil
7W. (11)239-3677 Fax (11)3105-6867

Índice

Prefácio IX
Agradecimentos XI
Psicanálise e ciência: amigas ou parentes? XIII
PRIMEIRA PARTE
Saúdeedoença 1
O conceito de indivíduo saudável ***3***
Vivendo de modo criativo 23
Sum:eusou ***41***
O conceito de falso self ***53***
O valor da depressão 59
Agressão, culpa e reparação ***69***
A delinqüência como sinal de esperança ***81***
Tipos de psicoterapia ***93***
Acura 105
SEGUNDA PARTE
A família 115
A contribuição da mãe para a sociedade 117
A criança no grupo familiar 123
O aprendizado infantil 137
A imaturidade do adolescente ***145***

TERCEIRA PARTE
Reflexões sobre a sociedade 165
O *pensar e o inconsciente 167*
O *preço de desconsiderar* ***a*** *pesquisa psicanalítica* ***171***
Este feminismo ***183***
ApílulaeaLua 197
Discussão dos objetivos da guerra 215
Os muros de Berlim 229
A liberdade 237
Algumas reflexões sobre o signflcado da palavra "democracia" 249
O lugar da monarquia 273

O lar é nosso ponto de partida. À medida que crescemos
O mundo se torna mais estranho, mais complexos os padrões
De morrer e viver. Não o momento intenso
Isolado, sem antes nem depois.
Mas uma vida ardendo em cada momento.
T. *S.* ELI0T, “East Coker”, *Four Quartets*

Prefácio

Quando Donald Winnicott morreu, em 1971, deixou mais ou menos oitenta artigos inéditos. Além desses, havia outros, publicados em livros e revistas que já se tornaram dificeis de encontrar. Desses dois grupos extraiu-se a maior parte do presente volume, mas, à medida que as seções tomavam forma, alguns artigos dos livros de Winnicott foram acrescentados, à guisa de fecho. (Os detalhes das publicações originais podem ser encontrados nos Agradecimentos.)

O próprio Winnicott planejava fazer novas coletâneas de seus trabalhos; se pudesse fazê-lo, é improvável que a seleção e o arranjo do material fossem iguais aos desta compilação. A seleção, portanto, é de nossa responsabilidade, e somos gratos a Robert Tod por sua ajuda nas etapas iniciais. A edição dos trabalhos inéditos foi, propositalmente, mínima mesmo porque imaginamos que Winnicott provavelmente tê-los-ia melhorado antes de apresentá-los ao público.

O princípio a que obedecemos na seleção dos artigos foi a amplitude de interesses e preocupações. Quase todos eram palestras e conferências, pois Winnicott gostava de atender a pedidos para falar a platéias amplas e variadas. O resultado é um livro no qual as idéias e os temas às vezes se repetem; esperamos que, apesar disso, eles demonstrem a profundidade de sua

convicção de que a estrutura da sociedade reflete a natureza do indivíduo e da família, e também demonstrem o agudo senso de responsabilidade de seu autor pela sociedade específica na qual viveu. Esperamos ainda que o livro agrade ao leitor — algo que Winnicott teria desejado de modo especial.

CLARE WLrncoTT
RM' SKEPHERD
MADELEINE DAVIS
Londres, fevereiro de 1983

Primeira Parte - Saúde e doença

O conceito de indivíduo saudável

Palestra proferida na Royal Medico-Psychological Association, Psychotherapy and Social Psychiatry Section, 8 de março de 1967

Preliminares

Usamos as palavras "normal" e "saudável" quando nos referimos a pessoas, e provavelmente sabemos o que queremos dizer. De tempos em tempos pode ser proveitoso tentar explicitar o que queremos dizer — sob o risco de dizer o óbvio ou de descobrir que não conhecemos a resposta. Seja lá como for, nosso ponto de vista se modifica através das décadas, de modo que uma afirmação que servia para os anos 40 pode ser quase inútil nos anos 60.

Não vou começar citando outros autores que abordaram o assunto. Permitam-me dizer de saída que a maioria de meus conceitos deriva dos de Freud.

Espero não incidir no erro de pensar que se pode avaliar um homem ou uma mulher sem levar em conta seu lugar na sociedade. A maturidade individual implica movimento em direção à independência, mas não existe essa coisa chamada "independência". Seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado a ponto de se sentir independente e invulnerável. Se essa pessoa está viva, sem dúvida há dependência! Dependência da enfermeira de um sanatório ou da família.

No entanto, vou estudar o conceito da saúde do *indivíduo,* porque a saúde social depende da saúde individual; a socieda

de não passa de uma duplicação maciça de indivíduos. A sociedade não pode ir além do denominador comum da saúde individual, e não pode avançar mais porque a sociedade tem que cuidar de seus membros enfermos.

A maturidade associada à idade

Em termos de desenvolvimento, pode-se dizer que a saúde significa uma maturidade relativa à idade do indivíduo. Desenvolvimento prematuro do ego ou consciência prematura do *self* não são mais saudáveis do que consciência retardada. A tendência para amadurecer é, em parte, herdada. De um modo complexo (que tem sido muito estudado), o desenvolvimento, especialmente no início, depende de um suprimento ambiental satisfatório. Pode-se dizer que um ambiente satisfatório é aquele que facilita as várias tendências individuais herdadas, de tal forma que o desenvolvimento ocorre de acordo com elas. Herança e meio ambiente são ambos fatores externos, se falamos em termos do desenvolvimento emocional de cada pessoa, ou seja, da psicomorfologia. (Tenho pensado se o termo psicomorfologia poderia ser usado em substituição ao uso grosseiro da palavra "psicologia", quando qualificada de "dinâmica".) Pode ser muito útil postular que o meio ambiente satisfatório começa com um alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança. Geralmente a mãe é capaz de provê-lo, por causa do estado especial em que ela se encontra, o qual denominei "preocupação materna primária". Apesar de existirem outros nomes para esse estado, estou descrevendo-o em meus próprios termos. A adaptação vai diminuindo de acordo com a crescente necessidade que o bebê tem de experimentar reações à frustração. A mãe saudável pode retardar sua função de não conseguir se adaptar até que o bebê tenha se tornado capaz de reagir com raiva, em vez de ficar traumatizado pelas incapacidades da mãe. Trauma significa quebra de continuidade na exis

tência de um indivíduo. É somente sobre uma continuidade no existir que o sentido do *self*, de se sentir real, de ser, pode finalmente vir a se estabelecer como uma característica da personalidade do indivíduo.

As inter-relações mãe-bebê

Desde o início, mesmo quando o bebê está vivendo num mundo subjetivo, a saúde não pode ser descrita em termos apenas individuais. Posteriormente torna-se possível pensar numa criança saudável num meio ambiente não-saudável; essas palavras, no entanto, não fazem sentido no começo, até que o bebê consiga fazer uma avaliação objetiva da realidade, tornando-se capaz de distinguir claramente entre o eu e o não-eu, entre o *real* compartilhado e os fenômenos da realidade psíquica pessoal, e tenha algo de ambiente interno. Estou me referindo ao processo bidirecional em que a criança vive num mundo subjetivo e a mãe se adapta, com o intuito de dar a cada criança um suprimento básico da *experiência de onipotência.* Isso envolve essencialmente uma relação viva.

O ambiente facilitador

O ambiente facilitador e seus ajustes adaptativos progressivos às necessidades individuais poderiam ser isolados, para estudo, como uma parte do estudo da saúde. Incluir-se-iam as funções paternais, complementando as funções da mãe, e a função da família, com sua maneira cada vez mais complexa (à medida que a criança fica mais velha) de introduzir o princípio da realidade, ao mesmo tempo que devolve a criança à criança. Meu objetivo aqui, no entanto, não é estudar a evolução do meio ambiente.

As zonas erógenas

Na primeira metade do século de Freud, toda avaliação da saúde precisava ser feita em termos do estágio em que se encontrava o id, de acordo com as predominâncias sucessivas das zonas erógenas. Isso ainda tem validade. A hierarquia é bem conhecida — inicia-se com a predominância oral, seguida da predominância anal e da uretral, e então segue-se o estágio fálico ou "exibicionista" (tão dificil para as menininhas que começam a andar), e finalmente da fase genital (de três a seis anos), na qual *afantasia* inclui tudo aquilo que pertence ao sexo adulto. Ficamos felizes quando uma criança se ajusta a esse padrão de crescimento.

A criança saudável alcança, então, o período de latência, no qual não há avanço nas posições do id, e existe uma retaguarda muito difusa para impulsionar o id por parte do sistema endócrino. O conceito de saúde, aqui, se associa com um período em que se pode ensinar algo à criança, e nesse período há uma tendência bastante natural de os sexos se segregarem. É necessário mencionar essas questões, pois é saudável ter seis anos aos seis anos de idade, e dez aos dez.

Depois vem a puberdade, geralmente anunciada por uma fase pré-púbere na qual uma tendência homossexual talvez se manifeste. Lá pelos quatorze anos, o rapaz ou a moça que não pularam a fase da puberdade podem, de modo inexorável e *saudável,* ser lançados num estado de confusão e dúvida. A palavra "estagnação" tem sido aplicada aqui — e é uma palavra útil. Permitam-me enfatizar que quando um rapaz ou uma moça agem de modo desajeitado ou confuso, em meados da puberdade, isso não é doença.

A puberdade significa tanto um alívio como um fenômeno extremamente perturbador, que estamos apenas começando a compreender. Hoje em dia, rapazes e moças púberes conseguem experimentar a adolescência como um período de crescimento em companhia de outros no mesmo estado, e a tarefa

dificil de separar o que é saudável do que é doentio, nessa fase, diz respeito à era do pós-guerra. É claro que os problemas não são novos.

Àqueles que estão envolvidos nessa tarefa, só se pode solicitar que se dediquem mais à solução dos problemas teóricos do que à solução dos problemas reais dos adolescentes, os quais são capazes, a despeito da inconveniência de sua sintomatologia, de melhor encontrar sua própria salvação. A passagem do tempo é significativa. Um adolescente não deve ser curado como se fosse um doente. Acho que essa é uma parte importante da avaliação de saúde. Isso não implica negar que possa haver doença durante o período da adolescência.

Alguns adolescentes sofrem muito, e não oferecer ajuda pode ser crueldade. É comum que sejam suicidas aos quatorze anos, e é deles a tarefa de tolerar a interação de muitos fenômenos disparatados — sua própria imaturidade, suas próprias mudanças relativas à puberdade, suas próprias idéias do que é vida e seus próprios ideais e aspirações; acrescente-se a isso sua desilusão pessoal a respeito do mundo dos adultos, que lhes parece essencialmente um mundo de compromissos, de falsos valores e de infinitas digressões em relação ao tema central. À medida que rapazes e moças adolescentes deixam esse estágio, começam a se sentir reais, e adquirem um senso de *self* e um senso de *ser*. Isso é saúde. A partir do ser, vem o fazer, mas não pode haver o *fazer* antes do *ser* — eis a mensagem que os adolescentes nos enviam.

Não precisamos encorajar os adolescentes que têm dificuldades pessoais e que tendem a ser desafiantes enquanto ainda são dependentes; eles realmente não necessitam de encorajamento. Lembramos que as fases finais da adolescência constituem uma idade de aquisições excitantes, em termos de aventuras, de tal modo que a emergência de um rapaz ou uma moça da adolescência para os primórdios de uma identificação com a paternidade ou a maternidade e com a sociedade responsável é algo bom de se ver. Ninguém poderia dizer que a palavra

"saúde" é sinônimo da palavra "fácil". Isso é especialmente verdadeiro na área de conflito entre a sociedade e seu contingente adolescente.

Se prosseguirmos, começaremos a utilizar uma linguagem diferente. Esta seção se iniciou em termos de impulsos do id e termina referindo-se à psicologia do ego. É de grande auxílio para o indivíduo quando a puberdade fornece um potencial para a potência masculina e para o equivalente nas meninas, ou seja, quando a genitalidade plena já é uma característica, tendo sido alcançada na realidade do brincar durante a idade que precedeu o período de latência. No entanto, púberes não se enganam com a idéia de que os impulsos instintivos sejam tudo, e de fato eles estão essencialmente preocupados com o ser, com o estar em algum lugar, com se sentirem reais e em adquirir algum grau de constância objetal. Eles precisam ser capazes de cavalgar os instintos, em vez de serem esmigalhados por eles.

Em termos da aquisição da genitalidade plena, a maturidade, ou a saúde, assume uma forma especial quando o adolescente se transforma no adulto que pode se tornar pai. É conveniente que um rapaz que gostaria de ser igual a seu pai sonhe heterossexualmente e que desempenhe sua capacidade genital em sua plenitude; e também que uma moça que deseja ser igual à mãe sej a capaz de sonhar heterossexualmente e experimentar orgasmo genital na relação sexual. O teste é: será que a experiência sexual pode ser acompanhada de um vínculo e dos significados mais amplos da palavra "amor"?

No que diz respeito a esses aspectos, a doença é um incômodo, e as inibições podem ser destrutivas e cruéis em sua ação. A impotência pode machucar mais do que o estupro. No entanto, hoje em dia não nos sentimos satisfeitos com uma avaliação da saúde em termos das posições do id. É mais fácil descrever os processos desenvolvimentais em relação à função do id do que em termos do ego e de sua complexa evolução, mas mesmo assim o segundo método não pode ser evitado. Temos que tentar fazê-lo.

Quando há imaturidade na vida instintiva, existe o risco de doença no indivíduo, na personalidade, no caráter ou no comportamento. Deve-se ter o cuidado de entender aqui, no entanto, que o sexo pode operar como uma função parcial, de tal modo que, ainda que o sexo possa *parecer* estar funcionando bem, a potência e o seu equivalente feminino podem acabar depauperando o indivíduo, em vez de enriquecê-lo. Mas nós não nos deixamos levar com facilidade por essas coisas, já que não estamos olhando para o indivíduo de acordo com o comportamento e os fenômenos de superficie. Estamos preparados para examinar a estrutura da personalidade e a relação do indivíduo com a sociedade e com os ideais.

Pode ser que numa determinada época os psicanalistas tendessem *a pensar na saúde como a ausência de distúrbios psiconeuróticos,* mas isso não é verdade hoje em dia. Precisamos de critérios mais sutis. Não precisamos jogar fora o que usamos previamente quando pensamos hoje em termos de liberdade dentro da personalidade, de capacidade para ter confiança e fé, de questões de constância e confiabilidade objetal, de liberdade em relação à auto-ilusão, e também de algo que tem mais a ver com a riqueza do que com a pobreza enquanto qualidade da realidade psíquica pessoal.

O indivíduo e a sociedade

Se partirmos do princípio de que se alcançou um grau razoável em termos da capacidade instintiva, veremos então novas tarefas para a pessoa relativamente saudável. Existe, por exemplo, a relação que ele ou ela mantêm com a sociedade — uma extensão da família. Digamos que um homem ou uma mulher saudáveis sejam capazes *de alcançar uma certa identflcação com a sociedade sem perder muito de seus impulsos individuais ou pessoais.* É claro que deve existir alguma perda, no sentido de controlar o impulso, mas uma identificação extremada com

a sociedade acompanhada de perda do *self* e da importância do *self* não é normal de modo algum.

Se fica claro que não nos satisfazemos com a idéia da saúde como uma simples ausência de doença psiconeurótica — ou seja, de distúrbios relativos à progressão das posições do id em direção à genitalidade plena e à organização de defesas relativas à ansiedade e a relações interpessoais —, podemos dizer que, em tal contexto, a saúde não é fácil. A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência, ou autonomia.

A avaliação da saúde em termos das posições do id fica insatisfatória pela ausência da psicologia do ego. Um exame do ego nos leva direto aos estágios pré-genitais e pré-verbais do desenvolvimento individual e à provisão ambiental: a adaptação atrelada às necessidades primitivas que são características da primeira inffincia.

Neste ponto, minha tendência é pensar em termos de "segurar"*. Isso vale para o "segurar" fisico na vida intra-uterina, e gradualmente amplia seu alcance, adquirindo o significado da globalidade do cuidado adaptativo em relação à infância, incluindo a forma de manuseio. No fim, esse conceito pode se ampliar a ponto de incluir a função da família, e conduz à idéia de trabalho de caso, que é a base da assistência social. O "segurar" pode ser feito, com sucesso, por alguém que não tenha o menor conhecimento intelectual daquilo que está ocorrendo com o indivíduo; o que se exige é a capacidade de se identificar, de perceber como o bebê está se sentindo.

Num ambiente que propicia um "segurar" satisfatório, o bebê é capaz de realizar o *desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas.* O resultado é uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de *self* e finalmente resulta em autonomia.

O desenvolvimento nos primeiros estágios

Gostaria de examinar o que ocorre nos primeiros estágios do desenvolvimento da personalidade. A palavra-chave aqui é *integração,* que abrange quase todas as tarefas do desenvolvimento. A integração leva o bebê a uma categoria unitária, ao pronome pessoal "eu", ao número um; isso torna possível o EU SOU, que dá sentido ao EU FAÇO.

Pode-se perceber que estou olhando para três direções ao mesmo tempo. Estou observando o cuidado às crianças. Também olho para a doença esquizóide. Além disso, estou procurando um meio de avaliar o que é que a vida pode representar para crianças e adultos saudáveis. Entre parênteses, eu diria que constitui um traço saudável o fato de o adulto não parar de se desenvolver emocionalmente.

Vou tomar três exemplos. No caso de um bebê, a *integração* é um processo que tem ritmo próprio e crescente complexidade. Na doença esquizóide, o fenômeno da *desintegra ção* é uma característica, especialmente o medo da desintegração e a organização patológica de defesas destinada a dar um alerta em relação à desintegração. (A insanidade geralmente não é uma regressão, pois esta última contém um elemento de confiança; é, antes, um arranjo sofisticado de defesas, cujo objetivo é prevenir uma repetição da desintegração.) A integração é um processo de tal tipo que certas características da vida infantil reaparecem na psicanálise dos casos limítrofes. Na vida adulta, a integração é usufruída com um sentido cada vez mais amplo do termo, que se aproxima da integridade

e a inclui. A desintegração, durante o repouso, o relaxamento e o sonho, pode ser admitida pela pessoa saudável, e a dor a ela associada pode ser aceita, especialmente porque o relaxamento está associado à criatividade, de modo que é a partir do estado *não-integrado* que o impulso criativo aparece e reaparece. As defesas organizadas contra a desintegração roubam uma precondição para o impulso criativo e impedem, portanto, uma vida criativa'.

A parceria psicossomática

Uma tarefa subsidiária no desenvolvimento infantil é o abrigo psicossomático (deixando de lado, por enquanto, o intelecto). Grande parte do cuidado fisico dedicado à criança — segurá-la, manipulá-la fisicamente, banhá-la, alimentá-la, e assim por diante — destina-se a facilitar a obtenção, pela criança, de um *psique-soma* que viva e trabalhe em harmonia consigo mesmo.
Retornando à psiquiatria: é característica da esquizofrenia uma conexão muito frouxa ente a psique (ou seja lá como se chame) e o corpo e suas funções. Pode ser até que a psique se ausente do soma por um período considerável, ou que esteja projetada.
Em pessoas saudáveis, o uso do corpo e de suas funções é uma das coisas prazerosas da vida, e isso se aplica de modo especial às crianças e aos adolescentes. Aqui aparece outra vez uma relação entre doença esquizóide e saúde. É uma pena que pes-

soas saudáveis tenham que viver em corpos deformados, doentes ou velhos, ou permanecer famintas ou sofrer grande dor.

Estabelecendo relações objetais

Pode-se examinar o estabelecimento de relações objetais do mesmo modo que a coexistência psicossomática e o tema mais amplo da integração, O processo maturacional impulsiona o bebê a relacionar-se com objetos; no entanto, isso só pode ocorrer efetivamente quando o mundo é apresentado ao bebê de modo satisfatório. A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta o mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da *experiência de onipotência,* que constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio da realidade. Há um paradoxo aqui, na medida em que, nessa fase inicial, o bebê cria o objeto, mas o objeto já está lá, e o bebê não pode, portanto, tê-lo criado. Deve-se aceitar o paradoxo, não resolvê-lo.

Vamos ampliar esse assunto para a doença mental e para a saúde mental do adulto. Na doença esquizóide, o estabelecimento de relações objetais fracassa: o paciente se relaciona com um mundo subjetivo ou malogra em se relacionar com qualquer objeto fora do *self* A onipotência é assegurada através de delírios. O paciente se retrai, fica fora de contato, estupidificado, isolado, irreal, surdo, inacessível, invulnerável e assim por diante.

Uma grande parte da vida saudável tem a ver com as várias modalidades de relacionamento objetal e com um processo de

"vaivém" entre o relacionamento com objetos externos e internos. Isso é uma questão de pleno usufruto das relações interpessoais, embora os resíduos do relacionamento criativo não se percam fazendo com que cada aspecto do relacionamento objetal seja excitante.

A saúde aqui inclui a idéia de uma vida excitante e da magia da intimidade. Todas essas coisas andam juntas e combinam-se, na sensação do se sentir real, de ser e de haver experiências realimentando a realidade psíquica interna, enriquecendo-a, dando-lhe direção. A conseqüência é que o mundo interno da pessoa saudável relaciona-se com o mundo real ou externo, e mesmo assim é pessoal e dotado de uma vivacidade própria. Identificações projetivas e introjetivas acontecem a todo instante. Segue-se que a perda e a má sorte (e, como eu disse, a doença) podem ser mais terríveis para o indivíduo saudável do que para aquele que é psicologicamente imaturo ou deformado. Deve-se permitir que a saúde assuma seus próprios riscos.

Recapitulação

Neste momento da discussão precisamos definir nossos termos de referência. Precisamos decidir se vamos restringir o significado da palavra "saúde" àqueles que são saudáveis desde o início, ou estendê-lo àqueles que carregam a semente da doença e mesmo assim conseguem "vencer", no sentido de alcançar, no final, um estado de saúde que não vem fácil ou naturalmente. Sinto que precisamos incluir esta última categoria. Vou explicar rapidamente o que estou querendo dizer.

Dois tipos de pessoa

Acho útil dividir o universo de pessoas em duas classes. Há aquelas que jamais se desapontaram enquanto bebês, e, na

mesma medida, são candidatas a viver alegremente e a aproveitar a vida. E há as que sofreram experiências traumáticas, provenientes de decepções com o ambiente, e que necessitam carregar consigo perpetuamente as lembranças (ou o material para as lembranças) do estado em que se encontravam no momento do desastre. Estas são candidatas a levar vidas tempestuosas e tensas e talvez candidatas à doença.

Reconhecemos a existência daqueles que perderam a âncora em relação à tendência ao desenvolvimento saudável, e cujas defesas são rigidamente organizadas, sendo a própria rigidez uma garantia contra movimentos posteriores. Não podemos estender a conotação que demos à palavra "saúde" a esse estado de coisas.

Existe, no entanto, um grupo intermediário. Numa exposição mais completa da psicomorfologia da saúde, poderíamos incluir aqueles que trazem consigo a experiência de ansiedades impensáveis ou arcaicas, e que estão mais ou menos bem defendidos contra recordar-se de tal ansiedade, mas que, não obstante, vão usar qualquer oportunidade que se apresente para adoecer ou ter um colapso a fim de se aproximar daquilo que é terrível
— e por isso impensável. O colapso raramente leva a um resultado terapêutico, embora se deva reconhecer um elemento positivo no colapso. Às vezes, o colapso conduz a uma espécie de cura, e então aparece de novo a palavra "saúde".

Mesmo nesse caso parece persistir uma tendência para o desenvolvimento sadio; caso as pessoas dessa segunda categoria consigam agarrar-se, ainda que tardiamente, a essa tendência em direção ao desenvolvin-iento, elas poderão ser bem-sucedidas. Podemos então incluí-las entre os saudáveis. Saudáveis por bem ou por mal.

Fuga para a sanidade

Precisamos lembrar agora que a fuga em direção à sanidade não é sinônimo de saúde. A saúde é tolerante com a doença; na

verdade, a saúde tem muito a ganhar quando se mantém em contato com a doença em todos os seus aspectos, especialmente com aquela doença denominada esquizóide, e com a dependência.

Entre os dois extremos, ou sej a, entre o primeiro grupo, dos afortunados, e o segundo, dos desafortunados (no que tange ao suprimento ambiental), há uma grande quantidade de pessoas que conseguem esconder, com sucesso, uma certa necessidade de se encaminharem para o colapso, mas que não sofrem colapso de fato, a não ser que fatores ambientais detonem a situação. Isso pode tomar a forma de uma nova versão do trauma, ou pode ser que um ser humano confiável tenha aumentado as esperanças.

Portanto, perguntamo-nos: qual a amplitude do espectro de pessoas — que conseguem vencer apesar daquilo que carregam consigo (genes, desapontamentos precoces e experiências infelizes) — que devemos incluir entre os saudáveis? Temos que levar em conta o fato de que nesse grupo há muitas pessoas cujo desconforto e cuja ansiedade os impelem a realizações excepcionais. Pode ser que o convívio com elas se revele muito dificil, mas elas impulsionam o mundo em alguma área da ciência, da arte, da filosofia, da religião ou da política. Não sou obrigado a responder, mas tenho que estar preparado para esta pergunta: e os gênios?

Verdadeiro e falso

Nesta dificil categoria, há um caso onde o colapso potencial domina a cena, o qual talvez não nos dê muito problema. (Mas nada é muito nítido nos assuntos humanos; e quem poderia dizer onde é que termina a saúde e se inicia a doença?) Refiro- me às pessoas que tiveram que organizar inconscientemente uma fachada, um falso selfpara lidar com o mundo, tendo essa fachada se transformado numa defesa contra o verdadeiro *self* (O verdadeiro *self* foi traumatizado e não pode mais ser encon-

trado pelo risco de ser novamente ferido.) A organização de um falso *self* é aceita facilmente na sociedade, embora ela pague um alto preço por isso. Do nosso ponto de vista, embora o falso *self* seja uma defesa eficaz, não é um componente da saúde. Funde-se ao conceito kleiniano de defesa maníaca: onde há uma depressão, que é negada — por processos inconscientes, é claro —, os sintomas da depressão aparecem nas formas opostas (euforia em vez de depressão, relaxamento em vez de tensão, vivacidade em vez de desânimo, excitação em vez de indiferença, e assim por diante).

Isso não é saúde, embora tenha um lado saudável, em termos de descanso, e também mantenha um vínculo alegre com a saúde, na medida em que, para as pessoas idosas, a vivacidade e a animação dos jovens é uma incessante e seguramente legítima compensação para a depressão. Quando há saúde, a seriedade mantém vínculos com as pesadas responsabilidades que vêm com a idade, responsabilidades de que o jovem geralmente não quer saber.

Preciso mencionar o assunto *depressão* — um preço que se paga pela integração. Não será possível repetir aqui o que tenho escrito sobre o valor da depressão, ou melhor, a saúde que é inerente à capacidade de se sentir deprimido, sendo que humor deprimido está próximo da capacidade de se sentir responsável, de se sentir culpado, de sentir arrependimento e de sentir alegria quando as coisas correm bem. No entanto, é verdade que a depressão, mesmo que terrível, tem que ser respeitada como evidência de integração pessoal.

Há forças destrutivas complicadoras na doença, aquelas que favorecem, dentro do indivíduo, o suicídio e que fora dele mantêm uma suscetibilidade a delírios persecutórios. Não estou sugerindo que tais elementos façam parte da saúde. É necessário, no entanto, incluir, num estudo sobre a saúde, a seriedade que tem ligações com a depressão, relativa a indivíduos que cresceram no sentido de se tornarem íntegros. É na personalidade dessas pessoas que podemos encontrar riqueza e potencial.

Omissões

Precisei omitir o assunto específico da tendência anti-social. Isso se relaciona com a privação, ou seja, com o fim de um bom período que termina numa certa fase do crescimento da criança em que ela podia conhecer mas não lidar com os seus resultados.

Aqui não é o melhor lugar para escrever sobre a agressão. Permitam-me dizer, no entanto, que são justamente os membros doentes de uma comunidade aqueles que são compelidos, por motivações inconscientes, a ir para a guerra e a executar atos de ataque, à guisa de defesa contra delírios persecutórios, ou então a destruir o mundo, um mundo que os aniquilou, a cada um individualmente, na infância.

O objetivo da vida

Finalmente, gostaria de enfocar a vida que uma pessoa saudável é capaz de viver, O que é a vida? Não preciso saber a resposta, mas podemos chegar a um acordo: ela está mais próxima do SER do que do sexo. Disse Lorelei: “Beijar é muito bom, mas uma pulseira de diamantes dura para sempre.” Ser e se sentir real dizem respeito essencialmente à saúde, e só se garantirmos o ser é que poderemos partir para coisas mais objetivas. Sustento que isso não é apenas um julgamento de valor, mas que há um vínculo entre a saúde emocional individual e o sentirnento de se sentir real. Não há dúvida de que a grande maioria deis pessoas dão como certo que se sentem reais, mas a que preço? Em que medida estarão elas negando um fato, ou seja, que poderia haver o perigo de elas se sentirem irreais, possuídas, ou de não serem elas mesmas, de sucumbirem para sempre, de

perderem a orientação, de serem desligadas do próprio corpo, de se sentirem aniquiladas, de não serem nada e não estarem em lugar nenhum? A saúde não está associada à *negação* de coisa alguma.

As três vidas

Vou terminar falando sobre as três vidas que as pessoas saudáveis experienciam.

1. A vida no mundo, em que as relações interpessoais constituem a chave até mesmo para o uso do ambiente não-humano.
2. A vida da realidade psíquica pessoal (às vezes chamada interna). É aqui que uma pessoa é mais rica do que outra, e mais profunda, e mais interessante quando criativa. Inclui sonhos (ou o que emerge a partir do material dos sonhos).

Todos vocês estão familiarizados com essas duas vidas, e é bem sabido o fato de que ambas podem ser exploradas como defesa: o extrovertido precisa encontrar fantasia no ato de viver; e o introvertido pode tornar-se auto-suficiente, invulnerável, isolado e socialmente inútil. Mas há uma outra área para se usufruir a saúde, que não é possível abordar com facilidade em termos da teoria psicanalítica.

3. A área da experiência cultural.

A experiência cultural começa como um jogo e conduz ao domínio da herança humana, incluindo as artes, os mitos da história, a lenta marcha do pensamento filosófico e os mistérios da matemática, da administração de grupos e da religião.

Onde situar essa terceira vida, a experiência cultural? Não acho que ela possa ser situada na realidade psíquica interna, pois não é um sonho é parte da realidade compartilhada. Mas não se pode dizer que seja parte dos relacionamentos externos, pois é dominada pelo sonho. Ela é a mais variável das três vidas; em certas pessoas ansiosas e impacientes ela não tem praticamente representação, enquanto em outras ela é a parte importante

da existência humana, a parte que os animais não desenvolveram. Essa área não aparece apenas como atividade lúdica ou senso de humor; aparece também na forma de toda a cultura acumulada nos últimos cinco ou dez mil anos, O intelecto bem- dotado pode operar nesta área. Ela é um subproduto da saúde.

Tentei trabalhar na localização da experiência cultural; fiz essa formulação de modo provisório: ela se inicia *no espaço potencial entre uma criança e a mãe, quando a experiência produziu na criança um alto grau de confiança* na mãe, no fato de que ela não vai faltar quando a criança dela tiver necessidade. Neste ponto, eu me alinho com Fred Plaut4, que usou a palavra "confiança" como a chave para a organização dessa área da experiência saudável.

Cultura e separação

Nesse sentido pode-se mostrar que a saúde tem relação com o viver, com a saúde interior e, de modo diverso, com a capacidade de se ter experiência cultural.

Em outras palavras, havendo saúde, não há separação, pois, na área de espaço-tempo entre a criança e a mãe, a criança (e portanto o adulto) vive criativamente, fazendo uso do material disponível. Pode ser um pedaço de madeira, ou um dos últimos quartetos de Beethoven!

Isso representa um desenvolvimento do conceito de fenômenos transicionais. Pode-se dizer muito mais a respeito da saúde, mas espero ter conseguido transmitir a idéia de que considero o ser humano único. A etologia não é tudo. Os seres humanos têm instintos e funções animais, e muitas vezes se parecem com estes. Talvez os leões sejam mais nobres; os macacos, mais ágeis; as

gazelas, mais graciosas; as cobras, mais sinuosas; os peixes, mais prolíficos, e os pássaros, mais felizes, por poderem voar. Os seres humanos, no entanto, têm uma coisa só sua, e, quando são suficientemente saudáveis, têm experiências culturais superiores às de qualquer animal (exceto talvez as baleias e seus parentes).

Provavelmente será o ser humano que destruirá o mundo. Se assim for, talvez possamos morrer na próxima explosão atômica sabendo que isso não é saúde, mas medo; é uma decorrência do fracasso das pessoas e da sociedade saudáveis em dar suporte a seus membros doentes.

Sumário

Espero ter conseguido:

1. Usar o conceito de saúde como ausência de doença psiconeurótica.
2. Vincular saúde e maturação, da qual resulta a maturidade.
3. Assinalar a importância dos processos maturacionais que se referem ao ego, mais do que aos relacionados à consideração das posições do id na hierarquia das zonas erotogênicas.
4. Vincular esses processos ao cuidado dispensado às crianças, à doença esquizóide e à saúde do adulto, usando, de passagem, os conceitos:

a) integração
b) parceria psicossomática
c) relações objetais

como exemplos do que se obtém no cenário como um todo.

5. Assinalar que temos de decidir até que ponto incluir, e quando, os que conseguem chegar à saúde apesar de desvantagens iniciais.
6. Nomear as três áreas onde vive o ser humano, e sugerir que é uma questão de saúde o fato de algumas vidas serem notáveis e de algumas personalidades serem ricas e criativas, e que o bônus mais importante propiciado pela saúde são algumas experiências na área cultural.

7. Finalmente indicar que não é somente a sociedade que depende da saúde de seus membros para ser saudável, mas que também seus padrões são uma duplicação dos padrões daqueles que a compõem. Dessa forma, a democracia (em um dos significados da palavra) é uma indicação de saúde porque ela se origina, de modo natural, da família, que é em si mesma um constructo pelo qual os indivíduos saudáveis são responsáveis.

Vivendo de modo criativo
Fusão de dois rascunhos de uma palestra preparada para a Progressive League, 1970
Definição de criatividade

Seja qual for a definição a que cheguemos, ela deve incluir a idéia de que a vida vale a pena — ou não ser vivida, a ponto de a criatividade ser — ou não — uma parte da experiência de vida de cada um.
Para ser criativa, uma pessoa tem que existir, e ter um sentimento de existência, não na forma de uma percepção consciente, mas como uma posição básica a partir da qual operar.
Em conseqüência, a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que *é está vivo.* Pode ser que o impulso esteja em repouso; mas, quando a palavra "fazer" pode ser usada com propriedade, já existe criatividade.
É possível demonstrar que, em certas pessoas e em determinadas épocas, as atividades que indicam que uma pessoa está viva não passam de reações a estímulos. Retire os estímulos e o indivíduo não tem vida. Mas, em caso tão extremo, a palavra "ser" não tem relevância. Para poder ser, e para ter o sentimento de que *é,* deve-se ter uma predominância do fazer-pelo-impulso sobre o fazer-reativo.
Essas coisas não são apenas uma questão de vontade e do arranjo e rearranjo da vida, O processo de crescimento mental

estabelece os padrões básicos, e nas épocas iniciais da vida humana se encontram os fatores de maior influência. Deve-se presumir que a maioria das pessoas esteja em algum ponto entre os dois extremos, e é nesse meio de caminho que temos a oportunidade de interferir em nossos padrões; é nessa ocasião que sentimos que a discussão fica interessante e não é um mero exercício acadêmico (estamos considerando também aquilo que podemos fazer, na qualidade de pais e educadores).

A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Para o bebê, isso não é dificil; se a mãe for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá antes que ele tivesse sido concebido ou concebesse o mundo. O princípio da realidade é o fato da existência do mundo, independentemente de o bebê tê-lo criado ou não.

O princípio da realidade é muito ruim, mas, com o passar do tempo, a criança é chamada a dizer “ta”, grandes desenvolvimentos ocorrem e ela adquire mecanismos mentais geneticamente determinados para lidar com essa afronta. Pois o princípio da realidade é uma afronta.

Estou preparado para descrever alguns desses mecanismos mentais. Caso tenham sido fornecidas condições ambientais satisfatórias, a criancinha (que se tornou eu e você) descobriu modos de absorver a afronta. A submissão, por um lado, simplifica a relação com outra pessoa, que, é claro, tem suas próprias necessidades para atender, sua própria onipotência para cuidar. No outro extremo, a criança conserva a onipotência, sob o pretexto de ser criativa e de ter uma visão pessoal de tudo.

Ilustrando o modo simples: se uma mãe tem oito filhos, há oito mães. Isso não ocorre simplesmente porque a mãe teve atitudes diferentes em relação a cada um dos oito. Se ela pudesse ter sido exatamente a mesma com cada um (e eu sei que isso é absurdo, porque ela não é uma máquina), cada criança poderia ter tido sua mãe distinta, vista sob olhos individuais.

Através de um processo de crescimento extremamente complexo, geneticamente determinado, e da interação do crescimento individual com fatores externos que tendem a ser positivamente facilitadores — ou então não-adaptadores e produtores de reação -a criança torna-se você ou eu, descobrindo-se equipada com alguma capacidade para ver tudo de um modo novo, para ser criativa em todos os detalhes do viver.

Eu poderia procurar em *The Oxford English Dictionary* o significado da palavra "criatividade"; poderia também pesquisar tudo o que já foi escrito a respeito do assunto, em filosofia e psicologia; e então poderia oferecer tudo isso numa bandeja. Mesmo isso poderia ser arranjado de tal modo que vocês diriam:

"Como é original!" Pessoalmente, sou incapaz de seguir tal plano. Sinto necessidade de falar como se ninguém jamais tivesse examinado o assunto antes, e é natural que isso pode fazer com que minhas palavras pareçam ridículas. Mas eu acho que você podem ver nisso minha necessidade de deixar claro que não estou soterrado pelo tema. Trabalhar em cima dos conceitos concordantes que existem a respeito da criatividade poderia me matar. Evidentemente, preciso estar sempre lutando para me *sentir* criativo, com a desvantagem de que, se for o caso de descrever uma palavra simples, como "amor", preciso começar do zero (talvez esse seja o ponto de onde se deve começar). Vou retornar a esse tema quando chegar à distinção entre o viver criativo e a arte criativa.

Fui olhar a palavra "criar" num dicionário e encontrei "trazer à existência". Uma criação pode ser "uma produção da mente humana". Não é exato que "criatividade" seja uma palavra de todo aceitável para o erudito. Por "viver criativamente" não estou querendo dizer que alguém tenha que ficar sendo aniquilado ou morto o tempo todo, seja por submissão, seja por reagir àquilo que o mundo impinge. Estou me referindo ao fato de alguém ver tudo como se fosse a primeira vez. Uso a palavra "apercepção", oposta a "percepção".

Origens da criatividade

Talvez eu tenha demonstrado aquilo que acredito ser a origem da criatividade. Nesse ponto é necessária uma afirmação dupla. A criatividade é própria do estar vivo de tal forma que, a não ser que a pessoa esteja em estado de repouso, ela está sempre tentando, de algum modo, alcançar algo, de maneira que, se houver um objeto no caminho, pode haver um relacionamento. Mas isso é apenas uma parte da história. A outra parte se refere à idéia de que alcançar, fisica ou mentalmente, não tem o menor significado, exceto para um ser que esteja lá para ser. Um bebê que tenha nascido quase que sem cérebro pode alcançar um objeto e usá-lo, mas sem a experiência de um viver criativo. O bebê normal, da mesma forma, precisa crescer em complexidade e tomar-se um "existente" estabelecido, para que possa experimentar a procura e o encontro de um objeto como um ato criativo.
E então eu volto à máxima: Ser, antes de Fazer. O Ser tem que se desenvolver antes do Fazer. E, então, finalmente, a criança domina até mesmo os instintos, sem perda de identidade do *self* A origem, portanto, é a tendência geneticamente determinada do indivíduo para estar e permanecer vivo e para se relacionar com os objetos que lhe surgem no caminho durante os momentos de obter algo, mesmo que seja da Lua.

Mantendo a criatividade

O indivíduo que não tenha sido demasiado distorcido por uma introdução no mundo defeituosa dispõe de muitas oportunidades para fomentar esse atributo tão desejável. Com toda certeza vocês vão me dizer que muita coisa na vida é rotineira. Alguém tem que dar conta do trabalho cotidiano. Não é fácil discutir esse aspecto, pois há quem veja utilidade nas ocupações rotineiras. Talvez o fato de que não é preciso muita inteli-

TPara o bebê, a primeira unidade que surge inclui a mãe. Se tudo corre bem, o bebê chega a perceber a mãe e todos os outros objetos e os vê como não-eu, de tal modo que agora há o eu e o não-eu. (O eu pode incorporar e conter elementos não-eu, etc.) Esse estágio dos primórdios do EU SOU só se instala realmente no *self* do bebê na medida em que o comportamento da figura materna é suficientemente bom — no que diz respeito à adaptação e à desadaptação. Assim, a mãe é, no início, um delírio que

o bebê precisa ser capaz de desautorizar, e aí precisa ser substituída pela desconfortável unidade EU SOU, que envolve a perda da segura fusão unitária original "mãe-bebê". O ego do bebê é forte se houver um suporte do ego materno para fazê-lo forte; do contrário, ele é fraco.

Como os distúrbios nessa área afetam o aprendizado e o ensino da aritmética? Sem dúvida eles podem afetar a relação professor-aluno. Todo e qualquer professor precisa saber quando está lidando não com *seu assunto especifico*, mas com psicoterapia, ou seja, complementando tarefas incompletas que representam falha parental relativa ou absoluta. A tarefa a que me refiro é fornecer um suporte ao ego onde ele é necessário. O oposto é rir dos fracassos da criança, especialmente quando eles representam o medo de seguir adiante.

Acho que é bem conhecida a importância vital da relação professor-aluno. É assim que os psiquiatras começam, quando se referem a problemas de ensino. A não-confiabilidade do professor faz com que quase toda criança se desintegre. Quando uma criança relata sua dificuldade em fazer somas (ou em História, ou em Inglês), a primeira coisa que se pensa é: talvez esse professor não sirva. Não poucas crianças tiveram obstruído o desenvolvimento de sua aprendizagem em função do sarcasmo do professor. No entanto, eu não censuro o professor tão facilmente. Freqüentemente, a criança é insegura ou hipersensível, e, não importa quão cauteloso o professor seja, a criança fica tomada pela desconfiança. Cada caso merece exame acurado, pois não há duas crianças idênticas, mesmo quando a dificuldade das duas é Matemática.

Gostaria de iniciar agora um exame da teoria pedagógica, em termos da teoria do desenvolvimento do indivíduo, mas tenho que deixar isso de lado. Mesmo assim direi que deve ser fascinante ver como, no ensino da Matemática, *a pessoa pode captar o impulso criativo;* talvez seja o gesto lúdico de uma criança, e então a pessoa pode usar isso e o ato de a criança tentar alcançar, fornecendo tudo o que a criança puder aprender, atra-

vés do ensino, até que ela atinja, com o passar do tempo, o impulso criativo. Às vezes, tal trabalho pode ser mais bem feito com uma assistência individual, especialmente se for o caso de fazer algum conserto, por motivo de a criança ter tido experiências infelizes, ou mesmo a experiência de uma pedagogia ruim, que é uma forma de doutrinação.

A criatividade é inerente ao brincar, e talvez não seja encontrável em nenhuma outra parte. O brincar de uma criança pode ser um leve movimento de sua cabeça, de tal maneira que no jogo da cortina contra uma linha, na parede externa, a linha seja num certo momento um, e logo depois, dois. Isso pode

ocupar uma criança (ou um adulto) por horas. Será que vocês podem me dizer se um bebê alimentado em dois seios sabe dos dois, ou será que isso, no início, é uma duplicação de um? Talvez vocês consigam captar essas atividades lúdicas, mas não sei como. Aposto que vocês sabem as respostas para esses problemas. Quanto a mim, sinto que preciso voltar ao meu objetivo, que é apenas o tratamento de crianças doentes do ponto de vista psiquiátrico, e a construção de uma teoria do desenvolvimento emocional do ser humano — melhor, mais exata e mais útil.

Para finalizar, eu perguntaria: por que será que a Matemática é o melhor exemplo de um assunto que só pode ser ensinado caso haja continuidade? Caso se perca um estágio, o resto fica sem sentido. Acho que a catapora é responsável por muitos casos de colapso matemático (durante o período letivo da primavera); se vocês tiverem tempo, podem dar uma assistência individual à criança naquilo que ela perdeu enquanto estava em casa, de quarentena. Pode ser que isso lhes pareça um atoleiro. Mas eu me contento simplesmente em tomar parte de um exercício de fertilização cruzada. Quem sabe que ser híbrido pode resultar da mistura?

O conceito de falso self

Rascunho inacabado de uma palestra proferida no Ali Souls Coilege, Oxford, para "Crime — Um Desafio", um grupo da Universidade de Oxford, 29 de janeiro de 1964

Já fui brindado anteriormente com a honra de me apresentar perante o grupo "Crime — Um Desafio", e em função disso descobri que os conferencistas podem escolher qualquer assunto, não necessariamente relacionado ao crime. Isso me deixa com uma dificuldade: se posso falar sobre absolutamente qualquer coisa, como é que vou escolher?

Há seis meses, quando vocês me convidaram, sugeri a idéia do conceito de um self verdadeiro e de um *self* falso, e agora preciso fazer com que isso seja uma contribuição que vocês sintam que valha a pena discutir.

É fácil falar sobre crime, pois sei que vocês não são criminosos. No entanto, como poderia falar sobre o assunto que escolhi sem parecer que estou pregando um sermão, já que, no final das contas, de uma forma ou outra, ou em alguma medida, cada um de nós está dividido num *self* verdadeiro e num *seU* falso? Na verdade, preciso vincular o normal com o anormal, e solicitar sua complacência caso eu pareça sugerir, durante o processo, que todos nós somos doentes, ou, por outro lado, que as pessoas doentes são saudáveis.

Penso que concordarão que não há nada de novo na idéia central. Poetas, filósofos e videntes sempre se ocuparam da idéia do falso *self,* e a traição do *self* tem sido um exemplo típico do

inaceitável. Shakespeare, talvez com o intuito de evitar ser enganado, juntou um punhado de verdades e passou-as a nós, pela boca de um indivíduo muito chato chamado Polônio. Sendo assim, acho que podemos aceitar o conselho:

This above all: to thine own selfbe true,
And it must follow, as the night the day,
Thou const not then be false to any man.*

Vocês poderiam apontar qualquer poeta importante e mostrar que esse é um tema predileto das pessoas que vivem intensamente seus sentimentos. Também poderiam assinalar que o teatro contemporâneo está procurando pelo que há de verdadeiro na essência do que é quadrado, sentimental, bem-sucedido ou hipócrita.

Vamos partir de um pressuposto: o tema persegue a adolescência inteira, chegando mesmo a ecoar nos vastos salões das universidades de Oxford e de Cambridge. Deve haver algumas pessoas aqui que estão envolvidas nisso elas próprias, como eu estou, mas prometo não adiantar soluções; caso tenhamos esses problemas pessoais, precisamos viver com eles e ver se o tempo traz algum tipo de evolução pessoal, em vez de uma solução.

Vocês sabem que passo meu tempo tratando de pacientes (psicanálise e psiquiatria infantil) e, quando examino os que hoje estão sob meus cuidados, acho que posso enxergar esse mesmo problema em todos eles. Talvez haja uma ligação entre o conceito de maturidade, ou saúde pessoal do adulto, e a solução para esse problema de personalidade. É como se, após anos e anos tentando ficar com um pé em cada canoa, acordássemos de repente e descobríssemos que estivemos o tempo todo à beira do cais.

Estou dizendo, de certa forma, que cada pessoa tem um self educado ou socializado, e também um selfpessoal privado,

que só aparece na intimidade. Isso é comum e pode ser considerado normal. Se vocês observarem, poderão ver que essa divisão do *self* é uma aquisição *saudável* do crescimento pessoal; na *doença,* a divisão é uma questão dc cisão na mente, que pode chegar a variar em profundidade; a mais profunda é chamada esquizofrenia. Estou falando, portanto, de assuntos comuns, que também são questões do mais profundo significado e da mais profunda seriedade.

Enquanto estava escrevendo isto, fui interrompido por uma entrevista com uma criança.

É um menino de dez anos, filho de um colega. Tem um problema urgente. Está vivendo num lar feliz, mas isso não muda o fato de que a vida é dificil para ele, como para qualquer outro. Seu problema particular no momento é que ele sofreu uma transformação na escola, depois de um período em que tinha dificuldades e vinha sendo sempre malsucedido. Começou a aprender e a se sair bem. Todo mundo ficou maravilhado e falava dele como sendo o "milagre do século XX". No entanto, há uma complicação. Acompanha essas mudanças uma outra, só que não tão boa: ele não consegue dormir. Diz a seus pais, pessoas muito compreensivas: "O problema é esse negócio de ir bem na escola. É terrível. É coisa de menina." Fica acordado e é tomado de todo tipo de preocupação, que inclui a idéia de que seu pai e ele mesmo vão morrer. Pensa muito a respeito de uma personagem histórica que morreu aos dezesseis anos de idade por ter trabalhado demais. O garoto foi muito preciso na conexão entre suas preocupações e sua mudança de caráter. Foi depois de ter começado a "ir bem" na escola pela primeira vez; assim que saiu da perua escolar, teve de repente um tipo novo de medo, o sentimento de que um homem que ele havia visto iria matá-lo. Havia ainda mais uma complicação: a idéia de ser morto lhe dava prazer. Disse: "Não posso dormir porque, se fechar os olhos, vou ser esfaqueado."

Estou deixando de lado uma longa série de detalhes com o intuito de possibilitar a apresentação do caso no contexto desta

conferência. Numa de nossas entrevistas, esse menino me contou sonhos. Um deles é especialmente significativo: ele relatou uma imagem dele próprio na cama, junto com um assassino munido de uma espada, e então ele sentou na cama muito assustado, com a mão na boca, e o assassino estava a ponto de cravar- lhe a espada. Vocês podem perceber no sonho uma mistura de assassinato com um ataque sexual simbólico, e este seria o tipo do sonho incomum para um garoto dessa idade. A questão é que, ao falar comigo a respeito desses assuntos, o menino foi capaz de explicar que, se vai bem na escola, então ele e seu pai se dão bem, mas, com o correr do tempo, o garoto começa a perder a identidade. Nesse ponto, ele se torna desafiador e de um modo meio idiota começa a se recusar a fazer o que lhe dizem. Odeia entrar em conflito com o pai e geralmente dá um jeito de fazer com que os professores fiquem irritados com ele. Dessa forma se sente verdadeiro. Caso esse menino seja bom, então surge o sonho dos assassinos — e aí ele fica apavorado, não tanto com o fato de poder ser morto, mas de passar para a posição de querer ser morto, o que o faz se sentir identificado com meninas e não com meninos.

Vejam que o menino tem mesmo um problema muito sério. Mas, talvez em função do fato de que a relação com os pais é bastante satisfatória, ele é capaz de se expressar claramente. Usando a linguagem que proponho, ele é capaz de empregar um falso *self* que agrada todo mundo, mas que o faz se sentir péssimo. Em alguns casos, tal ocorrência faria a pessoa se sentir irreal, mas, para esse menino, o problema é que ele se sente ameaçado, como se fosse ser transformado numa mulher ou no parceiro passivo de um ataque. Fica então muito tentado a procurar algo que esteja mais na linha de um *self* verdadeiro — daí a atitude de desafio e insatisfação contínua, ainda que isso continue não produzindo uma resposta satisfatória a seu problema.

Estou expondo esse caso por achar que o menino é até bem normal; penso que ilustra a idéia que tentei delinear anteriormente: a elaboração desse problema é uma das coisas que o adolescente faz. Talvez vocês reconheçam o mesmo problema

em pessoas de suas relações, pessoas essas que vocês sabem estar indo bem, recebendo medalhas, elogios e distinções, mas que se sentem irreais, de uma forma ou de outra, e que, para se sentirem reais, precisam ser membros incômodos na sociedade; vocês podem ver essas pessoas fazendo as coisas de um modo ruim e quase que desapontando deliberadamente todo mundo.
Essa é a coisa terrível dos exames, que são, em certo sentido, rituais de iniciação. Começam com o exame de admissão ao ginásio, e percorrem todos os graus da escolaridade, até o nível universitário; parece que não se testa apenas a capacidade intelectual do indivíduo, a qual seria melhor avaliada através de um teste de QI, mas também a capacidade de o indivíduo se amoldar e tolerar ser falso, em alguma medida, a fim de conseguir algo em relação à sociedade, que pode ser usado enquanto a vida vai sendo elaborada depois da fase na qual os privilégios e as obrigações de um estudante lhe dão um lugar muito especial, que infelizmente não é eterno.
Provavelmente vocês sentem que há certas pessoas no mundo que podem tolerar muito facilmente esse estado de concordância, ainda que de modo limitado, para obter vantagens limitadas, enquanto outras pessoas se desgastam completamente em relação ao mesmo problema. Naturalmente, caso alguém estiver confuso a respeito destas questões e pedir auxílio, a pessoa que vai auxiliar precisa atingir o *self* verdadeiro, ou como se queira chamá-lo. Toda vez que há um problema insolúvel a respeito desse assunto, a pessoa que está dc fora tem que respeitar a integridade do indivíduo.
Entretanto, se você é pai ou mãe de um garoto ou de uma garota, naturalmente espera que a batalha entre o verdadeiro e o falso *self* não vá ser travada no território abrangido pelas palavras “ensino” e “aprendizado”. Há tanto para aprender e aproveitar nesse campo que para um pai é trágico ver o filho ou a filha precisarem ser antisociais ou, de algum modo, o oposto de sociais, numa época em que eles têm chance de se enriquecer culturalmente.

Talvez vocês entendam o que estou falando se eu levar o assunto de volta para a primeira infância. Vocês ensinam seus filhos a dizer "obrigado". Na verdade, vocês ensinam suas crianças a dizer "obrigado" por polidez, e não porque é isso o que a criança quer dizer. Em outras palavras, vocês começam ensinando boas maneiras e esperam que seus filhos sejam capazes de contar mentiras, ou seja, de se adaptar às convenções até o ponto em que a vida seja administrável. Vocês sabem muito bem que a criança nem sempre deseja dizer "obrigado". A maioria das crianças é capaz de aceitar essa desonestidade como um preço a pagar pela socialização. Algumas crianças não podem fazer isso. Ou alguém tentou ensiná-las a falar "gu-gu" cedo demais ou esse problema da integridade as atingiu de modo brutal. Sem dúvida, há crianças que prefeririam ser excluídas da sociedade a contar uma mentira.

Ao descrever esse processo, ainda estou falando de crianças normais. Se, no entanto, eu for um pouco adiante, estarei descrevendo crianças que vão achar a vida dificil por causa dessa necessidade que têm de estabelecer e restabelecer a importância do verdadeiro self em relação a tudo o que seja falso. Suponho, de maneira genérica, que, mesmo que seja possível uma concessão na vida diária, não há concessão possível para o indivíduo em alguma área que ele elege como especial. Pode ser ciência, religião, poesia ou jogos. Na área escolhida, não há lugar para concessões.

O valor da depressão

Ensaio apresentado na reunião geral da Association of Psychiatric Social Workers, setembro de 1963

O termo "depressão" tem um significado popular e um significado psiquiátrico. Curiosamente, os dois significados são muito semelhantes. Se essa afirmação for verdadeira, talvez haja uma razão para isso. O distúrbio ou estado afetivo, a depressão, traz consigo a hipocondria e a introspecção; portanto, a pessoa deprimida tem consciência de se sentir horrível e também está excessivamente cônscia de seu próprio coração, pulmões, figado e dores reumáticas. Em contraposição o termo psiquiátrico "hipomania", talvez equivalente ao termo psicanalítico "defesa maníaca", implica que se está negando um humor depressivo, e parece não ter equivalente popular. (A palavra grega *hubris* poderia servir. Mas *hubris* implicaria mais elação do que

hipomania.)
A visão aqui expressa é que a depressão tem valor: no entanto, também é claro que as pessoas deprimidas sofrem, podem machucar a si mesmas ou dar cabo da própria vida e que algumas delas são vítimas de acidentes psiquiátricos. Desejo examinar aqui um paradoxo.
Os psicanalistas e os assistentes sociais psiquiátricos acabam assumindo a responsabilidade por casos sérios e se envolvendo em aplicar psicoterapia quando, ao mesmo tempo, não estão livres eles mesmos da depressão. Já que o trabalho cons-

trutivo é uma das melhores coisas para sair da depressão, freqüentemente ocorre que utilizamos nosso trabalho com deprimidos (e outros) para lidar com nossas próprias depressões.

Quando eu era estudante de medicina, aprendi que a *depressão traz dentro de si mesma o germe da recuperação.* Esse é um ponto brilhante na psicopatologia, e vincula a depressão ao sentimento de culpa (a capacidade para sentir culpa é um sinal de desenvolvimento saudável) e ao processo de luto. O luto também tende a terminar seu trabalho. A tendência que trazem embutida para a recuperação vincula a depressão igualmente ao processo maturacional da infância de cada indivíduo, um processo que (em ambientes facilitadores) conduz à maturidade pessoal, que significa saúde.

O desenvolvimento emocional

No começo, o bebê é o ambiente e o ambiente é o bebê. Através de um processo complexo (parcialmente compreendido, sobre o qual eu e outros já escrevemos bastante'), o bebê separa os objetos, e aí separa o *ambiente* do *self* Há um estado intermediário em que o objeto com o qual o bebê se relaciona é um objeto subjetivo.

O bebê passa então a ser uma *unidade,* primeiro em certos momentos e depois durante o tempo todo. Uma das muitas conseqüências desse novo desenvolvimento é que o bebê passa a ter um *interior.* Surge, então, um intercâmbio complexo entre

aquilo que é dentro e aquilo que é fora, que continua através da vida do indivíduo, constituindo-se na principal relação que ele tem com o mundo. A relação é mais importante até mesmo do que o relacionamento objetal e a gratificação instintual. Esse intercâmbio de mão dupla envolve mecanismos mentais denominados "projeção" e "introjeção". E então muita coisa acontece, realmente muita, mas ficaria fora de nosso contexto desenvolver essa afirmação.

A fonte desse progresso é o *processo maturacional* inato no indivíduo, que pode ser facilitado pelo ambiente. O ambiente facilitador é necessário, e, se não for *bom o suficiente*, o processo maturacional se enfraquece ou se interrompe. (Já descrevi bastante tais questões, e elas são complexas2.)

Assim, a ***força*** e a *estrutura do ego* tornam-se um fato, e a dependência de um novo indivíduo em relação ao ambiente transforma-se cada vez mais, indo do extremo da dependência absoluta até a independência, embora jamais atinja a independência absoluta.

O desenvolvimento e a instalação da força do ego é a característica básica ou importante que indica saúde. De modo natural, o termo "força do ego" vai adquirindo cada vez mais significado, à medida que a criança amadurece. No início, o ego só tem força devido ao suporte egóico dado pela mãe adaptativa, que durante certo tempo é capaz de se identificar muito intimamente com seu bebê.

Chega então um período em que a criança se torna uma unidade, torna-se capaz de sentir: EU SOU, tem um interior, é capaz de cavalgar suas tempestades instintuais e também é capaz de *conter as pressões e os estresses* gerados na realidade psíquica interna. *A criança tornou-se capaz de se sentir deprimida.* Essa é uma aquisição do crescimento individual.

Nossa visão da depressão está intimamente ligada ao nosso conceito de força do ego, de estabelecimento do *self* e de descoberta de uma identidade pessoal; é por essa razão que podemos discutir a idéia de que a depressão tem valor. Em psiquiatria clínica, a depressão tem muitas características que a tornam, obviamente, uma descrição de doença, mas sempre, mesmo em distúrbios afetivos severos, a presença do humor depressivo dá alguma base para a crença de que o ego individual não está rompido e pode ser capaz de manter a fortaleza, mesmo que na realidade não chegue a nenhum tipo de resolução da guerra interna.

A psicologia da depressão

Não é todo mundo que admite que há uma psicologia da depressão. Para muitas pessoas (incluindo alguns psiquiatras), é quase que uma crença religiosa acreditar na bioquímica da depressão, ou num equivalente moderno da teoria da bílis negra que capacitou um gênio medieval a cunhar o nome "melancolia". Vocês podem esperar uma resistência poderosa à idéia de que há uma organização mental inconsciente ativa que dá significado psicológico ao humor. Para mim, no entanto, existe um significado no humor nas várias impurezas que conduzem a características patológicas, e eu poderia descrever algumas que conheço. (Aquilo que conheço se baseia no que descobri em meu trabalho, ao qual aplico teorias próprias e as que derivam de Freud, Klein e vários outros pioneiros.)
O ódio, naturalmente, está trancado em algum lugar nisso tudo. Talvez a dificuldade esteja em aceitar tal ódio, mesmo que o humor depressivo implique que o ódio está sob controle. É o esforço clínico para obter o controle que devemos considerar.

Um caso simples de depressão aliada à psiconeurose

Uma garota de quatorze anos foi trazida ao Hospital Infantil Paddington Green por causa de uma depressão séria o suficiente para fazer com que seu desempenho escolar se deteriorasse. Numa entrevista psicoterapêutica (uma hora), a garota descreveu um pesadelo no qual sua mãe havia sido atropelada por um carro, O chofer do carro tinha um boné, como o de seu pai. Interpretei para ela que seu intenso amor pelo pai explicava a idéia da morte da mãe, enquanto ao mesmo tempo havia uma relação sexual representada em termos violentos. A garota viu que a razão para o pesadelo era a tensão sexual e o amor. Aceitou o fato de seu ódio em relação à mãe, a quem era muito dedicada. Seu humor mudou. Foi para casa livre da depressão e tomou-se capaz de apreciar novamente a escola. A melhora perdurou.

Esse é o tipo mais simples. Quando se sonha e se recorda um sonho, relatando-o de modo apropriado, isso por si só já é uma indicação de que o sonhador é capaz de enfrentar as tensões internas envolvidas no sonho. O sonho também indica força do ego, e, além disso, o conteúdo do sonho deu uma amostra da dinâmica da realidade psíquica interna, pessoal, da garota. Aqui se poderia falar de ódio reprimido e de desejo de morte na posição heterossexual, conduzindo a uma inibição dos impulsos instintuais. O que é característico, no entanto, seria omitido nessa linguagem, ou seja, o humor, a sensação de falta de vida na moça. Se ela ficasse viva, sua mãe sairia ferida. Trata-se de um sentimento de culpa operando preventivamente.

O self ***como unidade***

Se vocês aceitam diagramas, é útil representar uma pessoa por meio de uma esfera ou um círculo. Dentro do círculo está toda a inter-relação de forças e objetos que constituem a realidade interna do indivíduo naquele momento. Os detalhes desse

mundo interno são mais ou menos como um mapa de Berlim, com o muro de Berlim simbolizando um lugar para as tensões mundiais.
Nesse diagrama, um nevoeiro sobre a cidade — caso haja nevoeiros por lá — representa o humor deprimido. Tudo está lento e mantido em estado de inércia. Esse estado de inércia relativa controla tudo e, no caso dos indivíduos humanos, barra os instintos e a capacidade para se relacionar com objetos externos. Gradualmente, o nevoeiro fica menos denso e em certos locais começa mesmo a desaparecer. E então pode haver fenômenos surpreendentes que ajudam, como uma fresta no muro de Berlim na época do Natal. O humor deprimido diminui de intensidade, e a vida se inicia outra vez, aqui e ali, onde há menos tensões. E assim surgem rearranjos: um alemão oriental foge para o lado ocidental e talvez um alemão ocidental se transfira para o lado oriental. De um modo ou de outro acontecem trocas, e acaba chegando uma época em que o humor depressivo pode se dissipar com segurança. Algo que não pode ocorrer em Berlim acontece no exemplo humano: o equivalente do muro terá se mudado um pouco de leste para oeste ou de oeste para leste.
O humor depressivo e sua resolução é uma questão do arranjo dos elementos internos bons e maus, a estruturação de uma guerra. É como uma mesa de sala de jantar onde um menino tenha arrumado um forte e seus soldadinhos.
As meninas tendem a manter os elementos subjetivos — não-específicos — porque elas podem pensar em possíveis gestações e bebês. Os bebês naturalmente contrariam a idéia da falta de vida interior. Os meninos invejam o potencial que as meninas têm.
Aqui não se dá tanto valor à ansiedade e ao conteúdo da ansiedade, mas à estrutura do ego e à economia interna do indivíduo. A depressão se aproximando, continuando ou diminuindo, indica que a estrutura do ego suportou uma fase de crise. Isso é um triunfo da integração.

A natureza da crise

Podemos ver apenas de relance o modo como surgem as crises e também certos tipos dc alívio.

A causa principal do humor deprimido é uma nova expenência de destrutividade e de idéias destrutivas que desaparecem com o amor. As novas experiências precisam de uma reavaliação interna, e é essa reavaliação que encaramos como depressão.

E o que fornece alívio não são tranqüilizantes. Não é bom oferecer sorrisos a um deprimido ou ficar jogando a criança deprimida para cima e para baixo, oferecendo doces e apontando para as árvores e dizendo: "Olha que lindo!" Para a pessoa deprimida, a árvore parece morta e as folhas, paradas. Ou não há nenhuma folha, apenas o galho enegrecido e surrado, e a paisagem empoeirada. Quando oferecemos sorrisos, apenas passamos por tolos.

Que diferença uma boa perseguição pode fazer: uma ameaça de guerra, por exemplo, ou uma enfermeira hostil no hospital psiquiátrico, ou um ato de embuste! Aqui, o fenômeno externo mau pode ser usado em lugar da maldade interna e produzir alívio através da projeção de tensões internas; o nevoeiro pode ser sustado. Só que dificilmente alguém iria prescrever o mal. (Talvez o tratamento de choque seja o mal prescrito de modo deliberado; é algo que às vezes tem utilidade clínica, ainda que, se pensarmos em termos do dilema humano, seja uma forma de embuste.)

No entanto, pode-se ajudar uma pessoa deprimida adotando-se o princípio de tolerar a depressão até que ela acabe espontaneamente, e pagando tributo ao fato de que apenas a recuperação espontânea pode ser satisfatória para o indivíduo. Certas condições afetam o desfecho, podendo apressá-lo ou retardá-lo. O mais importante é o estado da economia interna. Será que ela é precária em qualquer circunstância? Ou será que há nessa economia uma reserva de elementos benignos, nas forças alinhadas umas contra as outras, na perpétua neutralidade armada da economia interna?

Surpreendentemente, uma pessoa pode sair fortalecida, mais estável e mais sábia de uma depressão, se compararmos seu estado no início dela. Mas muito depende do fato de que a depressão se liberte daquilo que se poderia denominar "impurezas". Farei agora uma tentativa de indicar a natureza de tais impurezas.

As impurezas do humor deprimido

1. Vou colocar nesta categoria todos *os fracassos de organização do ego* que indicam uma tendência do paciente para a esquizofrenia, um tipo mais primitivo de enfermidade. Aqui existe ameaça de desintegração, e são as defesas psicóticas (divisão, etc.) que definem o quadro clínico, que inclui divisão, despersonalização, sentimentos de irrealidade, falta de contato com a realidade interna. Talvez haja um elemento esquizóide difuso, complicando a depressão, de tal modo que se pode empregar a expressão "depressão esquizóide". Ela implica que uma certa organização do ego (depressão) é mantida, apesar da desintegração que a ameaça (csquizóide).
2. Nesta segunda categoria colocarei os pacientes que mantêm uma estrutura de ego que torna possível a depressão e mesmo assim têm *delírios persecutó rios.* A presença de tais delírios indica que o paciente ou está usando fatores externos adversos, ou está usando a memória dos traumas para obter alívio do embate das perseguições internas, cujo acobertamento resulta em humor deprimido.
3. Nesta terceira categoria, faço referência ao alívio que os pacientes obtêm das tensões internas através da permissão que dão de se expressarem em *termos hipocondríacos.* Pode-se usar a presença de doenças somáticas; ou, no caso de delírios persecutórios (segunda categoria), pode-se imaginar doenças somáticas; ou pode-se produzi-las através da distorção de processos fisiológicos.

4. Nesta categoria, coloco outro tipo de impureza, que é expressa pelo termo psiquiátrico *hipomania;* em psicanálise, *defesa maníaca.* Existe depressão, mas ela é negada. Cada detalhe da depressão (inércia, sensação de peso, escuridão, circunspecção, etc.) é suplantado pelo seu oposto (vivacidade, leveza, luminosidade, frivolidade, etc.); isso é uma defesa útil, mas o indivíduo paga por ela quando ocorre o retorno da depressão inevitável, que é suportada privadamente.
5. Nesta categoria coloco a *oscilação maníaco-depressiva.* Ela lembra de certa forma as mudanças da depressão para a defesa maníaca, mas na verdade é muito diferente por causa de uma certa característica, a dissociação, relativa aos dois estados. Na oscilação maníaco-depressiva, o paciente está tanto deprimido por controlar uma tensão interna quanto maniacóide* (não maníaco), por ter sido possuído e ativado por algum aspecto da situação interna tensa. *Em cada oscilação de humor o paciente não está em contato com a condição relativa à oscilação contrária.*
6. Aqui encaixo o *exagero das fronteiras de ego* pertencente ao medo da irrupção de mecanismos esquizóides de divisão, O resultado clínico é uma feroz organização da personalidade num padrão depressivo. Isso pode persistir sem alterações por um período longo e acabar se incorporando à personalidade do paciente.
7. Na *melancolia* e no *mau humor* há uma espécie de "retorno do reprimido". Mesmo que todo o ódio e toda a destruição estejam sob controle, o estado clínico produzido por tal controle é insuportável para os que entram em contato com o paciente. O *humor* é anti-social e destrutivo, ainda que o ódio do paciente não esteja presente.
Não é possível desenvolver esses temas aqui e agora. O que deve ser enfatizado é a força do ego e a maturidade pessoal que se manifesta na "pureza" do humor depressivo.

Sumário

A depressão pertence à psicopatologia. Pode ser severa e incapacitante, e durar a vida inteira, mas, nos indivíduos relativamente saudáveis, geralmente é um estado de humor passageiro. No final, a depressão, fenômeno comum e quase universal, se relaciona com o luto, com a capacidade de sentir culpa e com o processo de maturação. A depressão sempre implica força do ego; assim, tende a sumir e a pessoa deprimida tende a se recuperar para a saúde mental.

Agressão, culpa e reparação
Palestra proferida na Progressive League, 8 de maio de 1960

Gostaria de usar minha experiência de psicanalista para descrever um tema que se repete no trabalho analítico e sempre se reveste da maior importância. Diz respeito a uma das raízes da atividade construtiva. Diz respeito à relação entre construção e destruição. Pode ser que vocês logo reconheçam o tema: ele foi desenvolvido principalmente por Melanie Klein, que reuniu suas idéias sobre o assunto sob o título "A posição depressiva no desenvolvimento emocional". Se é um nome adequado ou não, é outro problema. O principal é que a teoria psicanalítica evolui o tempo todo, e foi Klein quem se interessou pela destrutividade que reside na natureza humana e começou a fazer com que ela adquirisse um sentido em termos psicanalíticos. Foi um progresso importante, que ocorreu na década seguinte à Primeira Guerra Mundial. Muitos de nós sentimos que nosso trabalho não poderia ter sido feito sem esse importante acréscimo às afirmações do próprio Freud a respeito do desenvolvimento emocional do ser humano. O trabalho de Meianie Klein ampliou o de Freud, sem alterar o modo de o analista trabalhar.
Poder-se-ia pensar que o assunto pertence ao ensino da técnica psicanalítica. Caso eu esteja avaliando corretamente a
situação, vocês não se importariam com tal fato. Acredito, no

entanto, que o tema seja de importância vital para todas as pessoas que pensam, especialmente porque enriquece nosso entendimento a respeito do significado do termo "sentimento de culpa", por juntar sentimento de culpa e destrutividade à atividade construtiva.

Tudo soa muito simples e óbvio. Aparecem idéias de destruir um objeto, e surge um sentimento de culpa, resultando então num trabalho construtivo. No entanto, o que vamos encontrar na prática é muito mais complicado, e é importante, ao se tentar uma descrição abrangente, lembrar do fato de que constitui uma aquisição no desenvolvimento emocional de um indivíduo o momento em que essa seqüência simples começa a fazer sentido, ou torna-se um fato, ou passa a ser significativa.

É típico dos psicanalistas o fato de, quando tentam enfrentar um assunto subjetivo como esse, pensar sempre em termos do *indivíduo que se desenvolve.* Isso significa retornar a épocas muito remotas e tentar determinar o ponto de origem. Com certeza, seria possível pensar na primeira inifincia como um estado em que o indivíduo não é capaz de se sentir culpado. Pode-se afirmar então que, numa data posterior, sabemos que (caso haja saúde) a pessoa pode sentir culpa, ou talvez experimentá-la sem que haja registro na consciência. Entre esses dois momentos. existe um período em que a capacidade para o sentimento de culpa está em processo de estabelecimento, e é a esse período que o presente estudo diz respeito.

Não é necessário fornecer idades e datas, mas eu diria que às vezes os pais podem detectar os primórdios de um sentimento de culpa em seus filhos que ainda não completaram um ano de idade, apesar de que ninguém pensaria que uma técnica de plena aceitação de responsabilidade por impulsos destrutivos poderia se instalar de modo firme antes que a criança complete cinco anos. Lidando com esse desenvolvimento, descobrimos que a questão envolve a inffincia como um todo, particularmente a adolescência. E, se falamos em adolescência, estamos falando em adultos, pois nenhum adulto é adulto o tempo todo. Isso

ocorre porque as pessoas não têm exatamente sua idade; em alguma medida, elas têm todas as idades, ou nenhuma.

De passagem, gostaria de acrescentar que me parece relativamente fácil chegar à destrutividade que existe em nós quando ela está ligada à raiva perante a frustração ou o ódio em relação a algo que desaprovamos, ou quando é uma reação frente ao medo. A dificuldade é cada indivíduo assumir plena responsabilidade pela destrutividade, que é pessoal e inerente a uma relação com um objeto sentido como bom — em outras palavras, que está relacionado ao amor.

A palavra que surge aqui é "integração", pois, se se concebe uma pessoa totalmente integrada, então tal pessoa assume plena responsabilidade por *todos* os sentimentos e idéias que pertencem ao "estar vivo". Em contraposição, ocorre um fracasso de integração quando precisamos encontrar fora de nós as coisas que desaprovamos. Paga-se um preço por isso — a perda da destrutividade que na verdade nos pertence.

Estou falando, portanto, de algo que tem que ocorrer em todo e qualquer indivíduo — o desenvolvimento da capacidade de assumir responsabilidade pela totalidade dos sentimentos e das idéias desse indivíduo, estando a palavra "saúde" intima- mente relacionada ao grau de integração que torna essa ocorrência possível. Uma coisa pode ser dita a respeito da pessoa saudável: ela não precisa ficar usando o tempo todo a técnica da projeção para lidar com seus impulsos e pensamentos destrutivos.

Vocês compreenderão que estou passando por cima dos estágios mais precoces, aquilo que se pode chamar de aspectos primitivos do desenvolvimento emocional. Será que devo acrescentar que não estou me referindo às primeiras semanas ou meses? Um colapso na área do desenvolvimento emocional básico conduz à doença dos hospitais psiquiátricos, ou seja, à esquizofrenia, que não é tema desta palestra. Aqui, suponho que em cada caso os pais forneceram a provisão essencial que capacitou a criança a iniciar uma existência individual. O que estou

tentando dizer também poderia ser aplicado aos cuidados dispensados a uma criança normal durante um certo estágio do desenvolvimento, ou a uma fase no tratamento de uma criança ou um adulto, pois em psicoterapia nada de novo realmente acontece. O melhor que pode ocorrer durante o tratamento é que se complete, em alguma medida, algo que não havia sido completado no desenvolvimento do indivíduo.
Vou dar alguns exemplos de tratamentos analíticos. Manterei deles apenas os detalhes relevantes para a idéia que estou tentando apresentar.

Caso 1

Um exemplo vem da análise de alguém que também é psicoterapeuta. Ele iniciou a sessão contando-me que viu um de seus pacientes em ação, ou seja, saiu do papel de terapeuta (que lida com o paciente no consultório) e viu seu paciente trabalhando. O trabalho exigia movimentos muito rápidos e era muito especializado, e o paciente estava se desempenhando muito bem nessa tarefa peculiar, em que utilizava movimentos rápidos, os quais, no horário terapêutico, não tinham o menor sentido e faziam-no movimentar-se no divã como se ele estivesse possuído. Meu paciente (o terapeuta desse homem) estava em dúvida sobre o que havia feito, se havia sido bom ou não, ainda que sentisse que provavelmente fora uma boa coisa ter visto seu paciente trabalhando. Meu paciente fez então uma referência às suas próprias atividades nos feriados da Páscoa. Possui uma casa de campo e aprecia muito o trabalho fisico e todo tipo de atividade de construção, além de gostar de engenhocas, as quais ele realmente utiliza. Ele continuou então descrevendo sua vida doméstica. Não preciso transmitir tudo isso a vocês em seu colorido emocional, mas simplesmente vou dizer que ele voltou a um tema que tem sido importante em sua análise recente, na qual vários tipos de ferramentas assumem papel de destaque. Em seu caminho para a sessão, geralmente fica algum tempo parado em frente à vitrine de uma loja perto da minha casa, olhando para uma fer-

ramenta motorizada que tem dentes esplêndidos. Esta é a maneira que meu paciente tem de se aproximar de sua agressão oral, o impulso amoroso primitivo em toda a sua crueldade e destrutividade. Poderíamos chamá-la de "comer". A tendência em seu tratamento é aproximar-se dessa crueldade e, como bem se pode imaginar, a resistência para se chegar a ela é tremenda. (Por acaso, esse homem conhece a teoria, e seria capaz de fazer um relato bem-feito de todos esses processos de modo intelectual, mas ele vem para uma análise de pós-graduação por precisar entrar realmente em contato com seus impulsos primitivos, como uma questão não da mente, mas da experiência instintual e do sentimento corporal.) Há muito mais no conteúdo dessa sessão, inclusive a discussão da questão: pode alguém comer o próprio bolo e continuar a possuí-lo?

Quero extrair um único aspecto disso: o fato de que, quando esse novo material aparecer, relacionado ao amor primitivo e à destruição do objeto, *então já houve* alguma referência ao trabalho construtivo. Quando fiz a interpretação que o paciente buscava, de ele me destruir ("comendo"), pude lembrá-lo do que ele mesmo havia dito a respeito da construção. Pude lembrá-lo de que, do mesmo modo como ele vira seu paciente em ação, e a ação deu sentido a movimentos desaj citados, eu também podia vê-lo trabalhando em seu jardim, usando dispositivos para melhorar sua propriedade. Ele podia cortar paredes e árvores, e apreciava isso muitíssimo, mas se isso viesse separado do objetivo construtivo seria um episódio maníaco sem sentido. Esta é uma característica que aparece regularmente em nosso trabalho, e é o tema de minha palestra desta noite.

Talvez seja verdade que os seres humanos não podem tolerar o objetivo destrutivo em seu amor mais primitivo. A idéia pode ser tolerada, no entanto, se o indivíduo que dela se aproxima tem evidência de um objetivo construtivo já à mão, do qual ele ou ela podem ser lembrados.

Estou me lembrando agora do tratamento de uma mulher. Logo no início cometi um erro que quase colocou tudo a per-

der. Interpretei exatamente isso, seu sadismo oral, o impiedoso engolir do objeto pertencente ao amor primitivo. Eu tinha evidências suficientes nesse sentido e realmente estava certo, mas a interpretação foi dada dez anos antes do tempo. Aprendi minha lição. No longo tratamento que se seguiu, a paciente se reorganizou e tornou-se uma pessoa real e integrada, que podia aceitar a verdade sobre seus impulsos primitivos. Acabou ficando preparada para essa interpretação depois de dez ou doze anos de análise diária.

Caso 2

Um homem entrou em minha sala e viu um gravador que eu havia alugado. Isso deu-lhe idéias, que ele relatou, ao deitar- se e organizar-se para o trabalho da hora analítica: "Gostaria de pensar que, quando eu tiver terminado o tratamento, aquilo que aconteceu comigo aqui será valioso para o mundo de alguma forma." Tomei nota mentalmente do fato de que essa observação *poderia* indicar que o paciente estava próximo de um desses ataques de destrutividade com os quais eu tive de lidar muitas vezes desde que seu tratamento se iniciara, dois anos antes. Antes do final do horário, o paciente havia alcançado realmente uma nova forma de se relacionar com sua inveja em relação a mim pelo fato de eu estar sendo bom, em alguma medida, como analista. Ele teve o impulso de me agradecer por eu ter sido bom, e por ter sido capaz de fazer o que ele precisava que eu fizesse. Já havíamos passado por isso anteriormente, mas agora, mais do que em outras ocasiões, ele estava em contato com seus sentimentos destrutivos em relação ao que poderia ser chamado de objeto bom. Quando tudo isso estava bem estabelecido, lembrei-o de sua esperança, expressa quando chegara e vira o gravador, ou seja, de seu tratamento ser, por si só, de valor, algo que poderia contribuir para o esforço em prol das necessidades humanas. (É claro que não era *necessário* lembrá-lo disso, pois o que importa é o que havia ocorrido, e não a discussão sobre o que havia ocorrido.)

Quando liguei as duas coisas, ele disse que se sentia bem com isso, mas que seria terrível caso eu tivesse interpretado com base apenas na primeira observação, quer dizer, se eu tivesse tomado o seu desejo como indicação de que ele queria me destruir, O paciente teve que alcançar primeiro o impulso destrutivo, e teve de fazê-lo em seu próprio ritmo segundo sua própria maneira. Não há dúvida de que foi sua capacidade de ter a idéia de que haveria, em última análise, uma contribuição, que tornou possível que ele entrasse em contato mais íntimo com sua destrutividade, Só que o esforço construtivo é falso e desprovido de significado, a menos que, como ele disse, fosse precedido de uma aproximação em relação à destruição. Esse homem sentia que até então não havia um fundamento adequado em seu trabalho; realmente (como ele mesmo me lembrou), essa tinha sido a razão para que iniciasse o tratamento. A propósito: ele se desempenhava bem no trabalho, mas, sempre que se aproximava do sucesso, havia também um sentido de futilidade e falsidade, e uma necessidade de provar sua inutilidade. Esse vinha sendo seu padrão de vida.

Caso 3

Uma colega está contando o caso de um paciente do sexo masculino. O homem apresenta um material que pode ser adequadamente interpretado como sendo uma situação em que a analista é roubada. Ele de fato diz à analista, após sentir um momento de bom trabalho analítico: “Acho que tenho ódio de você por causa do seu *insight,* que é exatamente o que eu necessito em você; tenho o impulso de roubar tudo aquilo que dentro de você lhe possibilita fazer este trabalho.” Ocorre que, justamente antes disto, ele falara (de passagem) que seria bom ganhar mais dinheiro e aí poder pagar honorários mais altos. Vocês podem ver a mesma coisa neste caso: alcança-se e usa-se uma plataforma de generosidade, de tal forma que, e a partir dela, tem-se um relance da inveja, do roubo e da destrutividade do objeto bom que subjaz à generosidade e que pertence ao amor primitivo.

Caso 4

O próximo excerto provém de uma longa descrição relativa a uma adolescente que está se tratando com uma pessoa que cuida dela em sua própria casa, junto com seus próprios filhos. Esse tipo de arranjo apresenta vantagens e desvantagens.

A garota havia ficado muito doente e, à época do incidente, estava emergindo de um prolongado período regressivo, quando então tornara-se dependente e infantilizada. Deve-se acrescentar que no momento a menina não estava regredida em relação ao lar e à família, mas ainda num estado muito especial na área limitada das sessões de terapia, que aconteciam em hora marcada, à noitinha.

Em certo momento, a garota expressou um ódio profundo em relação à sra. X (que cuidava dela e fazia seu tratamento). Tudo ia bem durante o resto do dia, mas durante o tratamento a sra. X era destruída repetida e profundamente. É dificil exprimir o grau de ódio que a menina sentia pela sra. X e, na realidade, a aniquilação que promovia em relação a ela. Não era um caso de a terapeuta sair para ver a paciente trabalhando, pois a sra. X tinha a garota sob seus cuidados em tempo integral e havia duas relações separadas se desenvolvendo entre essas duas pessoas, simultaneamente. Durante o dia, acontecia de tudo: a garota começou a querer ajudar a limpar a casa, a lustrar os móveis, a ser útil. Essa ajuda era absolutamente nova e nunca havia sido uma característica do padrão pessoal da garota em casa, mesmo antes de ela apresentar enfermidade aguda.

Eu poderia pensar que deve haver alguns adolescentes que também fazem muito pouco para ajudar em casa: ela não ajudava nem mesmo a lavar os pratos. Portanto, os atos prestativos eram mesmo uma grande novidade e ocorreram silenciosamente (por assim dizer), junto com a profunda destrutividade que a menina começou a descobrir em seus aspectos amorosos primitivos, alcançados na relação com a terapeuta durante as sessões.

Vocês vêem que a idéia se repete. O que tornou possível a atitude construtiva diurna foi, naturalmente, o fato de a paciente

estar se tornando consciente da destrutividade. Mas quero que vocês vejam o inverso: as experiências construtivas e criativas estavam tomando possível que a criança experienciasse sua destrutividade.

Vocês poderão observar um corolário: o paciente precisa de uma oportunidade para contribuir, e é aqui que o assunto se liga à vida comum. Oportunidade para a atividade criativa, para o jogo imaginativo, para o trabalho construtivo — é justamente isso o que procuramos fornecer para todas as pessoas. Voltarei a esse ponto mais adiante.

Gostaria de tentar organizar as idéias que apresentei até agora sob a forma de material clínico.

Estamos lidando com um aspecto do sentimento de culpa que provém da tolerância aos impulsos destrutivos do amor primitivo. A tolerância aos impulsos destrutivos resulta numa coisa nova: a capacidade de ter prazer em idéias, mesmo que sejam idéias destrutivas, e as excitações corporais a elas correspondentes, ou às quais elas correspondem. Tal desenvolvimento dá espaço para a experiência da preocupação, que em última análise é a base de tudo aquilo que for construtivo.

Vocês perceberão que vários pares de palavras podem ser usados, de acordo com o estágio de desenvolvimento emocional que está sendo descrito:

Aniquilação...criação
Destruição...recriação
Ódio...amor reforçado
Ser cruel...ser terno
Sujando...limpando
Danificando... reparando
e assim por diante.

Permitam-me formular minha tese nos seguintes termos:

se quiserem, podem observar a maneira como uma pessoa repara, e dizer, com ar de esperteza: “Ah, isso significa destruição

inconsciente.” Mas o mundo não vai melhorar muito caso vocês ajam assim. Por outro lado, pode ser que vocês percebam, na reparação de alguém, que essa pessoa está construindo uma força pessoal que possibilita a tolerância da destrutividade pertencente à sua natureza. Vamos dizer que vocês de algum modo interrompam a reparação, e então essa pessoa se torna incapaz, em alguma medida, de assumir a responsabilidade por seus impulsos destrutivos, e o resultado clínico será a depressão ou então uma busca de alívio através da descoberta da destrutividade em outro lugar — ou seja, através do mecanismo de projeção.

Para terminar esta rápida exposição de um assunto tão vasto, permitam-me fazer uma lista de algumas aplicações, no dia-a-dia, do trabalho que subjaz ao que eu disse:

1. De alguma maneira, a oportunidade para contribuir nos ajuda a aceitar a destrutividade — que é básica, faz parte de nós mesmos e pertence ao amor - que é o comer.
2. Propiciar a oportunidade e estar perceptivo quando as pessoas revelam momentos construtivos nem sempre funciona, e podemos ver por que isso deveria acontecer dessa maneira.
3. Damos oportunidade para que alguém contribua, e podemos chegar a três resultados:

a) Era justamente isso o que era necessário.

b) A oportunidade é utilizada de modo falso, e eventual- mente as atividades construtivas tornam-se ausentes, pois são sentidas como falsas.

c) A oportunidade oferecida a alguém que é incapaz de se aproximar da destrutividade pessoal é sentida como uma reprovação, e o resultado clínico é desastroso.

4. Podemos utilizar as idéias que discuti para gozar de um entendimento intelectual a respeito do modo como funciona o sentimento de culpa, estando no ponto em que a destrutividade se transforma em construtividade. (Deve-se assinalar que o sentimento de culpa ao qual me refiro geralmente é silencioso, não- consciente. É um sentimento de culpa potencial, anulado pelas

atividades construtivas, O sentimento clínico de culpa, que se constitui como um obstáculo consciente, é outra questão.)
5. A partir daí, alcançamos algum entendimento sobre a destrutividade compulsiva que pode aparecer em qualquer lugar, mas que é um problema especial na adolescência e uma característica comum da tendência anti-social. Ainda que a destrutividade seja compulsiva, é mais honesta do que a construtividade não alicerçada no sentimento de culpa, que surge da aceitação dos impulsos destrutivos dirigidos ao objeto sentido como bom.
6. Essas questões se relacionam às coisas tremendamente importantes que estão se desenrolando de modo um tanto obscuro quando os pais estão proporcionando um bom começo de vida a seu bebê.
7. Finalmente, chegamos à fascinante questão filosófica:
pode alguém comer seu próprio bolo e continuar a possuí-lo?

A delinqüência como sina! de esperança

Palestra proferida na Borstal Assistant Governors' Conference, no King Alfred's Coilege, Winchester, abril de 1967

Ainda que o título de minha palestra tenha sido incluído no programa como "A delinqüência como sinal de esperança", eu preferiria falar a respeito da "tendência anti-social". A razão é que esse termo pode ser aplicado a tendências que aparecem na extremidade normal da escala, de vez em quando em nossos próprios filhos ou em crianças que vivem em bons lares, e é aqui que se pode ver melhor a conexão que creio existir entre a tendência e a esperança. Quando o menino ou a menina ficaram empedernidos pela falta de comunicação, o ato anti-social não sendo algo em que se reconheça um S.O.S., ou quando ganhos secundários tornaram-se importantes, e já se alcançou grande perícia em alguma atividade anti-social, então fica mais dificil ainda enxergar (apesar de ainda estar lá) o S.O.S., que é um sinal de esperança no menino ou na menina anti-sociais.

A segunda coisa que quero deixar clara é que sei que não posso fazer o trabalho de vocês. Em função de meu temperamento, não sirvo para fazê-lo; de qualquer maneira, não sou nem grande nem alto o suficiente. Tenho certas habilidades e um certo tipo de experiência, e é algo a ser verificado se existe ou não algum caminho entre as coisas que sei e o trabalho que vocês desenvolvem. Pode acontecer que nada do que eu diga vá ter efeito sobre o que vocês vão fazer quando voltarem ao traba-

lho. No entanto, pode haver algum efeito de tipo *indireto,* pois, às vezes, pode lhes parecer um insulto à natureza humana que a maioria dos rapazes e das moças com quem vocês lidam tendam a tornar-se um incômodo. Vocês tentam relacionar a delinqüência que têm à sua frente com assuntos gerais, tais como a miséria, habitações pobres, lares rompidos, delinqüência parental, e um colapso da provisão social. Gostaria de sentir que, como resultado daquilo que tenho a dizer, vocês serão capazes de ver de modo um pouco mais claro que, *em todos os casos que aparecem em seu caminho, houve um começo,* e no começo havia uma doença, e o menino ou a menina tornou-se *uma criança carente.* Em outras palavras, existe um sentido naquilo que ocorreu num determinado momento, ainda que, à época em que cada pessoa aparece para ser cuidada, esse sentido geralmente se tenha perdido.

O terceiro ponto que eu gostaria de esclarecer diz respeito ao fato de que sou psicanalista. Não estou apregoando que a psicanálise tem uma contribuição direta a oferecer ao trabalho de vocês. Se tiver, é algo recente, e eu mesmo trabalho na tentativa de formular uma teoria que seja valiosa por ser verdadeira, e até certo ponto derive do entendimento obtido através da psicanálise.

Nesse momento, chego à minha tese principal, que, na verdade, não é de modo algum complexa. De acordo com meu ponto de vista, que se baseia na experiência (embora seja uma experiência, admito abertamente, com crianças menores, que estão próximas da origem de seus problemas, e não provêm das piores condições sociais), a *tendência anti-social está inerentemente ligada à privação.* Em outras palavras, um fracasso específico é mais importante do que um fracasso social geral. Para a criança que é o objeto de nosso estudo, pode-se dizer que as coisas *iam bem, mas, de repente, começaram a não ir tão bem assim.* Ocorre uma modificação que altera a vida inteira da criança, e essa modificação ambiental acontece quando a criança já tem idade suficiente para entender as coisas. Não que

a criança pudesse vir aqui e fazer uma conferência sobre si mesma, mas, caso se lhe ofereçam condições propícias, ela é capaz de reproduzir o que aconteceu pelo fato de, à época do ocorrido, já ser desenvolvida o suficiente para se conscientizar do evento. Em outras palavras, em condições especiais de psicoterapia, a criança é capaz de se lembrar, em termos do material produzido, no brincar, nos sonhos ou no falar, das características essenciais da privação original. Gostaria de comparar essa situação com distúrbios ambientais ocorridos num estágio mais primitivo do desenvolvimento emocional. Um bebê privado de oxigênio não sai por aí esperando convencer alguém de que, se tivesse havido oxigênio suficiente, estaria tudo bem. Perturbações ambientais que distorcem o desenvolvimento emocional de um bebê não produzem tendências anti-sociais; produzem distorções da personalidade que redundam em psicoses, que a levam de um hospital mental a outro, ou então sua vida vai seguindo com algumas distorções aqui e ali, no teste de realidade, e assim por diante, talvez do tipo de distorção que é socialmente aceito. A tendência anti-social não se relaciona com uma carência, mas sim com uma privação.

A característica da tendência anti-social é o impulso que dá ao menino ou à menina para que voltem a um momento anterior à condição ou momento de privação. Uma criança que tenha sido submetida a tal privação sofreu inicialmente uma ansiedade impensável, e então reorganizou-se gradualmente, até atingir um estado razoavelmente neutro: fica concordando com tudo, pelo fato de que uma criança não pode fazer nada mais além de concordar. Tal estado pode ser razoavelmente satisfatório, do ponto de vista das pessoas que dirigem o local. Então, por uma razão ou por outra, começa a surgir a esperança; isso significa que a criança, sem ter a menor consciência do que está ocorrendo, começa a sentir um impulso de voltar para antes do momento da privação, e assim desfazer o medo da *ansiedade impensável ou da confusão que existiam antes que se organizasse o estado neutro*. É exatamente esse o aspecto enga-

noso que pessoas que cuidam de crianças anti-sociais precisam conhecer, se quiserem ver sentido no que está se passando em torno delas. Toda vez que as condições fornecem um certo grau de novas esperanças, *então a tendência anti-social transforma- se numa característica clínica: a criança torna-se d1/ícil.*

Nesse ponto, é necessário ver que estamos falando de dois aspectos da tendência anti-social. Gostaria de relacionar um desses aspectos à interação da criança pequena com a mãe; e o outro com o desenvolvimento posterior, que constitui a interação da criança com o pai. O primeiro se refere a toda criança, e o segundo se refere aos meninos. O primeiro tem a ver com o seguinte fato: em sua adaptação às necessidades da criança, a mãe capacita o filho a encontrar objetos de modo criativo. Ela o inicia no uso criativo do mundo. Quando isso falha, a criança perde contato com os objetos, perde a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente. No momento de esperança, a criança alcança um objeto — e o rouba. É um ato compulsivo e a criança não sabe por que age assim. Muitas vezes, a criança se sente louca por ter tido uma compulsão de fazer algo sem saber por quê. Naturalmente, a caneta-tinteiro roubada da Woolworth's não satisfaz; não é o objeto que estava sendo procurado; de qualquer modo, a criança está procurando a capacidade de encontrar, e não buscando um objeto. No entanto, pode haver alguma satisfação naquilo que ela faz durante um momento de esperança. A maçã roubada do pomar é um caso mais limítrofe. Pode ser que esteja madura, pode ter um gosto agradável e pode ser divertido ser perseguida pelo fazendeiro. Por outro lado, pode ser que a maçã esteja verde e, se for comida, provoque dor de estômago no menino; pode ser também que ele não coma aquilo que roubou, mas simplesmente jogue tudo fora, ou que ele organize o roubo sem correr o risco de ter que trepar no muro ele próprio. Essa seqüência mostra a transição da brincadeira normal para o ato anti-social.

E assim, caso examinemos o primeiro tipo de expressão da tendência anti-social, podemos chegar a algo que, de tão co-

mum, chega a ser normal. O filho de alguns de vocês reivindica o direito de ir à despensa e pegar um pãozinho; ou o filhinho de dois anos de outros de vocês faz uma exploração na bolsa de suas esposas e tira uma moeda. Caso examinemos todos os graus, encontramos, num extremo, algo que está se enrijecendo como ato compulsivo sem significado e sem produzir satisfação direta, mas florescendo enquanto habilidade; e, em outro extremo, existe algo que acontece repetidamente em toda família: uma criança reage à privação, mesmo que relativa, fazendo uso de algum ato anti-social, e os pais respondem de modo indulgente durante um certo período, no qual pode-se ver bem que a criança está passando por uma fase dificil.

Quero examinar, paralelamente, a privação em termos da criança e do pai; o princípio, no entanto, é o mesmo. A criança

— no momento falo de um menino; mesmo que seja uma menina, continuo falando sobre o menino que há na menina — descobre que é seguro ter sentimentos agressivos e ser agressivo, por causa do quadro de referências da família, que representa a sociedade de forma localizada. A confiança da mãe em seu marido, ou no apoio que vai conseguir, caso o solicite, da sociedade local, talvez o apoio de um policial, cria a possibilidade de a criança explorar rudemente atividades destrutivas que se relacionam ao movimento em geral, e mais especificamente à destruição relacionada à fantasia que se acumula em torno do ódio. Nesse caminho (por causa da segurança ambiental, da mãe sendo apoiada pelo pai, etc.), a criança torna-se capaz de fazer uma coisa muito complexa, ou seja, integrar seus impulsos destrutivos com os amorosos, e o resultado, quando tudo corre bem, é que a criança reconhece a realidade das *idéias* destrutivas que são inerentes, na vida, ao viver e ao amor, e encontra modos e maneiras de proteger de si mesma pessoas e objetos valorizados. Na verdade, a criança organiza sua vida de modo construtivo, a fim de não se sentir muito mal em relação à destrutividade real que passa por sua mente. Para adquirir isso em seu desenvolvimento, a criança *requer de modo absoluto, um*

ambiente que seja indestrutível em certos aspectos essenciais:
com toda certeza, os tapetes vão ficar sujos, as paredes terão que receber papel novo e às vezes uma vidraça será quebrada, mas, de alguma forma, o lar se mantém coeso, e por trás de tudo está a confiança que a criança tem na relação dos pais; a família é uma empresa que continua funcionando. Quando ocorre uma privação, em termos dc um rompimento do lar, especialmente se houver uma desavença entre os pais, ocorre uma coisa muito séria na organização mental da criança. De repente, suas idéias e seus impulsos agressivos tornam-se inseguros. Penso que imediatamente a criança assume o controle que acabou de ser perdido e identifica-se com o novo quadro dc referências familiar. Resultado: a criança perde sua própria impulsividade e espontaneidade. O nível de ansiedade é tão alto que o ato de experimentar, que poderia fazê-la chegar a um acordo com a própria agressividade, torna-se impossível. Segue-se um período que pode ser outra vez (como no primeiro tipo de privação) razoavelmente satisfatório do ponto de vista daqueles que cuidam da criança, no qual o menino está mais identificado com os tutores do que com seu próprio *self* imaturo.
Nesse tipo de caso, a tendência anti-social faz com que o menino se redescubra sempre que sinta alguma esperança de retorno da segurança, o que significa uma *redescoberta da própria agressividade.* E claro que ele não sabe o que está ocorrendo; simplesmente descobre que machucou alguém ou que quebrou uma vidraça. Portanto, nesse caso, em vez de a esperança levar a um sinal de S.O.S. em termos do roubo, ela conduz a um sinal de S.O.S. cm termos de uma *explosão de agressão.* A agressão provavelmente será sem sentido e bem divorciada da lógica, e não é bom perguntar à criança que age dessa forma por que ela quebrou a janela, nem indagar à criança que roubou o motivo pelo qual ela pegou o dinheiro.
Esses dois tipos clínicos de manifestação de tendência anti- social estão realmente relacionados entre si. De modo geral, é simplesmente o caso de que o roubar se relaciona com uma pri-

vação que ocorreu muito antes da explosão agressiva, durante o desenvolvimento emocional da criança. Há algo em comum na reação social a ambos os tipos de comportamento anti-social durante esse momento de esperança. Quando a criança rouba, ou é agressiva, a sociedade é suscetível não apenas de não perceber a mensagem, mas (mais do que provável) vai se sentir estimulada a responder moralmente. A reação maciça natural é em direção à punição pelo roubo e à explosão maníaca, e não se poupam esforços para obrigar o jovem criminoso a dar uma explicação, em termos lógicos, que, na realidade, não se aplicam. No final de umas poucas horas de inquérito insistente, evidências de impressões digitais, etc., as crianças anti- sociais vão se sair com algum tipo de confissão e explicação, simplesmente para pôr um fim ao inquérito intolerável e interminável. Essa confissão não tem, no entanto, o menor valor, porque, mesmo que possa conter fatos verdadeiros, não pode chegar à verdadeira causa ou à *etiologia* da perturbação. Na verdade, é desperdício de tempo ficar extorquindo confissões ou organizar comissões de apuração de fatos.

Embora o que tem sido afirmado aqui possa não ter ligação com o manejo diário de um grupo de meninos ou meninas, é necessário examinar a situação, pois em certas circunstâncias pode ser que a teoria tenha alguma aplicação prática. Seria possível, por exemplo, a alguém que esteja encarregado de um grupo de meninos delinqüentes, organizar contato pessoal do tipo terapêutico? Em certo sentido, desde que funcione, toda comunidade é terapêutica. As crianças não têm nada a ganhar vivendo num grupo caótico e, mais cedo ou mais tarde, caso não haja uma direção forte, aparece um ditador entre a crianças. No entanto, há um outro significado para a palavra “terapêutico” que diz respeito a se colocar numa posição na qual alguém possa se comunicar em nível profundo.

Acho que na maioria dos casos é impossível para as pessoas que diuturnamente cuidam desses meninos fazerem em si mesmas os ajustes necessários que as capacitariam a permitir

um contato pessoal ou algum tipo de psicoterapia. Eu jamais aconselharia alguém a tentar usar os dois métodos. No entanto, eu pensaria, ao mesmo tempo, que alguns poderiam se incumbir desses assuntos, e que os rapazes (ou as moças) poderiam ganhar muito com sessões terapêuticas especializadas. Deve- se enfatizar, contudo, a *enorme diferença que existe na atitude de vocês, quando estão sendo responsáveis pela direção total, e quando estão numa relação pessoal com a criança.* Para começar, as atitudes em relação à manifestação anti-social são bem diferentes nos dois casos. Para alguém que cuida de um grupo, a atitude anti-social é simplesmente inadmissível. Na sessão terapêutica, não se coloca a questão da moralidade, a não ser a que surge da própria criança. A sessão terapêutica não é um comitê de apuração de fatos, e quem quer que esteja realizando o trabalho terapêutico não está preocupado com a verdade objetiva, e sim com aquilo que o paciente sente como real.

Há algo aqui que pode ser transplantado diretamente da psicanálise, já que psicanalistas sabem muito bem que em determinadas sessões com seus pacientes são acusados de algo de que são inocentes. Os pacientes podem acusá-los de mudar algum objeto da sala só para enganá-los; ou podem sentir com segurança o favoritismo do analista por outro paciente, etc. Estou me referindo ao que se denomina “transferência delirante”. Para o analista que não sabe se defender, poderia ser muito natural dizer que o objeto está no mesmo lugar, ou que houve apenas um erro, ou que ele fez o melhor que pôde para não ficar favorecendo ninguém. Agindo dessa forma, o analista *não vai usar o material que o paciente apresenta.* O paciente está vivenciando no presente algo que tem realidade em algum ponto de seu passado e, caso o analista se permita ficar no lugar para ele designado, vai haver um desfecho, no sentido de que o paciente vai se recuperar do delírio. Devido à necessidade de o analista aceitar o papel designado no momento pelo paciente, deverá ser muito dificil trocar o papel de direção de um grupo para uma aceitação individual; mas, se isso puder ser feito, a recom-

pensa talvez seja enorme. Aos que desejam tentar, no entanto, é necessário lembrar que esse não é o tipo de trabalho que pode ser empreendido superficialmente. Se a entrevista com um menino é marcada para as terças-feiras, às três horas da tarde, esta tem que ser uma *data sagrada,* e nada deve interferir. O menino não vai tirar proveito de um encontro, a não ser que ele se torne previsto, por ser confiável, e é claro que um dos primeiros modos de aproveitá-lo, caso sinta confiabilidade, é o desperdício. Deve-se aceitar e tolerar tais crises. Não há necessidade de que o indivíduo no papel de psicoterapeuta seja inteligente. A única coisa necessária é o desejo de se envolver, naquele período de tempo particular, limitado, com o que quer que lá ocorra ou apareça através da cooperação inconsciente que o paciente produz, a qual logo se desenvolve e desencadeia um processo poderoso. É esse processo nas crianças que torna essas sessões valiosas.

Discussão

Durante a discussão que houve após a palestra, um dos assistentes fez a seguinte pergunta: como reconhecer, num grupo de meninos, aquele que poderia ser escolhido para esse tipo de tratamento? Minha resposta, que teve que ser breve, foi de que se deveria escolher um menino que tivesse acabado de esquentar a temperatura do local pela circunstância de ser especialmente dificil. Esse problema clínico especial, que vai resultar em punição ou enrijecimento posterior, pode ser usado como uma comunicação indicativa da nova esperança.

A questão é: que esperança é essa? O que a criança espera fazer? É dificil responder a essa questão. A criança, sem sabêlo, espera conseguir levar alguém que a ouça a recordar-se do momento de privação ou da fase em que a privação consolidou-se numa realidade inescapável. A esperança é que o menino ou a menina seja capaz de reexperimentar, na relação com a pessoa que está agindo como psicoterapeuta, o intenso sofri-

vez mais profunda entre o menino e o terapeuta. No fim de uma hora, o menino conseguiu lembrar e descrever, com pleno sentimento, o instante dificil que não havia sido capaz de enfrentar anos atrás, quando se sentira abandonado num hospital.
A descrição foi dada para ilustrar o modo como a pessoa que faz o trabalho de psicoterapia precisa abandonar temporariamente tudo aquilo que foi usado no manejo de um grupo, ainda que, é claro, antes do término do tempo destinado, precise haver um retorno à atitude geral que toma possível o funcionamento do grupo. O dr. Winnicott repetiu que não tinha certeza de que nos grupos Borstal fosse possível combinar o manejo geral com o trabalho individual, mesmo que fosse com um ou dois meninos de cada vez. Ele sentiu, no entanto, que podia haver algum beneficio a partir da tentativa de descrever as dificuldades inerentes e também as possíveis recompensas.]

mento que precedeu a reação à privação. No momento em que a criança usou o suporte dado pelo terapeuta para alcançar o intenso sofrimento daquele fatídico momento ou período de tempo, segue-se uma memória da *época anterior* à *privação.* Dessa forma, a criança chega à capacidade perdida de encontrar objetos, ou à segurança perdida do quadro de referências. A criança recupera uma relação criativa com a realidade externa, ou com o período em que a espontaneidade era segura, mesmo que envolvendo impulsos agressivos. Nesse momento, o voltar foi feito sem roubo e sem agressão, porque é algo que acontece automaticamente, como resultado da chegada da criança áquilo que previamente havia sido intolerável: o sofrimento reativo à privação. Por sofrimento, entendo um estado de confusão, de desintegração da personalidade, um cair para sempre, uma perda de contato com o corpo, uma desorientação completa, e outros estados dessa natureza. Assim que alguém tenha levado uma criança a essa área, e a criança tenha passado pela experiência de relembrá-la e do que ocorreu antes, então a pessoa não vai ter nenhuma espécie de dificuldade em entender por que as crianças anti-sociais ficam a vida inteira procurando por ajuda dessa espécie. Essas crianças não podem reconciliar-se com suas próprias vidas até que alguém tenha feito a regressão com elas, capacitando-as a lembrar, através do retorno ao resultado imediato da privação.
[O dr. Winnicott tentou fazer com que esse ponto ficasse mais claro dando como exemplo o início de uma entrevista com um menino que lhe fora trazido porque roubara. O menino estava indolentemente recostado na cadeira colocada ao lado, em sua sala, para um dos pais. Seu pai estava se

comportando muito bem, como que substituindo a criança, enquanto a criança explorava e ao mesmo tempo tomava conta da situação. Qualquer tentativa de fazer com que o menino se comportasse teria impedido a possibilidade de fazer uso produtivo daquela hora. Gradualmente, o menino se deteve num certo tipo de jogo. O pai pôde ir para a sala de espera e seguiu-se então uma comunicação cada

vez mais profunda entre o menino e o terapeuta. No fim de uma hora, o menino conseguiu lembrar e descrever, com pleno sentimento, o instante dificil que não havia sido capaz de enfrentar anos atrás, quando se sentira abandonado num hospital.
A descrição foi dada para ilustrar o modo como a pessoa que faz o trabalho de psicoterapia precisa abandonar temporariamente tudo aquilo que foi usado no manejo de um grupo, ainda que, é claro, antes do término do tempo destinado, precise haver um retorno à atitude geral que toma possível o funcionamento do grupo. O dr. Winnicott repetiu que não tinha certeza de que nos grupos Borstal fosse possível combinar o manejo geral com o trabalho individual, mesmo que fosse com um ou dois meninos de cada vez. Ele sentiu, no entanto, que podia haver algum beneficio a partir da tentativa de descrever as dificuldades inerentes e também as possíveis recompensas.]

Tipos de psicoterapia

Palestra proferida no MIASMA (Mental Illness Association Social and Medical Aspects), Cambridge, 6 de março de 1961

Ouvem-se com mais freqüência discussões sobre variedades de doenças do que sobre variedades de terapia. Sem dúvida, as duas se relacionam; vou falar antes das doenças e depois das terapias.

Sou psicanalista, e acho que vocês não se incomodarão se eu disser que a base da psicoterapia é o treinamento psicanalítico. Isso inclui a análise pessoal do analista estudante. Afora tal treinamento, é a teoria e a metapsicologia psicanalítica que influenciam toda psicologia dinâmica, de qualquer escola. Existem, no entanto, muitas variedades de psicoterapia, que deveriam depender não dos pontos de vista do terapeuta, mas das necessidades do paciente ou do caso. Quando possível, aconselhamos psicanálise. Quando não for possível, ou houver argumentos contra, então pode-se criar uma modificação adequada.

Dentre os muitos pacientes que me procuram, só uma porcentagem muito pequena realmente obtém tratamento psicanalítico, ainda que eu trabalhe no centro do mundo psicanalítico.

Eu poderia falar sobre as modificações técnicas exigidas quando o paciente é psicótico ou limítrofe, mas não é este o
objetivo da presente discussão.

O que me interessa aqui especialmente é a maneira pela qual um analista treinado pode fazer outra coisa que não análise,

e de modo proveitoso. Isso é importante quando o tempo disponível para o tratamento é limitado — situação aliás comum. Em inúmeras ocasiões parece que outros tratamentos são mais indicados do que aquele que eu pessoalmente sinto ter efeito mais profundo, como a psicanálise.

Antes de mais nada, deixem-me dizer que algo de essencial da psicoterapia é que nenhum outro tratamento pode ser misturado com ela. Se a idéia de aplicar uma convulsoterapia está ganhando corpo, não é possível fazer psicoterapia, pois o choque altera todo o quadro clínico. O paciente ou teme ou deseja secretamente (ou ambos) o tratamento físico, e o psicoterapeuta acaba nunca conhecendo o verdadeiro problema do paciente.

Por outro lado, tenho que assegurar cuidados físicos ao corpo.

O próximo passo é: qual é nosso objetivo? Desejamos fazer todo o possível, ou o mínimo possível? Em psicanálise, perguntamo-nos: quanto podemos fazer? No outro extremo, na minha clínica hospitalar, nosso lema é: o quão pouco precisamos fazer? Isso sempre nos deixa conscientes do aspecto econômico do caso, e também nos faz olhar para a doença central na família, ou para a doença social, de tal modo que possamos evitar perder nosso tempo e gastar o dinheiro de outra pessoa, fornecendo tratamento inferior no caso de um drama familiar. Não há nada de original nisso, mas talvez vocês gostem de ouvir um psicanalista dizê-lo, já que os psicanalistas correm o grande risco de se verem apanhados em tratamentos longos, durante os quais podem perder de vista um fator externo adverso.

Quanto das dificuldades do paciente se devem apenas ao fato de que ninguém o ouviu de modo inteligente? Descobri muito rapidamente, há quarenta anos, que o ato de fazer anamnese com as mães, caso seja bem-feito, é, por si só, uma psicoterapia. Deve-se dar tempo ao tempo e naturalmente adotar uma atitude não-moralista; quando a mãe acaba de dizer o que tem em mente, pode ser que ela mesma acrescente: “Agora enten-

Do em que medida os sintomas atuais se encaixam no padrão global da vida familiar da criança, e agora posso manejar a situação, simplesmente porque você me permitiu compreender a história inteira por mim mesma e em meu próprio ritmo." Isso não é só uma questão que se refere a pais que trazem seus filhos; os adultos falam de si próprios, e pode-se dizer que psicanálise é uma anamnese longa, muito longa.

E claro que vocês conhecem a transferência em psicanálise. No contexto psicanalítico, os pacientes trazem amostras de seu passado e de sua realidade interna, e as expõem nas fantasias correspondentes a sua relação sempre mutante com o analista. Dessa forma, pode-se fazer com que o inconsciente se torne gradualmente consciente. Uma vez iniciado esse processo, e obtida a cooperação inconsciente do paciente, há muito a ser feito; daí a duração média de um tratamento ser longa. E interessante examinar as primeiras entrevistas. Se um tratamento psicanalítico está começando, o analista tem que ter cuidado em não ser muito esperto logo no início, e há boas razões para isso, O paciente traz às primeiras entrevistas toda a sua crença e todas as suas suspeitas. Deve-se permitir que tais extremos encontrem expressão real. Se o analista exagera no início, o paciente pode fugir, ou desenvolver uma crença esplêndida e ficar hipnotizado.

Antes de continuar, devo mencionar alguns outros pressupostos. Não deve haver nenhuma área reservada no paciente. A psicoterapia não abrange a religião do paciente, seu interesse cultural ou sua vida privada, mas um paciente que mantém parte de si mesmo completamente na defensiva está evitando a dependência que é inerente ao processo. Vocês verão que a dependência acarreta algo de correspondente no terapeuta: uma confiabilidade profissional que é mais importante até do que a confiabilidade dos médicos na clínica médica comum. E interessante que o juramento hipocrático tenha reconhecido isso com toda a clareza.

Segundo a teoria que subjaz a todo o nosso trabalho, um distúrbio que não tenha causa física e que seja, em conseqüên-

cia, psicológico, representa um obstáculo no desenvolvimento emocional do indivíduo. A psicoterapia tenciona apenas e tão- somente desfazer esse obstáculo, de tal modo que o desenvolvimento tenha lugar onde anteriormente não era possível.

Em outras palavras: um distúrbio psicológico significa imaturidade, imaturidade do crescimento emocional do indivíduo, e esse crescimento inclui a evolução da capacidade do indivíduo de se relacionar com pessoas e com o

ambiente de modo geral.
Para esclarecer melhor, preciso fornecer a vocês uma visão do distúrbio psicológico e das categorias de imaturidade pessoal, mesmo que isso envolva uma simplificação grosseira de uma questão muito complexa. Há três categorias. A primeira nos traz à mente o termo “psiconeurose”. Aqui se incluem todos os distúrbios dos indivíduos que foram bem cuidados durante os primeiros estágios, de tal forma que se encontram numa posição desenvolvimental em que falham e às vezes conseguem ser bem-sucedidos frente às dificuldades de uma vida plena, uma vida na qual o indivíduo comanda os instintos — e não é comandado por eles. Devo incluir aqui as variedades mais “normais” da depressão.
A segunda categoria traz à mente a palavra “psicose”. Aqui, algo de errado aconteceu nas fases mais precoces do desenvolvimento infantil, sendo o resultado um distúrbio na estruturação básica da personalidade do indivíduo. Essa falha básica, como Balint’ a denominou, pode ter produzido uma psicose infantil, ou dificuldades posteriores podem ter revelado uma falha na estrutura do ego que passara despercebida. Os pacientes dessa categoriajamais foram suficientemente saudáveis para se tornarem psiconeuróticos.
Reservo a terceira categoria para os intermediários: aqueles que começaram bem, mas cujo ambiente falhou, em algum

ponto ou repetidamente, durante um período prolongado de tempo. Essas crianças, ou adultos ou adolescentes, poderiam reivindicar, com todo o direito: "Tudo ia bem até que... e minha vida pessoal não pode mais se desenvolver, até que o ambiente reconheça seu débito para comigo." É claro que não é comum que a privação e o sofrimento que essa falha produz estejam disponíveis à consciência, de tal modo que, em vez de palavras, encontramos na clínica uma tendência anti-social e que pode se cristalizar em delinqüência e recidivas.

No momento, portanto, vocês estão observando a doença psicológica através da extremidade errada de três telescópios. Por um deles, vocês vêem a depressão reativa, que tem a ver com impulsos destrutivos que acompanham os impulsos amorosos em relações bipessoais (basicamente, a criança e a mãe); e também vêem a psiconeurose, que tem a ver com a ambivalência, ou sej a, a coexistência de amor e ódio, envolvida em relações triangulares (basicamente, a criança e os pais). A relação é experimentada homossexual e heterossexualmente, em proporções variadas.

Através do segundo telescópio, vocês vêem os estágios mais precoces do desenvolvimento emocional sendo distorcidos por falhas na assistência à infância. Admito que seja mais dificil criar certas crianças do que outras; mas, como não estamos aqui para censurar ninguém, podemos atribuir a causa da doença a uma falha de criação. Vemos uma falha na estruturação do *self* e na capacidade do *self* para se relacionar com objetos do meio ambiente. Gostaria de explorar com vocês esse rico veio, mas não posso.

Por meio desse telescópio, vemos as várias falhas que produzem o quadro clínico da esquizofrenia, ou que produzem subcorrentezas psicóticas que perturbam o fluxo uniforme da vida de muitos de nós que conseguimos ser rotulados de normais, saudáveis e maduros.

Quando observamos a doença desse modo, estamos apenas vendo de maneira exagerada elementos que existem em qual-

quer um de nós; não vemos nada que pudesse colocar as pessoas psiquiatricamente doentes num mundo à parte. Daí a tensão inerente ao tratamento ou cuidado de pessoas psicologicamente enfermas mais do que em tratamentos através de drogas e nos assim chamados tratamentos fisicos.
O terceiro telescópio leva nossa atenção para longe das dificuldades inerentes à vida, em direção a distúrbios que têm natureza diferente, pois a pessoa que foi privada de algo que já teve está impedida de se aproximar dos problemas que lhe são inerentes, por causa de um ressentimento, um direito justificado para que se repare uma agressão quase recordada. Nós, nesta sala, talvez não estejamos nem de leve nessa categoria. A maioria de nós pode dizer: "Nossos pais cometeram erros, frustraram-nos constantemente, e coube a eles apresentar-nos o princípio da realidade, o arquiinimigo da espontaneidade, da criatividade e do sentido do real, MAS eles nunca nos abandonaram de verdade." O abandono constitui a base da tendência anti- social e, por mais que não gostemos de que roubem nossa bicicleta, que tenhamos de usar a polícia para impedir a violência, podemos ver e entender por que esse menino ou aquela menina nos força a aceitar um desafio, seja pelo roubo, seja pela destrutividade.
Fiz todo o possível para construir um quadro teórico que subjaz à descrição, que inicio agora, de algumas variedades de psicoterapia.

Categoria 1: psiconeurose

Se a doença incluída nesta categoria precisa de tratamento, gostaríamos de fornecer psicanálise, um contexto profissional de confiabilidade ampla no qual o inconsciente reprimido possa ficar consciente. Isso surge como resultado do aparecimento, na "transferência", de inúmeras amostras de conflitos pessoais do paciente. Num caso favorável, as defesas contra a

ansiedade que surgem da vida instintiva e sua elaboração imaginativa tornam-se cada vez menos rígidas, e cada vez mais sob o sistema de controle deliberado do paciente.

Categoria 2:falha nos cuidados iniciais

Quando doenças desse tipo necessitam de tratamento, precisamos possibilitar que o paciente tenha experiências que corresponderiam mais propriamente à inffincia, em condições de extrema dependência. Vemos que tais condições podem ser encontradas fora da psicoterapia organizada, por exemplo, nas amizades, nos cuidados de enfermagem que podem ocorrer por motivo de doenças fisicas; e em experiências culturais, inclusive as assim chamadas religiosas. Uma família que continua a cuidar de uma criança fornece oportunidades para a regressão a uma dependência até mesmo muito intensa. Realmente, uma característica constante de uma vida familiar que esteja bem adaptada ao meio social é que essa oportunidade seja continuamente oferecida, com o intuito de restabelecer e enfatizar elementos de cuidado que inicialmente pertencem ao cuidado infantil. Vocês concordarão comigo que algumas crianças apreciam suas famílias e sua crescente independência, enquanto outras continuam a usar suas famílias de modo psicoterapêutico. Aqui aparece a assistência social como uma tentativa profissional de dar a ajuda que poderia ser fornecida por pais, famílias e unidades sociais, de modo não-profissional. O assistente social, de modo geral, não é psicoterapeuta, no sentido descrito na categoria 1. No entanto, ao atender as necessidades da categoria 2, o assistente social torna-se um psicoterapeuta.

Vocês podem perceber que muito do que uma mãe faz com uma criança poderia ser chamado de “segurar”. Não é só o segurar concreto, que por si já é muito importante, constituindo um ato delicado que só pode ser realizado pelas pessoas certas, e de modo delicado; muito do cuidado com a criança corres-

ponde a uma interpretação cada vez mais ampla da palavra “segurar”. O “segurar” inclui todo o manejo fisico, desde que adaptado às necessidades infantis. Gradualmente, a criança valoriza o ato de ser “libertada”; isso corresponde a sua introdução ao princípio da realidade, que no início se choca com o Princípio do Prazer (onipotência suprimida). A família continua esse “segurar”, e a sociedade “segura” a família.

Pode-se descrever a assistência social como o aspecto profissional dessa função normal dos pais e de unidades sociais locais, um “segurar” de pessoas e situações, enquanto se dá oportunidade às tendências de crescimento. As tendências de crescimento estão presentes o tempo todo, em toda e qualquer pessoa, a não ser quando a desesperança (causada por falha ambiental repetida) tenha conduzido a um isolamento estruturado. Essas tendências têm sido descritas em termos de integração, de a psique se entender com o corpo, de um ficar vinculado ao outro, e do desenvolvimento da capacidade de estabelecer relações objetais. Tais processos seguem seu curso, a não ser que sejam bloqueados por falhas no “segurar” e no atender os impulsos criativos do indivíduo.

Categoria 3: privação

Quando os pacientes são dominados por uma área de *privação* em sua história pregressa, deve-se adaptar o tratamento a esse fato. Como pessoas, eles podem ser normais, neuróticos ou psicóticos. É dificil determinar o padrão pessoal, pois sempre que a esperança se aviva o menino ou a menina produz um sintoma (roubando, sendo roubado; destruindo ou sendo destruído) que força o ambiente a perceber e a agir. Geralmente a ação é punitiva, mas é claro que o paciente precisa mesmo é de plena aceitação e recompensa. Como eu disse, quase sempre não se pode fazer isso, pois a consciência não dispõe de tantos elementos. É importante, no entanto, que uma escavação séria

nos estágios mais remotos de uma carreira anti-social produza a chave e a solução. Poder-se-ia começar o estudo da delinqüência com o estudo daquilo que é anti-social em crianças relativamente normais, cujos lares estão intactos, e aqui penso ser possível, com freqüência, rastrear a privação e o extremo sofrimento que resultou e que alterou todo o curso do desenvolvimento infantil (publiquei alguns casos e posso dar outros exemplos, se houver tempo).

A questão aqui é que se encarrega a sociedade de todos os casos não-tratados e não-tratáveis — são os casos em que a tendência anti-social se estabilizou em delinqüência. A necessidade, nessa circunstância, é proporcionar ambientes especializados, que devem ser divididos em dois tipos:

1. Aqueles que esperam socializar a criança estão praticando o "segurar".
2. Aqueles cujo intento é a mera custódia, a fim de preservar a sociedade até que meninos e meninas tenham idade suficiente para serem detidos, e até que adentrem o mundo na qualidade de adultos que vão sempre se meter em apuros. Esse tipo de instituição deve funcionar o mais suavemente possível, quando administrado de modo rigoroso.

Será que vocês percebem que é muito perigoso basear um sistema de cuidados à criança num trabalho feito em lares para desajustados, especialmente no tratamento "bem-sucedido" de delinqüentes em centros de detenção?

A partir do que eu disse, é possível comparar os três tipos de psicoterapia. Um psiquiatra praticante precisa ser capaz de passar de um tipo de psicoterapia para outro com facilidade, e até fazer os três tipos ao mesmo tempo, se necessário.

Doenças de qualidade psicótica (categoria 2) exigem que organizemos um tipo complexo de "segurar" que inclui, se necessário, o cuidado fisico. Aqui, o terapeuta ou a enfermeira entram em cena quando o ambiente imediato do paciente não consegue fazer frente à situação. Como disse um amigo (o falecido John Rickman): "Insanidade é não ser capaz de encontrar alguém que te agüente" — e existem aqui dois fatores: o grau de doença do paciente e a capacidade do ambiente de tolerar os sintomas. Dessa forma há alguns que estão por aí, no mundo, mais doentes do que aqueles que se encontram em hospitais psiquiátricos.

A psicoterapia à qual me refiro pode parecer uma amizade, mas não é uma amizade, pois o terapeuta está sendo pago e só vê o paciente com hora marcada e, além disso, apenas por um tempo limitado, já que o objetivo de toda terapia é chegar a um ponto em que cessa a relação profissional, porque o viver e a vida do paciente "assumem o comando", e o terapeuta passa ao trabalho seguinte.

Um terapeuta é como outros profissionais na medida em que, durante o trabalho, seu comportamento assume maior importância do que sua vida privada. Ele é pontual, adapta-se às necessidades de seu paciente e não deixa atuarem seus próprios impulsos frustrados no contato com os pacientes. Ficará evidente que os pacientes muito comprometidos incluídos nesta categoria pressionam muito a integridade do terapeuta, já que necessitam de contato humano e de sentimentos reais, e mesmo assim precisam colocar uma confiança absoluta na relação da qual tanto dependem. As maiores dificuldades aparecem quando houve sedução durante a infância do paciente. Nesse caso, deve-se experimentar um delírio durante o tratamento: que o terapeuta está repetindo a sedução. Naturalmente, a recuperação depende de se desfazer a sedução infantil, que havia levado a criança à vida sexual real de modo muito prematuro, em vez de levá-la a uma vida sexual imaginária, estragando a primeira prerrogativa da criança: o brincar ilimitado.

Na terapia planejada para lidar com doenças psiconeuróticas (categoria 1) pode-se obter com facilidade o contexto psicanalítico clássico de Freud, pois o paciente já traz ao tratamento um certo grau de crença e de capacidade para confiar. Com tudo isso garantido, o analista tem a oportunidade de permitir que a transferência se desenvolva por si mesma, e em vez dos delírios do paciente surgem, como material de análise de sonhos, a imaginação e idéias, expressas em forma simbólica, que podem ser interpretadas de acordo com o processo, à medida que ele se desenvolve através da cooperação inconsciente do paciente.

Isso é tudo o que o tempo me permite falar a respeito da técnica psicanalítica, que precisa ser aprendida e já é suficientemente dificil, mas não tão exaustiva quanto uma terapia destinada a enfrentar o distúrbio psicótico.

A psicoterapia destinada a lidar com a tendência anti-social só funciona, como eujá disse, se o paciente está no início de sua carreira anti-social, antes que se estabeleçam habilidades delinqüentes e ganhos secundários. E só nos primeiros estágios que o paciente sabe que é um paciente e sente necessidade de ir à raiz do problema. Quando é possível trabalhar nessa linha, o médico e o paciente iniciam uma espécie de história de detetive, usando toda e qualquer pista de que se disponha, inclusive o que se conhece da história pregressa do caso, e o trabalho é feito sobre uma fina camada que se encontra em algum lugar entre o inconsciente profundamente enterrado e a vida consciente e a memória do paciente.

Em pessoas normais, a camada entre o consciente e o inconsciente é preenchida por aspirações culturais. A vida cultural do delinqüente é notoriamente escassa, pois para ele não há liberdade, exceto na fuga para o sonho não-lembrado ou para a realidade. Qualquer tentativa de explorar a área intermediária não conduz nem à arte nem tampouco à religião ou ao brincar, mas ao comportamento anti-social compulsivo. Para o indivíduo, tal comportamento é inerentemente não-compensador; para a sociedade, danoso.

A cura

Palestra profe rida para médicos e enfermeiros na igreja de São Lucas, Hatfield, no dia de São Lucas, 18 de outubro de 1970

Usando a oportunidade que me foi oferecida, quero tentar verbalizar alguns dos pensamentos e sentimentos que imagino
serem comuns a todos nós.
Não lido com a religião da experiência interior; essa não é minha linha específica. Lido com a filosofia de nosso trabalho enquanto profissionais da medicina, uma espécie de religião das relações externas.
Eis uma palavra boa em nossa língua: CURA. Se essa palavra pudesse falar, esperar-se-ia que ela contasse uma história. As palavras têm esse tipo de valor: têm raízes etimológicas, têm história. Como os seres humanos, às vezes têm que lutar para estabelecer e manter sua identidade.
Em nível mais superficial, a palavra "cura" assinala um denominador comum entre a prática médica e a religiosa. Acredito que "cura", em suas raízes, signifique cuidado. Mais ou menos por volta de 1700, ela começou a degenerar, passando a designar um tratamento médico, como, por exemplo, a cura pela água. O século seguinte acrescentou-lhe implicação do desfecho bem-sucedido. A saúde se restaura no paciente, a doença é destruída, exorciza-se o espírito mau.
Os versos

Let the water and the blood
Be of sin the double cure
contêm mais do que uma sugestão da passagem do cuidado para o tratamento — a transição que estou enfocando aqui e agora.
Entre os dois extremos do uso da palavra, pode-se encontrar, na prática médica, um hiato. A cura, no sentido do tratamento, da bem-sucedida erradicação da doença e sua causa, tende hoje a se sobrepor ao cuidado. Os médicos estão engajados em tempo integral na batalha de impedir que os dois significados da palavra percam contato um com o outro. Pode-se dizer que o clínico geral cuida, mas precisa conhecer os tratamentos. Em contraste, o especialista se vê com problemas de diagnóstico e erradicação da doença, e tem que se esforçar para lembrar do seguinte: o ato de cuidar também pertence à prática médica. Num desses dois extremos, o médico é um assistente social, e na verdade quase que pesca em águas do cura, ou seja, do ministro religioso. No outro extremo, o médico é um técnico, tanto ao fazer o diagnóstico quanto ao aplicar o tratamento.
Devido á vastidão do campo, é inevitável a especialização num sentido ou no outro. No entanto, como pensadores, não estamos dispensados de tentar uma abordagem holística.
O que as pessoas querem de nós, médicos e enfermeiros? O que queremos de nossos colegas, quando somos nós que ficamos imaturos, doentes ou velhos? Essas condições — imaturidade, doença e velhice trazem consigo a dependência. Segue-se que é necessário haver confiabilidade. Como médicos, assistentes sociais e enfermeiros, somos chamados a ser confiáveis de modo humano (e não mecânico), a ter confiabilidade construída sobre nossa atitude geral. (Vou presumir no momento nossa capacidade para reconhecer a dependência e nos adaptarmos ao que encontramos.)

Não há discussão sobre o valor de um tratamento eficaz. (Devo o fato de não ser aleijado à penicilina; minha esposa, por sua vez, deve sua vida à penicilina.) Deve-se tomar como garantia a ciência aplicada à prática médica e cirúrgica. É improvável que desvalorizemos o tratamento específico. No entanto, é possível ao observador ou pensador que aceita esse princípio passar para outras considerações.

Confiabilidade versus dependência é o assunto desta palestra. Logo ficará evidente que o tema leva a infinitas complexidades, de maneira que, para haver um delineamento das áreas a discutir, é necessário estabelecer fronteiras artificiais.

Você verão de imediato que essa maneira de falar separa o médico que pratica por si próprio do médico que age para a sociedade.

Se eu criticar a profissão médica, deve ficar claro que sinto orgulho em ser membro dessa categoria desde que me diplomei, há cinqüenta anos. Nunca quis ser nada além de médico. Esse fato não me impediu de perceber erros flagrantes em nossas atitudes e reivindicações sociais, e eu lhes asseguro que senti o problema na própria pele.

Talvez possamos ver melhor e com mais facilidade as falhas de nossos colegas quando somos pacientes, incluindo-se o
fato de que sabemos melhor o quanto devemos à medicina e à enfermagem quando ficamos doentes e nos recuperamos.

É claro que não estou me referindo a erros. Eu mesmo cometi erros que detesto recordar. Certa vez, antes do advento da insulina, afoguei um diabético, numa tentativa estúpida e ignorante de obedecer a ordens superiores. O fato de que o homem iria morrer independentemente de qualquer coisa que se fizesse não me alivia nem um pouco. E tenho feito coisas piores.

Feliz é o médico jovem que não se vê exposto como ignorante antes de ter construído alguma reputação entre os colegas que irão enxergar seus desastres.

Mas tudo isso é trilhar caminhos há muito conhecidos. Aceitamos a falibilidade como um fato inerente à condição humana.

Gostaria de olhar a maneira como vocês e eu praticamos a medicina, a cirurgia e a enfermagem, *quando a estamos praticando bem,* e não construindo material para remorso.

O que eu poderia escolher? Tenho necessidade de apelar para a experiência especializada que tive: a prática da psicanálise e da psiquiatria infantil. Minha sugestão é que a psiquiatria tem um grande potencial *defeedback* para a prática médica. A psicanálise não se resume a interpretar o inconsciente reprimido; é, antes, o fornecimento de um contexto profissional para a confiança, no qual esse trabalho pode ocorrer.

Fui gradualmente me transformando de médico de crianças e seus pais cm psicanalista. A psicanálise (como a psicologia analítica) está ligada a uma teoria e ao treinamento intensivo de uns poucos indivíduos selecionados e auto-eleitos. O treinamento objetiva fornecer uma psicoterapia que alcance a motivação inconsciente, e que essencialmente faça uso daquilo que se denomina "transferência". E assim por diante.

Vou enunciar alguns princípios que nascem do tipo de trabalho que eu e meus colegas nos descobrimos fazendo. Escolhi seis categorias descritivas:

1. Hierarquias.
2. Quem está doente? Dependência.
3. Efeitc da posição cuidado-cura sobre nós.
4. Efeitos posteriores.
5. Gratidão/propiciação.
6. "Segurar". Facilitação. Crescimento individual.

1. Primeiro, a questão das hierarquias. Descobrimos que, quando estamos face a face com um homem, uma mulher ou uma criança, estamos reduzidos a dois seres humanos de mesmo nível. As hierarquias caem. Posso ser médico, enfermeiro, assistente social, um parente que vive na mesma casa — ou, a propósito, psicanalista ou padre. Não faz diferença. Relevante é a relação interpessoal, em todos os seus ricos e complicados matizes humanos.

Há um lugar para hierarquias na estrutura social, mas não no confronto clínico.

2. Desse ponto é apenas um passo para a pergunta: qual dos dois está doente? Às vezes, é uma questão de conveniência. E útil que se entenda o alívio imediato que o conceito de doença e de estar doente traz ao legitimar a dependência; aquele que é bem-sucedido na reivindicação de ser doente se beneficia de um modo específico. "Você está doente" me leva nataralmente para a posição daquele que responde à necessidade, ou seja, à adaptação, à preocupação e à confiabilidade, cura, no sentido de *cuidado.* O médico, o enfermeiro, ou seja lá quem for, assume naturalmente uma atitude profissional. Isso não acarreta nenhum sentido de superioridade.

Qual dos dois seria o doente? Poder-se-ia quase dizer que o pressuposto de uma posição de cura também é uma doença, só que do outro lado da moeda. Precisamos de nossos pacientes tanto quanto eles precisam de nós. O preboste de Derby citou recentemente São Vicente de Paula: "Reza para que os pobres possam nos perdoar por ajudá-los." Poderíamos rezar para que os doentes nos perdoem por respondermos às necessidades de suas doenças. Estamos falando de amor, mas se o amor tem que ser fornecido por profissionais, num contexto profissional, então deve-se explicar o significado da palavra. Neste século, são os psicanalistas que fazem essa explicitação.

3. Agora podemos olhar os efeitos desse pressuposto (de que há uma pessoa que cuida) em nós mesmos. Notamos cinco aspectos principais:

a) No papel de cuidadores-curadores, não somos moralistas. Dizer a um paciente que ele é mau por estar doente não o ajuda. Também não ajuda enquadrar um ladrão, ou um asmático, ou um esquizofrênico em categorias morais. O paciente sabe que não estamos lá para julgá-lo.

b) Somos muito honestos, verdadeiros, dizendo que não sabemos quando realmente não sabemos. Uma pessoa doente não suporta nosso medo da verdade. Se temos medo da verdade, é melhor escolher outra profissão que não a de médico.
c) Nós nos tornamos confiáveis num sentido que só podemos sustentar em nosso trabalho profissional. A questão é que, sendo pessoas (profissionalmente) confiáveis, protegemos nossos pacientes do imprevisto. Muitos deles sofrem precisamente disso; ficaram sujeitos ao imprevisto como parte de seu padrão de vida. Não podemos nos dar ao luxo de encaixar-nos nesse padrão. Atrás da imprevisibilidade está a confusão mental e, atrás dela, pode-se encontrar o caos, em termos do funcionamento somático, isto é, uma ansiedade impensável que é fisica.
d) Aceitamos o amor e o ódio do paciente, somos por eles afetados, apesar de não provocarmos nenhum deles, nem esperarmos obter satisfações emocionais numa relação profissional. Esta deveria ser elaborada em nossa vida privada e nos domínios da vida pessoal, ou então na realidade psíquica interior, quando o sonhar se concretiza e adquire formas. (Em psicanálise, estuda-se isso como um fator essencial e dá-se o nome "transferência" para as dependências específicas que surgem entre o paciente e o analista. O médico que se envolve em medicina fisica e cirurgia tem muito a aprender da psicanálise, especialmente nessa área. Tomando um ponto muito simples:
se um médico chega à hora combinada, ele experimenta um reforço tremendo na confiança que o paciente tem nele [ou nela], e isso não é importante apenas para evitar angústia no paciente, mas também para incrementar os processos somáticos que tendem à cicatrização, talvez mesmo dc tecidos, com certeza de funções.)
e) Todos concordariam facilmente com o pressuposto de que o médico ou o enfermeiro não são cruéis com a finalidade de serem cruéis. A crueldade aparece inevitavelmente em nosso trabalho, mas para *tolerar a crueldade* precisamos olhar para a própria vida fora de nossas relações profissionais. É claro que

eu poderia falar de crueldade e vingança praticadas por médicos, mas não é dificil colocar esse tipo de distorção em seu devido lugar.

4. Para alcançar efeitos mais profundos em nós a partir de nosso reconhecimento da doença e portanto das necessidades de dependência de nossos pacientes, precisamos considerar questões mais complexas de estrutura da personalidade. Por exemplo: um sinal de saúde mental é a capacidade que um indivíduo tem para penetrar, através da imaginação, e ainda assim dc modo preciso, nos pensamentos, nos sentimentos e nas esperanças de outra pessoa, e também de permitir que outra pessoa faça o mesmo com ele. Suponho que padres e médicos cuidadores-curadores sejam bons nesse tipo de coisa, por livre escolha. Exorcistas e curadores através-de-tratamento não precisam disso.

Talvez uma capacidade exagerada de brincar com identificações cruzadas seja algumas vezes um obstáculo. Mesmo assim, uma avaliação daquilo que estou chamando de capacidade para identificações cruzadas — saber colocar-se no lugar do outro e permitir o inverso poderia ser uma das características importantes na seleção de estudantes de medicina (se essa capacidade pudesse ser testada). Não resta dúvida de que a identificação cruzada enriquece em muito todas as experiências humanas, e que as pessoas que têm pouca capacidade para isso acabam ficando entediadas e são entediantes. Além disso, não podem exercer nada além de uma função do tipo técnica na prática médica e podem causar muito sofrimento sem perceber. James Baldwin falou recentemente na **BBC** que os cristãos se esqueceram de mencionar um pecado: a inconsciência. Eu poderia acrescentar aqui uma nota sobre as identificações cruzadas delirantes. Estas realmente causam estragos.

5. Agora chego à questão da gratidão. Já me referi a ela na citação de São Vicente de Paula. A gratidão parece muito bonita,

e apreciamos aquela garrafa de uísque especial e a caixa de bombons que são expressões de agradecimento de nossos pacientes. No entanto. a gratidão não é tão simples assim. Se as coisas vão bem, os pacientes não reconhecem nosso esforço, e só quando há negligência (um algodão deixado no peritônio) eles se tornam verdadeiros consigo mesmos e reclamam. Em outras palavras: muita gratidão, com certeza a gratidão exagerada, é uma questão de apaziguamento: há forças de vingança latentes, e é melhor que elas sejam aplacadas.

As pessoas doentes ficam na cama planejando presentes generosos ou codicilos para testamentos, mas os médicos, os enfermeiros e outros ficam contentes com o fato de que depois da alta o paciente triste logo esquece, ainda que talvez não seja esquecido. Eu diria que os médicos e os enfermeiros é que experimentam lutos reduplicados e repetitivos. Um dos perigos de nossa vida profissional é que podemos ficar empedernidos, pois a perda repetida de pacientes nos torna cautelosos quanto a ficar muito próximos do doente novo. Isso é especialmente verdadeiro com relação a enfermeiras que cuidam de bebês doentes, ou que assumem o cuidado de bebês abandonados em cabinas telefônicas, ou encontrados em malas (como Ernest), na Seção de Achados e Perdidos da Victoria Station.

A prática da clínica geral numa cidade do interior pode ser a resposta para esse problema, pois o médico vive junto com seus pacientes — sem dúvida a melhor maneira de exercer a medicina. O médico e o paciente, os dois sempre lá, mas só às vezes como médico e paciente.

O médico pode aprender muito com aqueles que se especializam no "cuidar-curar", mais do que no "curar erradicando agentes do mal".

6. Existe uma coisa que necessita especialmente ser recuperada na prática médica, e vou terminar minha palestra falando nela. Ocorre que o "cuidar-curar" é uma extensão do conceito de "segurar". Começa com o bebê no útero, depois com o bebê

no colo, havendo um enriquecimento a partir do processo de crescimento da criança, pois a mãe que conhece aquele bebê específico que ela deu à luz torna esse enriquecimento possível.

O tema do ambiente facilitador capacitando o crescimento pessoal e o processo maturacional tem que ser uma descrição dos cuidados que o pai e a mãe dispensam, e da função da família. Isso leva à construção da democracia como uma extensão da facilitação familiar, com os indivíduos maduros eventual- mente tomando parte de acordo com sua idade e capacidade na política e na manutenção e reconstrução da estrutura política.

Ao lado disso se encontra o sentido de identidade pessoal, que é essencial a todo ser humano; e *só pode se realizar de fato em cada indivíduo em função de uma maternagem satisfatória* e de um suprimento ambiental do tipo do "segurar" durante os estágios de imaturidade. O processo maturacional, por si só, não pode conduzir o indivíduo através de seu processo de se tornar indivíduo.

Portanto, quando falo em cura no sentido do "cuidar-curar", aparece a tendência natural de médicos e enfermeiros a responder às necessidades dos pacientes, mas agora isso é explicitado em termos de saúde: é registrado em termos da dependência natural do indivíduo imaturo, que evoca, nas figuras parentais, a tendência a fornecer condições que incrementem o crescimento individual. Isso não é cura no sentido do tratamento, mas sim no sentido do "cuidar-curar", o assunto de minha palestra — e poderia ser o lema de nossa profissão.

Em termos da doença social, o "cuidar-curar" pode ser mais importante para o mundo do que a "cura-tratamento" e do que todo diagnóstico e prevenção que acompanham aquilo que geralmente se denomina abordagem científica.

Aqui estamos irmanados aos assistentes sociais, cuja atribuição "serviço social de caso" pode ser vista como uma extensão bastante complexa do uso da palavra "segurar" e como uma aplicação prática do "cuidar-curar".

Num contexto profissional, dado o comportamento profissional apropriado, pode ser que o doente encontre uma solu-

ção pessoal para problemas complexos da vida emocional e das relações interpessoais; o que fizemos não foi aplicar um tratamento, mas facilitar o crescimento.

Será pedir muito ao clínico que ele pratique o "cuidarcurar"? Esse aspecto do nosso trabalho parece falhar em termos da reivindicação por honorários mais altos e sabota o sistema de hierarquias aceitas. No entanto, pode ser apreendido facilmente por pessoas adequadas e traz algo muito mais satisfatório do que o sentimento de ter sido esperto.

Sugiro que encontremos, no aspecto "cuidar-curar" de nosso trabalho profissional, um contexto para aplicar os princípios que aprendemos no início de nossas vidas, quando éramos pessoas imaturas e nos foi dado um "cuidar-curar" satisfatório e cura, por assim dizer, antecipada (o melhor tipo de medicina preventiva) por nossas mães "satisfatórias" e por nossos pais.

E sempre importante descobrir que nosso trabalho se vincula a fenômenos inteiramente naturais, e aos universais, algo que esperaríamos encontrar nas melhores poesias, filosofias e religiões.

A contribuição da mãe para a sociedade

Pós-escrito à primeira coleção de palestras do dr. Winnicott à rádio BBC, publicada sob o título A criança e a família, *1957*

Penso que todo mundo possui um interesse maior, um impulso motor profundo em direção a algo. Se a vida de alguém dura o suficiente, de tal modo que essa pessoa possa olhar para trás, ela poderá discernir uma tendência urgente que integrou todas as diversas e variadas atividades de sua vida profissional e de sua vida privada.

No meu caso, já posso ver em meu trabalho o importante papel desempenhado pelo impulso de descobrir e valorizar a boa mãe comum. Sei que os pais são tão importantes quanto as mães, e realmente um interesse na maternagem inclui um interesse nos pais e na parte vital que eles desempenham nos cuidados ao bebê. Quanto a mim, no entanto, é às mães que me sinto profundamente compelido a me dirigir.

Quer me parecer que falta alguma coisa na sociedade humana. As crianças crescem e tornam-se por sua vez pais e mães, mas, de modo geral, não chegam ao ponto de saber e de reconhecer exatamente o que suas mães fizeram para elas no início. Há uma razão: somente agora é que se começou a perceber a parcela que cabe à mãe. Contudo, tenho que deixar claras certas coisas às quais não estou me referindo.

Não estou querendo dizer que as crianças deveriam agradecer aos pais por tê-las concebido. Com toda certeza, elas pode-

riam esperar que sua vinda tenha sido uma questão de satisfação e prazer mútuos. Os pais certamente não podem esperar agradecimentos pelo fato de que os bebês ganhem existência. Os bebês não pedem para nascer.
Há algumas outras coisas que não estou querendo dizer. Por exemplo: não quero sustentar que as crianças tenham qualquer obrigação em relação a seus pais por conta de sua cooperação na construção do lar e nos afazeres da família, mesmo que eventualmente se desenvolva alguma espécie de gratidão. Bons pais comuns constroem um lar e mantêm-se juntos, provendo então uma ração básica de cuidados à criança e mantendo portanto um contexto em que cada criança encontra gradualmente a si mesma (seu *seu)* e ao mundo, e uma relação operativa entre ela e o mundo. Mas os pais não querem gratidão por isso; eles têm suas recompensas e, em vez de receber agradecimentos, preferem ver seus filhos crescerem e se tornarem eles próprios pais e construtores de lar. Isso pode ser dito de outra forma: estão cobertos de razão os meninos e as meninas que censuram os pais que, depois de terem-nos trazido à existência, não lhes fornecem o suprimento mínimo necessário para iniciarem a vida.
Durante o último meio século tem havido um crescente aumento na consciência do valor do lar (infelizmente, essa consciência provém da compreensão dos efeitos de um lar ruim). Conhecemos algumas das razões que fazem essa longa e exigente tarefa — o trabalho dos pais de compreender os filhos — valer a pena; e, de fato, acreditamos que esse trabalho provê a única base real para a sociedade, sendo o único fator para a tendência democrática do sistema social de um país.
O lar, contudo, é de responsabilidade dos pais e não da criança. Quero deixar bem claro que não estou pedindo a ninguém que fique expressando gratidão. O que me preocupa de modo específico não retrocede nem ao momento da concepção, nem avança tanto quanto a construção de um lar. Estou preocupado com a relação que a mãe tem com o bebê pouco antes do

parto e nas primeiras semanas e meses após o nascimento. Estou tentando chamar a atenção para a imensa contribuição ao indivíduo e à sociedade que a boa mãe comum faz desde o começo, com seu marido dando suporte, e que ela faz simplesmente por ser devotada a seu filho.

Será que o não-reconhecimento da contribuição da mãe devotada se deve justamente ao fato de ela ser imensa? Caso se aceite essa contribuição, segue-se que todo homem ou mulher sadios, todo homem ou toda mulher que tem o sentimento de ser uma pessoa no mundo, e para a qual o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz tem um débito infinito para com uma mulher. Ao mesmo tempo, quando essa pessoa foi criança, ela não sabia nada a respeito da dependência: havia dependência absoluta.

Eu enfatizaria, uma vez mais, que o resultado de tal reconhecimento — quando ele aparece — não vai ser a gratidão, nem elogios. O resultado vai ser a diminuição em nós mesmos de um medo. Se nossa sociedade retardar o reconhecimento pleno dessa dependência, que é um fato histórico no estágio inicial do desenvolvimento de cada indivíduo, haverá um bloqueio tanto no progresso quanto na regressão, um bloqueio que se baseia no medo. Se o papel da mãe não for verdadeiramente reconhecido, então permanecerá um medo vago da dependência. Às vezes, esse medo toma a forma de um medo de MULHER, ou medo de uma mulher, e outras vezes vai assumir formas menos fáceis de reconhecer, mas que sempre incluem o medo da dominação.

Infelizmente, o medo da dominação não leva muitas pessoas a evitarem ser dominados; ao contrário, encaminha-as em direção a uma dominação específica ou escolhida. Realmente, caso se estudasse a psicologia do ditador, poder-se-ia esperar descobrir, entre outras coisas, que em sua própria luta pessoal ele está tentando controlar a mulher cuja dominação ele inconscientemente teme, tentando controlá-la através de um enclausuramento, agindo por ela, e por sua vez demandando sujeição e “amor” totais.

Muitos estudiosos da história social pensaram que o medo de MULHER é uma causa poderosa do comportamento aparentemente ilógico dos seres humanos em grupo, mas esse medo raramente tem suas raízes desvendadas. Desvendado na raiz de cada história individual, o medo de MULHER se transforma em medo de reconhecer a dependência. Por conseguinte, existem razões sociais muito fortes para que se estimule a pesquisa nos estágios mais precoces da relação mãe-criança.

De minha parte, ocorre que fui levado a descobrir tudo o que pude a respeito do significado da palavra "devoção", no sentido de me manter o mais plenamente possível informado e reconhecido em relação à minha própria mãe. Nesse momento, um homem está em posição mais dificil do que uma mulher; ele não pode, obviamente, reconciliar-se com sua mãe através do ato de se tornar mãe. Ao homem só resta a alternativa de aproximar-se ao máximo da consciência daquilo que a mãe realiza. O desenvolvimento da maternagem como uma qualidade em seu caráter não vai ser muito profunda, e a feminilidade num homem manifesta-se apenas como um caminho paralelo aos assuntos principais.

Para o homem que está enredado nesse problema, uma solução é participar de um estudo objetivo do papel da mãe, especialmente o que ela desempenha no início.

No momento presente, costuma-se negar a importância da mãe: diz-se que nos primeiros meses trata-se apenas de uma questão de cuidados corporais, e que portanto, no início, uma boa enfermeira seria o suficiente. Existem até mães (espero que não neste país) às quais se fala que elas *devem ser mães* de seus filhos, sendo esse o grau mais extremo de negar que a "maternagem" se origina naturalmente no ato de ser mãe. Acontece com freqüência que, pouco antes da compreensão de algum assunto, há um estágio de negação, ou cegueira, ou um não-ver deliberado, como o mar que recua frente à praia antes de lançar a estrondosa onda.

Limpeza administrativa, os ditames da higiene, um impulso elogiável para a promoção da saúde corporal essas e toda

espécie de coisas se interpõem entre a mãe e a criança, e é improvável que as mães se ergam por si mesmas num esforço orquestrado para protestar contra as interferências. Alguém precisa agir em favor das mães jovens que estão tendo seu primeiro e seu segundo bebê, e que necessariamente se encontram, elas mesmas, em estado de dependência. Pode-se partir do princípio de que nenhuma mãe de bebê recém-nascido vai fazer greve contra os médicos e as enfermeiras, não importa quantas frustrações existam, pois ela está envolvida. Ainda que muitas de minhas palestras pelo rádio sejam dirigidas às mães, as mães jovens, às quais elas se destinam de modo especial, provavelmente não irão ler estas palestras. Não desejo alterar isso. Não posso partir do pressuposto de que as jovens mães iriam querer saber o que fazem quando descobrem seu prazer em se preocupar com os próprios filhos. Elas temem, muito naturalmente, deixar que a instrução estrague seu prazer e sua experiência criativa, que é o elemento essencial que conduz à satisfação e ao crescimento. A jovem mãe precisa de proteção e informação; precisa do melhor que a ciência médica pode oferecer em termos de cuidados corporais e prevenção de acidentes evitáveis. Ela precisa de um médico e de uma enfermeira que conheça e em quem deposite confiança. Precisa da devoção de um marido, e de experiências sexuais satisfatórias. Não, a jovem mãe não é uma pessoa que usualmente aprende através de livros. No entanto, ao preparar os programas para publicá-los, tive que manter a forma da conversa direta com jovens mães, pelo fato de que isso fornece uma disciplina. Um escritor da natureza humana precisa ser constantemente levado na direção da linguagem simples, longe do jargão do psicólogo, mesmo que tal jargão possa ser valioso em contribuições para revistas científicas.

Provavelmente aqueles que já passaram pela experiência da maternagem, e que se permitem olhar em torno, teriam algum interesse em ler, e podem ajudar a fazer o que hoje em dia é tão necessário, ou seja, dar suporte moral à boa mãe comum, edu-

cada ou não, inteligente ou limitada, pobre ou rica, e protegê-la contra tudo e todos que se interpuserem entre ela e seu bebê. Todos nós devemos juntar forças que capacitem o início e o desenvolvimento natural da relação emocional entre as mães e seu bebê. Esse trabalho coletivo é uma extensão do trabalho do pai, do trabalho do pai desde o início, quando a mãe está carregando, sustentando e amamentando seu bebê; no período anterior ao qual o bebê vai poder usar o pai de outras maneiras.

A criança no grupo familiar

Palestra proferida na conferência da Associação das Escolas de Enfermagem, sobre "Progressos na educação primária-Oxford, 26 de julho de 1966

Ultimamente, muito tem sido escrito sobre esse tema, a criança e a família, e é muito difícil saber como contribuir de modo original para esse assunto tão vasto. Deve haver um sentimento geral de que já se disse tudo e de que o título ficou destituído de sentido simplesmente pelo uso repetido. Recentemente aconteceu uma certa renovação, através da mudança de ênfase nas diretrizes, de tal modo que o destaque agora não é dado ao indivíduo, mas à família. Há um certo tipo de plano para que se modifique o padrão do serviço social, de maneira a se considerar a família como centro e a criança como parte da família.

Em minha opinião, isso não representa mudança real, porque a criança sempre foi estudada em relação à família ou em relação à falta de uma. Seja lá como for, podemos lançar mão de qualquer coisa que alivie a monotonia. Penso que, se olharmos para a contribuição psicanalítica, poderemos dizer que não houve um equilíbrio na ênfase que os psicanalistas têm dado ao tratamento da criança. A psicanálise passou por um longo período de discussão sobre o tratamento da criança como um fenômeno isolado. Isso não pôde ser evitado. Dentro de círculos psicanalíticos há, no entanto, uma mudança — advinda dos processos de desenvolvimento das idéias. Mas ocorre que a mudança

na diretriz não é dirigida ao psicanalista. É dirigida ao serviço social em geral, e eu diria que o serviço social sempre considerou a família quando observava a criança.

Há um receio em minha mente: uma ênfase exagerada no manejo das dificuldades humanas em termos da família e de outros grupos como fuga ao estudo do indivíduo, seja criança, adolescente ou adulto. Em algum momento do trabalho do serviço social de caso, o profissional se vê frente a um indivíduo, fora do grupo. Aqui residem as maiores dificuldades, e também o maior potencial de mudanças.

Começarei, portanto, com um pedido: lembrem-se da criança individual, do processo de desenvolvimento da criança, do desconforto da criança, da necessidade que a criança tem de auxílio pessoal e da capacidade que ela tem de usar a ajuda pessoal, simultaneamente, é claro, à lembrança contínua da importância da família e dos vários grupos escolares e de todos os outros que conduzem ao grupo que chamamos de sociedade.

Em qualquer serviço social dc caso, deve-se tomar uma decisão: qual é a pessoa doente neste caso? Ainda que seja a criança, às vezes é outra pessoa que causou e está mantendo a perturbação, ou então pode ser que o problema seja um fator social. Esses são casos especiais, e os assistentes sociais têm plena consciência desse problema, o qual, contudo, não deveria cegá-los para o fato de que, na esmagadora maioria dos casos, quando a criança apresenta sintomas, os sintomas apontam para um sofrimento na criança — e a melhor resposta seria um trabalho com a criança.

Gostaria de lembrá-los de que isso é especialmente verdade naquela miríade de casos que existem na comunidade, mas que não chegam às Clínicas de Orientação à Criança, que naturalmente acabam lidando com os casos menos comuns e mais complexos. Em outras palavras, se vocês olham à sua volta, para as crianças que conhecem em sua família e em seu contexto social, verão um grande número de crianças que necessitariam de uma ajudazinha, mas que nunca procurariam uma clínica. É

para essas crianças que o auxílio funcionaria melhor, e são essas crianças que precisam de atenção individual. As crianças das clínicas não são representativas das crianças que precisam de auxílio na comunidade. Digo isso confidencialmente para esta audiência, que é composta de professores, e a grande maioria das crianças que vocês ensinam não são pacientes das clínicas. São crianças comuns, ou muito parecidas com as que pertencem ao próprio grupo social de vocês. Não há praticamente nenhuma criança que não necessite de ajuda em relação a algum problema pessoal, ontem, hoje ou amanhã. É comum vocês lidarem com esses problemas na escola através do conhecido método de "ignorar o problema", ou por meio de uma disciplina cuidadosamente dosada, ou ensinando algum tipo de trabalho à criança, ou facilitando os impulsos criativos. É necessário admitir que, no conjunto, a visão que vocês têm de psicologia precisa ser e precisa permanecer diferente da visão do assistente social e do psiquiatra infantil.
Vocês vão compreender que precisa haver uma sobreposição: alguns de seus alunos deveriam estar freqüentando uma clínica e algumas das crianças da clínica deveriam estar lidando com suas dificuldades por meio da ajuda de tios, tias e pro fessores e de outras formas de provisão social.

O grupo em relação ao indivíduo

Quero aproveitar a oportunidade para lembrá-los com algum detalhe do modo pelo qual família constitui um grupo, cuja estrutura se relaciona com a estrutura da personalidade do indivíduo. A família é o primeiro agrupamento, e de todos os agrupamentos é o que está mais próximo de ser um agrupamento dentro da unidade da personalidade. O primeiro agrupamento é simplesmente uma duplicação da estrutura unitária. Quando dizemos que a família é o primeiro agrupamento, estamos falando muito naturalmente em termos do crescimento do indi-

viduo, e isso se justifica pelo *fato* de que a mera passagem do tempo não tem nenhum vínculo com a vida humana que se compare, em força, ao vínculo que se relaciona ao fato de que, num certo ponto do tempo, cada pessoa começa sua vida e, por um processo de crescimento, faz com que uma área do tempo seja pessoal.

A criança está começando a se separar da mãe e, antes que a mãe possa ser percebida de modo objetivo, ela é aquilo que se poderia denominar um objeto subjetivo. É realmente um choque considerável para a criança ter que experimentar algo intermediário entre o uso da mãe enquanto objeto subjetivo, ou seja, enquanto um aspecto do *self* e um objeto que não é o *self* e portanto se situa fora do controle onipotente. E a mãe leva a cabo uma tarefa muito importante, ao se adaptar às necessidades da criança, de tal modo que acaba diminuindo um pouco o impacto do choque a que me referi, e que diz respeito ao contato com o princípio da realidade. A figura materna vai sendo duplicada.

Há algumas culturas onde se faz um esforço deliberado para impedir que a mãe se torne uma pessoa, de tal modo que a criança fica desde o começo assegurada contra o choque associado à perda. Em nossa cultura, a tendência é encarar como um fato normal que a criança experimente o choque em toda a sua extensão, à medida que a mãe se torna uma pessoa adaptadora externa, embora tenhamos que admitir que há vítimas. Quando funciona, a riqueza da experiência se torna um argumento em seu favor. O estudo antropológico dessa área fornece material fascinante para o pesquisador em relação aos resultados da cisão precoce e deliberada, socialmente determinada, da figura materna.

O pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto, ele é uma das duplicações da figura materna. Nos últimos cinqüenta anos, tem havido neste país uma mudança na orientação, de tal modo que os pais se tornaram muito mais reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe do que eles

eram, parece, décadas atrás. No entanto, isso interfere com a outra característica do pai, segundo a qual ele acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado.

Desse modo, vemos que um grupo que se desenvolveu, e que isso se deu de duas formas. A primeira corresponde simplesmente à extensão da estrutura da personalidade da criança e depende de processos de crescimento. A outra forma depende da mãe e de sua atitude em relação a essa criança específica; de outras pessoas que podem estar disponíveis como figuras maternas; da atitude da mãe para com as mães substitutas; da atitude social na localidade; e aí então depende do equilíbrio dos dois aspectos que descrevi da figura paterna. O modo de ser do pai naturalmente determina a maneira como a criança usa ou não esse pai, na formação da família dessa criança particular. É claro que, de qualquer modo, o pai pode estar ausente ou muito em evidência, e tais detalhes fazem uma diferença enorme no significado da palavra "família" para a criança específica da qual estejamos falando.

A propósito, conheci uma criança que deu o nome de "Família" para seu objeto transicional. Acho que nesse caso houve um reconhecimento muito precoce da inadequação da relação parental, e foi incrivelmente cedo que essa criança tentou remediar a deficiência que percebeu, chamando sua boneca de Família. É o único exemplo que conheço em que isso aconteceu. Trinta anos depois, essa pessoa ainda está lutando contra a incapacidade de aceitar o distanciamento entre seus pais.

Espero ter conseguido transmitir a vocês que, quando falamos a respeito de uma criança (seja de que sexo for) e sua família, estamos ignorando os estágios dificeis por meio dos quais essa criança específica adquiriu uma família. Não se trata simplesmente de haver um pai e uma mãe, e de que talvez

outras crianças apareçam com o tempo, passando então a existir um lar com pais e filhos, enriquecido com tias, tios e primos. Essa é apenas a opinião de um observador. Para as cinco crianças de uma família, há cinco famílias. Não é necessário ser psicanalista para ver que essas cinco famílias não são necessariamente semelhantes, e sem dúvida não são iguais.

O princípio da realidade

Agora que introduzi a idéia da família paralelamente ao conceito do objeto subjetivo tornando-se um objeto que é percebido objetivamente, gostaria de continuar a estudar essa área. Há uma mudança incrivelmente grande que ocorre no desenvolvimento dos seres humanos exatamente entre esses dois tipos de relacionamento. Pessoalmente, tentei fazer uma contribuição no sentido de observar o melhor possível os objetos transicionais e os fenômenos transicionais, ou seja, todas as coisas que a criança emprega quando está passando por essa fase, na qual a capacidade de realizar percepções objetivas é limitada e a principal experiência da relação com o objeto precisa continuar sendo o relacionamento com objetos subjetivos. (A propósito, não é possível utilizar a expressão "objeto interno" aqui; o objeto que podemos ver é externo e é percebido subjetivamente, ou seja, advém dos impulsos criativos da criança, da mente da criança. Uma questão mais complicada é quando a criança, agora com um interior, toma objetos percebidos externamente e os coloca dentro de si como imagens internas. Estamos discutindo aqui um estágio anterior àquele em que a expressão "objeto interno" se aplica.)

Uma dificuldade que se apresenta numa descrição desse tipo é que, quando uma criança nesse estágio se relaciona com o que estou chamando de objeto subjetivo, não há dúvida de que funciona, ao mesmo tempo, uma percepção objetiva. Em outras palavras, a criança não poderia ter inventado como é a

orelha esquerda de sua mãe. Mesmo assim, é necessário que se diga que a orelha esquerda da mãe com a qual a criança está brincando é um objeto subjetivo. A criança alcançou e criou aquela orelha em particular que estava lá para ser descoberta. E isso que toma excitante a cortina de um teatro. Quando ela se abre, cada um de nós vai criar a peça que vai ser encenada, e depois disso podemos até mesmo descobrir que a sobreposição daquilo que criamos — aquilo que cada um de nós criou fornece material para uma discussão da peça que foi encenada.

Não posso seguir adiante sem mencionar que existe um certo embuste nesse aspecto, inerente ao desenvolvimento da capacidade individual de se relacionar com objetos. Estou lendo este trabalho para vocês, uma audiência que criei. Porém, deve-se admitir que, ao escrever o trabalho, eu pensei, até certo ponto, na audiência que na realidade está aqui agora. Gostaria de pensar que esta audiência que está aqui agora pode, em alguma medida, juntar-se à audiência que eu tinha em mente quando escrevi o trabalho, mas não há nenhuma garantia de que as duas audiências venham a se relacionar entre si. Ao escrever este estudo, tenho que brincar, e brinco na área que denomino transicional, na qual simulo que se encontra minha audiência: vocês, como estão aqui e agora.

Essa fase que escolhi para discutir, e em relação à qual às vezes me referi utilizando a expressão “fenômenos transicionais”, é importante no desenvolvimento de cada criança. Um “ambiente medianamente aceitável” pressupõe tempo, de tal modo que a criança seja ajudada por alguém que se adapte de forma extremamente sensível enquanto a criança está no processo de adquirir a capacidade de usar a fantasia, de apelar para a realidade interna e para o sonho, e de manipular brinquedos. Ao brincar, a criança penetra na área intermediária que estou chamando aqui dc embuste, embora deva deixar claro que exis-

te saúde nesse aspecto particular do embuste. A criança usa uma posição entre ela mesma e a mãe ou o pai, seja lá quem for, e então o que quer que ocorra é um símbolo da união ou da não-separação dessas duas coisas separadas. O conceito é bem dificil, e penso que seria relevante para a filosofia que ele pudesse ser compreendido. Talvez também fosse possível colocar a religião mais uma vez dentro da experiência daqueles que cresceram fora do conceito de milagres.

Para nossos objetivos nesta palestra, o importante é que a criança precisa de um período de tempo no qual experiências estáveis nos relacionamentos podem ser utilizadas para o desenvolvimento da área intermediária, na qual fenômenos transicionais ou lúdicos possam se estabelecer para essa criança específica, de modo que, desse momento em diante, a criança pode desfrutar tudo o que deriva do uso do símbolo, pois o símbolo da união proporciona um alcance mais amplo à experiência humana do que a própria união.

Idas e vindas

No desenvolvimento normal, vou repetir, a criança precisa de *tempo* para que tal fase possa ser explorada por completo. Ou seja, a criança precisa ser capaz de experimentar os vários tipos de relações objetais num mesmo dia, ou talvez ao mesmo tempo; por exemplo: você pode ver uma criancinha aproveitando a relação com uma tia ou com um cachorro, ou uma borboleta, e pode ver que a criança não só está realizando percepções objetivas, como apreciando o enriquecimento proveniente da descoberta. Isso não significa, no entanto, que a criança esteja pronta para viver no mundo descoberto. A qualquer momento, a criança se mistura de novo com o berço, ou com a mãe, ou com os odores familiares, instalando-se outra vez num ambiente subjetivo. O que estou tentando dizer é que são os padrões familiares da criança, mais do que qualquer outra coisa, que a

abastecem daquelas recordações do passado, de tal modo que, ao descobrir o mundo, a criança sempre realiza uma viagem de volta — e essa viagem faz sentido para ela. Caso seja a família da própria criança, então a viagem de volta não submete ninguém a pressões, por ser da essência da família que ela permaneça orientada para si mesma e para as pessoas dentro dela.

Ainda que tais pontos não exijam ilustração, vou expor um acontecimento de um caso clínico.

Uma paciente resume os traumas acumulados em sua infância, relatando um incidente da maneira como os pacientes muitas vezes o fazem. Com suas próprias palavras, mostra a importância do fator tempo. “Eu tinha mais ou menos dois anos de idade. A família estava na praia. Fiquei perambulando longe de minha mãe e comecei a fazer descobertas. Achei conchinhas. Uma delas me conduzia a outra, havia um número ilimitado de conchinhas. De repente, eu fiquei com muito medo, e hoje posso entender o que aconteceu: fiquei interessada em descobrir o mundo e esqueci de mamãe. Isso ocasionou em mim a idéia de que mamãe havia se esquecido de mim. Dei a volta e sai correndo para mamãe — ela estava lá, a poucos metros. Ela me pegou no colo, iniciando-se o processo de restabelecer minha relação com ela. Meu interesse nela provavelmente parecia ser pequeno, mas eu precisava de tempo para me sentir restabelecida e perder a sensação de pânico. Aí, de repente, mamãe me pôs no chão de novo.”

A paciente está em análise, reconectando-se com o episódio e, a partir do trabalho realizado na análise, pôde acrescentar:

“Agora sei o que ocorreu. Fiquei esperando toda a minha vida ser capaz de alcançar o estágio seguinte — se minha mãe não tivesse me posto no chão, eu teria lhe dado um abraço, e rompido em lágrimas, lágrimas de alegria e felicidade. Do jeito como aconteceu, nunca mais encontrei minha mãe.”

Ao se referir ao incidente, entende-se que a paciente também estava se referindo a um padrão desse tipo de situação, baseado em memórias superpostas de situações semelhantes. O

importante nesse exeíplo é que ela mostra a maneira delicada com que, se tudo vai bem, a confiança infantil no caminho de volta é reconstruída. Esse tema é explorado nos três volumes da autobiografia de Richard Church, principalmente no último.

Ao observarmos uma criança de dois anos, poderemos perceber a ocorrência de idas e vindas que acarretam não pequenos riscos; se falharem, alteram a vida inteira da criança. Vários membros da família desempenham papéis diferentes, e as crianças vão se utilizando deles para fazer com que suas experiências abranjam um campo cada vez mais extenso na qualidade das idas e vindas.

Dessa forma, é freqüente uma criança ser muito diferente no lar e na escola. O padrão mais comum é a criança ficar excitada na escola com a descoberta de coisas novas, dc aspectos novos de uma realidade que acabou dc perceber; e, em casa, ser conservadora, isolada, dependente, próxima do pânico, preservada da crise pela adaptação sensível da mãe ou de pessoas próximas. Pode dar-se o contrário, mas isso talvez seja menos normal e portanto mais provável de originar dificuldades quando acontece dc a criança estar cheia de confiança na escola, em relação a alguma pessoa ou ao contexto, e em casa ser irritadiça, inconstante e independente de modo prematuro. Isso pode ocorrer quando não existe espaço para a criança ser dentro de casa, ou quando um segundo filho torna-se o filho do meio, no caso de três crianças, de modo que essa criança perde em todos os sentidos, até que alguém perceba que a criança alterou seu temperamento e, mesmo dentro de uma boa família, tornou-se uma criança carente.

Lealdade e deslealdade

Gostaria de elaborar um pouco mais o tema da família relacionado ao tema do indivíduo que está se desenvolvendo. Dentre os muitos aspectos desse fenômeno, que tem muitas facetas,

eu preferiria falar dos conflitos de lealdade que são inerentes ao desenvolvimento infantil.

Em termos mais simples, o problema pode ser assim explicado: há uma grande diferença entre uma criança que se afastou da mãe e chegou até o pai e fez a viagem de volta e a criança que jamais realizou tal experiência.

Numa linguagem mais sofisticada, a criança não está equipada, nos primeiros estágios, a conter o conflito dentro do *self* Isso é algo que deixamos a cargo do assistente social, e sabemos a pressão que isso representa para adultos maduros quando fazem serviço social de caso e durante um certo período de tempo contêm os conflitos inerentes a cada um deles. O assistente social dá mais importância à contenção do caso do que a qualquer outra ação específica relacionada ao indivíduo no grupo que engloba o caso.

A criança imatura precisa de uma situação na qual não se espere lealdade, e é na família que podemos encontrar tolerância em relação ao que parece deslealdade, mas que talvez seja apenas uma parte do processo de crescimento.

Uma criança se dirige a um relacionamento com o pai e, ao fazê-lo, desenvolve uma atitude para com a mãe que corresponde ao relacionamento com o pai. A criança não somente pode ver a mãe de modo objetivo, a partir do lugar onde o pai está, mas também desenvolve uma relação do tipo amorosa com o pai que envolve ódio e temor em relação à mãe. É perigoso voltar à mãe a partir dessa posição. No entanto, houve algo que se construiu gradualmente, e a criança volta à mãe; nessa reorientação familiar, ela vê o pai de modo objetivo e seus sentimentos contêm ódio e medo.

Esse tipo de coisa continua como uma experiência de vaivém na vida diária da criança em casa. É claro que não precisa ser a relação pai-mãe; pode ser a experiência de ir da mãe para a babá e voltar, ou pode ser uma tia, uma avó ou uma irmã mais velha. Numa família, gradualmente pode-se conhecer todas essas possibilidades e experimentá-las, e uma criança pode se re-

conciliar com os medos associados a todas elas. Além disso, a criança pode chegar a apreciar as excitações referentes a esses conflitos, desde que elas possam ser contidas e, nos jogos, as crianças de uma família introduzem todas as tensões e os estresses que pertencem a esse tipo de experimentação com deslealdades, incluindo mesmo tensões e ciúmes que percebem existir nos adultos daquele ambiente. Num certo sentido, essa é uma boa maneira de descrever a vida familiar cm termos teóricos. Talvez o tremendo interesse que o brincar de papai e mamãe exerce sobre as crianças derive de uma ampliação gradual da vivência de experimentar algumas deslealdades.

Às vezes pode-se avaliar melhor a importância desses jogos quando ocorre o caso de um bebê temporão na família. É claro que esse bebê não pode usar os jogos dos irmãos e irmãs, que já envolvem um grau de complexidade que tem uma história para esses irmãos e irmãs. Pode ser que a criança mais nova se envolva de modo mecânico e que se sinta severamente eliminada ou aniquilada pelo envolvimento, que não é criativo, já que a criança teria de começar de novo e construir, desde o início, a complexidade das lealdades cruzadas.

Reconheço, é claro, que há características positivas e libidinais nos sentimentos referentes ao jogo familiar, mas o conteúdo que cria excitação está muito associado à questão das lealdades cruzadas. Nesse sentido, o jogo familiar é um preparo perfeito para a vida.

A escola pode fornecer, com facilidade, um alívio tremendo para a criança que vive em família. Para crianças pequenas, que brincam a maior parte do tempo, as brincadeiras da escola não são assim tão básicas, e logo passam a jogos que desenvolvem habilidades. Há aqui uma questão de disciplina gradual, e tudo isso é uma simplificação muito bem-vinda para alguns e muito irritante para outros. Uma simplificação muito precoce, do tipo que a escola promove relacionada ao jogo familiar de crianças que vivem em família, pode ser vista como um empobrecimento, pelo menos para aqueles que suportam o jogo fa-

miliar e cujas famílias suportam o fato de que as crianças estão brincando dc família.
Em comparação, pode-se ver que filhos únicos solitários têm tudo a ganhar indo logo para um grupo de jogo onde, em alguma medida, o brincar pode ter relações interpessoais e lealdades cruzadas criativas para a criança.
É por esse tipo de razão que não pode haver uma decisão satisfatória que venha de cima no que diz respeito à idade apropriada para as crianças irem para a escola. Nessas questões delicadas, cada caso é um caso, e isso significa que todos os tipos de provisão que existam na vizinhança deveriam estar disponíveis. Em caso de dúvida, o lar da criança é onde podem ocorrer as experiências mais ricas, mas deve-se estar sempre vigilante em relação a uma criança que, por uma razão ou por outra, não pode ser criativa no jogo imaginativo se não passar algumas horas longe da família.
A educação primária pertence à área na qual a criança até agradece o fato dc se distrair da elaboração das complexidades que a vida oferece, através da aprendizagem e da adoção de lealdades específicas, e da aceitação de regras e padrões que vêm junto com o uniforme escolar. As vezes, essas condições persistem no período da adolescência, mas ficamos tristes quando as crianças permitem que isso aconteça, não importa quão conveniente seja do ponto de vista do professor. A adolescência de todo menino e menina é algo que aguardamos, pois lá reaparecem todas as experimentações e lealdades cruzadas que surgiram criativamente no jogo familiar, só que desta vez a excitação não advém apenas dos medos, mas também das experiências libidinais novas e intensas que a puberdade libera.
É claro que a família é tremendamente valiosa para o jovem ou a jovem adolescente, especialmente quando ele ou ela ficam completamente aterrorizados a maior parte do tempo, ainda que no âmbito da saúde, já que amor intenso produz automaticamente ódio intenso. Quando o quadro de referências familiares persiste, o adolescente pode atuar sobre seus pais; tal

atuação havia sido a substância do brincar imagjnativo no estágio dos 2 aos *5* anos da vida familiar.

Quer me parecer que freqüentemente se pensa a família em termos de uma estrutura mantida pelos pais como um quadro de referências no qual as crianças podem viver e crescer. Considera-se a família um lugar onde as crianças descobrem sentimentos de amor e ódio, e onde elas podem esperar simpatia e tolerância, assim como a exasperação que ocasionam. Mas o que venho dizendo se relaciona com minha sensação de que a parte desempenhada por cada criança na função da família, no que diz respeito ao encontro da criança com a deslealdade, está sendo um pouco subestimada. A família leva a todo tipo de agrupamentos, agrupamentos esses que vão se ampliando até atingir o tamanho da sociedade local e da sociedade em geral.

Na realidade do mundo em que as crianças talvez precisem viver enquanto adultos, toda lealdade envolve alguma coisa de natureza oposta, que poderia ser chamada de deslealdade, e a criança que teve a oportunidade de alcançar todas essas coisas durante seu crescimento está em melhores condições de assumir um lugar neste mundo.

Se alguém eventualmente retroceder no tempo, perceberá que as deslealdades. como as denomino, são uma característica essencial do viver, e provêm do fato de que se alguém tem de ser ele mesmo será desleal a tudo aquilo que não for ele mesmo. As mais agressivas e por isso mais perigosas palavras do mundo são encontradas na afirmação EU SOU. É preciso admitir, no entanto, que só aqueles que alcançaram o estágio de fazer essa afirmação é que estão realmente qualificados para serem membros adultos da sociedade.

O aprendizado infantil

Estudo apresentado numa conferência sobre Evangelismo Familiar sob os auspícios do Christian Teamwork Institute ofEducation, no Kingswood Coilege for Further Education, 5 de junho de 1968

Vim fazer esta conferência na qualidade de ser humano, pediatra, psiquiatra infantil e psicanalista. Se eu olhar para quarenta anos atrás, percebo uma mudança de atitude. Há quarenta anos seria improvável que pessoas engajadas no ensino religioso pudessem esperar uma contribuição positiva de um psicanalista. Espero que vocês saibam que não fui convidado a comparecer aqui na qualidade de professor de religião, nem mesmo de cristão, mas sim como alguém com uma longa experiência num campo limitado, um campo intensamente preocupado com os problemas humanos de crescimento, vida e plenitude. Seu presidente disse algo a respeito de eu saber mais do que ninguém acerca do comportamento infantil. Ele deve ter lido isso na contracapa de algum livro! Vocês gostariam que eu contribuísse com o conhecimento de algo mais do que apenas fenômenos superficiais, ou do comportamento aparente na estrutura total da personalidade. A palavra "plenitude" surge nesse momento. Há uma categoria de pessoas que estudam o comportamento infantil e deixam de lado a motivação inconsciente e a relação entre o comportamento e o conflito dentro da pessoa, e portanto ficam completamente fora de contato com alguém que está ensinando religião — acho que é isto o que o presidente de vocês queria dizer: que estou interessado no desenvolvimento do ser humano, dentro do contexto familiar e social.

Tendo sido criado como um metodista wesleyano, julgo ter crescido na prática religiosa da Igreja e sempre fiquei muito contente com o fato de que minha educação religiosa tenha permitido que eu me desenvolvesse em outras direções. Sei que estou falando para uma audiência esclarecida, para quem religião não se resume a ir à igreja todos os domingos. Eu diria que aquilo que comumente se denomina religião surge da natureza humana, embora alguns pensem que a natureza humana foi resgatada da selvageria através de uma revelação que veio de fora da natureza humana.

Uma vez tendo decidido que há alguma contribuição positiva que o saber psicanalítico pode fazer ao ensino e mesmo à prática da religião, há uma série de assuntos de grande importância que poderemos discutir juntos. Vocês precisam de milagres nesta época de observação próxima, objetiva? Vocês sentem necessidade de apegar-se a uma vida após a morte? Vocês precisam localizar o mito entre os cidadãos de pensamento de segunda categoria? Vocês precisam continuar roubando a criança, o adolescente ou o adulto de sua bondade inata, inculcando-lhe moralidade?

Preciso me restringir a um assunto para me manter dentro do horário e também dentro da área de minha experiência específica. Acho que me convidaram para vir aqui hoje por causa de alguma coisa que andei dizendo a respeito da capacidade que uma criança tem de acreditar ***em.*** Isso deixa em aberto a questão daquilo que se coloca no final da frase. O que estou fazendo é separar experiência de vida e educação. Na educação, vocês podem transferir para a criança as crenças que têm significado para vocês mesmos e que pertencem à pequena área cultural ou religiosa na qual vocês casualmente nasceram ou a qual aconteceu de vocês escolherem como alternativa à primeira situação. Mas o sucesso de vocês vai depender da capacidade que a criança tem de crer. O desenvolvimento dessa capacidade não é uma questão de educação, a menos que se amplie o sentido dessa palavra para algo que ela normalmente não signi-

Fica. É uma questão de experiência de desenvolvimento do bebê e da criança, no que diz respeito aos cuidados de que eles são alvo. A mãe tem a ver com isso, e talvez também o pai e os outros que compartilham o ambiente imediato do bebê — inicial- mente, no entanto, é a mãe.

Vocês vão perceber que as coisas para mim são sempre uma questão de crescimento e desenvolvimento. Nunca penso no estado de uma pessoa aqui e agora a não ser em relação ao meio ambiente e ao crescimento dela desde sua concepção até a época do nascimento.

O bebê nasce com tendências herdadas que o impulsionam impetuosamente para um processo de crescimento. Isso inclui a tendência em direção à integração da personalidade, em direção à totalidade da personalidade em corpo e mente, e em direção ao relacionamento objetal, que gradualmente se torna uma questão de relação interpessoal, à medida que a criança começa a crescer e a notar a existência de outras pessoas. Tudo isso vem de dentro do menino ou da menina. Esses processos de crescimento, no entanto, não podem ocorrer sem um ambiente facilitador, especialmente no início, quando há uma condição de dependência quase absoluta. O ambiente facilitador requer uma qualidade humana, e não uma perfeição mecânica, de tal modo que a expressão "mãe satisfatória" me parece atender às necessidades de uma descrição daquilo que a criança precisa, se os processos de crescimento herdados se tornarem uma realidade no desenvolvimento dessa criança específica. No início, a totalidade do processo de desenvolvimento ocorre devido a tendências herdadas tremendamente vitais em direção ao desenvolvimento — à integração, ao crescimento: a coisa que um dia faz a criança querer andar e assim por diante. Se houver uma provisão ambiental satisfatória, essas coisas ocorrem com a criança. Porém, se o ambiente facilitador não for satisfatório, rompe-se a linha da vida, e as tendências herdadas, muito poderosas, não podem levar a criança à plenitude pessoal.

Uma mãe satisfatória começa com um alto grau de adaptação às necessidades do bebê. É isto o que significa ser "satis-

fatória": a tremenda capacidade que as mães normalmente têm de se devotarem à identificação com o bebê. Quando a gravidez está chegando ao fim, e no início da vida do bebê, as mães estão de tal forma identificadas com o bebê que elas praticamente sabem como ele está se sentindo, de tal forma que podem se adaptar às necessidades dele, e assim tais necessidades serão satisfeitas. O bebê passa então a ser capaz de dar continuidade a seu desenvolvimento, que é o início da saúde. A mãe está estabelecendo a base para a saúde mental do bebê, e, mais do que a saúde, para a plenitude e a riqueza, com todos os perigos e conflitos que eles acarretam e com todo o incômodo e a falta de jeito característicos do crescimento e do desenvolvimento.

Assim. a mãe — e também o pai. ainda que este não tenha o mesmo relacionamento fisico no início — é capaz de se identificar com o bebê sem ficar ressentida e de se adaptar às necessidades dele. A esmagadora maioria dos bebês do mundo, nos últimos milhares de anos, tem tido uma maternagem satisfatória; se assim não fosse, o mundo estaria mais cheio de loucos do que de pessoas sãs — e isso não acontece. Para certas mulheres, essa identificação feminina com o bebê representa uma ameaça; elas ficam com receio de jamais recuperar sua individualidade, e por causa dessas ansiedades há algumas que acham dificil, no início, devotar-se a esse extremo de adaptação.

É óbvio que as figuras maternas atendem às necessidades instintivas do bebê. Mas esse lado da relação entre pais e filhos foi excessivamente enfatizado nos primeiros cinqüenta anos da literatura psicanalítica. O mundo psicanalítico levou muito tempo — e o pensamento sobre o desenvolvimento infantil tem sido extremamente influenciado pelos últimos sessenta anos de pensamento psicanalítico — para observar, por exemplo, a importância do modo pelo qual se toma um bebê nos braços, e, quando se começa a pensar nisso, percebe-se seu significado fundamental. Vocês poderiam fazer uma caricatura de alguém fumando um cigarro e segurando um bebê pela perna, balançando-o e colocando-o no banho — todo mundo sabe que não é

disso que um bebê necessita. Há algumas coisas muito sutis aqui. Tenho observado e falado com milhares de mães e percebido como elas pegam o bebê, sustentando a cabeça e o corpo. Se você tomar o corpo e a cabeça de um bebê nas mãos e não pensar que constituem uma unidade, e aí tentar apanhar um lenço ou qualquer outra coisa, pronto: a cabeça vai para trás e a criança se divide em duas partes cabeça e corpo. A criança começa a chorar e nunca mais vai se esquecer disso. A coisa terrível é que nada é esquecido. E então a criança sai pelo mundo sentindo falta de confiança nas coisas. Acho que é certo dizer que crianças pequenas e bebês não se lembram de nada quando tudo sai bem, mas lembram quando as coisas caminham mal, pois de repente se lembram de que a continuidade de sua vida foi perturbada, e sua cabeça caiu para trás, ou coisa semelhante, e foram acionadas todas as defesas, e elas reagiram a isso, e isso é um acontecimento muito doloroso, algo de que elas nunca vão se libertar. E elas tiveram que se haver com isso, e se isso existe no padrão dos cuidados a elas dispensados constrói-se uma falta de confiança no ambiente.

Se as coisas correram bem, as crianças nunca agradecem, pois não têm conhecimento desse fato. Há na família uma grande área de débito não-reconhecido, que não é débito algum. Ninguém deve coisa alguma, mas ninguém atinge a maturidade estável quando adulto se alguém não tivesse se encarregado dele ou dela nas etapas iniciais.

Essa questão de "segurar" e manusear traz à baila toda a questão da confiabilidade humana. Um computador não poderia fazer o tipo de coisa que tenho mencionado aqui; tem que haver confiabilidade ***humana*** (ou seja, na verdade, inconfiabilidade). Durante o desenvolvimento da adaptação, a grande adaptação materna ao bebê gradualmente diminui. Conseqüentemente, o bebê começa a ficar frustrado e irado, e precisa se identificar com a mãe. Recordo-me de um bebê de três meses que, ao ser levado ao seio, colocava a mão na boca da mãe para alimentá-la antes de começar a sugar o seio. Ele era capaz de ter uma idéia daquilo que sua mãe estava sentindo.

A criança pode manter viva a idéia de um pai, uma mãe ou uma babá por muitos minutos, mas, se a mãe fica fora durante duas horas, então a *imagem* da mãe que o bebê tem dentro de si esmaece e começa a morrer. Quando a mãe volta, ela é outra pessoa. É dificil manter viva a *imagem* dentro de si. Durante mais ou menos dois anos, a criança reage muito mal à separação. Aos dois anos, a criança conhece suficientemente bem seus pais para ser capaz de se interessar não apenas por um objeto ou uma situação, mas por uma pessoa real. Aos dois anos, a criança precisa da mãe, por exemplo, se tiver que ir ao hospital. Mas o bebê sempre necessita da estabilidade ambiental que facilita a continuidade da experiência pessoal.

Aprendo muito não somente observando crianças e falando com mães, mas também tratando de pessoas já adultas; todos eles se tornam bebês e crianças durante o tratamento. Tenho que fingir ser mais adulto do que realmente sou para lidar com isso. Tenho uma paciente que no momento conta com cinqüenta e cinco anos de idade. Ela pode manter viva minha *imagem* se me vir três vezes por semana. Duas vezes é aceitável. Uma vez por semana, mesmo que eu lhe dê uma sessão bem prolongada, não é suficiente. A *imagem* esmaece. É tão grande a dor de ver todos os sentimentos e todo o significado se esvaindo que ela me diz que não vale a pena, que é melhor morrer.

Portanto, o padrão dc tratamento tem que depender de como se mantém viva a *imagem* da figura parental. Quando alguém está realizando algo profissionalmente confiável, não pode evitar de se tornar uma figura parental. Presumo que todos vocês estão envolvidos em algum tipo de atividade profissionalmente confiável, e nessa área limitada vocês se comportam muito melhor do que em casa, e seus clientes dependem de vocês e começam a se apoiar em vocês.

Atos de confiabilidade humana estabelecem uma comunicação muito antes que o discurso signifique algo — o modo como a mãe olha quando se dirige à criança, o tom e o som de sua voz, tudo isso é comunicado muito antes que se compreenda o discurso.

Somos pessoas que acreditam. Estamos aqui nesta ampla sala e ninguém está preocupado com o fato de o teto vir abaixo. Acreditamos no arquiteto. Acreditamos porque alguém nos proporcionou um bom início. Recebemos uma comunicação silenciosa, por um certo período dc tempo, de que éramos amados, no sentido de que podíamos confiar na provisão ambiental, e portanto continuamos com nosso crescimento e desenvolvimento.

Uma criança que não experimentou o cuidado pré-verbal, em termos do "segurar" e do manuseio — confiabilidade humana —, é uma criança carente. A única coisa que pode ser aplicada de modo lógico a uma criança carente é o amor, amor em termos de "segurar" e manuseio. É dificil fazer isso quando a criança é mais velha, mas podemos tentar, como por exemplo quando fornecemos cuidados domésticos. A dificuldade provém da necessidade que a criança tem de fazer teste e de ver se esse amor, esse "segurar" e esse manuseio pré-verbal agüentam a destrutividade ligada ao amor primitivo. Quando tudo vai bem, a destrutividade fica sublimada em coisas como comer, chutar, brincar, competir e assim por diante. No entanto, a criança se encontra justamente neste estágio muito primitivo — eis aqui alguém para amar —, e aí o que se segue é a destruição. Se você sobrevive, então surge a *idéia* da destruição. Mas antes de tudo existe a destruição, e se você começa a amar uma criança que não foi amada, no sentido pré-verbal, pode ser que você se veja em apuros. De repente, você é roubado, as janelas são quebradas, o gato é torturado, entre outras coisas terríveis. E você sobrevive a tudo isso. Você vai ser amado por ter sobrevivido.

Por que será que, se fico de pé aqui e digo que tive um bom começo, vai parecer que estou me vangloriando? O que estou dizendo é que nada do que sou capaz é meu mesmo; ou foi herdado, ou outra pessoa me capacitou a chegar onde estou. A razão de isso soar como uma fanfarrice é que mc é impossível, como ser humano, acreditar que não fui eu que escolhi meus próprios pais. E aí eu digo: não fui esperto por ter feito tal escolha? Pode parecer idiota, mas estamos lidando com a natureza

humana, e em questões de crescimento e desenvolvimento humanos precisamos estar prontos para aceitar paradoxos; é possível conciliar aquilo que observamos como sendo verdade e aquilo que sentimos. Paradoxos não existem para serem resolvidos, mas para serem observados. É nesse ponto que começamos a nos sentir divididos em dois campos. Precisamos observar o que sentimos, e ao mesmo tempo usamos nosso cérebro para elaborar o que é isso que nos provoca sentimentos. Vamos adotar minha sugestão de que a totalidade da expressão de amor (pré-verbal) em termos de "segurar" e manusear tem uma significação vital para cada bebê em desenvolvimento. Então podemos dizer que. com base no que foi experimentado por um indivíduo, poderíamos ensinar, digamos, o conceito de braços eternos. Podemos usar a palavra "Deus" e formar um vínculo específico com a doutrina e a Igreja cristã, mas isso envolve uma série de passos. O ensinar aparece aqui como a base da capacidade de crer daquela criança particular. Se, no caso de o ensino ter ocorrido em bases morais, assumimos uma linha de tratar certas coisas como pecaminosas, até que ponto podemos ter certeza de não estar roubando a capacidade de a criança em crescimento chegar, *por si mesma,* a um senso pessoal de certo e errado, a partir de seu próprio desenvolvimento? Pode-se roubar um momento importantíssimo das pessoas quando o sentimento é: "Sinto um impulso para fazer isso e aquilo, mas também...", e aí elas chegam a alguma fase pessoal de desenvolvimento que poderia ter sido totalmente interrompida se alguém dissesse: "Não vá fazer nada disso, que está errado." Então, ou eles vão concordar, o que caracteriza uma desistência, ou vão desafiar, o que caracteriza uma situação onde ninguém sai ganhando e não há crescimento.

Do meu ponto de vista, o que vocês ensinam só pode ser implantado em capacidades que já estão presentes na criança, fundadas em experiências precoces e na continuidade de um "segurar" confiável, em termos de um círculo escolar e social cada vez mais amplo.

A imaturidade do adolescente

Trabalho apresentado no 21 Encontro Anual da British Student L[ealth Association, em Newcastle-upon- Tyne, 18 de julho de 1968

Observações preliminares

Minha abordagem em relação a esse assunto tão vasto deriva de minha experiência específica. As observações que eu porventura venha a fazer moldam-se na fôrma da atitude psicoterápica. Como psicoterapeuta, normalmente levo em consideração o seguinte:

— o desenvolvimento emocional do indivíduo;

— o papel da mãe e dos pais;

— a família como uma evolução natural em termos das necessidades infantis;
— o papel da escola e de outros grupos vistos como extensões da idéia da família e como alívio dos padrões familiares
estabelecidos;
— o papel especial da família em sua relação com as necessidades dos adolescentes;

— a *imaturidade do adolescente;*

— a aquisição gradual da maturidade pelo adolescente;
— a aquisição individual da identificação com agrupamentos sociais e com a sociedade, sem muita perda da espontaneidade individual;

— a estrutura da sociedade — sendo essa palavra usada como um substantivo coletivo, e a sociedade sendo composta de unidades individuais, maduras ou não;
— a abstração relativa à política. à economia, à filosofia e à cultura, vista como o auge dos processos de crescimento naturais;
— o mundo como uma superposição de milhões de padrões individuais, um sobre o outro.
A dinâmica é um processo de crescimento herdado por todo indivíduo. Parte-se do pressuposto de que houve um ambiente facilitador satisfatório, como condição *sine qua non* para o início do crescimento e do desenvolvimento individuais. Há genes que determinam padrões e tendências herdadas para o crescimento e a aquisição de maturidade; não há crescimento emocional, no entanto, a não ser em relação à provisão ambiental, que precisa ser satisfatória. Pode-se notar que a palavra "perfeito" não entra nessa frase. A perfeição pertence às máquinas, e as imperfeições próprias da adaptação humana às necessidades constituem uma característica essencial do meio ambiente facilitador.
A idéia da *dependência individual* é básica em tudo isso; no início, ela é quase absoluta e vai gradual e ordenadamente sofrendo alterações: de uma dependência relativa caminha para a independência. Esta não se torna absoluta, e o indivíduo visto como unidade autônoma não é, na realidade, independente do ambiente, ainda que existam maneiras pelas quais o indivíduo maduro possa se *sentir* livre e independente, ficando feliz por possuir uma identidade pessoal. A linha precisa entre o eu e o não-eu torna-se indefinida devido às identificações cruzadas.
Até o momento, enumerei várias seções de uma enciclopédia da sociedade humana, em termos de uma ebulição perpétua na superficie do caldeirão do crescimento individual, visto coletivamente e reconhecido como dinâmico. A parte que posso abordar aqui é necessariamente limitada, e por isso acho impor-

tante que o que vou dizer seja considerado em relação ao vasto pano de fundo da humanidade, humanidade que pode ser vista de muitos modos e em qualquer uma das extremidades de um telescópio.

Saúde ou doença?

Uma vez que eu deixe as generalidades de lado e me torne mais específico, preciso decidir se incluo isso ou excluo aquilo. Por exemplo: existe a questão da doença psiquiátrica individual. A sociedade inclui todos os seus membros individuais. A estrutura da sociedade é fornecida e mantida pelos seus membros saudáveis do ponto de vista psiquiátrico. No entanto, ela precisa conter os que são doentes — a sociedade, por exemplo, contém:

— os imaturos (em idade);

— os psicopatas (o produto final da privação pessoas que, *quando têm esperança*, precisam fazer com que a sociedade reconheça o fato de sua privação, seja de um objeto bom ou amado, seja de uma *estrutura* que pudesse ser confiável para agüentar as pressões que surgem do movimento espontâneo);

— os neuróticos (atormentados por motivações inconscientes e ambivalências);

— as pessoas de gênio instável (oscilando entre o suicídio e alguma outra alternativa, que pode incluir as mais altas realizações, em termos de contribuição);

— os esquizóides (que já têm estabelecido um trabalho para a vida inteira, ou seja, o estabelecimento deles mesmos, cada um como um indivíduo com senso de identidade e de se sentir real);

— os esquizofrênicos (que, ao menos durante os surtos, não podem se sentir reais e no mínimo podem realizar algo na base de viver por procuração).

A esses, temos que acrescentar a categoria mais incômoda
— que inclui muitas pessoas que se colocam em posições de autoridade ou responsabilidade , ou seja, os paranóides: aqueles que são dominados por um sistema de pensamento. Esse sistema deve ser constantemente exibido para explicar alguma coisa, sendo a alternativa (para o indivíduo que tem essa doença) uma aguda confusão de idéias, uma sensação de caos e a perda de qualquer previsibilidade.

Em toda descrição de doença psiquiátrica, ocorre uma superposição. As pessoas não se encaixam direitinho em grupos de doenças. E por isso que médicos e cirurgiões sentem tanta dificuldade em entender a psiquiatria. Eles dizem: "Vocês têm a doença e nós temos (ou vamos ter, em um ou dois anos) a cura." Nenhum rótulo psiquiátrico se enquadra nesse caso; menos ainda o rótulo de "normal" ou "saudável".

Poderíamos olhar a sociedade em termos da doença e considerar o fato de que seus membros doentes, de um modo ou de outro, exigem atenção; podemos observar como a sociedade se torna colorida pelos agrupamentos de doenças que começam nos indivíduos; ou, ainda, podemos examinar o modo pelo qual as famílias e as unidades sociais podem produzir indivíduos psiquiatricamente saudáveis, exceto quando elas, justamente as unidades a que eles pertencem, num certo momento os distorcem ou tornam incapazes.

Não optei por olhar a sociedade dessa forma. Optei por olhar para a sociedade *em termos de sua saúde*, ou seja, do crescimento e perpétuo rejuvenescimento que emana naturalmente da saúde de seus membros saudáveis do ponto de vista psiquiátrico. Digo isso mesmo sabendo que às vezes a proporção de membros não-saudáveis psiquiatricamente num grupo pode ser muito alta, de tal modo que os elementos saudáveis, ainda que em conjunto, não podem vencê-los. Aí, então, a própria unidade social torna-se um caso psiquiátrico. Pretendo conseqüentemente observar a sociedade como se ela fosse composta de pessoas psiquiatricamente saudáveis. Mesmo assim, a sociedade já tem problemas suficientes. E como!

Pode-se notar que não usei a palavra “normal”. Essa palavra está muito vinculada ao pensamento fácil. Acredito, no entanto, que a saúde psiquiátrica existe. Isso significa que me sinto justificado por estudar a sociedade (como outros já fizeram) em termos do crescimento individual em direção à plenitude pessoal. Adoto o seguinte axioma: já que não existe nenhuma sociedade que não seja formada, mantida e continuamente reconstruída senão por indivíduos, não há plenitude pessoal sem sociedade, e não há sociedade fora dos processos de crescimento coletivo dos indivíduos que a compõem. Precisamos aprender a parar de procurar pelo cidadão do mundo e nos contentarmos em achar, aqui e ali, pessoas cuja unidade social se estende para além da versão local de sociedade, ou além do nacionalismo, ou além dos limites de uma seita religiosa. Na verdade, precisamos aceitar o fato de que pessoas psiquiatricamente saudáveis dependem, para serem saudáveis e para sua plenitude pessoal, do fato de *serem leais a uma área limitada da sociedade;* talvez ao clube de bocha local. E por que não? Só se procurarmos Gilbert Murray* por toda parte é que fracassaremos.

Tese principal

Uma confirmação de minha tese me conduz de imediato às tremendas mudanças que ocorreram nos últimos cinqüenta anos no que diz respeito à importância da maternagem satisfatória. Isso inclui os pais, mas eles devem me permitir o uso da palavra “maternal” para descrever a atitude global em relação aos bebês e o cuidado a eles dispensado. O termo “paternal” tem, necessariamente, de chegar um pouco depois do termo “maternal”. Gradualmente, o pai torna-se um fator significativo enquanto homem. Depois vem a família, cuja base é a união de

pais e mães, compartilhando a responsabilidade por aquilo que fizeram juntos, aquilo que chamamos de um novo ser humano
—um bebê.
Deixem-me mencionar a provisão maternal. Hoje sabemos que é importante o modo pelo qual se promove o "segurar" e o manuseio do bebê, que é importante quem está cuidando do bebê — se é de fato a mãe ou outra pessoa. Em nossa teoria a respeito dos cuidados com a criança, a continuidade do cuidado tornou-se uma característica central do conceito de ambiente facilitador. Percebemos que é unicamente pela continuidade da provisão ambiental que o novo bebê em estado de dependência pode ter uma continuidade em sua linha de vida, e não um padrão de reação ao imprevisível e ao repetitivo.
Refiro-me aqui ao trabalho de Bowlby: a reação da criança de dois anos de idade à ausência da mãe (mesmo que temporária), caso se prolongue além da capacidade de o bebê manter viva sua imagem. Seu trabalho, ainda que precise ser explorado mais a fundo, obteve aceitação geral2. A idéia que subjaz a tal estudo se estende à questão da continuidade dos cuidados; remonta ao início da vida pessoal do bebê, antes mesmo que ele perceba objetivamente a mãe por inteiro, como pessoa.
Uma outra característica: na qualidade de psiquiatras de crianças, não estamos apenas preocupados com a saúde. Gostaria que isso valesse para toda a psiquiatria. Estamos preocupados com a riqueza da felicidade que se desenvolve na saúde e que *não se desenvolve* na doença psiquiátrica, mesmo quando os genes poderiam levar a criança em direção à plenitude.
t. Olhemos para os cortiços e para a pobreza não somente com horror, mas também atentando para a possibilidade de que, para um bebê ou uma criança, um cortiço pode ser mais seguro

e “melhor” como ambiente facilitador do que uma família com uma casa bonita, onde não existem as perseguições comuns3. Também podemos sentir que vale a pena levar em conta as diferenças essenciais entre os grupos sociais em termos de padrões e costumes. Tome-se, por exemplo, a prática de enfaixar os nenês, em contraste com a permissão de que a criança explore e chute, aceita quase que totalmente na sociedade tal como a conhecemos na Inglaterra. Qual é a atitude local em relação à chupeta, a chupar o dedo e aos exercícios auto-eróticos? Como é que as pessoas reagem às incontinências naturais dos primeiros meses de vida e à sua relação com a continência? E assim por diante. A fase de Truby King ainda está em processo de reabilitação pelos adultos que tentam dar a seus bebês o direito de descobrir uma moralidade pessoal, e podemos considerar isso como uma reação à doutrinação que vai ao extremo da permissividade total. Deve ficar claro que as diferenças entre os cidadãos brancos e negros, nos Estados Unidos, não são tanto uma questão de cor da pele, mas de alimentação ao seio. E incalculável a inveja da população branca alimentada em mamadeira em relação aos negros, que são, em sua maioria, acredito, alimentados ao seio.

Pode-se notar que estou preocupado com a motivação inconsciente, algo que não é um conceito inteiramente popular. Os dados de que necessito não podem vir de um formulário de computador. Não se pode programar computadores para que forneçam motivos que são inconscientes nos indivíduos que são as cobaias da investigação. É por isso que pessoas que passaram a vida fazendo psicanálise devem gritar em favor da sanidade, contra a crença insana em fenômenos superficiais que caracterizam as investigações computadorizadas dos seres humanos.

Mais confusão — Outra fonte de confusão é o pressuposto fácil de que, se pais e mães criarem bem seus bebês e crianças,

haverá menos problemas. Longe disso! Isso é fundamental para o meu tema, pois implica que, quando olhamos para a adolescência, onde os êxitos e as falhas dos cuidados ao bebê e à criança vêm à baila, alguns dos problemas que enfrentamos na atualidade têm relação com os elementos positivos da moderna educação de filhos e das atitudes modernas referentes aos direitos do indivíduo.

Se você fizer tudo o que pode para promover o crescimento pessoal de seus filhos, vai ter de ser capaz de lidar com resultados incríveis. Se seus filhos acabarem se encontrando, não vão se contentar senão em se encontrar em sua totalidade, e isso vai incluir a agressão e os elementos destrutivos em si próprios, assim como os elementos que podem ser rotulados como amor. Vai ser longa a luta que vocês terão de enfrentar.

Com alguns de seus filhos, vocês terão sorte se o que lhes ministraram rapidamente capacitá-los a usar símbolos, a brincar, a sonhar, a serem criativos de modo satisfatório, embora, mesmo assim, o caminho até chegar a esse ponto possa estar cheio de pedras. E, seja lá como for, vocês vão cometer erros, e esses erros serão vistos e sentidos como desastrosos, e seus filhos tentarão fazer com que vocês se sintam responsáveis pelos reveses mesmo quando vocês não forem responsáveis. Eles simplesmente dizem: “Não pedi para nascer.”

A recompensa de vocês vem na riqueza que vai aparecendo gradualmente no potencial que cada menino ou menina tem. Se você tiver êxito, precisa estar preparado para ficar enciumado de seus filhos, que estão tendo melhores oportunidades de desenvolvimento pessoal que as que você teve. Você vai se sentir recompensado se algum dia sua filha pedir que você cuide do bebê dela, numa indicação de que ela acha que você é capaz de fazer isso de modo satisfatório, ou se de alguma maneira seu filho quiser ser igual a você, ou se apaixonar por uma garota que você mesmo teria apreciado, se fosse mais jovem. As recompensas chegam *indiretamente.* É claro que você sabe que não receberá agradecimentos.

Vou passar agora a recolocar essas questões conforme elas afetam a tarefa dos pais quando as crianças estão na puberdade, ou vivendo as angústias da adolescência.

Ainda que muita coisa esteja se publicando sobre os problemas individuais e sociais que apareceram nesta década, onde quer que os adolescentes estejam livres para se expressar, pode haver espaço para comentários pessoais sobre o conteúdo das fantasias adolescentes.

Quando chega a adolescência, meninos e meninas emergem de modo irregular e desajeitado da infância e da dependência, em direção ao estado de adultos. Crescer não depende apenas de tendências herdadas; também é uma questão de entrelaçamento complexo com o ambiente facilitador. Se a família ainda puder ser utilizada, será utilizada em larga medida. Se a família não estiver mais à disposição, nem que seja para ser posta de lado (uso negativo), então é necessário prover pequenas unidades sociais para conter o processo de crescimento do adolescente. Na puberdade, reaparecem os mesmos problemas que estiveram presentes nos primeiros estágios, quando as crianças eram bebês ou criancinhas relativamente inofensivas. Vale notar que não é por ter procedido bem no início, ou ainda por estar procedendo da mesma maneira agora, que você vai contar com um funcionamento tranqüilo da máquina. Na verdade, você pode esperar problemas. Certos problemas são inerentes a esses estágios posteriores.

E muito útil comparar idéias da adolescência com as da infancia. Se o que existe na fantasia do crescimento primitivo é *morte*, então na fantasia adolescente existe *assassinato.* Mesmo quando o crescimento no período da puberdade continua sem maiores crises, a pessoa pode precisar lidar com problemas graves, pois crescer significa tomar o lugar dos pais. *E realmente ofaz.* Na fantasia inconsciente, a agressividade é inerente ao crescer. E a criança não tem mais o tamanho de uma criança.

Acredito que seja tanto útil como legítimo analisarmos o jogo “Eu sou o Rei do Castelo”. Esse jogo diz respeito ao elemento masculino em meninos e meninas (o tema também poderia ser colocado em termos do elemento feminino em meninas e meninos, mas não posso fazer isso aqui). Esse é um jogo do início do período de latência, e na puberdade transforma-se numa situação de vida.

“Eu sou o Rei do Castelo” é a afirmação de um estado pessoal. É uma aquisição que corresponde ao crescimento emocional do indivíduo. É uma posição que implica a morte de todos os rivais ou a instalação da dominância. As seguintes palavras demonstram o ataque esperado: “Você é um sujeitinho nojento” (ou “Desce daí, seu sujeitinho nojento”). Nomeie seu rival e saberás quem és. E logo o patife sem-vergonha nocauteia o Rei e torna-se Rei. Os Opies referem-se a esse verso. Dizem que o jogo é antiqüíssimo, e que Horácio (20 a.C.) registra as seguintes palavras das crianças:

Rex erit qui recte faciet;
Qui non facient, non erit.4

Não achamos que a natureza humana tenha se alterado. Mas precisamos considerar aquilo que é eterno no efëmero. Precisamos traduzir esse jogo infantil para a linguagem da motivação inconsciente da adolescência e da sociedade. Se a criança está se tornando adulta, é às custas do corpo morto de um adulto que essa mudança é conseguida (suponho que o leitor sabe que estou me referindo à fantasia inconsciente, ao material que subjaz ao brincar). É claro que meninos e meninas podem dar um jeito de atravessar essa fase por meio de uma série de acordos com os pais e sem necessariamente manifestar rebelião em casa. No entanto, é prudente lembrar que a rebelião pertence à

liberdade que vocês deram a seus filhos, quando os criaram de modo a que eles existissem por si próprios. Poder-se-ia dizer, em alguns momentos: "Você semeou um bebê e colheu uma bomba." A rigor, isso é sempre verdade, mas nem sempre aparece assim.

Nas fantasias inconscientes como um todo, referentes ao crescimento durante a puberdade e na adolescência, existe a *morte de alguém.* Boa parte delas pode ser enfrentada através do jogo, de deslocamentos e a partir de identificações cruzadas; na psicoterapia do adolescente (falo como psicoterapeuta), no entanto, encontra-se a morte e o triunfo pessoal como algo inerente ao processo de maturação e aquisição do nível adulto. Isso torna as coisas dificeis para pais e tutores. Vocês podem ter certeza de que a situação é dificil também para os próprios adolescentes, que chegam com timidez ao assassinato e ao triunfo relacionados à maturação, nessa fase crucial. Pode ser que o tema inconsciente se torne manifesto através de um impulso suicida, ou mesmo do suicídio em si. Os pais não podem fazer muita coisa; o melhor que têm a fazer é *sobreviver,* sobreviver inatos, sem mudar de cor, sem negar qualquer princípio importante. Isso não quer dizer que eles mesmos não possam crescer.

Há uma certa taxa de mortalidade na adolescência, e uma certa taxa de maturidade em termos de sexo e casamento; talvez eles se tornem pais como os próprios pais. Mas, em algum lugar, subjaz uma luta de vida ou morte. Isso tem que acontecer. A situação perde em muito sua riqueza caso se tenha êxito em evitar com facilidade o embate dc armas.

Isto me conduz ao ponto principal: o dificil aspecto da *imaturidade* do adolescente. Adultos maduros precisam saber disso e precisam acreditar em sua própria maturidade como nunca.

Pode-se perceber que é dificil dizer essas coisas sem que haja mal-entendidos,já que podem muito facilmente soar como conversa vulgar sobre imaturidade. Só que não é essa a intenção.

Uma criança de qualquer idade (digamos, seis anos) pode de repente sentir necessidade de se tornar responsável, talvez

devido à morte de um dos pais ou ao rompimento da família. Uma criança assim pode ficar prematuramente velha e perder a espontaneidade, os jogos e o impulso criativo despreocupado. Um adolescente pode se encontrar nessa posição com muita freqüência: se vê de repente diante do voto ou da responsabilidade dc terminar uma faculdade. É claro que, se as circunstâncias se alterarem (por exemplo, você fica doente, ou morre, ou está com dificuldades financeiras), então não pode evitar que surja o convite ao menino ou à menina para que se torne um agente responsável antes do tempo; talvez os irmãos mais novos tenham que receber cuidados ou educação, ou pode haver uma necessidade absoluta de dinheiro para sobreviver. É diferente, no entanto, quando, como fruto de uma política deliberada, os adultos transferem responsabilidades; realmente, tal ato pod representar uma espécie de abandono num momento crítico. Em termos do jogo, ou do jogo da vida, você abdica justamente quando o adolescente vai te matar. Alguém fica feliz? Sem dúvida, o adolescente não fica; e é ele que agora se tornou o *establishment.* Toda atividade imaginativa, todo impulso de imaturidade se perdem. A rebelião não faz mais sentido, e o adolescente que ganha o jogo muito depressa logo é apanhado em sua própria armadilha; tem que se tornar ditador, tem que ficar aguardando ser assassinado — ser morto não por uma nova geração de seus próprios filhos, mas por irmãos. Naturalmente, ele procura controlá-los.
Essa é uma das muitas situações em que a sociedade ignora a motivação inconsciente, colocando-se em risco. Com certeza o material diário do trabalho do psicoterapeuta poderia ser um pouco utilizado pelos sociólogos e políticos, assim como por pessoas comuns que sejam adultas — ou seja, adultas em sua limitada esfera de influência, mesmo que nem sempre o sejam na vida privada.
Estou afirmando (dogmaticamente, em função da brevidade) que o adolescente é *imaturo.* A imaturidade é um elemento essencial da saúde durante a adolescência. Só existe uma cura

para a imaturidade — a *passagem do tempo* e o crescimento para a maturidade que o tempo pode trazer. No fim, essas duas coisas resultam na emergência de uma pessoa adulta. Não se pode apressar nem retardar esse processo, ainda que ele possa ser interrompido ou destruído, ou degenerar em doença psiquiátrica.

Penso numa garota que se manteve em contato comigo através da adolescência. Ela não estava em tratamento. Aos quatorze anos, revelava tendências suicidas. Todos os estágios que atravessou foram marcados por poemas. Eis aqui um, bem curto, da época em que ela estava começando a emergir dessa tendência:

Ifonce you're hurt — withdraw your hand
Vow not to speak those words;
And then beware or loving unaware
You'll find your hand outstretched again.*

Portanto, ela não está apenas passando de uma fase suicida para outra; no final às vezes há uma pitada de esperança. Hoje, aos vinte e três anos, essa jovem fundou seu próprio lar, descobriu os primórdios de um lugar na sociedade e tornou-se capaz de depender de seu parceiro. Ela não somente ama seu lar e seu filho, mas também foi capaz de integrar aquela tristeza, ao descobrir seu caminho, e de encontrar uma nova maneira de se reconciliar com seus pais, sem perder a própria identidade. A passagem do tempo fez isso tudo.

Penso num menino que não conseguia se ajustar às restrições de uma escola bastante razoável. Fugiu para o mar, evitando assim ser expulso. Durante alguns anos, exerceu consideráveis pressões sobre sua mãe, mas ela assumiu a responsabilidade em relação a ele. Depois de certo tempo, voltou e entrou na universidade, onde se saiu muito bem pelo fato de conhecer

línguas de que ninguém jamais ouvira falar. Passou por vários empregos antes de se fixar numa carreira. Acredito que ele tenha se casado, mas não tenho a intenção de dizer que o casamento seja a solução total — embora o casamento freqüentemente indique o início de uma socialização. Essas duas histórias são comuns e, ao mesmo tempo, extraordinárias.

A imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Ela contém as características mais fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e desconhecidos, idéias para um modo de vida diferente. A sociedade precisa ser chacoalhada pelas aspirações de seus membros não-responsáveis. Se os adultos abdicam, os adolescentes tornam-se adultos prematuramente, mas através de um processo falso. Um conselho à sociedade. para o bem dos adolescentes e de sua imaturidade: não permitir que eles queimem etapas e adquiram uma falsa maturidade através da transferência de responsabilidades que não são deles, ainda que eles lutem por elas.

Com a garantia de que os adultos não vão abdicar, certamente podemos considerar o ímpeto dos adolescentes para se encontrar e determinar seu próprio destino como a coisa mais excitante que podemos ver no mundo que nos rodeia. A idéia adolescente de uma sociedade ideal é estimulante e excitante, mas o problema é que a adolescência é imatura e irresponsável. Esse aspecto, o mais sagrado de toda a adolescência, dura apenas alguns anos, e é uma característica que precisa ser perdida à medida que se alcança a maturidade.

Estou sempre lembrando a mim mesmo: é a sociedade que carrega, perpetuamente, esse estado de adolescência, e não o rapaz ou a moça que, infelizmente, se transformam em adultos em poucos anos e se identificam muito precocemente com algum tipo de estrutura onde novos bebês novas crianças e novos adolescentes podem ficar livres para ter visões, sonhos e novos planos para o mundo.

O triunfo diz respeito a essa aquisição de maturidade através do processo de crescimento. O triunfo não tem relação com

a falsa maturidade, baseada na personificação fácil de um papel adulto. Fatos terríveis se encerram nessa afirmação.

A natureza da imaturidade

É necessário considerar por um momento a natureza da imaturidade. Não podemos esperar que o adolescente esteja cônscio de sua própria imaturidade, ou que conheça as características da imaturidade. Nem é necessário que ele as entenda. O que importa é que os desafios da adolescência sejam enfrentados. Quem deve enfrentá-los?

Confesso que me sinto ultrajando o assunto ao falar sobre ele. Quanto mais fácil a verbalização, menos efeito se obtém. Imagine alguém dizendo a adolescentes: "A parte mais excitante de vocês é sua imaturidade." Isso seria um exemplo grosseiro de como não enfrentar o desafio adolescente. Pode ser que a frase "enfrentar o desafio" represente um retorno à sanidade, pois o *entendimento* foi substituído pelo *confronto.* Usa-se aqui a palavra "confronto" para indicar um adulto que se mantém firme e reivindica o direito de ter um ponto de vista pessoal, alguém que pode ter o apoio de outros adultos.

***O** potencial na adolescência* — Observemos que tipo de coisa os adolescentes não conseguiram.

As mudanças da puberdade ocorrem em idades diversas, mesmo em crianças saudáveis. Os rapazes e as moças nada podem fazer além de esperar por elas. Tal espera impõe uma pressão considerável sobre todos, especialmente sobre aqueles cujo desenvolvimento é mais tardio. Estes podem acabar imitando os que se desenvolveram mais cedo, situação que conduz a um falsa maturação, cuja base é a identificação, e não o processo inato de crescimento. De qualquer maneira, a mudança sexual não é a única. Há uma mudança em direção ao crescimento fisico e à aquisição de força real; portanto, há um perigo

real que dá novo significado à violência. Junto com a força vem a esperteza e o conhecimento prático.

E só com o passar do tempo e com a experiência de vida que o menino e a menina podem aceitar a responsabilidade por tudo o que ocorre no mundo da fantasia pessoal. Enquanto isso, há uma suscetibilidade extrema à agressão, que se manifesta na forma de suicídio; ou então a agressão se transforma numa busca por perseguição, que é uma tentativa de sair da loucura de um sistema persecutório delirante. Onde a perseguição é esperada delirantemente, há o risco de que ela seja provocada, numa tentativa de evasão da loucura e do delírio. Um jovem (ou uma jovem) psiquiatricamente doente, com um delírio bem estruturado, pode inflamar um sistema de pensamento grupal e levar a episódios que se baseiam em perseguição *provocada.* Uma vez alcançada a deliciosa simplificação de uma posição persecutória, a lógica não tem mais validade.

No entanto, a pressão mais dificil de todas é a que se refere à fantasia *sexual inconsciente* e à rivalidade associada à escolha objetal.

O adolescente, ou o menino ou a menina que ainda estão em processo de crescimento, ainda não pode assumir responsabilidade pela crueldade, pelo sofrimento, pelos homicídios e assassinatos que o panorama mundial oferece. Isso poupa o indivíduo que se encontra nesse estágio de uma reação extrema contra a agressão pessoal latente, ou seja, o suicídio (uma aceitação patológica da responsabilidade por todo o mal que existe ou poder ser imaginado). Parece que o sentimento de culpa latente que existe no adolescente é terrível. Gastam-se anos para o desenvolvimento, no indivíduo, da capacidade de descobrir, no *self* o equilíbrio entre o bem e o mal, e entre o ódio e a destruição que acompanham o amor dentro do *self* Nesse sentido, a maturidade corresponde à vida posterior, e não se pode esperar que o adolescente enxergue além do estágio seguinte, o período em torno dos vinte anos.

Às vezes se assume que meninos e meninas que, como se diz, “pulam de cama em cama” e que mantêm relações sexuais

(e talvez tenham uma gravidez ou duas) alcançaram a maturidade sexual. Eles mesmos sabem que isso não é verdade, e começam a desprezar o sexo como tal. É fácil demais. A maturidade sexual tem que incluir toda a fantasia sexual inconsciente, e o indivíduo, em última análise, precisa ser capaz de aceitar tudo o que aparece na mente junto com a escolha objetal, a consciência objetal, a satisfação sexual e o entrelaçamento sexual. E há também o sentimento de culpa, que é apropriado em termos da fantasia inconsciente como um todo.

Construção, reparação, restituição — O adolescente ainda não pode conhecer a satisfação proveniente da participação num projeto que precisa incluir a característica da confiança. O adolescente não pode avaliar o quanto o trabalho diminui o sentimento pessoal de culpa (que se refere a impulsos agressivos inconscientes, intimamente vinculados ao relacionamento objetal e ao amor), em função de sua contribuição social, e assim ajuda a diminuir o medo interno, além do grau de impulso suicida e a propensão a acidentes.

Idealismo — Pode-se dizer que uma das características excitantes dos adolescentes é seu idealismo. Eles ainda não se familiarizaram com a desilusão, e o corolário disso é que estão livres para construir planos ideais. Por exemplo: estudantes de arte podem ver que é possível ensinar bem arte, e portanto reivindicam que se ensine arte corretamente. E por que não? E que eles não levam em conta que existem poucas pessoas que podem ensinar arte direito. Ou então eles vêem que as instalações fisicas são inadequadas, exíguas e poderiam ser melhoradas, e então gritam. Os outros que encontrem dinheiro para isso. “Pois bem”, dizem, “abandonem os programas de armamentos e utilizem o dinheiro na construção de uma nova universidade.” Não cabe ao adolescente ter uma visão a longo prazo, própria daqueles que atravessaram várias décadas e estão começando a ficar velhos.

Tudo isso é absurdamente simplificado. Omite a importância primordial da amizade. Omite uma defesa da posição daqueles que vivem sem casamento ou cujo casamento é adiado. E deixa de lado o problema da bissexualidade, que acaba se resolvendo, embora nunca de modo completo, em termos de escolha e constância objetal. Também é considerado ponto pacífico grande parte do que se refere à teoria do brincar criativo. Além disso, existe a herança cultural; não se pode esperar que, na adolescência, o menino ou a menina médios tenham mais do que uma vaga idéia da herança cultural do homem; as pessoas têm que trabalhar duro só para saber que ela existe. Aos sessenta anos, aqueles que hoje são rapazes e moças vão ficar sem fôlego, tentando recuperar o tempo perdido na perseguição das riquezas da civilização e de seus subprodutos acumulados.

O principal é que a adolescência é mais do que a puberdade fisica, ainda que esteja muito baseada nela. Adolescência implica crescimento, e esse crescimento leva tempo. Ainda que ocorra crescimento, a *responsabilidade é dever das figuras parentais.* Se elas abdicam, os adolescentes são obrigados a um salto para a falsa maturidade, perdendo sua maior riqueza: a liberdade de ter idéias e agir por impulso.

Sumário

Resumindo, é excitante que a adolescência seja participante e tenha voz ativa, mas o esforço que o adolescente faz para se sentir acima de todas as necessidades do mundo precisa ser enfrentado; é necessário que se lheS forneça realidade, por meio de um ato de confronto. Esse confronto tem que ser pessoal. Os adultos são necessários para que os adolescentes tenham vida e vivacidade. A confrontação refere-se à contenção que não é retaliadora, que não contém vingança, mas que tem força própria. É salutar lembrar que o estudante turbulento e sua manifestação podem ser, em parte, produto de uma atitude

que temos orgulho de ter conseguido através dos cuidados dispensados ao bebê e à criança. Deixe que o jovem altere a sociedade e ensine o adulto a ver o mundo de modo totalmente novo; mas, se houver desafio por parte do menino ou da menina em crescimento, deixe que um adulto enfrente o desafio. E ele não vai ser necessariamente agradável.
Na fantasia inconsciente, essas são questões de vida ou morte.

Terceira Parte
Reflexões sobre a sociedade

O pensar e o inconsciente

Artigo escrito para o Liberal Magazine, março de 1945

Em minha mente, o Partido Liberal está vinculado ao uso do cérebro e à tentativa de pensar nas coisas; com toda certeza é por isso mesmo que ele tende a atrair aqueles cujo trabalho envolve familiaridade com a ciência pura. É natural que os cientistas desejem transportar para a política algo de sua própria disciplina. Ocorre, no entanto, que nos assuntos humanos o pensamento não passa de um delírio, a menos que se leve em conta o inconsciente. Refiro-me aos dois significados da palavra, ou seja, "inconsciente" significando algo profundo e não facilmente disponível, e também significando algo reprimido, ou mantido não-disponível, pela dor referente à aceitação de que ele faz parte do self

Os sentimentos inconscientes governam os corpos das pessoas em momentos críticos, e quem pode decidir se isso é bom ou mau? É apenas um fato, que deve ser levado em conta o tempo todo por políticos racionais para se evitarem choques desagradáveis. Na realidade, homens e mulheres que pensam só podem se libertar com segurança no campo do planejamento, se se instruírem nessa questão do entendimento verdadeiro dos sentimentos inconscientes.

Os políticos estão, como os artistas, acostumados a escavar nas profundezas de modo intuitivo, descobrindo e trazendo

à luz os fenômenos terríveis e maravilhosos que dizem respeito à natureza humana. Contudo, o método intuitivo tem suas falhas; uma das maiores é que é impossível esperar que as pessoas intuitivas possam falar sobre as coisas que "cQnhecem" com tanta facilidade. Acho que sempre vamos preferir ouvir os pensadores falarem sobre o que estão pensando do que as pessoas intuitivas falarem sobre o que sabem. No entanto, no momento de planejarmos nossa vida, que Deus nos ajude se os pensa- dores assumirem tal encargo. Em primeiro lugar, eles, no final das contas, raramente acreditam na importância do inconsciente, e em segundo, mesmo que acreditem, a compreensão que o homem possui da natureza humana ainda não é tão completa que nos capacite a substituir totalmente os sentimentos pelo pensamento. O perigo é que os pensadores fazem planos que parecem maravilhosos. Cada falha é manejada, à medida que aparece, com mais uma brilhante demonstração de raciocínio, e no final um pequeno detalhe que foi deixado de lado, por exemplo, a COBIÇA, desaloja a obra-prima da construção racional. O resultado é uma nova vitória da irracionalidade, com sua conseqüência: um incremento na desconfiança que o público tem da lógica.

Em minha visão pessoal, a economia, do modo como ela cresceu e nos tem sido apresentada na Inglaterra nos últimos vinte anos, constitui um triste exemplo dessa questão. Pois, em termos de um pensamento claro em relação a um assunto de complexidade quase que infinita, os economistas são imbatíveis. E o pensamento foi necessário. No entanto, para alguém cujo trabalho o mantém o tempo todo em contato com o inconsciente, a economia muitas vezes parece uma ciência da Cobiça, na qual toda e qualquer menção à Cobiça é banida. Escrevo cobiça com letra maiúscula porque me refiro a algo além do que aquilo que faz com que as crianças apanhem. Estou me referindo à Cobiça, o impulso amoroso primitivo, a coisa que todos temos terror de admitir como nossa, mas que é básica em nossa natureza, sem a qual nada podemos fazer, a

menos que desistamos de nossa aspiração à saúde fisica e mental. Minha sugestão para uma economia saudável é que ela reconheça tanto a existência quanto o valor (assim como o perigo) da Cobiça pessoal e coletiva, e tente fazer bom uso dela. A economia malsã, por outro lado, tem a pretensão de que a Cobiça só existe em certos indivíduos patológicos, ou gangues de indivíduos desse tipo, e presume que tais indivíduos possam ser exterminados ou trancafiados; essa economia se constrói a partir de tal postulado. Se essa suposição é falsa, muito da economia astuciosa é apenas astuciosa; ou seja, é muito divertida de ler, mas é perigosa como alicerce de um planejamento.
O inconsciente pode ser um incômodo terrível para os pensadores, do mesmo modo que o amor para os bispos.

O preço de desconsiderar a pesquisa psicanalítica

Palestra proferída na Conferência Anual da National Association for Mental Health, intitulada "O preço da saúde mental", no Assembly Hail, Church House, Westminster, 25 de fevereiro de 1965

Para termos uma idéia do preço que pagamos por negligenciar os achados da pesquisa psicanalítica, precisamos nos indagar primeiro sobre a natureza da pesquisa psicanalítica. Será que justamente aqui a ciência se divide em pesquisas aceitáveis e pesquisas que dizem respeito ao inconsciente? Uma consideração importante precisa ser feita: não se deve esperar que o público em geral esteja interessado em motivações inconscientes.

Pode-se dizer que existem dois caminhos para a verdade: o poético e o científico. Os dados de pesquisa se relacionam com a abordagem cientifica. *A* pesquisa científica, que pode ser um trabalho imaginoso e criativo, está atrelada a um objeto limitado, ao resultado do experimento e à predição.

O vínculo entre a verdade poética e a verdade científica se encontra, com certeza, nas pessoas — em mim e em você. O poeta que há em mim alcança a verdade num lampejo, e o cientista que há em mim busca uma faceta da verdade; o cientista alcança o objetivo imediato e, na medida em que o faz, apresenta-se um novo objetivo.

A verdade poética tem certas vantagens. Para o indivíduo, a verdade poética oferece satisfações profundas, e na nova expressão de uma velha verdade existe a possibilidade de uma nova experiência criativa, em termos da beleza. É muito dificil, no

entanto, usar a verdade poética. Trata-se de uma questão de sentimentos, e nem todos sentem a mesma coisa em relação a um determinado problema. Através da verdade científica, que tem um objetivo limitado, esperamos fazer com que pessoas que usam a mente e podem ser influenciadas por considerações intelectuais cheguem a um acordo em certas áreas. Na poesia, algo verdadeiro se cristaliza; para planejar nossa vida, precisamos da ciência. Só que a ciência se equivoca no problema da natureza humana, e tende a perder de vista o ser humano como um todo.

Eu estava pensando nisso enquanto olhava pela TV o funeral de Sir Winston Churchill. O que me deixou exausto, enquanto eu lá me encontrava, comodamente sentado, foi o peso do caixão e a pressão suportados em nome de todos nós por aqueles oito carregadores. O fardo da cerimônia repousava nos ombros daqueles homens, que haviam sido ornamentados de modo apropriado. A TV nos relatou histórias íntimas a respeito do quase colapso de um ou outro carregador, e correu um boato de que o caixão, revestido de chumbo, pesava meia tonelada, depois reduzida para um quarto.

Bem, eu conheci um inventor, um homem que fazia ciência aplicada: ele teve uma idéia. Inventou um caixão muito leve e tentou colocá-lo no mercado. Se esse homem tivesse consultado uma dúzia de psicanalistas, descobriria que todos concordariam em dizer que o peso sustentado pelos carregadores é o peso da culpa inconsciente, um símbolo da dor. Um caixão leve implica uma negação da tristeza, conseqüentemente, uma falta de seriedade.

É verdade que qualquer pessoa sensível poderia ter reagido a isso de modo poético. Considere agora, no entanto, um comitê de planejamento composto de servidores civis de alto nível, às voltas com um funeral oficial. Na área do processo intelectual de grau superior, é necessário encontrar uma alternativa para a verdade poética — é a isso que se dá o nome de pesquisa científica. Seria preciso invocar a ciência, e o primei-

ro experimento científico seria ligado às modificações de pressão sangüínea de homens que carregam grandes pesos. Uma centena de projetos afloram à mente. Mas (e esta é a questão) será que esses projetos, se combinados, nos levariam ao conceito de simbolismo inconsciente e à tristeza? É para aí que a psicanálise nos conduz. Preciso perguntar: como se poderia usar a investigação psicanalítica? Que tipo de investigação poderia ser chamada de pesquisa psicanalítica?

(Acho que devo ignorar tudo aquilo que os psicanalistas escreveram uns para os outros.)

A pesquisa psicanalítica não pode ser restringida ao padrão que se adapta à pesquisa nas ciências fisicas. Todo analista faz pesquisa, mas não uma pesquisa planejada enquanto tal, pois o analista precisa seguir necessidades que se modificam e os objetivos da pessoa em análise. Esse fato nunca pode ser ocultado, O tratamento do paciente não pode ser adiado por necessidades de pesquisa, e jamais se pode repetir o contexto da observação, O melhor é que o analista volte a examinar o que aconteceu, relacione isso com a teoria e modifique a teoria de modo apropriado.

Não há dúvida de que se poderia delinear um projeto de pesquisa; posso apresentar um plano agora: um pesquisador adequado, com um conhecimento operante da teoria do crescimento humano, poderia visitar formalmente dez analistas, munido de honorários e de uma única pergunta, que bem poderia ser: como é que a idéia do PRETO apareceu no material das análises que vocês realizaram no mês passado?

Poder-se-ia escrever um trabalho valioso sobre esse material, que incluiria a idéia do preto como ela aparece nos sonhos dos pacientes e no brincar das crianças. Essa idéia revelaria algo do simbolismo que ela carrega, e as reações inconscientes que as várias pessoas têm em relação ao preto. A segunda pergunta poderia ser: será que suas observações confirmam a teoria psicanalítica corrente ou elas solicitam uma modificação da teoria? Um resultado poderia ser a descoberta de que ainda há

muita coisa desconhecida a respeito do significado do preto no inconsciente. Mas também há muita coisa conhecida e que está esperando para ser divulgada.

Qual é o preço de se ignorar essa pesquisa que poderia ser feita com tanta facilidade? Um preço muito alto é que vai continuar havendo o desentendimento das pessoas de pele branca em relação às de pele negra, e dos milhões de negros em relação aos brancos. Qual é o preço de nosso desperdício sistemático da observação sistemática daquilo que está sendo feito por todo analista praticante que está atento enquanto trabalha?

Ainda se vai perceber que a pesquisa psicanalítica tem pouco a fazer com ratos e cachorros, ou com jogos de salão, ou com avaliações e conclusões estatísticas, O material da pesquisa psicanalítica é essencialmente o ser humano... sendo, sentindo, agindo, relacionando-se e contemplando.

Para mim, a pesquisa analítica é a experiência coletiva de analistas, que só precisa ser organizada de modo inteligente. Cada um de nós realizou uma quantidade tremenda de observações detalhadas e estamos transbordando de conhecimento — e ele está sendo desperdiçado. Contudo, nosso trabalho se refere à motivação inconsciente, e isso nos afasta dos planejadores. Para encontrar um público que leia seus achados, o cientista (em assuntos humanos) precisa, infelizmente, ignorar o inconsciente.

Talvez devêssemos aceitar o fato de que a motivação inconsciente não é o prato preferido da sociedade, exceto quando ele se cristaliza em alguma forma de arte. Aceitando isso, podemos encarar de novo a questão: que preço pagamos…? E responder que pagamos o preço de permanecer onde estamos, joguetes da economia, da política e do destino. Pessoalmente, não tenho queixas.

Segue-se uma enumeração de exemplos significativos da reação negativa da sociedade à união entre o conceito de inconsciente e a investigação científica, e eu os forneço sem ter a menor idéia de que uso possa ser feito deles. Não tenho que provar aqui que a psicanálise é a melhor forma de tratamento.

Sem dúvida, a psicanálise fornece uma forma única de preparo para o analista; isso ocorre mesmo que um caso fracasse enquanto procedimento terapêutico. Se eu estiver correto no tema simples que estou abordando no presente estudo, então um treinamento e uma prática em psicanálise poderiam ser altamente valorizados quando um homem ou uma mulher desejam se preparar para lidar com seres humanos, sejam eles saudáveis ou doentes.

Permitam-me supor que, em vez de inquirir a respeito do "preto", os pesquisadores fossem perguntar sobre a guerra, a bomba e a explosão populacional.

Guerra. A discussão do valor inconsciente da guerra é praticamente um tabu para indivíduos ou grupos. No entanto, caso se deixe isso de lado, com certeza o preço será nada menos do que o desastre de uma terceira guerra mundial.

Á bomba. Poder-se-ia examinar o simbolismo inconsciente da fisica termonuclear e sua aplicação em termos de bombas. São os analistas que se ocupam de casos limítrofes (personalidades esquizóides) que dispõem de informação nesse campo. Estou pensando na bomba como um exemplo, dentro da fisica, daquilo que em psicologia dinâmica se denomina desintegração da personalidade.

Explosão populacional. A explosão populacional geralmente é estudada em termos da economia, mas há mais que pode ser dito e o assunto não se esgota na palavra "sexualidade". Com toda certeza, as dificuldades no controle da superpopulação aparecem na prática psicanalítica diária. Mas, como eu já disse, o psicanalista tem que aprender a ocultar aquilo que aprende, se resignar diante do fato de que ninguém quer saber o que um exame pessoal e intenso revela acerca dos sentimentos humanos.

Permitam-me olhar por um instante o vasto território da psiquiatria, ainda que eu não seja, estritamente falando, um psiquiatra.

A psiquiatria de adultos

Em certos hospitais e clínicas para doentes mentais adultos, os psiquiatras têm acrescentado, à sua moderna atitude humana, uma tentativa de aplicar descobertas psicanalíticas. Outros hospitais se contentam com a atitude humana, dificil o suficiente por si mesma, quando centenas e até milhares de pacientes ficam confinados numa instituição.

Existe uma considerável contribuição para o entendimento dos fenômenos depressivos que está esperando ser levada do campo psicanalítico para o campo psiquiátrico. Um aspecto disso (escolho apenas um detalhe) poderia ser a necessidade que as pessoas deprimidas têm de que se lhes permita ficarem deprimidas e serem mantidas vivas e cuidadas durante um período de tempo em que possam resolver seus próprios conflitos íntimos, com ou sem psicoterapia.

Às vezes pode-se ter nostalgia da palavra "asilo", se ela pudesse ter o significado de um refúgio, para onde certos tipos de pacientes depressivos pudessem retirar-se em busca de abrigo. O preço, aqui, tem que ser medido em termos de sofrimento humano e desperdício. Um detalhe prático é que o público deveria aceitar o suicídio como um acontecimento triste, e não encará-lo como indicativo de alguma negligência do psiquiatra. A ameaça de suicídio é uma espécie de chantagem, que faz com que o psiquiatra jovem superproteja e forneça um super- tratamento ao paciente, interferindo com o manejo humano do caso depressivo comum.

Um assunto muito mais controverso, como vocês podem constatar se ficarem para ouvir o aspecto biológico hoje, é o da pesquisa da esquizofrenia, especialmente quando muitos ensinam que a esquizofrenia é uma doença, resultado de herança e de uma disfunção bioquímica. Pesquisas nessa linha recebem pleno apoio. No entanto, aqui também existe uma contribuição a ser dada pela psicanálise. Em função de erros de diagnóstico, os psicanalistas têm sido forçados a estudar pessoas esquizói-

des e começam a ter coisas a dizer sobre pessoas que lhes trazem uma sintomatologia esquizóide. Nesse trabalho do psicanalista, a esquizofrenia aparece como um distúrbio da estruturação da personalidade.

Feliz do psicanalista que tem algum amigo psiquiatra que recebe e cuida de seus pacientes analíticos quando eles entram em surto e ainda convida o analista a continuar assumindo o tratamento, quer dizer, o aspecto psicoterapêutico do tratamento. Uma grande quantidade de pesquisa psicanalítica já foi suspensa por causa de suspeitas mútuas entre psiquiatras e psicanalistas. O valor da atividade interdisciplinar nesse campo não pode ser medido exatamente em termos de cura, mas em termos da formação do psiquiatra e do psicanalista.

De modo geral, a tendência da psicanálise é relacionar a etiologia da esquizofrenia com uma reversão do processo de maturação da primeira inifincia, na época cm que a dependência absoluta é um fato. Isso poderia trazer a esquizofrenia para a esfera da luta humana universal e poderia afastá-la da dimensão do processo específico de uma doença. O mundo médico precisa urgentemente desse fragmento de sanidade, pois as doenças que surgem da luta humana não deveriam ser agrupadas junto com distúrbios que são secundários a processos degenerativos.

Não posso me referir ao meu próprio campo, a psiquiatria infantil, pois, para fazer uma condensação que me satisfizesse, seria necessário um livro inteiro.

A prática médica

Há uma área tão vasta de interação entre o campo da prática médica e o da psicanálise que não posso fazer mais do que uma breve referência a ela. A mesma integração que se faz necessária nos dois aspectos da personalidade cindida do paciente, em que o distúrbio psicossomático esconde o distúrbio mental,

também se faz necessária entre médicos e psicanalistas. Como é que o paciente psicossomático pode conseguir integração se aqueles que cuidam do caso não entram em acordo?

Em todos esses campos existem hoje organizações profissionais que tentam estabelecer pontes e integrar os resultados dos vários grupos de investigadores, incluindo os psicanalistas, que sempre acabam desempenhando o incômodo papel de camelôs da motivação inconsciente.

A educação

No campo da educação, o preço de se ignorarem os resultados da pesquisa psicanalítica poderia ser medido em termos de negligência na escola maternal, na educação primária, e em tudo aquilo que veio de Margaret McMillan, Susan Isaacs e outros. Poderia ser medido em termos da perda de oportunidade para o aprendizado criativo, em oposição ao aprendizado em que se é ensinado, ou em termos da interferência na educação de crianças normais, em função da falta de instituições que separem as crianças emocionalmente perturbadas, especialmente as oriundas de lares deficitários.

Exemplificando um detalhe específico: a punição corporal em Eton, ou em qualquer escola destinada a crianças normais, vindas de lares intatos, não pode ser discutida do mesmo modo que se discute a idéia da punição corporal em escolas para meninos e meninas anti-sociais e carentes. Mesmo assim, as cartas para o *The Times* tendem a ignorar esse fato. Mas a idéia da punição corporal tem um significado inconsciente que difere, caso a criança esteja na categoria dos saudáveis ou dos doentes. Aos professores precisa ser apresentada a dinâmica do cuidado infantil tanto quanto é necessário que se lhes ensine a ensinar. Eles precisam, além disso, receber instrução em diagnóstico educacional.

A relação mãe-criança

Não vou fazer senão uma breve referência à área de relacionamento mãe-criança e pais-criança, pois já escrevi minha parte da contribuição psicanalítica para esse assunto. Vou lembrá-los, no entanto, que a psicanálise tende a mostrar que a base da saúde mental não é só hereditária, e também não é apenas uma questão probabilística; a base da saúde mental se estabelece ativamente durante a primeira infância, quando a mãe é satisfatória em sua tarefa, e no intervalo de tempo que dura a inffincia, vivida numa família que se desempenhe enquanto tal.

A pesquisa psicanalítica, portanto, dá o máximo apoio à mãe satisfatória no manejo naturalmente satisfatório de seu filho, e à cooperação parental, enquanto ela existe e continua a funcionar de modo satisfatório. Também dá o máximo apoio à família enquanto instituição em exercício, especialmente em dois momentos cruciais no desenvolvimento: a idade pré-escolar e a adolescência. Dá ainda o mesmo apoio à interação viva entre pais e professores, que caracteriza o melhor momento do período de latência.

A adolescência

A pesquisa psicanalítica contribui para uma teoria geral da adolescência e de sua relação com a puberdade, juntando seus esforços com o trabalho feito por outros profissionais no que diz respeito a essa fase do desenvolvimento. Talvez o fato, atualmente universal, de que os adolescentes estão sendo adolescentes durante a adolescência, seja, em si (pelo menos em parte), um resultado positivo dos princípios provenientes da pesquisa psicanalítica. Aqueles que valorizam a família e pensam que o indivíduo precisa de um contexto familiar podem encontrar maior apoio na pesquisa psicanalítica do que em qualquer outro lugar. A psi-

canálise revelou o modo pelo qual o processo maturacional no crescimento do indivíduo precisa de um ambiente facilitador, e como o ambiente facilitador, em si, é uma coisa muito complexa, com suas próprias características desenvolvimentais.

O médico de família

É tentador acrescentar algumas palavras sobre a tarefa do médico de família. Um inquérito entre os psicanalistas à época em que o Health Service foi instituído teria trazido à tona o conhecimento já disponível de que a comunidade tem um potencial dc hipocondria ilimitada, com a correspondente ansiedade hipocondríaca do médico que abusa de receitas. No entanto, não seria razoável esperar a solicitação de uma informação desse tipo à época do planejamento, já que o planejamento tem sua própria motivação inconsciente. O preço, aqui, tem sido pesado.

Além do mais, a informação já estava pronta: o público odeia e inveja os médicos, enquanto cada membro do público ama e confia em seu próprio médico; ou, inversamente, o público idealiza a profissão médica, mas ao mesmo tempo os indivíduos não conseguem achar um médico que sirva para eles próprios. Os sentimentos públicos e individuais tendem a ser opostos no que diz respeito aos médicos. E os médicos sucumbem ao mesmo conflito de motivações inconscientes. E os melhores, dentre os médicos, estão excessivamente envolvidos com a clínica para fazerem uma pausa e examinarem objetivamente seus próprios problemas.

Um caso especial de tendência anti-social

Talvez o uso mais positivo das descobertas psicanalíticas pela sociedade tenha ocorrido em sua abordagem do problema

do comportamento anti-social. Uma razão para isso talvez resida no fato de que o exame da criança anti-social conduz a uma história de privação e à reação que a criança tem a um trauma específico. Desse modo, existe menos resistência à pesquisa da dinâmica da tendência anti-social, pois o que se encontra não é exatamente a motivação inconsciente. Sob circunstâncias adequadas, a criança com experiência real de privação é recuperável, sem que se lance mão do processo analítico. A sociedade usou bastante o trabalho de Bowlby e de Robertson sobre separação, e um resultado prático tem sido a instituição de visitas facilitadas e a coabitação de pais e filhos em alguns hospitais infantis. Em relação a outras aplicações dessa pesquisa, poder- se-ia dizer que uma das razões da rápida aceitação, no pós- guerra, dos berçários, no lugar das grandes instituições, foi que os berçários são muito mais baratos, recebendo, assim, o apoio de altos funcionários do Tesouro.

O preço de ignorar coisas conhecidas sobre a delinqüência pode ser medido em termos dos custos para a comunidade. Há, porém, uma característica positiva, aqui: o Children Act (Lei da Criança), de 1948, que é medicina preventiva no que diz respeito à delinqüência, talvez a melhor coisa isolada em toda a enorme área que estou examinando.

Dividendos

Não é minha intenção ser totalmente pessimista. Da mesma forma que Freud permeou a vida, a literatura e as artes visuais, assim também os princípios da psicologia dinâmica tiveram seus efeitos sobre o cuidado infantil, a educação e a prática religiosa. Em todos os lugares, as pesquisas dos analistas fortaleceram todos aqueles que pensam em termos do crescimento emocional do indivíduo e que pensam na saúde como um caminho que o indivíduo percorre, da dependência para a independência, e do progresso da criança em ir se identificando, gradualmente e

no devido tempo (isto é, depois, e não durante a adolescência), com a sociedade, tomando parte, como adulto, em sua manutenção e modificação. Com o tempo será mais fácil aceitar que as descobertas da psicanálise sempre estiveram alinhadas com outras tendências orientadas para uma sociedade que não viola a dignidade do indivíduo. Caso o mundo sobreviva às próximas décadas, descobrir-se-á que a idéia impopular das motivações inconscientes tem sido um elemento essencial na evolução da sociedade, e que a pesquisa psicanalítica terá tido sua parte em poupar o mundo daquilo que, sem o conceito de motivação inconsciente, acaba se transformando em destino. Seria bom que a motivação inconsciente pudesse ser mais aceita e mais estudada, antes que chegue o tempo de o destino mudar nosso modo de soletrá-la parafait *accompli.*

Este feminismo

Rascunho de uma palestra proferida na Progressive League, 20 de novembro de 1964

Esta é a cois mais perigosa que eu fiz nos últimos anos. Naturalmente, eu não teria escolhido esse título, mas estou disposto a assumir quaisquer riscos que estejam envolvidos e seguir adiante, fazendo uma afirmação pessoal.

Será que posso admitir como verdade que homens e mulheres não são exatamente iguais e que cada homem tem um componente feminino e cada mulher um componente masculino? Preciso ter alguma base para elaborar uma descrição das semelhanças e das diferenças existentes entre os sexos. Deixei espaço para uma palestra alternativa caso esta audiência não concorde com essa suposição. Caso vocês digam que *não há dijèrenças*, paro por aqui.

De qualquer maneira, o tema é amplo e não posso incluir tudo o que sei ou penso saber. Pode ser que algo que seja importante para alguém permaneça oculto naquilo que vou deixar de lado.

A abordagem desenvolvimentista

Tenho uma tendência natural para considerar esse assunto em termos do desenvolvimento do indivíduo, desenvolvimen-

to que começa no início de tudo e vai até o momento da morte, na velhice. Desenvolvimento é minha especialidade. Não me preocupa definir se o homem é melhor do que a mulher, ou se há um uso para o termo “bonitinha” do lado feminino que exige uma contrapartida do lado masculino, como por exemplo “fortão”. Tudo isso deve ser deixado para os poetas.

Na realidade (caso vocês saibam o que quero dizer com isso), o homem e a mulher possuem formas próprias. É muito conveniente que um rapaz queira ser, no conjunto, um homem, e uma moça, no conjunto, queira ser uma mulher. No entanto, isso não é, de modo algum, o que se pode constatar em todos os casos. E, caso se leve em consideração os sentimentos mais profundos e o inconsciente, pode-se descobrir com facilidade um homem durão morrendo de vontade de ser uma garota, e uma adolescente de vida sexual intensa sentindo concomitantemente uma permanente inveja dos homens. Na verdade, pode-se esperar todo tipo de identificação cruzada, e os problemas advêm principalmente do modo como essas coisas inconvenientes podem estar de fato escondidas no inconsciente reprimido. Problemas piores advêm do modo como, em pessoas esquizóides, uma cisão na personalidade pode separar os elementos masculinos e femininos, ou separar o funcionamento do todo do funcionamento das partes.

Permitam-me examinar isso em cinco níveis arbitrários:

1. A maioria dos machos tornam-se homens e a maioria das fêmeas tornam-se mulheres, mas precisamos considerar os vários tipos: heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.
2. A adolescência caminha num ritmo lento e temos que esperar que, durante cinco anos ou mais, os adolescentes brinquem com todas as variantes antes de escolher se vão ser homens machos e mulheres fêmeas.
3. A pré-puberdade é uma idade em que uma alta proporção de crianças revela uma temporária inclinação pelo sexo oposto.

4. Antes disso, no período de latência, ninguém se importa muito se uma moça veste *jeans*, embora, por alguma razão, se espere que os meninos pareçam meninos e façam coisas de meninos, como brigar e se reunir em grupos. Mas hoje em dia os meninos podem ser maternais e criativos, se quiserem. A moda se modifica e ninguém pode prever qual será na década seguinte.
5. Ainda mais cedo, a idade crucial do período pré-escolar encontra a maioria das crianças (exceto as que estão prestes a sucumbir a algum distúrbio psiquiátrico) num estado agudo de atração pelo pai do sexo oposto, com tensão em relação ao pai do mesmo sexo, por causa da ambivalência ou seja, amor e ódio coexistem. Alguns encontram, e outros não, um elemento correspondente no pai ou na mãe.
Aqui, supõe-se uma vida de fantasia; as crianças sonham, brincam, imaginam e usam a imaginação alheia; sua vida é muito rica e seus sentimentos, violentos. Obviamente, muita coisa depende do acaso; por exemplo:
Um menino ama seu pai, que se intimida e não pode corresponder em função de uma homossexualidade natural, que se encontra reprimida. O menino fica então privado de pai. Isso atrapalha sua heterossexualidade, pois ele não pode abandonar-se a uma relação de ódio com seu pai.
Ou uma menina ama seu pai, mas a mãe diminui todos os homens e rouba o espetáculo. E então a garota “perde o bonde” com o pai, mas “pega o bonde” com seu irmão maior.
Um menino ou uma menina sofrem com o fato de ela ser um ano mais velha, e então os sexos precisam ser trocados.
Um menino é o terceiro em meio a quatro filhos homens. Esse terceiro menino percebe todo o desejo que os pais tinham de ter uma menina. Tende a se encaixar no papel designado, mesmo que os pais procurem ocultar seu desapontamento.
Em outras palavras: a natureza dos pais, o lugar da criança dentro da família e outros fatores afetam o quadro clássico que se conhece como complexo de Edipo.

E agora iremos mais fundo, em busca de mecanismos mais primitivos. Como é que um bebê se entende com seu próprio corpo? Em parte, experienciando excitação. Mas os meninos que experimentam ereções e as meninas que têm contrações vaginais quando se relacionam com certas pessoas, com o amor, ou com o funcionamento do corpo, estão numa posição diferente daquela de meninos e meninas que não vivenciam tais experiências integrativas. Muito vai depender da atitude dos pais em relação a todos esses fenômenos naturais. Alguns pais fracassam em espelhar aquilo que existe; outros estimulam aquilo que só existe de forma embrionária.

Um detalhe especifico

Há um detalhe que precisa ser examinado em separado. É a qualidade que o órgão masculino tem de ser óbvio, em contraste com a qualidade do órgão feminino de ser escondido. Não podemos falar em feminismo deixando isso de lado.

Freud inventou o conceito de fase fálica, precedendo a genitalidade plena. Poder-se-ia chamá-la de fase de ostentação e exibicionismo. Não há dúvida de que as meninas sentem certo incômodo quando passam por essa fase, ou por aquilo que corresponde a ela nas meninas. Por um instante, elas se sentem inferiores, ou mutiladas. O trauma disso é variável, de acordo com fatores externos (posição na família, natureza dos irmãos, atitude dos pais, etc.), mas não permite que se negue que, nessa fase, o menino *tem* e a menina não. A propósito: o menino pode urinar de uma forma que as meninas invejam, tanto quanto invejam a ereção do menino. A inveja do pênis é um fato.

Na fase seguinte, da genitalidade plena, a menina se iguala; torna-se importante e invejada pelos meninos, pois ela pode atrair o pai, ter bebês (eventualmente por si mesma ou por procuração) e, na puberdade, ela tem seios e regras, e todos os mistérios são dela.

Mas Freud insistiu até o fim da vida no fato de que estaremos perdendo algo importante se negligenciarmos o efeito que o trauma da "inferioridade" tem sobre as meninas na fase fálica. (Alguns analistas tentaram mostrar que Freud errou nesse ponto; que era Freud quem estava se exibindo perante as mulheres, plantando sua própria complicação na humanidade.)
As conseqüências do trauma vivido pelas meninas durante a fase fálica são da seguinte natureza:
1. Supervalorização do pênis ereto em sua exibição e dominância.
2. Inveja do macho entre as meninas.
3. Fantasia de um pênis escondido, que um dia vai se desenvolver e aparecer.
4. Fantasia de existir um pênis que não existe mais.
5. Delírio nas meninas dc que existe um pênis, e negação da diferença entre o homem e a mulher durante o estágio fisico; e *delírio* nos meninos de que a menina tem um pênis, só que escondido. Isso contribui para a atração do cancã, do *striptease,* etc.
Tudo isso alimenta a organização sadomasoquista, e algumas perversões são uma tentativa elaborada de fazer com que alguma união sexual aconteça, apesar do delírio de que a menina tem um pênis.
Eis aqui uma raiz do feminismo. Não posso ajudar se houver muito mais no feminismo, e se a lógica puder ser invocada em favor do muito que o feminismo faz e diz. A raiz disso está no delírio generalizado, *tanto nas meninas como nos meninos,* de que há um pênis na mulher, e na fixação especial de alguns homens e mulheres na fase fálica, ou seja, no estágio imediatamente anterior à aquisição da genitalidade plena.
Talvez a pior parte, do ponto de vista sociológico, seja o lado masculino desse delírio em massa que faz com que os homens enfatizem o aspecto "castrado" da personalidade femini-

na, o qual, por sua vez, ocasiona uma crença na inferioridade feminina que deixa as mulheres furiosas. No entanto, não esqueçam (caso haja feministas aqui presentes) que a inveja masculina em relação às mulheres é incalculavelmente maior, ou seja, a inveja que o homem tem da capacidade feminina plena
— hoje em dia mais do que nunca.
Espero ter deixado claro que esse é um problema universal, e que é o mesmo tanto nos normais como nos anormais, só que não há espaço no anormal — na psiconeurose — para fantasiar e brincar, devido a um certo grau de repressão. Ou seja, alguns aspectos da totalidade não estão disponíveis para uso na auto-expressão e para incorporação na estrutura do desenvolvimento da personalidade. Deve-se notar, no entanto, que é preciso que existam necessidades desenvolvimentais para haver algum crescimento saudável a ponto de se alcançar a inveja do pênis.
Pode-se dizer, então, que o feminismo envolve um grau maior ou menor de anormalidade. Num pólo, existe o protesto feminino contra uma sociedade masculina dominada pela ostentação da fase fálica masculina; no outro, existe a negação feminina de sua inferioridade real *numa certa fase* do desenvolvimento fisico. Sei que uma afirmação simples como essa é inadequada, mas vocês compreendem que ela pode constituir uma tentativa de agrupar uma grande complexidade no âmbito de poucas palavras.
Continuando o assunto do ponto de vista desenvolvimental, qual é a situação do menininho ou da menininha quando a fase fálica entra em cena? Para crianças que foram assoladas pela pobreza durante as fases mais primitivas, como por exemplo na época da amamentação, é normal que fiquem excitadas durante essa segunda chance que a fase fálica parece oferecer
— tanto para os meninos como para as meninas. Desse modo, podem-se diferenciar dois grupos: meninos e meninas que alcançam a fase fálica depois de terem tido experiências plenas nos estágios mais primitivos, e aqueles que chegam a essa fase

com uma privação relativa ou muito pronunciada. A fase fálica assume uma importância exagerada para os que a atingem já tendo sofrido privação. De uma forma ou de outra, há uma história anterior de problemas para essa ou qualquer outra fase, e é claro que não posso deixar de mencionar a existência de tendências patológicas hereditárias.

Tudo isso faz parte da prática cotidiana de um psicanalista e não tem muito valor em discussões gerais (como esta aqui) que não se relacionem com terapia. As pessoas têm que aceitar o que são e aceitar a história de seu desenvolvimento pessoal, juntamente com as influências e atitudes ambientais locais; elas têm que continuar vivas e, vivendo, tentar se relacionar com a sociedade de modo a haver uma contribuição nos dois sentidos.

Essas coisas que são localizadas nas condições anormais estão presentes no estado de saúde, embora se encontrem modos de esconder os elementos mais rudes sem que haja muita perda de contato com tais elementos. Por exemplo, mediante o uso da fantasia.

Fantasia e realidade psíquica interna

Para algumas pessoas, a fantasia é algo manipulado, algo semelhante ao que um gibi representa para uma criança. Contudo, a fantasia vai muito mais fundo na realidade psíquica interna, que é a parte vital da personalidade como um todo, a não ser que uma doença determine que não pode existir um interior, não havendo, portanto, nenhuma realidade psíquica interna. É uma característica da maturidade, e conseqüentemente da saúde, que a realidade psíquica interna do indivíduo se enriqueça o tempo todo com experiências, e faça com que as experiências reais do indivíduo sejam o tempo todo ricas e reais. Desse modo, tudo o que existe sobre a face da Terra pode ser encontrado no indivíduo, que é capaz de sentir a realidade de tudo o que seja verdadeiro e passível de ser descoberto.

Sendo saudável, portanto, a mulher pode encontrar uma vida masculina em experiências imaginativas identificando-se com homens. Na forma mais grosseira de identificação, amulher pode usar um homem, e assim ganhar o bônus de transferir sua masculinidade e experimentar aquilo que tem em sua experiência enquanto mulher. Pode-se dizer o mesmo em termos do uso que um homem faz de uma mulher.

Inveja do sexo oposto

Isso me conduz à seguinte formulação: *para avaliar de modo pleno o que signïca ser uma mulher a pessoa tem que ser um homem, e para avaliar plenamente o que é ser um homem é necessário ser mulher.*

A inveja do sexo oposto fornece uma razão para grande parte da frustração de pessoas que vivem vidas excessivamente dependentes dos instintos. Ou seja: a maioria das pessoas entre a puberdade e os cinqüenta anos. Alívio a esse tipo de frustração provém da vida cultural, onde a vinculação com o sexo é mínima.

Alguns casamentos se rompem após o período da paixão, pois a identificação cruzada se enfraquece e então a inveja masculina do fato de a mulher ser mulher se equilibra com a inveja feminina de o homem ser homem. E então esses dois seres que se amavam começam a atirar pratos um no outro. O homem e a mulher se igualam quando o assunto é arremesso de pratos. Nessa nova parceria, instala-se outra vez a identificação cruzada, e por certo tempo há uma economia no que se refere à louça da casa.

É dificil para as crianças suportarem isso em seus pais, mas não há como evitá-lo. As forças podem ser tão intensas que só mesmo uma vítima entre os filhos faz com que os pais substituam o arremesso de pratos por uma relação sexual, ou se separem para salvar a louça.

É fácil perceber que um homem que é sempre-tão-doce pode levar a parceira a urna necessidade tremenda de um homem muito macho — mesmo que seja um macho horrível, um macho cruel e grosseiro que ninguém conseguiria suportar —, ou pode fazer com que ela recorra à sua própria masculinidade, exagerando os ingredientes de seu feminismo latente. Mesmo assim, homens maternais podem ser muito úteis. São boas mães substitutas, o que é um alívio quando a mãe tem muitos filhos, ou quando ela adoece, ou quando elas querem voltar a trabalhar. Também ocorre que muitas mulheres querem que seus maridos sejam maternais com elas. Quem não sofreu uma certa privação no que diz respeito à maternagem? Não se pode aproveitar amizades femininas sem-o temor de complicações homossexuais.

Tudo isso mostra como a prática da monogamia é dificil. Ou será que ela é impossível, um aspecto que o ensinamento cristão talvez ignore de maneira exagerada? Mesmo assim, as pessoas procuram descobrir se podem manter urna relação íntima durante toda a vida, pois muito se ganha da acumulação de experiências compartilhadas. No entanto, se observarmos as pessoas brigando, veremos como é grande sua desvantagem se têm uma vida psíquica pessoal relativamente desimportante, e portanto uma elaboração fantasiosa da realidade relativamente restrita, e um envolvimento cultural pouco desenvolvido. A vida cultural ajuda quando o homem ou a mulher se desapaixonam e durante a segunda fase do jogo do casamento.

Mulhere mulheres -

Quero agora considerar um aspecto às vezes negligenciado desse assunto tão vasto. Há uma diferença entre homens e mulheres que é mais importante do que estar num dos pólos do dar ou do receber, seja na alimentação, seja no sexo. É a seguinte: não é possível esquivar-se ao fato de que todo homem

e toda mulher *vieram de uma mulher*. Tentativas são feitas para se livrar dessa situação incômoda. Há a questão da *couvade*, e no mito original do arlequim existe um homem que dá à luz. Freqüentemente se encontra a idéia de que se nasce da cabeça; sem dúvida é fácil pular da palavra "concepção" para as palavras "concebido por". Afortunada é a criança que tanto é "concebida" quanto é resultado de uma concepção fisica.

Entretanto, todo homem e toda mulher crescem dentro de um útero, e todos nascem, nem que seja através de uma operação cesariana. Quanto mais se examina isso, mais é necessário que exista o termo MULHER, um termo que torna possível a comparação entre homens e mulheres. Tenho de ser breve; portanto, me aprofundo no assunto formulando dois estágios em nosso pensamento.

1. Descobrimos que o problema não é tanto que todas as pessoas estavam lá dentro e depois nasceram, mas que no início todas as pessoas foram *dependentes* de uma mulher. É necessário dizer que no começo todo mundo era *completamente* dependente de uma mulher, e depois tornou-se relativamente dependente. Parece que o padrão da minha saúde mental, como também da de vocês foi, desde o início, estabelecido por uma mulher, que fez de modo satisfatório aquilo de tinha que fazer, num estágio em que, para ser significativo, o amor só pode se expressar fisicamente. Todos nascem com tendências hereditárias para a maturação, mas para que elas se concretizem é necessário que exista um ambiente facilitador satisfatório. Isso significa uma adaptação inicial sensível da parte de um ser humano. Esse ser humano é mulher, e geralmente mãe.

2. Mais profunda do que isso é a experiência de um bebê, que no início envolve essa mulher porque a criança ainda não separou, do *self*, a mãe, o suprimento ambiental, o "segurar", o alimentar e o manejar sensíveis. O *self* ainda não se diferenciou. Daí a dependência total.

Agora, é realmente muito dificil que um homem ou uma mulher aceitem de verdade o fato da independência absoluta e depois relativa, naquilo que ela se aplica ao homem e à mulher já adultos. Por tal razão há um fenômeno separado que denominamos MULHER, que domina todo o cenário e afeta todo o nosso raciocínio. MULHER é a mãe não-reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e de toda mulher.

Seguindo essa idéia, podemos encontrar um novo modo de especificar a diferença entre os sexos. As mulheres o possuem quando se relacionam com a MULHER, através de uma identificação com ela. Para toda mulher, há sempre três mulheres: 1) o bebê menina, 2) a mãe, 3) a mãe da mãe.

As três gerações de mulher aparecem constantemente em mitos, ou então aparecem três mães em três funções separadas. Não importa se tenha bebês ou não, uma mulher está presente nessa série infinita, ela é bebê, mãe e avó; ela é mãe, bebê menina e bebê do bebê. Isso a capacita a ser bastante enganadora. Pode ser aquela coisinha doce para agarrar seu marido, tornando-se uma esposa-mulher dominadora, e depois uma graciosa avó. É tudo a mesma coisa, porque ela já começa sendo três, enquanto o homem começa com um impulso tremendo para ser um só. Um é um e completamente só, e o será cada vez mais.

O homem não pode fazer o que a mulher faz, esse fundir-se na linhagem, sem violar a essência de sua natureza. Isso pode ocorrer no caso de uma doença. Conheço um homem (um paciente) que se identificou muito cedo com mulheres, na verdade com o seio. Sua potência era uma função do seio. Não havia homens em sua vida, só ele mesmo “dentro”, com mulheres, e emasculado em seu próprio funcionamento fisico masculino. Mas ele jamais foi uma pessoa satisfeita, e deu-se a um trabalho imenso, tratando-se durante anos para alcançar uma unidade masculina e conseguir se separar das mulheres. Tendo encontrado seu selfmascujino único, tornou-se capaz de se relacionar de uma forma diversa e nova com outros homens únicos — ou seja, de ter amigos homens.

Eu diria que a mulher feminista parece invejar essa coisa nos homens: quanto mais os homens amadurecem, mais são únicos. Alguns homens invejam as mulheres porque elas não precisam resolver o problema de uma relação individual com uma MULHER por serem mulheres, assim como são fêmeas sedutoras e charmosas e desamparadas solicitando — com sucesso — o cavalheirismo dos homens. (Clamores de "Onde está o cavalheirismo de antigamente?")

Mas o fato incômodo permanece, para homens e mulheres: uns e outras em alguma época dependeram de uma mulher, e de alguma forma o ódio dessa situação teve que ser transformado numa espécie de gratidão — no caso dc a pessoa alcançar sua maturidade plena.

Os amantes do perigo

E agora, permitam-me que lhes peça para considerarem um novo detalhe: por que os homens buscam o perigo? É inútil tentar parar as guerras, os acidentes de trânsito, as expedições ao Everest ou a Marte, ou proibir o boxe, sem observar o que os homens desejam.

As mulheres — em virtude de sua identificação com as mulheres do passado, do presente e do futuro — enfrentam o risco do parto. Não é aconselhável fingir que o parto não acarreta nenhum risco, ou seja, existe um perigo inerente à função natural da mulher. Os homens invejam esse perigo à mulher; além disso, sentem-se culpados por causar a gravidez e então ficam lá sentados, bonitinhos, olhando a mulher passar por aquilo tudo, não somente o parto, mas todo o confinamento e as responsabilidades teifivelmente restritivas dos cuidados para com a criança. Portanto, as mulheres também assumem riscos, e sempre o farão. Algumas se sentem compelidas a assumi-los de modo insano. Estão tentando passar pela vida em brancas nuvens. Mas, quando um homem morre, ele está morto, enquanto

que as mulheres sempre foram e sempre serão. O homem é como a grama. Dessa forma, os homens também têm seus problemas. O terrível em relação à guerra é que é muito freqüente haver homens sobreviventes que admitem ter encontrado a maturidade, inclusive a maturidade sexual, quando arriscavam a vida. Portanto, não havendo mais guerras, os homens se vêem em maus lençóis; mesmo assim, odeiam ser mortos, a menos que tenham certeza da causa.

Apêndice

Fiz um apanhado geral dos assuntos que se agrupam em torno da palavra "feminismo" e que se referem às interações universais entre machos e fêmeas. Há muito mais para ser dito, e isso não deve ser motivo de vergonha. Quanto mais olhamos, mais enxergamos.

A pílula e a Lua

Vocês bem sabem que eu jamais ingeri pílula. E sei muito pouco a seu respeito. Mas quando me solicitaram a falar sobre ela a *idéia* foi simplesmente maravilhosa, e no começo parecia ser exatamente o que eu queria fazer, falar sobre a Pílula e o Eu Progressista.

Descobri que não tenho a menor inclinação para qualquer tipo de propaganda. É ótimo quando a pessoa tem essa tendência e aí realmente pode "fazer a festa"; dependendo do que ela disser, ninguém mais vai sequer se aproximar da pílula, ou todo mundo vai querer tomá-la.

Uma vez, há poucos anos, me envolvi com algo que escrevi no *New Society* a respeito de se experienciarem depressões, principalmente a adolescência, mas é claro que foi um ensaio muito avançado para a época, e as coisas mudam muito rápido, não é mesmo? Há mais ou menos dez anos, as pessoas diziam que a pílula logo seria razoavelmente segura e estaria disponível, e que alteraria o cenário adolescente, alteraria o cenário de todos os pais. Bem, isso aconteceu, e dificilmente vocês poderão se lembrar quando ela não alterou o cenário. É interessante pensar como isso se encaixa imaginativamente no esquema de coisas. Eu apostaria que não fizemos nossa lição de casa no que diz respeito ao lado imaginativo disso.

Bem, outro dia eu dei uma parada — tinha muito poucos pacientes para atender — e sentei no chão, que é o melhor lugar para sentar, com uma esferográfica na mão e uma folha de papel, e pensei: agora vou fazer um esboço do que falarei no sábado. É fácil, porque sei o que vou dizer, conheço os limites e as coisas que vou suprimir, a, b, c e assim por diante. Mas não saiu nada, o dia inteiro! A única coisa que saiu foi um poema. Vou lê-lo para vocês porque ele me surpreendeu; no entanto, como não sei escrever poesia, esse poema não serve para coisa alguma. O título é “lhe Silent Kill” (O assassinato silencioso):

O silly Pili for folks not iii!
Why not wait tili you know God’s will?
What’s empty will in time refihi
And pregnant hili be razed to nu.
Men! have your will, put Jack in Jill;
Giris! drink your fili ofhis chlorophyll.
Fear not the spill you know the drili,
You know a still and silent kill... the Pill.
So take my quili 1 surelly will:

Don’t dally dill with silly Pili, Just wait until what happens will! Then pay the bill.
Portanto, era isso o que estava em minha mente quando comecei a escrever. Lembrou-me o ato de fazer algo, com um pedaço de madeira. É como se vocês pensassem: vou fazer uma escultura em madeira; e aí arranjam um formão e um pedaço de olmo, e vão esculpindo assim e assado até descobrir que têm diante de si uma feiticeira. Isso não implica que vocês tenham pensado numa feiticeira, mas que a própria atividade com o material alterou aquilo que vocês faziam, e o resultado acabou surpreendendo vocês. Vocês se descobrem fazendo uma feiticeira porque o olmo fez a coisa andar dessa maneira. Vocês podem traduzir isso da maneira que quiserem — em qualquer forma artística —, mesmo que termine nuns versinhos meio idiotas como os meus. Faz com que a gente se surpreenda consigo mesmo, pois você acaba fazendo algo que não esperava. Portanto, vamos deixar o poema de lado, e ver o que acontece com ele.
Voltemos agora ao outro lado das coisas: para a lógica, a lógica consciente. Muita coisa na nossa vida é simplesmente chata, e muitíssimo simplificada, porque esquecemos o inconsciente, deixamo-lo de lado; ou só recorremos a ele na manhã de domingo. Só colocamos em prática aquilo que é lógico, e temos de fazê-lo. Somos pessoas civilizadas, usamos nosso intelecto, nossa mente e nossa objetividade. Adquirimos a capacidade de calcular quantas pessoas vão existir no ano 2000, e

em que data a Índia vai se tornar compacta. E nem precisamos ir até lá. Podemos pensar na data em que Londres vai se tomar compacta —já estamos fazendo isso, com os automóveis.

Portanto, podemos pensar em termos da lógica da situação: será que é lógico ter famílias enormes, isso sem considerar o fato de as pessoas poderem criá-las, ou o fato de ser ou não lógico entupir nossa terra com um número excessivo de crianças? Podemos responder: "Não, não é." Tudo bem! Vamos ter apenas dois filhos, ou três, por casal, ou só três quando um deles for mongolóide ou falecer de poliomielite; e então vocês poderiam dizer: "Vamos ter quatro, porque eu queria um menino e acabamos tendo três meninas seguidas." De qualquer modo, a coisa emperra e volta tudo à estaca zero, quando vocês continuam tendo filhos, quando eles aparecem. E pode ser que vocês descubram que estão tendo uma diminuição em suas inibições — em suas inibições sexuais, que talvez resulte em não haver absolutamente nenhuma criança na família — e de repente vocês percebem que estão falando sobre coisas que são puramente inconscientes. Num certo sentido, as inibições sexuais são tão interessantes quanto construtivas e contribuem para a sociedade na mesma medida que as compulsões sexuais, de tal modo que estamos apenas nos descrevendo uns aos outros, e esperando não nos sair muito mal.

Vocês já pensaram bastante no assunto, e eu não tenho que discutir coisas que vocês já sabem. Estamos falando sobre a população mundial, sobre a capacidade de ganhar dinheiro e educar filhos, e se estamos apenas querendo inseri-los no sistema educacional, ou se podemos mandá-los para aquilo que consideramos uma escola que é adequada para aquela criança em particular mas que poderia não servir para mais ninguém. Tudo é uma questão de discernimento, e graças a Deus temos cérebro e *podemos* pensar nas coisas e agir segundo aquilo que pensamos. A lógica nos leva direto ao fato de que é evidente que não somos capazes de lidar com um número ilimitado de crianças, e isso poderia ser dito mesmo por uma pessoa que

tivesse uma dúzia de filhos. Há um jeito de trabalhar com essa questão de pensar nas coisas em termos de planos e pensar naquilo que realmente ocorre, e notamos que a correlação entre elas não é muito alta. Planejamos as coisas e ai observamos o que acontece — e as duas coisas adquirem uma nova dimensão.

Agora vamos ver o caso dc uma garota de dezesseis anos, e o que ela queria de mim era que eu lhe dissesse que havia sido machucada ao nascer. Ela começou com uma desvantagem: nasceu muito azul, com o cordão umbilical enrolado ao pescoço. Essa moça morreu, e sem dúvida suas células nervosas sofreram um belo estrago. Ela não havia sido muito lesada
— simplesmente sua personalidade tinha uma profundidade limitada, com a qual lutara durante toda a vida. Assim que entrava em qualquer tipo de escola, todo mundo já ia dizendo:

"Se você se esforçasse mais, faria isso melhor." E aí ela ficava se esforçando, se esforçando, mas ninguém dizia: "Isso não tem tanta importância assim." Era uma moça extremamente bela e atraente, e muito amadurecida emocionalmente. Quando veio à consulta, trouxe consigo um livro: "Estou lendo isto aqui — é muito interessante"; e *era* mesmo um livro interessante. Mas dava para perceber que ela tinha problemas para entender o livro, para entender o que eu e você entenderíamos, pois ela não conseguia captar o espírito da coisa, não "chegava lá".

Ficamos desenhando rabiscos sinuosos, para lá e para cá, e um de seus desenhos obviamente teve que se transformar numa cabeça e num corpo, e havia uma coisa no desenho que parecia uma corda. Eu lhe disse: "Há uma corda em torno dessa criança, há um cordão em torno do pescoço dessa pessoa." Isso ocorreu por acaso no meio da brincadeira — e continuamos brincando. Aí ela me disse: "A propósito, eu nasci com o cordão enrolado no pescoço." Alguém havia contado a ela. Eu lhe disse: "Olhe, agora temos um desenho disso." E ela: "É mesmo?" Ela não havia pensado nesses termos. Só que foi assim que emergiu, a partir do material lúdico, e quando fiz perguntas, descobri que era um fato real, e não uma lenda familiar. Aí embarcamos

nesse fato, e eu lhe disse: “Veja” (eu não a protegi de modo algum), “você nasceu com essa coisa em volta do pescoço; você ficou azul e foi prejudicada quando nasceu, mas está lutando para ir em frente. Você acabou ficando com uma capacidade cerebral limitada, mas com o tempo talvez melhore e, se tiver um pouco de paciência, poderá descobrir o que fazer em relação a isso — ainda não sei o quê. O fato é que seu problema não é ficar se esforçando, e sim que possui um cérebro danificado.” Ela foi para casa e sua reação foi falar às pessoas: “Sinto que alguém finalmente me compreende.” Aquela coisa emergiu de uma situação tremendamente complexa, e a partir daí essa moça passou a agir de modo muito diferente. Estabelecemos uma relação muito boa, ela agora pode me usar, e eu dei um jeito para que ela possa viver uma vida normal sem que ninguém fique esperando que ela faça o que não pode, pois certas coisas precisam de uma profundidade de personalidade e de intelecto que está além de sua capacidade.

Muito freqüentemente, ela tem crises agudas terríveis, e isso incomoda a família e todo mundo que está em volta até os animais. Seus pais, apesar de gostarem muito dela, não podem mantê-la em casa, pois não suportam ver a estrutura da casa se esfacelar quando ela atinge o limite de sua capacidade de tolerância. Certo dia, me telefonaram. Fui vê-la imediatamente. Ela estava tendo uma crise aguda (agora voltamos à pílula): fora a uma festa — coisa que tentava não fazer, pois ela era muito atraente e sempre havia alguém que notava sua presença de imediato, e em dez minutos os dois estavam se divertindo à beça, a festa ficava ótima, mas o que acontecia depois? Ela não conseguia manter a coisa. Ela tinha idéias muito decididas a respeito do que gostava e não gostava, e do que achava certo ou errado, e também instintos muito intensos. Só que, nessa ocasião, havia encontrado um homem que a agradara. Isso era o que importava, sendo muito dificil para ela recusá-lo. E assim, quando acabou a festa, se ela não fosse para a cama com ele, não saberia como lidar com a frustração e todo o resto,

e ela não havia adquirido a capacidade de lidar com esta coisa toda dentro de si, em sonhos ou de outras maneiras. Ela ficou a noite inteira, mas acabou não aceitando o rapaz — ele respeitou a decisão dela. Só que essa moça ficou completamente arrasada com o desapontamento por ele não tê-la estuprado e assumido a responsabilidade, e com a outra coisa, que era seu respeito pelo moço, pois ela sabia que se os amigos dele descobrissem que ele havia passado uma noite com ela, sem terem tido relações sexuais, iriam desprezá-lo. Assim, ela o deixou, tendo ele que ir para casa com a opção de contar uma mentira ou dizer: "Bem, ela não quis"; e isso não seria bom. Ela respeitou tudo isso, mas ficou absolutamente arrasada, no estado mais terrível possível, e perturbou a família inteira — eles não sabiam onde ela havia estado, embora estivessem de certa forma acostumados com esse tipo de coisa. A propósito: o moço era africano, negro retinto, algo que não parecia fazer muita diferença para a família. Não era esse o problema principal, ainda que, para ela, fosse muito excitante ter um homem negro. Só que isso é um outro assunto. Portanto, esse homem agiu de modo correto, mas ela ficou desesperada justamente por ele ter agido de modo correto, e também tremendamente aliviada; e aí entrou em um conflito que não conseguia resolver.

Então, ela me disse: "Veja só, o problema não tem nada a ver com sexo, tem a ver com a pílula. Todas as minhas amigas tomam pílula. Se eu não puder tomá-la, vou me sentir inferior e infantil." Seus pais lhe diziam que ela não ia tomar a pílula nem qualquer outro anticoncepcional, a não ser que ela começasse algo com alguém com quem fosse viverjunto, e ter algum tratamento. Julgavam que essa era uma boa maneira de acabar com a história e então disseram: "Ainda não é hora de você usar a pílula ou anticoncepcionais. Você precisa aprender a se conter." A questão era: para essa garota de dezesseis anos, a pílula era uma questão de *status* terrivelmente importante. Se ela estivesse tomando a pílula, tudo estaria bem. Essas pessoas sen -

tem que, se algo fosse diferente, então tudo estaria bem. A moça disse: “Se eu tivesse a pílula, você sabe que eu não iria tomá-la, mas eu simplesmente tenho que tê-la. Se o pessoal fica aí dizendo: você não pode tomar pílula. você só tem dezesseis anos, aí é que eu tenho que tomar a pílula. Vou conseguir, vou tomar e ponto final.” É assim que essa moça é, e tudo se complica pelo fato de que ela não se aprofunda em sua realidade interna de um modo que possa ajudá-la a elaborar as coisas. Quando ela começou a freqüentar o local que estava freqüentando, que é bom e receptivo, veio me ver e disse: “Tive o dia mais *incrível* da minha vida.” E eu: “O que você *fez?”* Fiquei achando que ela deveria ter tido uma série de homens negros! Ela me diz: “Andamos por um riacho e apanhamos girinos.” Mesmo assim, de seu ponto de vista, não tomar a pílula e não ter permissão para obtê-la era algo além de sua capacidade. Tudo era exagerado. A mim me parece às vezes que podemos olhar para as coisas dessa forma e ver.

Quero relatar mais um caso. Uma senhora muito inteligente, que sofreu privações quando criança, veio me ver regular- mente. Ela se casou e teve filhos, mas no momento está divorciada e muito sozinha. Como resultado de uma certa melhora por causa do tratamento, ela começou a se soltar um pouco, e um homem convidou-a para jantar! Tudo bem, agora ela é livre, pode sair para jantar, e ficou muito feliz com isso, pois havia gostado bastante dele. E então, é óbvio — não sei como isso acontece —, de alguma forma eles acabaram no quarto. Essa senhora me disse: “Não sei o que as pessoas andam pensando hoje em dia; em 1969 parece que todo mundo pensa que se deve viver em função da pílula. Não penso em sexo há uns dez anos e não vivo em função da pílula. Ele não tinha nenhum contraceptivo, e então é claro que eu tive que apelar para a velha desculpa da menstruação.” Mas essa idéia é muito estranha, vocês percebem? Ela me dizia: “Que coisa incrível. Eis aí um homem que quer dormir com uma mulher e presume que ela tome pílula. Essa é a linguagem de 1969, não é?” Essas duas

coisas fazem parte de uma mesma maneira lógica de observar o problema, mesmo que essa mulher tenha uma profundidade enorme e possa observá-lo de modos diferentes.

Estou tentando ver se consigo demonstrar a vocês que. do meu ponto de vista, há uma área não resolvida na qual a lógica, os sentimentos, a fantasia inconsciente, etc. não se juntam. Eles não se relacionam um com o outro de modo apropriado, não se resolvem um ao outro, embora seja necessário possuir os dois, e seja necessário tolerar as contradições. É claro que podemos resolver qualquer problema refugiando-nos na área cmdida do intelecto. De algum modo, estamos livres de sentimentos nesse local: poderíamos dizer "dialético"; colocamos isto contra aquilo e podemos resolver qualquer problema que exista. Ou, se não podemos, nos tornamos capazes. Mas, se nos refugiamos no intelecto cindido, não vão vocês pensar que conseguimos dizer: "Certo, há problemas que não podem ser resolvidos, e nós conseguimos tolerar tensões." É o que estou tentando ilustrar com a moça que tinha uma limitação ocasionada por um dano cerebral, ocorrido por ocasião de seu nascimento. Ela descobriu como é dificil tolerar as tensões que surgem à nossa volta e que nos deixam em dúvida sobre tudo, e nos fazem valorizar a dúvida. Sim, porque a certeza e a sanidade soam terrivelmente entediantes. É claro que a insanidade também é entediante, embora haja algo que muitas podem tolerar, até certo ponto — a incerteza.

Quero chegar agora a uma coisa surpreendente, algo que vocês só disseram para si mesmos, de modo que não estou falando nada de original. Nosso assunto é o assassinato de bebês. Não estamos falando de matar bebês porque são anormais, mongolóides, espasmódicos ou defeituosos. Estes, nós protegemos de imediato, eles recebem cuidados especiais, nós nos ajudamos mutuamente com isso. Estamos falando a respeito do assassinato de bebês, à parte essas complicações. E um assunto muito difícil que sentimos imediatamente que queremos evitar em nosso caminho. Estamos falando da lógica malthusiana, e

do senso comum a respeito dela, e não queremos ser incomodados com tudo isso. Só que agora eu estou fazendo a seguinte pergunta: será que nós não teríamos que nos incomodar com isso?
Quando eu era pequeno, e tinha ratos, se eu ficasse mexendo nos ratinhos, a rata dizia: "É assim? Então vou tomá-los de volta"; ela então os comia e começava tudo de novo. Os gatos também são assim. Acho que os cachorros não fazem isso, mas eles foram treinados durante um milhão de anos para não serem lobos, e então ficaram domesticados, a não ser que estejam com hidrofobia. Parece que minha rata de estimação estava resolvendo o problema, ao dizer: "Não preciso da pílula; se eu achar que esses bebês não vão ter um ambiente apropriado para crescer, que há um mau cheiro na mão desse menino, então é só comê-los e começar tudo de novo." Tudo muito simples. Acredito, embora não tenha muita certeza, pois essas coisas se misturam facilmente com a mitologia que os aborígines australianos costumavam comer algumas de suas crianças, em certa época2. Era assim que eles resolviam seu problema populacional. E essa comilança de bebês nada tinha a ver com ódio. Estou tentando discutir o fato de que algum método acaba sendo descoberto quando o ambiente se torna insuficiente para dar conta do número de crianças. O mundo teve, realmente, um excelente método, até recentemente. As pessoas morriam de disenteria e outras coisas, como moscas, mas agora os médicos aparecem e dizem: "Vocês não precisam morrer de disenteria, não precisam morrer de malária, não precisam morrer de doença nem de epidemias." E então a população ficou pensando em outras formas, porque não podemos mais deixar, por assim dizer, para Deus a tarefa de matar todo mundo, ainda que seja óbvio que podemos arranjar uma guerra e aí as pessoas se matariam desse modo.

Se formos lógicos, vamos ter que conversar sobre um outro assunto dificil: que bebê vamos assassinar? Em que idade um bebê começa a ser humano? A maioria das pessoas concorda que um bebê é um ser humano quando ele já é um feto a termo. E então não vamos matá-los. Falamos sobre o período imediatamente anterior ao nascimento: “Não vamos matar bebês que sejam viáveis.” Bem, aí consultamos um médico: “Em que idade um bebê é viável?” Eles dizem que é quando o peso é x ou y, dois quilos e meio, dois quilos e um quarto, dois quilos, fica parecendo um leilão. E aí aceitamos o conselho dos médicos quanto a ser ou não assassinato, vamos um pouquinho antes e dizemos: “Tudo certo. Aborto. Já decidimos.”

Justamente nestes dias estou aconselhando uma moça, que era feliz no casamento, mas que estava muito inquieta, e quando seu marido foi convocado para o Oriente percebi que ela simplesmente não iria suportar. Não me surpreendeu quando ela me telefonou e disse: “Estou grávida, mas não gosto do pai da criança e odeio a idéia de romper meu casamento; tudo isso me deixa em desespero.” Como não pude entrar em contato imediato com o pai da criança, dei um jeito de ela tirar a criança. É lógico que todo mundo ficou satisfeito que eu tenha feito isso, e a garota estava pronta para a volta de seu marido; e os dois tiveram dois filhos, e o lar não foi desfeito pela chegada de um estrangeirinho nascido dc um caso amoroso não desejado que ela não pôde evitar pelo fato de não ter adquirido uma capacidade mais profunda de tolerar as coisas.

Tudo é bem lógico. E o que você me diz da moça? Ela ainda se sente muito mal com o assassinato da criança de três meses que trazia dentro de si, mas pode tolerar o mal-estar; e eu posso conversar com ela, e ela sabe que se sente muito mal com isso. Portanto, não é apenas a lógica, não é mesmo? Existe o assassinato. Estamos falando sobre algo realmente tremendo.

Voltando um pouco atrás, há uma moça que aos dezoito anos foi solicitada para prestar auxílio num hospital psiquiátrico. A grande preocupação desse hospital era auxiliar os jovens lá

internados, e então eles designaram essa moça para ficar em contato próximo com um rapaz esquizofrênico. Posso garantir a vocês que ela o ajudou muitíssimo. Só que nessa mesma época ficou grávida. Penso que sua mãe achou que era uma irresponsabilidade do hospital e proibiu a moça de continuar indo lá e de prestar auxílio à unidade. Todos nós dissemos: "Certo, é necessário tirar bem rápido o nenê dessa moça." Dei um jeito de fazer com que isso se consumasse, forcei nesse sentido, porque nesses casos os médicos costumam dizer "Vamos pensar mais um pouco"; e vocês voltam dois meses depois, quando a mãe já começou a se ligar ao bebê, e acaba havendo um trauma se ela praticar o aborto. Mais freqüentemente ainda já é tarde demais, e ela terá que carregar um bebê não desejado, e aí sim temos um problema terrível. Seja como for, corri com as coisas, e a garota se livrou do bebê antes de ficar ligada a ele. E ela está bem, não sente nenhuma culpa. Está planejando casar com o rapaz que era esquizofrênico, e querem ter uma família assim que se estabelecerem na vida.

Estou pedindo que conservemos o lado fantasioso, emocional, da coisa, ainda que haja uma indulgência ao extremo da lógica, porque acredito na objetividade e em se olhar para as coisas de um modo direto, e em se fazer algo em relação a isso; mas não em tornar as coisas tediosas pelo esquecimento da fantasia, da fantasia inconsciente. Vocês bem sabem que isso não é nada popular. Ninguém é menos tolerante com a fantasia inconsciente do que o público em geral. O extremo da lógica nos dá a pílula e seu uso, e sei que isso faz uma diferença incrível, e percebo também que o mundo pode usá-la. Só acredito que todos vamos ficar muito insatisfeitos se o que pudermos fazer se reduzir a tal atitude, e aí vamos perceber que a pílula é aquilo que chamei de "O assassinato silencioso". Meu poema contém uma boa dose de conflito, não resolve nada, mas mesmo assim me conduz inesperadamente àquilo que eu não sabia que iria falar: na imaginação, o assassinato silencioso de bebês é a pílula. As pessoas conseguiram ter sentimentos em relação a isso.

Estou acostumado a esse assunto porque lido com crianças. Vamos examinar o caçula de uma família. Descobri que ele — ou ela — matou todos os outros que não se seguiram a ele. Descobri que muitos deles ficam lidando com sentimentos de culpa aterradores, por terem matado todas as outras crianças. Portanto, ficamos bem acostumados com tudo isso quando estamos habituados com a fantasia que existe na vida das crianças.

Vocês podem pensar que fiquei aqui falando: "Tudo bem, descobrimos que a pílula anda matando os bebês, portanto não vamos tomá-la." Mas eu não disse isso. Só estou dizendo: "É claro que reconhecemos que existem épocas em que dizemos, 'Sim, nós matamos bebês'. Só que o fazemos de modo respeitoso." Não porque os odiemos — esse é o ponto. Matamos os bebês porque não podemos proporcionar-lhes um ambiente adequado para que eles cresçam. Mas nós descemos a coisas muito primitivas, que têm a ver com destruição, que dizem respeito ao relacionamento objetal. Em certo sentido, antes do ódio, o relacionamento objetal envolve a destruição.

Não consigo tratar de um assunto sem me envolver, e quando estou falando sobre ele em algum lugar, acabo, como outras pessoas, me descobrindo sonhando a respeito. Tive dois sonhos a noite passada. No primeiro, eu estava numa conferência. Não como esta aqui, era algo mais parecido com a Conferência Psicanalítica que houve em Roma, este ano, à qual não compareci. Havia lá uma família inteira: homens, mulheres, crianças. Havia uma quantidade imensa de pessoas. E as coisas estavam indo bem, quando de repente entra em cena, como um tufão, a filha dessa família. Estou correndo e estava telefonando para os lugares próximos e para o hotel, dizendo "Mamãe perdeu a bolsa!". Aí ela disse: "Quero que vocês compreendam isso, pode ser que ela encontre a bolsa, mas enquanto ela estiver perdida todo mundo aqui vai ter que procurá-la!" E todo mundo passou a procurar — nada de conferência, nada de coisa nenhuma **—,** ficamos procurando a bolsa da mãe. E aqui está algo que devemos tolerar, se estamos pensando no conteúdo fantasioso do uso da pílula. Infelizmente, não

se pode evitar que esse conteúdo envolva a fantasia de a mulher perder sua qualidade de ser mulher.
Acho que o outro era um sonho masculino. Interessou-me pois havia um objeto branco simplesmente maravilhoso: a cabeça de uma criança. Só que não era esculpido, mas a representação bidimensional de uma escultura. Eu dizia a mim mesmo, no sonho: "Veja, o sombreado e a luz são tão bem feitos que se pode até esquecer que é uma representação caprichada da cabeça de uma criança, e pensar nas implicações desse fato, que é o significado da sombra e da luz." No sonho, antes de acordar, eu dizia: "Isto não tem nada a ver com o problema dos negros, de preto e branco — tem relação com o que existe por trás desse problema. Com o preto e o branco que existe no ser humano individual." E assim era.
E aí eu percebi obviamente que era a Lua — eu me levanto muito durante a noite, e gosto de ficar admirando a Lua. Eu sabia muito bem que era ela, porque me veio à cabeça: Diabos, há uma bandeira americana na Lua! Então, de repente, me dei conta, pois comecei a ficar lógico outra vez, que estávamos de volta ao assunto da menstruação e da mulher que havia dito:
"Tive que voltar atrás e usar outra vez a velha desculpa da menstruação." O fato é que estamos aqui participando de algo extremamente primitivo, que tem a ver com a Lua e sua ligação com as mulheres e com o modo pelo qual o mundo se desenvolveu. Terminei dizendo: "O teste de nossa civilização no momento, teste que é diferente de um dia para o outro, é: será que nós, como poetas, vamos conseguir nos recuperar do pouso americano na Lua?" A música diz: "Eu lhe dei a Lua, muito cedo você dela se cansou." Já estou cansado dela, sem dúvida. Mas quando os poetas recomeçam a escrever a seu respeito, como se ninguém tivesse lá pousado, como se ela significasse coisas, do mesmo modo que significa para mim e para você quando a vemos no céu com seu brilho e esplendor, majestade e mistério, então podemos retroceder à época em que elaboramos tudo o que ela significa, quando sabíamos o que significava sombra e

luz. Se pudermos voltar à poesia e nos recuperarmos do pouso americano na Lua, antes que aconteça a mesma coisa em Vênus, poderemos Sentir que a civilização ainda tem alguma esperança. Essa é uma forma divertida de terminar, quando na verdade estou falando a respeito da pílula. Só que, do meu ponto de vista, já que eu nunca vi nenhuma pílula, e sem dúvida jamais ingeri alguma, por tudo o que sei, a pílula poderia se parecer com a Lua. Talvez seja essa minha fantasia.

Moon Landing

1

They say
They reached the moon
Planted a flag
a flag stiffened ofcourse (no gods breathe threre)

1 would fear
1 would panic
1 would doubt
1 would make a mistake
1 would faint
1 would leap, scream, laugh, go to pieces.

II
Clever dcvils
Not SO they.

III

What moon?

They made a room out of their heads
In a computer box they devised
Near-infinite complexity and then
Explored its finiteness. And then
They stepped on to it, planted a stiffened flag,
And took some marbles home, but not for children

to play with.

IV

Has anything altered?
Is this the shape of man's triumph, the mark of man's greatness
the climax of civilization
the growing point ofman's cultural life? Is this the moment for setting up a god
who is pleascd with his creative efforts?

V

No not for me

This is not my moon
This is not the symbol of cold purity
This is not the tide-master
Nor the phase-determinant of women's bodies the lamp fickle yet predictable to the shepherd astronomer that variably lights up the dark night or generates bats and ghosts and witches and things that go bump.

VI
This is not the moon ofthe magic casement, Ofthe personal dream of Juliet of the balcony,
VII
My moon has no flag
no stiffened flag
Its life is in its active beauty
Its variable light
Its luminosity. *

(Nurse 1 come)

Discussão dos objetivos da guerra

Escrito em 1940

Para alívio de muitos, o primeiro-ministro tem-se mostrado pouco disposto a discutir os objetivos da guerra. Nós lutamos para existir.

Pessoalmente, não tenho vergonha da idéia de lutar apenas para existir. Não fazemos nada de extraordinário quando lutamos simplesmente porque não queremos ser exterminados ou escravizados. *Le méchant animal, quand on l 'attaque il se defend.* A ética não entra na conversa, e se formos suficientemente tolos para sucumbir não iremos nem ter a chance de aproveitar nosso erro.

Se lutamos para existir, não podemos reivindicar que somos melhores do que nossos inimigos. No momento em que dizemos que lutamos para possuir, ou para continuar possuindo, no entanto, introduzimos certas complicações, e se formos ousados o suficiente para afirmar que temos alguma qualidade que falta a nossos inimigos, e que deveria ser preservada, estaremos afirmando algo que não será fácil justificar. Conseqüentemente, será melhor manter nossos objetivos tão simples quanto possível.

Não existe nenhuma razão clara para justificar que a capacidade de conduzir o país à vitória deva ser acompanhada da
capacidade de discutir os objetivos da guerra, e pode ser impor-

tante não forçarmos o primeiro-ministro a fazer algo que esteja em desacordo com sua índole. O que o sr. Churchill tem vergonha de fazer, no entanto, nós, que temos menos responsabilidade direta, faremos até com proveito. Podemos examinar a possibilidade de estarmos defendendo algo valioso, e, se acharmos que é esse o caso, podemos tentar elaborar o que esse algo possa ser. E quando as palavras "democracia" e "liberdade" aparecem na discussão, podemos tentar entender o que significam.

Com o intuito de limpar a área, eu pediria que se aceitasse o seguinte postulado: caso sejamos melhores do que nossos inimigos, somos apenas um pouquinho melhores. Alguns anos após a guerra, uma afirmação cautelosa como essa pareceria presunçosa. Em minha opinião, não adianta nada fingir que a natureza humana é fundamentalmente diversa na Alemanha e na Grã-Bretanha, ainda que isso me deixe, admito, com a responsabilidade de explicar as reconhecidas diferenças de comportamento nos dois países. Acredito que essa diferença pode ser explicada sem que seja necessário supor que existam diferenças absolutamente fundamentais. Poder-se-ia dizer: se é tão óbvio que o comportamento é diferente aqui e lá, não é o comportamento que interessa, no final das contas? Sem dúvida, mas existe o comportamento e o comportamento total. Comportamento é uma coisa; comportamento total é outra. O comportamento total inclui a responsabilidade histórica; também leva em conta a ampliação da base da motivação através da identificação inconsciente com os inimigos. O comportamento total também inclui a capacidade de o indivíduo conseguir gratificação em conexão com idéias, talvez agressivas e cruéis, e de obter alívio quando idéias intoleráveis que ameaçam ganhar a consciência são atuadas — ou seja, quando se compartilha com os outros membros de um grupo a responsabilidade por essas idéias. Colocando em palavras simples, podemos nos sentir bons, ser bem-comportados, mas precisamos de um parâmetro para a consciência da bondade. O único parâmetro realmente satis-

fatório para a bondade é a maldade, e o comportamento total inclui essa maldade, mesmo que nosso inimigo é que seja mau.

No momento, estamos na posição aparentemente afortunada de ter um inimigo que diz: “Eu sou mau; tenho a intenção de ser mau”, o que nos capacita a sentir: “Somos bons.” Se nosso comportamento pode ser considerado bom, não fica claro de modo algum que podemos escapar a nossa responsabilidade pela atitude alemã e pela utilização alemã das qualidades peculiares a Hitler. Na verdade, haveria um perigo real e imediato em tal complacência, já que a declaração do inimigo é honesta justamente onde a nossa é desonesta. De acordo com a minha visão, essa é uma das razões do poder que eles têm para quebrar seus oponentes a partir de dentro. Eles o impelem a uma posição de certeza que se rompe por ser falsa.

Esquecemos com muita facilidade o fato de que, quando acontece uma guerra, ela tem um valor que se reflete no curso da política. É muito dificil manter a paz como um fenômeno natural durante um período superior a um certo número de anos, e seria possível demonstrar que pressões e tensões internas estavam aparecendo na estrutura política do país quando a ameaça externa chegou e nos deu alívio. (Isso não implica que a guerra foi engendrada para prevenir uma revolução, como dizem alguns.)

Em outras palavras, a natureza humana, denominada coletivamente estrutura social, não é um assunto simples, e nenhuma ajuda vem dos sociólogos quando eles negam o poder da cobiça e da agressão que todo indivíduo tem que enfrentar dentro do próprio *self* se quiser parecer civilizado. A maneira mais fácil para o indivíduo é ver as suas partes desagradáveis apenas quando elas aparecem em outras pessoas. O dificil é que ele veja que toda cobiça, agressão e embuste no mundo *bem poderiam* ter sido sua responsabilidade, mesmo que o fato em si não o seja. Isso é verdade tanto para o Estado como para o indivíduo.

Se quisermos nos instruir, os elementos da última década estão desejosos de nos ensinar. Um passo em nossa instrução

veio de Mussolini, que falou com todas as letras, antes de Hitler aparecer no cenário, que a única posse justificável era aquela garantida pela força fisica. Não temos que discutir se isso é certo ou errado do ponto de vista ético; devemos apenas notar que, qualquer um que esteja preparado para agir, ou mesmo para falar, baseado nesse princípio, acaba forçando todo mundo a agir segundo esse mesmo princípio. Mussolini insinuava que a Grã-Bretanha, a França, a Holanda e a Bélgica estavam assumindo uma posição falsa ao reivindicar direitos territoriais, como se Deus assim tivesse ordenado, e discutiu-se que, mesmo que suas palavras fossem apenas um blefe, para forçar-nos a decidir outra vez se valia ou não a pena lutar por nossa posição, ele talvez nos tenha prestado um bom serviço.

Nossa tarefa fica imensamente simplificada se aceitamos o fato de que, em nossa natureza, somos basicamente iguais aos nossos inimigos. Podemos então examinar sem temor nossa própria natureza, nossa cobiça e nossa capacidade de iludir a nós próprios; se acima de tudo isso descobrirmos que defendemos algo valioso para o mundo, estaremos em condições de avaliar isso em sua devida proporção.

Deve-se lembrar que, se descobrirmos que fazemos coisas boas com o poder que possuímos, isso não significa que podemos possuí-las sem despertar inveja. Um inimigo pode invejar não apenas o que possuímos, mas também a oportunidade que nosso poder nos dá de governar bem e espalhar bons princípios, ou pelo menos de controlar as forças que poderiam ocasionar desordem.

Em outras palavras, se reconhecemos a importância da cobiça nas questões humanas, podemos encontrar algo além da cobiça, ou podemos descobrir que ela é um amor de tipo primitivo. Podemos também descobrir que a compulsão para adquirir poder resulta do medo do caos e do descontrole.

Será que poderíamos descobrir outra justificativa possível para lutar,já que esta é antes de tudo uma luta pela vida? Na verdade, só existe um modo de sustentar a reivindicação de que

somos melhores do que nossos inimigos sem nos envolvermos numa discussão interminável sobre o significado da palavra “melhor”: se pudermos demonstrar que nosso objetivo representa um estágio mais maduro do desenvolvimento emocional do que o objetivo de nossos inimigos. Um bom exemplo seria sermos capazes de demonstrar que os nazistas estão se comportando como adolescentes ou pré-adolescentes, enquanto nós estamos agindo como adultos. A título de ilustração, eu diria que a atitude de Mussolini, “lutar para possuir” (se for real, e não apenas palavras), é relativamente madura, e que a atitude “confie e ame seu líder” só é normal para o rapaz imaturo e pré-adolescente. De acordo com essa idéia, Mussolini nos desafiou a comportarmo-nos como adultos, enquanto os nazistas nos desafiaram como adolescentes e não puderam nos compreender por não conseguirem enxergar sua própria imaturidade.

Nossa reivindicação, provavelmente, é que os nazistas são pré-adolescentes confiantes, e que nós estamos lutando para sermos adultos. Estamos tentando nos sentir livres, tanto quanto ser livres, e estamos dispostos a lutar, sem sermos belicosos, para nos tornarmos lutadores potencialmente interessados na arte da paz. Se reivindicamos isso, precisamos estar preparados para defender a reivindicação e entender o que ela significa.

Geralmente parte-se do princípio de que todos amamos a liberdade e queremos lutar ou morrer por ela. Poucos reconhecem que essa suposição é perigosa e não-verdadeira e esses poucos, parece-me, não conseguem compreender aquilo que descrevem.

A verdade parece ser que gostamos da idéia da liberdade e admiramos aqueles que se sentem livres, mas ao mesmo tempo temos receio da liberdade, e em certas ocasiões tendemos a nos deixar controlar. A dificuldade em compreender isso é que o Consciente e o inconsciente não são, de modo algum, idêntiaos. Sentimentos e fantasias inconscientes conferem ilogicidade ao comportamento consciente. Também pode haver uma discrepância enorme entre aquilo de que gostamos quando estamos excitados e aquilo de que gostamos nos intervalos.

A interferência no exercício e no gozo da liberdade aparece sob duas formas principais. Em primeiro lugar, o gozo da liberdade só se aplica realmente aos períodos entre as excitações corporais. Há muito pouca gratificação corporal, e nenhuma que seja intensa, a se extrair da liberdade; ao passo que as idéias de crueldade ou escravidão estão notoriamente associadas com experiências sensuais e excitação corporal, mesmo que separadas da perversão real, onde tais coisas são atuadas como um substitutivo da experiência sexual. Portanto, é necessário que os amantes da liberdade sintam o poder sedutor da idéia da escravidão e do controle. Pode não ser muito cortês mencionar os prazeres secretos do corpo e os pensamentos que os acompanham, mas as extraordinárias interrupções de liberdade que a história registra não podem ser explicadas se permanecemos sob uma conspiração de silêncio e negação.

Em segundo lugar, a experiência da liberdade é cansativa, e em certos intervalos a pessoa livre procura um descanso da responsabilidade e dá boas-vindas ao controle. Há uma piada muito conhecida a respeito de uma escola moderna, onde um aluno diz: “Por gentileza, será que nós *temos* que fazer o que queremos hoje?” Há uma resposta sensível implicada nessa anedota, que é: “Hoje eu vou lhe dizer o que fazer, pois você é uma criança e é ainda muito jovem para assumir a responsabilidade plena por seus pensamentos e ações.” Só que se for um adulto que faz a pergunta às vezes dizemos: “Sim senhor, você tem que fazer sim. Isso é que é liberdade!” E provavelmente ele está muito disposto a fazer um esforço para exercitar sua liberdade e mesmo apreciá-la, desde que haja um feriado de vez em quando.

Aqui, outra vez, para nos sentirmos livres temos que ter um parâmetro. Como vamos ter consciência da liberdade senão por meio do contraste com a falta dela? A escravidão dos negros africanos forneceu — e ainda fornece — uma facilidade falsa a respeito de nossa própria liberdade; e o reaparecimento do tema da escravidão em nossos livros, filmes e músicas é nosso método de conseguir o sentimento de que somos livres.

Nossa civilização ainda não encarou o problema da liberdade a não ser no que se refere à existência da escravidão negra. se incluirmos, como aliás deveríamos fazer, a questão da emancipação dos escravos. Talvez a Alemanha tenha estado menos envolvida do que nós ou a América nessas duas experiências, que são uma só em termos de comportamento total. Nesse caso, isso faria uma enorme diferença no manejo individual do alemão quanto à crueldade pessoal e ao impulso de controlála, criando uma necessidade maior de ele atuar nos dias de hoje as experiências de crueldade e de escravização que os americanos atuaram, no escravismo dos negros, e ainda estão atuando, através da grande emancipação.

A liberdade representa uma pressão sobre a personalidade do indivíduo; o homem livre fica sem o alívio das idéias que ele possa ter de estar sendo perseguido. Dele é retirada qualquer lógica que o desculpe de seus sentimentos agressivos ou de raiva, a não ser a insaciabilidade da própria cobiça. E ele não tem ninguém que lhe dê ou retire a permissão para fazer o que ele quiser em outras palavras, que o poupe da tirania de uma consciência. Não é de admirar que as pessoas temam não somente a liberdade, mas também a idéia de liberdade e o dar liberdade.

Ser mandado proporciona um grande alívio ao homem, e a única coisa que se exige é que o culto aos heróis entre em ação. No momento presente, permitimos que o sr. Churchill e alguns outros elementos de seu gabinete mandem em nós de modo tão insensato que isso só pode ser explicado pelo pressuposto de que todos estamos completamente enjoados da liberdade e nostálgicos de um período de escravidão. No comércio, por exemplo, inventaram-se regras e regulamentos que estão além da compreensão do pequeno negociante. No início, ele fica incomodado, depois torna-se desconfiado, e alguns dos melhores de sua área são gradualmente forçados a desistir, ou são levados ao colapso fisico ou mental. Pode-se dizer o mesmo a respeito de muitos outros setores. Não há dúvida de que isso

tem um certo valor por causa de sua crueldade e estupidez, as quais só perdem em importância, para os seres humanos, para a liberdade. Vinculando liberdade e paz, e escravidão, guerra e esforço de guerra, alcançamos um belo estado de coisas, o qual. no entanto, depende da conveniência de alguém estar guerreando conosco. Se formos estimulados a lutar a cada duas ou três décadas, parece que ficamos capazes de aproveitar a prática da, democracia e da experiência de liberdade.

E muito raro conhecer um indivíduo que seja livre e que se sinta livre, e que possa assumir plena responsabilidade por suas ações e pensamentos sem se frustrar em demasia, ou seja, sem manifestar inibição no estado de excitação. Tanto a inibição quanto a licenciosidade são fáceis, e pode-se comprá-las bem baratinho transferindo-se a responsabilidade a um líder idealizado ou a um princípio; o resultado, no entanto, é a pobreza de personalidade.

Sendo a liberdade algo que deve ser imposto àqueles que são capazes de assumi-la, é necessário um vidente para avaliála e mostrar às pessoas que vale a pena lutar e morrer por ela — e isso é uma verdade que se repete, geração após geração. Mártires ganham a liberdade para sua própria geração, não para os sindicalistas de todos os tempos. O amor à liberdade, por si só, não gera liberdade. E o fato de as pessoas que estão sob escravidão amarem a idéia da liberdade não significa que elas irão amá-la quando estiverem livres. É sabido que, ao primeiro gostinho de liberdade, as pessoas ficam paralisadas de medo, sem saber o que fazer com ela. E aí com ela se reconciliam, o que implica que, em maior ou menor medida, desistiram dela.

Se é dificil sentir-se livre, não é menos difícil dar liberdade aos outros. O período de guerra nos proporciona não apenas um período de alívio temporário da pressão de ser livre, mas também a oportunidade para que os ditadores tenham seu dia. Temos ditadores em toda parte e freqüentemente eles fazem coisas belíssimas, que jamais poderiam ser feitas através do método parlamentar. Quando se atinge um acordo quanto ao objetivo, a execução é apenas uma questão de eficiência. Será

que esses homens estarão plenamente satisfeitos ao final da guerra, e se contentarão em ficar de lado para permitir a aurora de um novo dia democrático?

Dizem que esta guerra está sendo levada a cabo pela liberdade, e eu acredito que alguns de nossos líderes podem alcançar esse alto objetivo. Com o passar do tempo, vamos cedendo o tanto de nossa liberdade que o sr. Churchili julga necessário. Esperemos que existam aqueles que possam se sentir livres e tolerar a liberdade alheia quando a batalha estiver ganha.

Democracia é exercício da liberdade, e o governo parlamentar é a tentativa de fazer com que a liberdade seja possível através da disposição dos indivíduos de tolerar o eclipse de suas opiniões, caso eles sejam menos votados. A disposição de tolerar que a coisa não ocorra do seu jeito, quando alguém não consegue obter o apoio da maioria, é uma aquisição humana impressionante, que envolve muito desgaste e muita dor. Só é possível se houver uma permissão de gratificação, através do ato de, periodicamente e de modo ilógico, livrar-se do líder. Para haver estabilidade, o rei é mantido, ilogicamente, de modo permanente. Na verdade, a essência da democracia é a divisão da cabeça em rei e primeiro-ministro. A variação americana desse tema investe um homem de permanência por um período limitado de tempo.

A mim causa extremo desconforto ver que se fala em democracia, nesta época solene, como se ela significasse apenas o Estado servindo o povo, ao invés de o povo servindo o Estado. Sem dúvida, o essencial da democracia é que o povo não apenas eleja mas também se livre de seus líderes e assuma essa responsabilidade. Os sentimentos justificam a mudança, ainda que a lógica e o raciocínio possam roubar a crueza a esses sentimentos.

Por sorte, sendo a natureza humana como ela é, cedo ou tarde acaba aparecendo alguma razão que justifique a remoção dos chefes, mesmo dos mais amados e confiáveis; só que o motivo primário da remoção de um político é subjetivo, e será encontrado no sentimento inconsciente, de maneira que, se os políticos ficam engasgados, torna-se manifesta uma série de fenômenos que agregam ódio não-expresso e agressividade não-satisfeita.
Nos últimos anos, uma grande ameaça à democracia veio da tendência de os políticos desejarem se aposentar em função da idade, ou morrer trabalhando, em vez de sofrer uma derrota parlamentar. Morrer não é suficiente. Dizem que um bom membro da Câmara dos Comuns bate forte e espera receber o troco.
O fato de Churchili ter substituído Chamberlain por meio de um procedimento parlamentar e não se ter adiado a remoção do sr. Chamberlain por alguns dias, de medo do ataque inimigo, constituiu uma bela oportunidade para a democracia!
Em minha opinião, a maior contribuição de Lloyd George para a política das duas últimas décadas foi seu desempenho como chefe "assassinado", enquanto todos os outros velhos estavam evitando ser "assassinados", aposentando-se invictos. Lloyd George teve que ser mantido morto, e em certas épocas ele deve ter se sentido desperdiçado, quando percebemos que ele estava ajudando a preservar a democracia da ruína, oriunda do medo que os políticos têm da remoção ilógica.
O mesmo sentimento teve eco nas recentes eleições presidenciais através do grito "Não ao terceiro mandato". Preservar Roosevelt pode significar a decadência da democracia nos Estados Unidos, já que da próxima vez ele vai ter que sair, e portanto nenhum presidente poderá ser sacrificado, derrubado ilogicamente, por pelo menos oito anos, O resultado tem que ser um reforço da tendência à guerra, às revoluções, ou à ditadura.
Os nazistas, que obviamente adoram que se lhes diga o que fazer, não se sentem responsáveis pela escolha de um líder, e são incapazes de derrubá-lo, sendo pré-adolescentes nesse as-

pecto. Podemos reivindicar que, no modo de vida democrático, nosso objetivo é a liberdade, se pretendemos um compartilhar maduro de responsabilidades, especialmente a responsabilidade pelo patncídio ilógico, que tornamos possível por meio da cisão de nossa figura paterna. Não devemos nos surpreender, no entanto, quando outros nos apontam nosso fracasso em alcançar tal liberdade. Só podemos dizer: é o que pretendemos, ou o que, enquanto nação, conseguimos alcançar em curtos períodos, entre as guerras. Realmente é esperar muito que a liberdade pessoal e o sentimento de liberdade sejam alcançados por mais que umas poucas pessoas, uns poucos homens e mulheres valorosos de cada época, que não adquiriram necessariamente fama. Quando se chega a um esclarecimento verbal dos objetivos da guerra, só se pode ter certeza de uma coisa: se quisermos sobreviver, precisamos ter disposição de lutar. Também reivindicamos que nossa esperança é mais do que lutar, pois tentamos praticar a liberdade — o que pode dar muita dignidade ao animal humano. Se pensarmos que defendemos a maturidade do desenvolvimento, mais do que o fazem nossos inimigos, teremos algo de muito forte para atrair a simpatia do mundo, embora isso não evite que tenhamos que lutar ou morrer se necessário.

Nosso primeiro objetivo é vencer a guerra. Supondo que a vençamos, vamos enfrentar a dificil tarefa de, antes de mais nada, restabelecer nossa própria liberdade, nosso sistema parlamentar e o modo de vida democrático, inclusive a máquina de remoção ilógica dos políticos. Esse é nosso segundo objetivo de guerra. O terceiro é procurar ou estar preparado para dar as boas-vindas aos elementos maduros dos países inimigos. Espera-se que muitos alemães e italianos que agora demonstram uma mentalidade desafiadoramente adolescente sejam capazes de um avanço pessoal em direção à maturidade — ou seja, podemos esperar que muitos deles estejam seduzidos pela adolescência ou pré-adolescência, e não que estejam fixados

num estágio imaturo de desenvolvimento em função de uma incapacidade pessoal de amadurecer. Pois somente na medida em que os alemães estiverem maduros é que a idéia de liberdade lhes pode ser proveitosa.

Para mim, ainda há algo que se pode dizer a respeito do ganhar a guerra. Nesta guerra em particular, ganhar significa apelar para todo e qualquer blefe na propaganda. Nosso trabalho é testar tudo aquilo que nos é jogado por meio de palavras. É por isso que aqueles que advogam a propaganda de nossa parte originam em nós mais suspeita do que admiração. Deve haver um lugar para a propaganda como parte da máquina de guerra, mas é importante que consigamos uma vitória militar, e não uma vitória moral.

A melhor esperança para um período de paz é que a guerra termine no momento em que a luta termina. Se o lado vencedor estabeleceu uma supremacia em armas, o vencido ainda pode manter a cabeça erguida. Lutar e perder não é pior para a alma do que lutar e vencer.

Pode-se tentar ser mais claro ainda e dizer que, se os alemães vencerem, sua vitória será por sua superioridade em termos de luta, e não de espetáculo; se nós vencermos, como confiamos, novamente será por nossa superioridade de luta.

Se, no entanto, uma paz artificial é celebrada antes que se estabeleça de modo indubitável a supremacia pelas armas, então o velho problema da culpa vai vicejar outra vez, e a paz que todos nós esperamos será novamente estragada.

Ouvimos muito pouco a respeito do valor da guerra, o que não causa estranheza, já que conhecemos tanto de seus horrores. Mas com certeza é possível que essa luta verdadeira entre alemães e britânicos tenda a promover gradualmente a maturidade de ambos os lados. Pretendemos chegar a um ponto de saturação, quando houver satisfação militar e respeito mútuo entre os combatentes, um respeito que nunca mais pode surgir entre propagandistas e contrapropagandistas, nem, temo, entre pacifistas e pacifistas. Poder-se-ia alcançar um novo período

de respeito mútuo entre combatentes amadurecidos, um novo período de paz, que talvez dure um outro par de décadas, até que uma nova geração cresça e procure resolver ou obter alívio de seus próprios problemas a seu próprio modo. A atribuição de culpa pela guerra não entra nesse esquema, já que todos compartilhamos dela, pois paz significa impotência, a não ser quando conquistada através da luta e do risco pessoal de morte.

Os muros de Berlim

Escrito em novembro de 1969

O muro de Berlim é o exemplo mais notório de um fenômeno que pode ser encontrado em toda parte, mas que ganha significado especial pelo fato de o mundo ter-se tornado um local único e de a raça humana ter alcançado uma espécie de unidade.

Há muitas maneiras de examinar esse fenômeno no mundo da política prática e não seria possível que uma só pessoa abarcasse todo o assunto. A partir da prática psicanalítica, no entanto, parece necessário dizer determinadas coisas, duas das quais desejo desenvolver como temas separados.

A primeira tem a ver com o desenvolvimento da unidade individual. Não é possível olhar de modo proveitoso para o estado clínico de um ser humano num único momento. É muito mais vantajoso estudar o desenvolvimento desse indivíduo em sua relação com o meio, e isso inclui um estado da provisão ambiental e de seu efeito no desenvolvimento do indivíduo, Os processos maturacionais herdados no indivíduo são potenciais; necessitam de um ambiente facilitador para sua viabilização, pelo menos em certo grau e medida, e há variações importantes no meio social conforme o local e a época. Deve-se presumir que o mundo, na medida em que se transforma em unidade em termos sociológicos, não pode ser melhor do que os indivíduos que o compõem. Pode-se fazer um diagrama do indivíduo

humano, e a superposição de um bilhão desses diagramas representa a soma total da contribuição dos indivíduos que compõem o mundo, sendo, ao mesmo tempo, um diagrama sociológico do mundo. Existe aqui uma complicação; apenas determinada proporção de indivíduos é que adquire, em seu desenvolvimento emocional, algo que poderia ser chamado de estado unitário. Realmente, é bem provável que o conceito de indivíduo seja um conceito relativamente moderno e que não tenham existido pessoas inteiras senão há poucos séculos; ou talvez tenha havido uns poucos indivíduos inteiros excepcionais por volta dos dois últimos séculos. É muito fácil hoje em dia assumir a existência do indivíduo enquanto unidade, e supor que essa unidade constitui a base de tudo aquilo que é humano; e que todo indivíduo que não tenha conquistado a integração em algo que poderia ser denominado uma unidade ainda não alcançou o patamar a partir do qual se pode adquirir maturidade, seja lá qual for o significado dessa palavra.

Por conseguinte, o mundo precisa conter uma certa proporção de indivíduos que não conseguem atingir a integração a ponto de se tornarem uma unidade e que portanto não podem contribuir, exceto de modo destrutivo, para a integração mundial. Para prosseguirmos nosso assunto é necessário deixar de lado essa complicação e também considerar o mundo sociológico como a superposição dc milhões de indivíduos integrados uns aos outros. Pode-se admitir que no mundo não se encontrará nada melhor do que aquilo que pode ser atingido no ser humano.

Quando estudamos bebês e crianças em desenvolvimento, e os seres humanos se desenvolvendo em todos os grupos em todo o mundo, descobrimos que a integração em uma unidade não significa que o indivíduo alcançou a paz. O indivíduo adquire um selfque pode conter conflitos de toda espécie, referentes aos instintos e às necessidades refinadas do espírito, e também os conflitos relacionados ao meio. O diagrama do ser humano mais saudável que se possa conceber pode ser visto como uma

esfera, ou mais simplesmente um círculo — e de imediato será necessário colocar uma linha passando pelo centro. O indivíduo que atingir esse grau de saúde é capaz de conter todos os conflitos que surgem de dentro e de fora e, embora sempre possa haver guerra ou uma guerra potencial ao longo da linha central, dc ambos os lados da linha organizam-se (pelas forças integrativas inerentes ao desenvolvimento humano) agrupamentos de elementos benignos e persecutórios.

Na realidade psíquica interna que estou descrevendo, nem sempre há guerra simplesmente por causa da linha e da separação dos elementos benignos e persecutórios. E possível proporcionar ajuda pelo fato de que os elementos benignos podem ser exportados ou projetados — o mesmo ocorrendo com os elementos persecutórios. Dessa maneira, os seres humanos estão sempre inventando Deus e estão sempre organizando depósitos de dejetos ou de produtos perigosos.

Há dois extremos, do ponto de vista clínico, quando se examinam os seres humanos segundo o modo como eles lidam com essas questões. Num extremo, a totalidade do conflito que o indivíduo pode conhecer é reunida na realidade psíquica interna pessoal. Assume-se responsabilidade por tudo. Devido ao perigo que cada movimento representa, estabelece-se automaticamente controle sobre tudo. A disposição de ânimo, portanto, é a depressão. No extremo oposto, a guerra potencial na realidade psíquica interna não pode ser tolerada, e o indivíduo procura por um representante dela na sociedade, tanto local como geral, e em última análise no conceito social unificado do mundo em que vivemos. Dessa forma, não se trata somente do fato de sempre existir conflito no meio social, mas também de que os indivíduos que compõem a sociedade inventam e mantêm tal conflito; e os indivíduos não apenas sofrem com os conflitos no mundo ao seu redor, mas também obtêm alívio, pois o conflito externo ao indivíduo o alivia do conflito interno — ou seja, da realidade psíquica interna pessoal.

Os idealistas com freqüência se pronunciam como se existisse um indivíduo sem nenhuma linha no centro do diagrama

da pessoa, não havendo nele nada exceto forças benignas utilizáveis para bons propósitos. Na prática, no entanto, todos os que estudam essas questões descobrem que, se os indivíduos estão quase livres de forças e objetos persecutórios ou "maus", isso significa simplesmente que algum mecanismo do tipo bode expiatório está atuando e que o indivíduo está conseguindo alívio de uma perseguição real, imaginária, provocada ou delirante.

Da mesma maneira, é impossível conceber alguém que seja de todo mau, ou seja, que só contenha elementos persecutórios, não importando o que a palavra "mau" signifique. Isso poderia ocorrer, no entanto, na psicopatologia, onde, em certos casos de suicídio, o indivíduo faz um arranjo, colocando todos os objetos maus dentro do *self* e exterminando-os, após exportar ou projetar aquilo que sente ser bom. (Recordo-me aqui da biografia de Philip Hesseltine: ele pôs o gato para fora, fechou a porta e abriu o gás.) Observar-se-á que no estado depressivo que faz parte da estrutura da personalidade do indivíduo normal ou psiquiatricamente saudável há uma tolerância ao estado de guerra potencial. É como se houvesse um muro de Berlim, ou o que hoje em dia é denominado linha de paz do exército, em Belfast. Essas questões são provincianas; no dia em que o presente estudo tiver encontrado um leitor, talvez elas tenham sido esquecidas, em função de algum exemplo melhor de linha divisória, o qual, na pior das hipóteses, posterga o conflito e, na melhor das hipóteses, mantém distantes as forças opostas por longos períodos, de forma que as pessoas possam brincar e perseguir a arte da paz. Essa paz depende do sucesso temporário de uma linha divisória entre as forças oponentes; a bonança entre as épocas em que o muro deixa de segregar o bem e o mal.

Em todas as localidades existe uma questão política como pano de fundo, e a solução temporária para essa questão, que envolve guerra e guerra civil, é a base para os momentos de paz e de aquisição cultural. Isso é o mesmo que o fato bem reconhecido de que existem condições especiais que fazem de uma ilha (se ela não for muito grande) um lugar em que se pode pra-

ticar a arte da paz. Em outras palavras, se uma comunidade não é uma ilha, ela tem fronteiras e há um estado de tensão nessas fronteiras. O comportamento das pessoas que estão tanto de um lado da fronteira como do outro determina a natureza da vida do povo, e aqui fica de novo imediatamente claro o quanto é produtivo tolerar o antagonismo sem que se negue o antagonismo em si. Ao mesmo tempo, a tolerância do antagonismo é a coisa mais dificil de se conseguir em política. É sempre mais fácil fortalecer-se e empurrar as fronteiras um pouquinho mais ou fazê-las passar por cima da cabeça do povo, dominando o grupo social, de modo que não haja liberdade para esse grupo, ainda que haja liberdade para o grupo maior e mais forte que obteve o domínio.

Isso é um reflexo do tipo de coisa que pode acontecer no indivíduo quando o fascínio por um líder ou por determinada idéia dá ao indivíduo certeza absoluta de suas ações e o transforma num ditador que não possui dúvidas, nem apresenta hipocondria ou depressão, mas apenas e tão-somente uma compulsão para manter o domínio. Esse é o domínio do bom sobre o mau, mas a definição de bom e mau é privilégio do ditador, e não uma questão para ser discutida entre os indivíduos que compõem o grupo, não ficando, portanto, sob revisão constante no que diz respeito ao seu significado. Pode-se dizer que, até certo ponto, a ditadura sucumbe porque o significado fixo atribuído ao bom e ao mau eventualmente torna-se entediante, e as pessoas tornam-se desejosas de arriscar a vida pela causa da espontaneidade e da originalidade. Pode-se começar a aplicar imediatamente essas questões a qualquer pequeno problema que apareça. Por exemplo: se o muro na Irlanda do Norte está entre o catolicismo e o protestantismo, isso significa que não há espaço para um agnóstico saudável. Todo mundo que estiver na Irlanda do Norte no presente momento tem que ser ou protestante ou católico, ainda que mesmo o significado dos termos protestante e católico não esteja aberto a discussão, mas possa estar estabelecido pelas raízes históricas,

capazes de conferir a tal discussão um significado local, específico para a Irlanda do Norte. De certo modo, talvez a Irlanda do Norte seja o muro de Berlim permanente que divide a Inglaterra e o Eire. Se o Eire incluísse a Irlanda inteira, então o muro seria a água que separa as duas ilhas. Na verdade, não restam muitas dúvidas de que apareceria um linha irregular dividindo as populações em Glasgow, Liverpool e em outras áreas do oeste da ilha, e isso poderia implicar uma exacerbação da tensão entre protestantes e católicos em Londres.

Em Londres no presente momento, e na Grã-Bretanha de modo geral, o estado de fixidez da bandeira protestante facilita a tolerância ao catolicismo. Do mesmo modo, na Irlanda católica há uma certa tolerância em relação ao protestantismo, pois considera-se o catolicismo como parte do clima. É quando os dois climas se encontram que ocorre o choque.

Não é dificil fazer afirmações dessa espécie em relação a outros países, embora em todo caso qualquer afirmação que seja feita de modo muito apressado corra o risco de ser muito pobre em termos de verdade, já que a verdade é complicada, e conseqüentemente interessante, além de enraizada na história. No entanto, para efeito de ilustração, é possível realizar o exercício de ampliar a imaginação juntamente com o conhecimento de alguns fatos.

O denominador comum de todos esses problemas é o estado de guerra potencial que existe entre facções que aparecem aos pares. Esse tema, ou seja, o tema que me interessa enquanto estou aqui escrevendo, tem a ver com o ponto de encontro entre as facções e a organização no lugar em que as fronteiras se encontram ou se encontrariam, se não fosse pela terra-de-ninguém entre as duas fronteiras. Muito daquilo que chamamos de civilização torna-se impraticável à medida que nos aproximamos da barreira alfandegária, de tal maneira que os que viajam com passaporte ficam maravilhados com a facilidade com que o fazendeiro pode arar seu campo e cruzar a fronteira diariamente quantas vezes quiser, e praticamente sem notar que o faz, ao passo que, se fôssemos segui-lo, seríamos mortos. Nos locais em que

os fazendeiros não podem brincar com a fronteira desse modo, nessa área reconhecemos um estado de guerra potencial, e aí não buscamos a arte da paz ou a criatividade lúdica.

E interessante comparar o rico desenvolvimento que passou a existir na fronteira entre a Inglaterra e a Escócia, ainda que haja poucas indicações de onde começa a Inglaterra e onde termina a Escócia, ou vice-versa. Podemos apreciar a modificação gradual do sotaque, e a ênfase na história tem um colorido um pouco diferente caso se vá um pouquinho mais para o norte ou para o sul. Sem dúvida, ajuda muito o fato de a ilha ser mais estreita ao sul de Edimburgo, de modo que sentimos mais ou menos que estamos na Escócia quando estamos na Escócia, sem que ninguém nos diga.

A fronteira entre a Inglaterra e o País de Gales tem que ser observada em termos da geografia e das montanhas. A fronteira entre Berlim Ocidental e Berlim Oriental é um muro construído pelo homem que tem que ser necessariamente feio, pois não há nenhum significado na palavra "beleza" que possa ser vinculado ao reconhecimento de que aqui, exatamente neste ponto, é o lugar onde, se não houvesse muro, haveria guerra. Mas o aspecto positivo do muro de Berlim é o reconhecimento do fato de que a natureza humana não é capaz da totalidade, exceto em termos do humor depressivo e do reconhecimento do conflito na realidade psíquica interna do indivíduo, e de uma disposição de postergar a resolução do conflito e de tolerar o desconforto desse humor. Naturalmente, em termos do tempo, a pessoa pode ver que existe uma alternativa entre a resolução do conflito, que significa guerra ou conquista, e a tolerância do estado de tensão, que significa a aceitação de um muro de Berlim ou de algo equivalente.

Isso significa uma psicose maníaco-depressiva em termos do tempo e da sociologia, que é a mesma coisa que a psicose maníaco-depressiva dc alternância de humor no indivíduo, que por sua vez é a mesma coisa que o humor deprimido de uma pessoa inteira que aceita o fato do conflito na realidade psíquica interna.

A liberdade

Fusão de dois ensaios escritos por volta de 1969

Esta é uma ocasião propícia para uma colocação a respeito do significado da liberdade. Não será feita nenhuma referência à vasta literatura, tanto dentro como fora da psicanálise,

que aborda essa jdéia. Não é possível, no entanto, eu me eximir da responsabilidade de propor uma nova visão da liberdade, à luz dos conceitos de saúde e de criatividade que tenho enfatizado.

A questão da liberdade já foi introduzida quando me referi ao fator ambiental que torna a criatividade inútil, ou a destrói no indivíduo ao produzir um estado de desesperança. Essa é a questão da liberdade em termos da sua ausência e da crueldade envolvida tanto na restrição fisica como na aniquilação da existêncja fisica pessoal de um indivíduo através da dominação, como por exemplo numa ditadura. Assinalei que tal dominação pode ser encontrada em casa, e não apenas no cenário político.
É bem sabido que pessoas corajosas descobriram, através dos séculos, que tinham um certo senso de liberdade, e mesmo um senso mais incrementado quando se encontravam em situação de restrição fisica. Em algum outro lugar, citei o verso bem

conhecido: “Muros de pedra não fazem uma prisão; nem barras de ferro, uma jaula.”

Em termos do indivíduo que tem alguma medida da saúde psiquiátrica, o senso de liberdade não fica totalmente dependente da atitude ambiental. Realmente, é possível que as pessoas sintam terror da liberdade quando ela lhes é permitida após ter sido proibida. Observou-se algo assim no cenário político durante o último meio século, quando tantos países finalmente alcançaram a liberdade e não sabiam o que fazer com ela.

Num livro que não está essencialmente preocupado com a política, o estudo deve ser o do sentido da liberdade referente à saúde psiquiátrica do indivíduo. Aqueles que entram em contato com a teoria psicanalítica pela primeira vez sentem, com razoável freqüência, que ela, por mais interessante que possa ser, é de certo modo assustadora. O próprio fato de que possa haver uma teoria do desenvolvimento emocional do indivíduo relacionada ao ambiente, e de que a teoria possa ser ampliada para explicar perturbações no desenvolvimento e estados de doença, deixa muita gente realmente perturbada. A pessoa que der palestras para grupos de estudantes mais velhos a respeito do desenvolvimento emocional da criança e da dinâmica dos distúrbios mentais e psicossomáticos espera, de tempos em tempos, abordar a premente questão do determinismo. E claro que não existe nenhuma teoria dos estados emocionais e da saúde, dos distúrbios da personalidade e das excentricidades do comportamento que não se baseie em algum pressuposto determinista. Não ajuda muito se o conferencista tenta fazer concessões a alguma área que esteja de algum modo fora do determinismo. O estudo da personalidade que está especialmente associado ao trabalho de Freud, trabalho esse que constituiu um enorme avanço na tentativa do homem de entender a si mesmo, é uma extensão da base teórica da biologia, que por sua vez é uma extensão da base teórica da bioquímica, da química e da fisica. Há um contínuo nas afirmações teóricas sobre o universo, se a pessoa começa com a teoria da estrela pulsante e ter-

mina com a teoria do distúrbio psiquiátrico e da saúde no ser humano, incluindo a criatividade ou examinando o mundo de modo criativo, que é a evidência mais importante de que o homem está vivo e de que aquilo que está vivo é o homem.

Obviamente, é muito dificil para alguns seres humanos, talvez para todos, aceitar o determinismo como um fato básico, e há muitos caminhos bem conhecidos para escapar a ele. Sempre que alguém olha para uma dessas saídas de emergência, sente alguma esperança de que ela não vai estar bloqueada. Por exemplo, se alguém examinar a percepção extra-sensorial, vai perceber uma tentativa de provar que ela existe, mas vai sentir uma ambivalência no que diz respeito ao desfecho, já que, ao se provar que ela existe, bloqueia-se uma possibilidade de escape ao determinismo, e o resultado é mais um exemplo de materialismo grosseiro. O materialismo não é bonito, nem tampouco agradável, mas também não podemos dizer que desejamos ficar permanentemente procurando uma maneira de escapar ao determinismo.

O conferencista em psicologia dinâmica que por repetidas vezes encontra esse tipo de objeção a seu tema como um todo, por parte de um estudante que fique perturbado pelo determinismo implicado, logo percebe que esse problema não afeta todos os estudantes o tempo todo. Na verdade, a maioria das pessoas não fica incomodada pelo entendimento, até onde ele possa existir, de que a vida tem uma base determinista. De repente, o assunto adquire uma importância vital para o estudante, ou pode tornar-se momentaneamente importante para qualquer pessoa, mas o fato é que a maioria das pessoas se sente livre para escolher a maior parte do tempo. É esse sentimento de ser livre para escolher e de ser capaz de criar novamente que torna a teoria determinista irrelevante: sentimo-nos livres a maior parte do tempo. O determinismo pode ser apenas um aspecto da vida incômodo de vez em quando.

O que não pode ser ignorado é o fato de que uma proporção muito grande de pessoas, homens, mulheres e crianças, sen-

tem-se intensamente perturbadas por algo, e isso pode facilmente tomar a forma de uma revolta contra o determinismo. Precisamos examinar o que vem a ser esse medo e encará-lo com seriedade. O sentimento de liberdade contrasta em tal medida com o sentimento de não ser livre que um estudo desse contraste torna-se imperativo.

Há uma coisa muito simples que pode ser dita sobre esse assunto complexo, que é que a doença psiquiátrica é sentida como uma espécie de prisão, de modo que uma pessoa doente do ponto de vista psiquiátrico pode se sentir ainda mais restringida na doença do que uma pessoa que esteja numa prisão de verdade. É necessário descobrir algum modo de compreender o que a pessoa doente descreve em termos de falta de liberdade. Há uma maneira de considerar essa questão, baseada em teorias já bem gastas que surgiram da prática psicanalítica. Deve-se recordar que, enquanto que em relação à saúde a teoria psicanalítica tem muito a aprender, no que diz respeito a doenças ela já sabe muito. Ao investigar esse problema, é útil fazer um balanço da saúde psiquiátrica e da doença em termos das defesas que se organizaram na personalidade humana. Tais defesas assumem muitas formas, e foram enunciadas em toda a sua complexidade por vários autores ligados à psicanálise. Não há dúvida, no entanto, de que as defesas são uma parte essencial da estrutura da personalidade humana, e que sem a organização das defesas só existe o caos e a organização de defesas contra o caos.

Um conceito útil aqui é que na saúde psiquiátrica há uma *flexibilidade* na organização das defesas, enquanto que na doença psiquiátrica, pelo contrário, as defesas são relativamente rígidas. Pode-se detectar um senso de humor na saúde mental como parte da capacidade de brincar, sendo o senso de humor uma espécie de jogo de cintura na área da organização das defesas. Esse jogo de cintura dá um sentimento de liberdade tanto para o sujeito quanto para aqueles que estão ou que desejam ficar envolvidos com o indivíduo em questão. No extremo da

doença psiquiátrica, não há jogo de cintura na organização defensiva, de tal maneira que o indivíduo se entedia com sua própria estabilidade na doença. É essa rigidez de organização defensiva que faz as pessoas se queixarem de falta de liberdade. Essa é uma questão muito diferente do tema filosófico do determinismo, devido ao fato de as alternativas para a liberdade e a falta de liberdade serem inerentes à própria natureza humana, e de tais problemas constantemente exigirem resolução imediata na vida de qualquer pessoa. São particularmente urgentes na vida do bebê e da criança pequena, e conseqüentemente na vida dos pais, que estão o tempo todo elaborando alternativas de adaptação e treinamento, esperando dar à criança aquela liberdade de impulso que faz com que a vida seja sentida como real e valendo a pena ser vivida — e que conduz a uma visão criativa dos objetos e também à alternativa representada pelo aprendizado e pela necessidade de os pais retomarem sua própria vida privada, mesmo à custa dos gestos impulsivos da criança e das reivindicações de auto-expressão.

Hoje em dia, em nossa cultura, estamos colhendo as recompensas de uma era em que não se poupam esforços para dar às crianças os primórdios de algum senso da liberdade de elas existirem por si mesmas, apesar de alguns desses resultados serem desconfortáveis quando a criança chega à adolescência. Pode-se observar uma tendência social de reagir a isso, de tal maneira que aqueles que assumem a responsabilidade pelo manejo de adolescentes dificeis tendem a questionar a validade das teorias que fizeram com que toda uma geração tentasse dar às crianças um bom começo. Em outras palavras, a sociedade está sendo estimulada, pelas pessoas que amam a liberdade, a adotar medidas severas, que eventualmente podem resultar numa ditadura. Esse é o perigo. Há problemas administrativos enormes e um grande desafio à teoria que compõe a espinha dorsal de nosso trabalho.

A ameaça à liberdade

Considerar o conceito de liberdade conduz a um exame da ameaça à liberdade. Tal ameaça sem dúvida existe, e o único momento adequado para investigá-la é antes de a liberdade ser perdida. Na medida em que se considera a liberdade como uma questão da economia interna do indivíduo, não é fácil destruí- la; ou seja, se a liberdade é vista antes em termos da flexibilidade do que da rigidez na organização defensiva, então trata-se de um aspecto da saúde do indivíduo, e não do tratamento a ele dispensado. No entanto, ninguém é independente do meio, e existem condições ambientais que destroem o sentimento de liberdade mesmo naqueles que poderiam gozá-lo. Uma ameaça prolongada poderia minar a saúde mental de qualquer pessoa e, como eu tentei enunciar, a essência da crueldade é destruir no indivíduo aquele grau de esperança que faz algum sentido a partir do impulso criativo e do viver e pensar criativos.

Supondo que exista uma ameaça à liberdade, então é necessário dizer, antes de tudo, que o perigo advém do fato de que aqueles que são livres tanto internamente como no contexto social são passíveis de assumir a liberdade como algo garantido. Aqui existe algo comparável à necessidade de deixar com que mães e pais que estão lidando satisfatoriamente com seus bebês e crianças saibam que tudo aquilo que estão fazendo tem importância, bem como é agradável ou satisfatório em alguma medida. Se as coisas estão correndo bem, eles dão tudo isso como certo e não se apercebem de que estão lançando as bases da saúde mental de toda uma nova geração. São muito facilmente empurrados para o lado ou para trás, por qualquer pessoa que tenha um sistema de pensamento, ou seja, qualquer pessoa com algum tipo de convicção que precisa ser difundida, ou uma religião a que as pessoas devem ser convertidas. São sempre as coisas naturais que acabam sendo estragadas, como quando uma nova auto-estrada é construída exatamente no isolamento do campo, onde se podia encontrar serenidade. A sere-

nidade não sabe como lutar por si mesma, e o impulso ansioso pelo avanço e pelo progresso parece conter toda a dinâmica. A idéia está contida na frase de Jobn Maynard Keynes, "O preço da liberdade é a eterna vigilância", que acabou sendo adotada como lema pelo *New Statesman.*

Existe, portanto, uma ameaça à liberdade e a todos os fenômenos naturais, simplesmente porque eles não contêm o impulso da propaganda, e quando os fenômenos naturais forem atropelados já será tarde. Por pouco que possa parecer, já é alguma coisa mostrar, para as pessoas livres, o valor da liberdade e do senso de liberdade, mesmo que se chegue ao ponto de chamar a atenção para o fato indubitável de que o "sentir-se livre" pode provocar exatamente as restrições em relações às quais se aprecia a liberdade. É claro que isso se refere a restrições no meio ambiente, mas há um valor limitado para a liberdade interior, que descrevi em termos de flexibilidade na organização das defesas, se ela for experimentada conscientemente apenas em circunstâncias persecutórias.

Com base nisso é interessante, senão valioso, examinar outras razões para existir uma ameaça a tudo aquilo que é natural. A sugestão que estou tentando apresentar é que, quando descrevemos algo dizendo que é natural, e que se referir aos seres humanos e à personalidade humana, estamos tentando descrever algo que tem a ver com a saúde. Em outras palavras:

a maioria das pessoas é razoavelmente saudável e goza de sua saúde sem ter muita consciência disso, ou mesmo sem saber que possui saúde. No entanto, sempre há indivíduos na comunidade cuja vida é dominada em alguma medida por algum distúrbio psiquiátrico, ou por alguma infelicidade cuja origem lhes é desconhecida, ou por uma incerteza de que estão felizes por estarem vivos ou de que querem continuar vivos. Tentei resumir isso dizendo que essas pessoas sofrem de uma rigidez de defesas. Nem sempre se percebe que aqui há algo mais profundo até do que as distinções de classe social. Mais fundo do que o contraste entre pobres e ricos, ainda que os problemas práti-

cos associados a qualquer desses dois extremos produzam efeitos tão poderosos que esses efeitos acabam facilmente dominando o cenário. Quando o psiquiatra e o psicanalista observam o mundo, não podem deixar de perceber que existe esse terrível contraste entre os que são livres para aproveitar a vida e vivem criativamente e os que não são livres por estar o tempo todo lidando com a ameaça da ansiedade ou de um colapso, ou a ameaça de um distúrbio comportamental, que só faz sentido quando se conhece o contexto global.

Em outras palavras, para aqueles que têm mais do que certo grau de perda de liberdade por terem de enfrentar os efeitos de uma falha ambiental, ou talvez uma falha hereditária, a saúde é algo que só pode ser observado a distância, e que não pode ser alcançado, e aqueles que a alcançam deveriam ser destruídos. A quantidade de ressentimento acumulado nessa área é terrível e corresponde à culpa da pessoa que está bem por se sentir bem. Nesse sentido, as pessoas que estão bem são "aquelas que têm", e os doentes são "aqueles que não têm". As pessoas que estão bem se organizam febrilmente para ajudar os doentes, os infelizes e os insatisfeitos, e os suicidas em potencial, do mesmo modo como ocorre na esfera econômica, onde os que têm dinheiro suficiente têm o impulso de ser caridosos, como que tentando afastar o fluxo de ressentimento esperado por parte dos outros membros da comunidade que não têm o alimento nem o dinheiro que lhes daria liberdade para se mover e talvez para encontrar algo que valesse a pena procurar.

Só é possível observar o mundo de um modo de cada vez, e ainda que os contrastes econômicos e psiquiátricos tenham muitas afinidades um com o outro só se pode chamar a atenção para um aspecto: o da saúde e o da doença mental. Poder-se-ia fazer referência ao mesmo assunto em termos de educação, ou de beleza fisica, ou de quociente de inteligência. No momento é suficiente chamar a atenção para o desentendimento que deve existir entre os que estão bem e os que não estão, no sentido

psiquiátrico. Como é fácil àqueles que estão bem desenvolverem uma espécie de auto-respeito, o que sem dúvida provoca um ódio ainda maior naqueles que não estão bem.

Recordo-me aqui de um amigo, uma ótima pessoa, que fez muito em sua carreira médica, e que era muito respeitado em sua vida privada. Era uma pessoa um tanto deprimida. Lembro-me de uma discussão a respeito da saúde em que ele surpreendeu um enorme grupo de médicos, todos totalmente empenhados na eliminação de doenças, ao iniciar sua contribuição com as palavras: "Acho a saúde repulsiva!" Ele falava a sério. Continuou (mobilizando seu senso de humor) descrevendo o modo como um amigo, com quem vivera quando estudante de medicina, acordava bem cedo, tomava banho frio e se exercitava, começando o dia cheio de ânimo. Em contraste, ele ficava deitado na cama, todo deprimido, incapaz de se levantar a não ser quando temia as conseqüências de não fazê-lo.

Para considerar em sua totalidade essa questão do ressentimento da pessoa psiquiatricamente doente em relação às pessoas que estão bem, e não se deixar apanhar em defesas rígidas ou na sintomatologia de alguma doença, é necessário examinar a teoria da doença psiquiátrica. É sempre estranho quando um psicanalista enfatiza o fator ambiental. Dentre todas as pessoas, foram os psicanalistas que chamaram a atenção para o conflito no indivíduo que forma a base da psiconeurose e da doença mental. Tem sido imensamente valiosa a contribuição da psicanálise que capacitou pessoas adequadamente qualificadas a tratar dos indivíduos, em vez de permanecerem culpando o ambiente. Os indivíduos gostam de sentir que a doença pertence a eles e ficam aliviados quando vêem o analista tentando buscar as raízes de sua doença neles mesmos. Numa extensão variável, essa busca é bem-sucedida. É importante, no entanto, que o analista que esteja promovendo tal tratamento seja selecionado de modo correto e também seja treinado para usar a técnica; ajuda muito o fato de ele ou ela terem experiência no trabalho. Em nenhum caso, portanto, se elimina totalmente o

fator ambiental. Na busca da etiologia da doença, os próprios psicanalistas descobriram que é necessário recuar às questões da interação entre o bebê ou a criancinha e o meio ambiente. Aquilo que Heinz Hartmann chamou de "ambiente esperado em média", eu chamei de "mãe devotada comum", e outros têm- se utilizado de termos parecidos para descrever um ambiente facilitador que precisa ter determinadas qualidades para o processo maturacional na criança pequena ser efetivo e a criança se tornar uma pessoa real, no sentido de se sentir real num mundo real.

Sem descartar a tremenda importância de se descobrirem as origens do desconforto de alguém nele mesmo, em sua história pregressa, e em sua realidade interna, acabou sendo necessário admitir ou reivindicar que, em questões de etiologia, em última análise, o importante é o ambiente. Em outras palavras, se o ambiente for satisfatório, então o bebê, a criancinha, a criança em crescimento, a criança mais velha e o adolescente têm chances de crescer de acordo com o potencial herdado.

Do outro lado da linha, em que a provisão ambiental não é satisfatória, o indivíduo, em alguma medida, ou talvez em grande medida, não é capaz de alcançar plenitude em relação a seu potencial. Há, portanto, uma afirmação verdadeira a se fazer, em cada caso, a respeito "daqueles que estão bem" e "daqueles que não estão bem" em termos psiquiátricos, e pode-se ver o ressentimento agindo em função dessa espécie de distinção. Estou sugerindo que, embora todas as outras espécies de distinção de classe tenham sua validade e produzam ressentimentos próprios, o ressentimento que descrevo talvez seja o mais significativo de todos. É verdade que um grande número de indivíduos que tiveram um desempenho excepcional, ou que movimentaram o mundo, ou que deram alguma contribuição notável, pagaram um alto preço por terem sido o que foram

para o mundo, como se estivessem na fronteira entre os que “têm” e os que “não têm”. Pode-se perceber que deram alguma contribuição excepcional a partir da infelicidade, ou movidos por um sentido de ameaça interna. Isso no entanto não altera o fato de existirem dois extremos nessa área: os que têm algo que preenche a si próprios e os que, em função de falhas ambientais durante as primeiras fases de suas vidas, não são capazes de preencher a si mesmos. Deve-se esperar que os últimos se ressintam da existência dos primeiros. O infeliz vai tentar destruir a felicidade. Aqueles que são apanhados na prisão da rigidez de suas próprias defesas vão tentar destruir a liberdade. Aqueles que não podem ter um pleno gozo de seu corpo vão tentar interferir com o gozo do corpo. mesmo de seus próprios filhos, a quem amam. Aqueles que não amam vão tentar destruir, por meio do cinismo, a simplicidade das relações naturais; e aqueles (do outro lado da fronteira) que estão demasiadamente doentes para se vingar, e que passam a vida em hospitais psiquiátricos, fazem com que os sadios fiquem se sentindo culpados por serem sadios e livres para viver em sociedade e participar da política local e mundial.

Há muitas maneiras de descrever tudo isso, ou sej a, o perigo para a liberdade que a própria liberdade gera. Aqueles que estão suficientemente bem e suficientemente livres precisam ser capazes de suportar o triunfo inerente a seu estado. Não foi nada além da sorte o que lhes deu a oportunidade de serem saudáveis.

Algumas reflexões sobre o significado
da palavra "democracia"

Escrito para o Human Relations, *junho de 1950*

Antes de mais nada, permitam-me dizer que estou ciente de estar fazendo comentários a respeito de um assunto que se situa fora da minha especialidade. Pode ser que os sociólogos e os cientistas políticos se ressintam de tal impertinência. Mesmo assim, me parece valioso que os pesquisadores cruzem temporariamente as fronteiras, desde que considerem (como eu) que suas observações vão inevitavelmente parecer ingênuas aos que conhecem a literatura relevante ao tema e estão familiarizados com um jargão profissional que o intruso ignora.

Hoje em dia, a palavra "democracia" tem grande importância. É usada com todo tipo de sentido; aí vão alguns:

1. Um sistema social onde quem manda é o povo.
2. Um sistema social em que o povo escolhe o líder.
3. Um sistema social em que o povo escolhe o governo.
4. Um sistema social em que o governo dá liberdade ao povo em relação a:

a) pensar e expressar opiniões,

b) empreendimentos.

5. Um sistema social que, existindo num período de sorte, pode permitir que os indivíduos gozem de liberdade de
ação.

Pode-se estudar:
1. A etimologia da palavra.
2. A história das instituições sociais gregos, romanos, etc.
3. O uso da palavra nos vários países e culturas contemporâneas — Grã-Bretanha, Estados Unidos, Rússia, etc.
4. O uso abusivo que ditadores e outros fazem da palavra, enganando o povo, etc.

Em qualquer discussão de um termo como democracia, é obviamente muito importante conseguir uma definição que seja adequada para o tipo específico de discussão em pauta.

A psicologia do uso do termo

Será possível usar psicologicamente esse termo? Aceitamos e nos acostumamos a estudos psicológicos de outros termos dificeis, tais como "juízo normal", "personalidade saudável", "indivíduo bem ajustado à sociedade", e esperamos que tais estudos sejam valiosos na medida em que dêem plena importância aos fatores emocionais inconscientes. Uma das tarefas da psicologia é estudar as idéias presentes e as idéias latentes ao uso de tais conceitos, não restringindo a atenção ao significado óbvio ou consciente. Faz-se aqui uma tentativa de iniciar um estudo psicológico.

A definição operacional do termo

Parece possível encontrar um conteúdo latente importante no termo "democracia", qual seja, de que uma sociedade democrática é "madura", quer dizer, que apresenta uma qualidade que é aliada à maturidade individual que caracteriza seus membros saudáveis

Define-se

portanto a democracia, neste estudo, como "uma sociedade bem ajustada a seus membros *saudáveis".* Essa definição está de acordo com a visão expressa por R. E. MoneyKyrle.

É o modo como as pessoas usam o termo que tem importância para o psicólogo. Justifica-se um estudo psicológico se o elemento *maturidade* estiver implicado no termo. A sugestão é que, em todos os usos do termo, pode-se encontrar sugerida a idéia de maturidade, ou de maturidade relativa, ainda que admitamos ser dificil definir esses termos de modo adequado.

A saúde psiquiátrica

Em termos psiquiátricos pode-se dizer que o indivíduo maduro é o indivíduo normal ou saudável. De acordo com sua idade cronológica e seu contexto social, existe um grau apropriado de desenvolvimento emocional. (Supõe-se que exista maturidade fisica.)

A saúde psiquiátrica é, portanto, um termo sem significado fixo. De maneira idêntica, o termo "democrático" não precisa ter um significado fixo. Utilizado por uma comunidade, pode indicar os *indivíduos que são mais maduros, e não os que são menos maduros, na estrutura da sociedade.* Dessa forma, poder-se-ia esperar que o significado cristalizado da palavra seja diverso na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na União Soviética, e ainda assim descobrir que o termo retém algum valor por implicar o reconhecimento da maturidade como saúde.

Como se pode estudar o desenvolvimento emocional da sociedade? Tal estado precisa ser relacionado ao estudo do indivíduo, e os dois estudos precisam ser feitos simultaneamerite.

A máquina democrática

Deve-se fazer uma tentativa de enunciar as qualidades aceitas da máquina democrática. A máquina precisa existir para a *eleição* de líderes através do voto livre e de eleições verdadeiramente secretas. A máquina precisa existir para que as pessoas *se livrem* dos líderes por meio da eleição secreta. A máquina precisa existir para a eleição *ilógica* e a remoção de líderes.

A essência da máquina democrática é o voto livre (eleição secreta). O ponto, aqui, é que ela garante a liberdade de o povo expressar seus sentimentos mais profundos, *separados dos pensamentos conscientes2.*

No exercício do voto secreto, toda a responsabilidade pela ação é assumida pelo indivíduo, se ele for suficientemente saudável para isso. O voto expressa o desfecho de uma luta dele consigo mesmo, tendo sido a cena externa internalizada e portanto trazida em forma de associações ao interjogo de forças existentes em seu próprio mundo pessoal, interno. Isto é, a decisão sobre a maneira de votar é a expressão da solução de uma luta dentro da pessoa. O processo parece ser mais ou menos o que se segue. O indivíduo torna pessoal a cena externa, com seus muitos aspectos sociais e políticos, no sentido de que se identifica gradualmente com todas as partes em conflito. Isso significa que ele percebe a cena externa em termos de sua própria luta interna, e temporariamente permite que sua luta interna seja travada em termos da cena política externa. Esse processo de vaivém envolve trabalho, toma tempo e faz parte da máquina democrática, no sentido de proporcionar um tempo de preparação. Uma eleição súbita produziria um agudo senso de frustração no eleitorado. O mundo interno de cada votante

tem que ser transformado em arena política durante um período limitado de tempo.

Se houver dúvidas quanto ao sigilo da eleição, o indivíduo, mesmo que seja sadio, só pode expressar suas *reações* através do voto.

A máquina democrática imposta

Seria possível impor a máquina democrática a uma comunidade, mas isso não seria criar uma democracia. Seria necessário alguém para continuar a manter a máquina (para eleições secretas, etc.) e também para forçar as pessoas a aceitarem os resultados.

A tendência democrática inata

A democracia é uma aquisição, num certo momento, de uma sociedade limitada, isto é, de uma sociedade que tem alguma fronteira natural. Pode-se dizer de uma democracia de verdade (como o termo é usado hoje): *Nesta sociedade, neste momento, há maturidade suficiente no desenvolvimento emocional de urna proporção suficiente de indivíduos que a compõem, a ponto de existir uma tendência inat& em direção á criação, à recriação e à manutenção da máquina democrática.*

Seria importante descobrir que proporção de indivíduos é necessária para haver uma tendência democrática inata. Expressando isso de outra maneira: qual é a proporção de indiví-

duos anti-sociais que uma sociedade pode conter sem que a tendência democrática inata submerja?

Uma suposição

Se a Segunda Guerra Mundial, e o esquema de evacuação em particular, elevou a proporção de crianças anti-sociais na Grã-Bretanha de x por cento para, digamos, *5x* por cento, isso poderia ter afetado com facilidade o sistema educacional, de modo que a orientação educacional seria para os *5x* por cento anti-sociais exigindo métodos ditatoriais, e distante das 100 — *5x* por cento das crianças que não fossem anti-sociais.

Uma década depois, esse problema poderia ser enunciado da seguinte forma: enquanto uma sociedade podia dar conta de x por cento de criminosos, segregando-os em prisões, *5x* por cento deles tenderiam a produzir uma reorientação geral em direção aos criminosos.

A identificação imatura com a sociedade

Caso existam, em determinado momento numa sociedade, x indivíduos que demonstrem sua falta de senso social desenvolvendo uma tendência anti-social, há uma quantidade *z* de indivíduos reagindo à insegurança interna através da tendência alternativa — a identificação com a autoridade. Essa identificação é doentia, imatura, pois não é uma identificação com a autoridade que surge da autodescoberta. É o senso da moldura sem o senso do quadro, um senso da forma sem a manutenção da espontaneidade. É uma tendência pró-sociedade mas antiindivíduo. As pessoas que se desenvolvem dessa maneira podem ser chamadas de “anti-sociais ocultas”.

Os anti-sociais ocultos não são “pessoas totais”, não mais do que os anti-sociais manifestos, já que cada um deles precisa

encontrar e controlar a força conflitante no mundo externo, fora do *self* Em contraste, a pessoa saudável, que é capaz de ficar deprimida, é capaz de encontrar o conflito inteiro dentro do *self* tanto quanto é capaz de vê-lo fora do *self* na realidade externa (compartilhada) Quando pessoas saudáveis se agrupam, cada uma delas contribui com um mundo completo, pois cada uma delas traz uma pessoa completa.

Os anti-sociais ocultos proporcionam um tipo de liderança que é sociologicamente imatura. Além disso, esse elemento numa sociedade fortalece muito o perigo que deriva de seus elementos francamente anti-sociais, especialmente quando as pessoas comuns permitem com muita facilidade que os indivíduos que têm impulso para liderar venham a ocupar postos- chave. Uma vez nessa posição, esse líder imaturo imediatamente começa a se rodear de indivíduos anti-sociais óbvios, que lhe dão boas-vindas, como se ele fosse seu chefe natural (falsa resolução da divisão).

Os indeterminados

Nunca é tão simples assim, pois, se houver (x + *z)* por cento de indivíduos anti-sociais numa comunidade, não é verdadeiro dizer que 100 — (x + *z)* por cento são "sociais". Há os que estão numa posição indeterminada. Poder-se-ia formular isso da seguinte maneira:

Anti-sociais
Indeterminados
Pró-sociedade porém anti indivíduo
Indivíduos saudáveis, capazes
de contribuição social

TOTAL

Toda a responsabilidade democrática recai sobre os 100 — (x + y + *z)* por cento de indivíduos que estão amadurecendo

x por cento
y por cento
z por cento
100— (x +y + *z)* por cento
100 por cento

como indivíduos, e que estão gradualmente se tornando capazes dc acrescentar um sentido social a seu bem fundamentado desenvolvimento pessoal.
Que porcentagem representa 100 — ***(x*** + y + *z)* por exemplo, na Grã-Bretanha de hoje'? Talvez bem pequena, digamos 30 por cento. Se houver 30 por cento de pessoas maduras, talvez 20 por cento dos indeterminados possam ser suficientemente influenciados a ponto de serem incluidos entre os maduros, elevando então o total para 50 por cento. Se, no entanto, a porcentagem madura cair para 20 por cento, pode-se esperar uma queda ainda maior na porcentagem dos indeterminados que agiriam de modo maduro. Se os 30 por cento maduros na comunidade recuperarem os 20 por cento indeterminados, ou seja, um total de 50 por cento, talvez 20 por cento dos maduros na comunidade só recuperem 10 por cento dos indeterminados, ou seja, um total de 30 por cento.
Enquanto um total de 50 por cento indicaria uma tendência democrática inata suficiente para efeitos práticos, 30 por cento não seriam suficientes para evitar uma submersão no meio constituído pelos anti-sociais (ocultos e manifestos) somados aos indeterminados; estes últimos, por suas fraquezas, ou por seu medo, seriam persuadidos a se associar aos anti- sociais.
Segue-se uma tendência antidemocrática, uma tendência para a ditadura, caracterizada no início por um inchaço febril da fachada democrática (função encobridora do termo).
Um sinal dessa tendência é a instituição correcional, a ditadura localizada, o campo de treinamento para os líderes pessoalmente imaturos que são anti-sociais invertidos (pró-sociais porém antiindivíduos).
Tanto a prisão como o hospital psiquiátrico de uma sociedade saudável estão perigosamente próximos da instituição correcional. É por essa razão que os médicos dos criminosos e dos insanos têm que estar constantemente em guarda se não quiserem de repente se ver usados, sem perceber, como agentes da

tendência antidemocrática. Na verdade, sempre deve existir uma linha fronteiriça na qual a distinção entre o tratamento corretivo do oponente político ou ideológico e a terapia da pessoa insana não é clara. (Reside aqui o perigo social dos métodos fisicos de terapia do paciente psiquiátrico, comparado com a verdadeira psicoterapia, ou mesmo da aceitação de um estado de insanidade. Em psicoterapia, o paciente é uma pessoa que está em pé de igualdade com o médico, que tem o direito de estar doente, e também o direito de reivindicar saúde e plena responsabilidade por visões pessoais, políticas ou ideológicas.)

A criação do fator democrático inato

Se democracia é maturidade, e maturidade é saúde, e se a saúde é desejável, então vamos procurar algo que possa promovê-la. Com toda certeza, não ajuda nada impor uma máquina democrática a um país.

Temos que voltar ao grupo dos 100 (x + y + *z)* indivíduos. Tudo depende deles. Os membros desse grupo podem instigar a pesquisa.

Podemos descobrir que, em qualquer época, nada podemos fazer para aumentar a quantidade do fator democrático inato, comparativamente ao que foi feito (ou não) pelos pais e lares dos indivíduos quando bebês, crianças e adolescentes.

Podemos, no entanto, evitar comprometer o futuro. Podemos evitar interferir nos lares que podem dar conta, ou que estão dando conta, de lidar com suas próprias crianças e adolescentes. Esses *bons lares comuns* fornecem o único contexto em que se pode criar o fator democrático inato. Esse é um enun-

ciado realmente modesto sobre a contribuição positiva, pois há uma complexidade surpreendente em sua aplicação.

Fatores adversos ao funcionamento de um bom lar comum

1. É muito dificil as pessoas reconhecerem que a essência de uma democracia realmente repousa no homem comum, na mulher comum e no lar comum.
2. Mesmo que uma política governamental sábia confira liberdade para que os pais conduzam seus lares a seu modo, isso não significa que os funcionários que colocam as políticas oficiais em prática irão respeitar a posição dos pais.
3. Bons pais comuns não precisam de ajuda. Precisam de tudo o que a ciência pode oferecer em termos de saúde fisica e de prevenção e tratamento da enfermidade fisica; também querem instruções sobre puericultura e ajuda quando seus filhos apresentam doenças psicológicas ou problemas de comportamento. Mas, caso procurem tal assistência, será que eles podem ter certeza de que sua responsabilidade não vai ser retirada? Se isso ocorrer, eles deixarão de ser os criadores do fator democrático inato.
4. Muitos pais não são bons pais comuns. São casos psiquiátricos, ou são imaturos, ou são anti-sociais num sentido mais amplo, ou socializados apenas em sentido restrito; ou não são casados, ou têm uma relação instável, ou vivem discutindo, ou são separados, e assim por diante. Esses pais atraem a atenção da sociedade por causa de seus defeitos. O problema é:
será que a sociedade percebe que não se pode permitir que a orientação em direção a essas características patológicas afete a orientação em direção aos lares saudáveis comuns?

5. Em qualquer dos casos, a tentativa dos pais de proporcionarem para seus filhos um lar, no qual eles possam crescer como indivíduos e em que cada um *vá gradualmente acrescentando* a capacidade de se identificar com os pais, e em seguida com agrupamentos cada vez maiores, começa no início, quando a mãe entra em acordo com seu bebê, O pai, aqui, é o agente protetor que liberta a mãe para que ela se dedique ao bebê.

Há muito se reconhece a importância do lar, e recentemente os psicólogos descobriram muita coisa em relação ao modo como um lar estável não apenas capacita as crianças a encontrarem a si mesmas e aos outros, mas também faz com que elas comecem a se qualificar como membros da sociedade, num sentido mais amplo.

Mas a questão da interferência na relação inicial mãe- criança exige uma consideração especial. Em nossa sociedade, há uma interferência crescente nesse aspecto, e há o perigo extra de que alguns psicólogos defendam o ponto de vista de que a única coisa que importa é o cuidado físico. Isso só pode significar que, na fantasia inconsciente das pessoas em geral, as fantasias mais terríveis se reúnem em torno da relação mãe-criança. Na prática, a ansiedade inconsciente é representada por:

1. Uma ênfase exagerada nos processos *Jisicos* da saúde, por parte de médicos e até de psicólogos.
2. Várias teorias de que a amamentação ao seio é ruim, de que o bebê precisa ser treinado assim que nasce, de que os bebês não deveriam ser manipulados pelas mães, etc.; e (no negativo) de que a amamentação *tem de* ser instituída, de que não se deve fazer nenhum treinamento e de que jamais se deveria deixar os bebês chorar, etc.
3. Uma interferência no acesso da mãe ao bebê nos primeiros dias, e na primeira apresentação da realidade externa que a

mãe faça ao bebê. Afinal de contas, essa é a base da capacidade que o novo indivíduo tem para se relacionar com uma realidade externa cada vez mais ampla; caso se estrague ou impeça a tremenda contribuição da mãe, realizada *através de sua devoção,* não resta nenhuma esperança de que o indivíduo eventualmente passe para o grupo 100 — *(x* + y + x), que gera sozinho o fator democrático inato.

Desenvolvimento de temas subsidiários: a eleição de pessoas

Outra parte essencial da máquina democrática é o fato dc se eleger uma *pessoa.* Há muita diferença entre: 1) o voto para uma pessoa; 2) o voto para um partido com um conjunto de tendências; e 3) o apoio um princípio nítido, por meio de eleições.

1. A eleição de uma pessoa implica que os eleitores acreditam em si mesmos como pessoas, e portanto acreditam na pessoa que nomeiam ou em quem votam. A pessoa eleita tem a oportunidade de agir como pessoa. Enquanto pessoa total (saudável), o eleito traz o conflito total dentro de si, que o capacita a ter uma visão, ainda que pessoal, da situação externa total. É claro que ele pode pertencer a determinado partido e ser conhecido por determinada tendência. No entanto, ele pode se adaptar de modo sutil a condições que se modifiquem; se ele realmente modificar sua tendência principal, poderá se reeleger.

2. A eleição de um partido ou de uma tendência grupal é relativamente menos madura. Não requer que os eleitores confiem num ser humano. Para as pessoas imaturas, no entanto, é o único procedimento lógico, precisamente porque a pessoa imatura não pode conceber ou acreditar num indivíduo realmente maduro. O resultado do voto para partidos ou tendências, ou seja, para uma coisa e não para uma pessoa, é o estabelecimento de um panorama rígido, mal adaptado a reações

sensíveis. Não se pode amar ou odiar a *coisa* que se elegeu quando ela é adequada para indivíduos que têm um senso de *self* mal desenvolvido. Poder-se-ia dizer que um sistema de votação é menos democrático, por ser menos maduro (em termos do desenvolvimento emocional do indivíduo), quando a ênfase é colocada no voto ao princípio ou partido, e não no voto à pessoa.

3. A votação de um ponto específico se encontra ainda mais afastada de qualquer coisa que possa estar associada à palavra "democracia". Há muito pouca maturidade num referendo (ainda que ele possa se ajustar, em situações excepcionais, a um sistema maduro), Exemplo de um referendo inútil: o plebiscito sobre a paz da Grã-Bretanha feito no período entre- guerras. As pessoas foram solicitadas a responder a uma pergunta específica: "Você é a favor da guerra ou a favor da paz?" Um grande número de pessoas se absteve de votar por saber que a pergunta não era razoável. Dentre aqueles que votaram, uma proporção enorme assinalou com uma cruz a palavra "paz", ainda que, na verdade, quando as circunstâncias se modificaram, estivessem a favor da guerra, quando ela começou, e tomassem parte na luta. A questão é que, nesse tipo de interrogatório, só há espaço para a expressão dos desejos *conscientes.* Não há a menor relação entre assinalar a palavra "paz" numa cédula e votar numa pessoa que é conhecida por sua luta em favor da paz, desde que se garanta que o fracasso em lutar não vai significar um abandono indolente de aspirações e responsabilidades, e a traição a amigos.

A mesma objeção também se aplica às pesquisas Gallup de Opinião pública e outros inquéritos, mesmo que se tome muito cuidado para que essa armadilha seja evitada. De qualquer maneira, o voto por um ponto específico é realmente um substituto muito pobre do voto em favor de uma pessoa, que, uma vez eleita, tem um espaço de tempo no qual utilizar seu próprio julgamento. Referendos não têm nada a ver com democracia.

Apoio a uma tendência democrática: sumário

1. O apoio mais valioso é dado de modo negativo, através da não-interferência organizada na boa relação comum mãe- criança e no bom lar comum.
2. Para um apoio mais inteligente, mesmo que do tipo negativo, é necessária muita pesquisa sobre o desenvolvimento emocional do bebê e de crianças de todas as faixas etárias, e também sobre a psicologia da mãe que amamenta, e sobre a função do pai nos vários estágios.
3. A existência desse estudo demonstra uma crença no valor da educação para o procedimento democrático; sem dúvida, ela só pode ser fornecida se houver compreensão, e só pode ser útil se fornecida ao indivíduo emocionalmente maduro ou saudável.
4. Outra conclusão importante poderia ser que se evitasse implantar a máquina democrática em comunidades totais. O resultado só pode ser o fracasso e o retrocesso do crescimento democrático verdadeiro. A alternativa valiosa é apoiar os indivíduos emocionalmente maduros, mesmo que eles sejam poucos, e deixar que o tempo faça o resto.

Pessoa — homem ou mulher?

O aspecto que deve ser considerado é se é possível substituir a palavra "pessoa" por "homem" ou "mulher".

O fato é que os comandantes políticos da maioria dos lugares são homens, ainda que cada vez mais se utilizem mulheres em postos de responsabilidade. Talvez se possa supor que homens e mulheres tenham capacidade igual, enquanto homens e mulheres. Caso contrário, não seria possível dizer que apenas

os homens servem para liderar, sob pretexto de sua maior capacidade intelectual ou emocional para postos políticos superiores. No entanto, isso não elimina o problema. É tarefa do psicólogo chamar a atenção para os fatores *inconscientes* que são deixados de lado com facilidade, mesmo em discussões sérias sobre esse tipo de assunto. Deve-se considerar o sentimento inconsciente popular em relação ao homem ou à mulher que são eleitos para a posição de chefes políticos. Se houver uma diferença na fantasia, conforme se trate de um homem ou de mulher, isso não pode ser ignorado nem colocado de lado pelo comentário de que as fantasias não devem ser levadas em conta por serem "apenas fantasias".

No trabalho psicanalítico e em outros trabalhos associados, descobre-se que todos os indivíduos (homens e mulheres) mantêm um certo medo de MULHER5. Alguns indivíduos têm esse medo em grau maior do que outros, mas pode-se dizer que ele é universal. E muito diferente de dizer que um indivíduo teme uma mulher em particular. Esse medo da MULHER é um poderoso agente na estrutura da sociedade, responsável pelo fato de a mulher manter as rédeas políticas em muito poucas sociedades. Também é responsável pelo enorme volume de crueldade contra as mulheres, que pode ser encontrado em costumes aceitos em quase todas as civilizações.

E conhecida a raiz desse medo da MULHER. Relaciona- se com o fato de que na história mais remota de todo indivíduo que se desenvolve adequadamente e é são, e que foi capaz de

se encontrar a si mesmo, existe um débito para com uma mulher — aquela que se devotou a ele quando ele era bebê, e cuja devoção foi absolutamente essencial para o desenvolvimento saudável desse indivíduo. Essa dependência original não é recordada, exceto quando o medo da MULHER representar o primeiro estágio desse reconhecimento.

O alicerce da saúde mental do indivíduo é feito bem no início, quando a mãe está simplesmente sendo devotada a seu bebê, e quando a criança é duplamente dependente, por ser totalmente inconsciente da dependência. Não há relação com o pai que tenha tal qualidade, e por essa razão o grupo avalia de modo mais objetivo um homem que esteja por cima, no sentido político, do que uma mulher que ocupe a mesma posição.

As mulheres freqüentemente dizem que, se estivessem ocupando postos de comando, não haveria guerras. Há razões para duvidar disso enquanto uma verdade absoluta, embora, mesmo que a reivindicação se justificasse, ainda assim não se seguiria que homens ou mulheres tolerariam o princípio geral de as mulheres na maioria das vezes ocuparem os postos políticos de maior poder. (A Coroa, estando fora da política, ou além da política, não é afetada por essas considerações.)

Como um desdobramento disso, pode-se considerar a psicologia do ditador, que está no pólo oposto de qualquer coisa que a palavra "democracia" possa significar. *Uma das raízes da necessidade de alguém ser um ditador pode ser a compulsão para lidar com esse medo de mulher enclausurando-a e atuando por ela.* O curioso hábito de o ditador exigir não apenas obediência absoluta e dependência absoluta mas também "amor" talvez também derive dessa fonte. Além disso, a tendência de grupos de pessoas de aceitar ou mesmo procurar dominação *real* deriva do medo de serem dominados por uma *mulher da fantasia.* Esse medo os leva a procurar ser dominados por um ser humano conhecido, e até mesmo a dar boas-vindas a ele, especialmente alguém que tomou para si o encargo de personificar e portanto limitar as qua-

lidade mágicas da mulher todo-poderosa da fantasia, que é credora de um imenso débito. O ditador pode ser derrubado, e eventualmente pode morrer; mas a figura feminina da fantasia inconsciente primitiva não tem limites para sua existência ou poder.

A relação pais-filhos

O conjunto democrático inclui o provimento de certo grau de estabilidade para governantes eleitos; na medida em que conseguem lidar com seu trabalho sem se afastar do apoio de seus eleitores, eles continuam. Dessa forma, as pessoas obtêm uma certa parcela de estabilidade, que não poderiam manter em relação a todos os pontos através da votação direta, mesmo que ela fosse possível. A consideração psicológica, aqui, é que na história de todo indivíduo existe o fenômeno da relação pai- filho. Ainda que na vida política democrática madura os eleitores presumivelmente sejam seres humanos maduros, não se pode supor que não haja lugar para um resíduo da relação pai- filho, com vantagens óbvias. Até certo ponto, na eleição democrática as pessoas maduras elegem pais temporários, o que significa que eles também reconhecem o fato de que até certo ponto os eleitores continuam sendo crianças. Mesmo os pais temporários eleitos, ou seja, os governantes do sistema político democrático, são eles próprios crianças quando estão fora de seu trabalho político profissional. Se ao dirigir automóvel ultrapassarem a velocidade máxima permitida, ficam sob censura judicial comum, pois dirigir um carro não faz parte de seu encargo de governar. Como líderes políticos, e só enquanto tais, são pais temporários e, depois de terem sido destituídos numa eleição, revertem à sua condição infantil. É como se fosse conveniente brincar de pais e filhos porque as coisas funcionam melhor dessa maneira. Em outras palavras, por haver vantagens na relação pais-filhos, alguma coisa disso se mantém; mas, para

que isso seja possível, uma proporção suficiente de indivíduos precisa ser crescida o bastante para não se importar de brincar de ser criança.
Da mesma forma, é ruim que as pessoas que estão brincando de ser pais não tenham, elas mesmas, pais. Nesse jogo, geralmente se pensa que poderia haver uma outra câmara de representantes, frente à qual os governantes eleitos pelo povo teriam que responder. Neste país, essa função pertence à Câmara dos Lordes, que até certo ponto é composta por aqueles que detêm um título hereditário, e até certo ponto por aqueles que conseguiram uma posição através da relevância do auxílio prestado a várias áreas do serviço público. Uma vez mais, os "pais" dos "pais" são pessoas, e capazes de contribuições positivas enquanto seres humanos. Faz sentido amar, odiar, respeitar ou desprezar as pessoas. Não há substituto, numa sociedade, para os seres humanos ou para os dirigentes, na medida em que se avalie tal sociedade de acordo com a qualidade de sua maturidade emocional.
Além disso, num estudo do contexto social na Grã-Bretanha, podemos ver que os lordes são crianças em relação à Coroa. Aqui, em cada caso chegamos novamente à pessoa, que conserva sua posição por meio da hereditariedade, e também por manter o amor do povo por sua personalidade e por suas ações. Quando o monarca leva um pouco adiante a questão e proclama uma crença em Deus, temos um fato que ajuda. Aqui conseguimos chegar aos assuntos inter-relacionados do Deus Moribundo e do Monarca Eterno.

As fronteiras geográficas de uma democracia

Para o desenvolvimento de uma democracia, no sentido de uma estrutura madura da sociedade, parece necessário haver alguma fronteira geográfica natural para essa sociedade, Até recentemente e mesmo hoje em dia, é óbvio que a limitação ma-

rítima da Grã-Bretanha (exceto no que se refere ao Eire) tem sido a grande responsável pela maturidade de nossa estrutura social. A Suíça tem (menos satisfatoriamente) limites montanhosos. Até recentemente, a América tinha a vantagem de um Oeste que oferecia exploração ilimitada; isso significou que os Estados Unidos, enquanto unidos por laços positivos, não precisaram até bem pouco tempo sentir a fundo as lutas internas de uma comunidade fechada, unida tanto pelo ódio — e apesar dele — como pelo amor.

Um país que não tem fronteiras naturais não pode afrouxar uma adaptação ativa aos vizinhos. Em certo sentido, o medo *simplifica* a situação emocional, porque muitos dos y indeterminados e dos x anti-sociais tornam-se capazes de se identificar com o Estado, na base de uma reação coesa, pela ameaça dc perseguição externa. Tal simplificação, no entanto, é feita à custa do desenvolvimento em direção à maturidade que é uma coisa dificil, que envolve o reconhecimento pleno do conflito e o não-emprego de nenhuma outra saída ou retorno (defesas).

Em qualquer caso, a base para uma sociedade é a personalidade humana total, e a personalidade tem limites. O gráfico de uma pessoa normal é um círculo (esfera), de modo que tudo que não é o self pode ser descrito como estando tanto dentro como fora da pessoa. Não é possível que as pessoas possam ir mais adiante na construção da sociedade do que avançaram em seu próprio desenvolvimento pessoal.

Por essas razões, encaramos com suspeita o uso de termos tipo “cidadania do mundo”. Talvez apenas poucos homens e mulheres realmente grandes, e razoavelmente idosos, consigam chegar tão longe em seu próprio desenvolvimento, a ponto de justificar que se pense em termos tão amplos. Se nossa sociedade fosse o mundo inteiro, então seria necessário, de tempos em tempos, ficar deprimido (como uma pessoa inevitalmente fica de tempos em tempos), e seria necessário ser capaz de reconhecer plenamente o conflito essencial dentro de si mesmo. O conceito de uma sociedade global

acarreta a idéia do suicídio do mundo, tanto quanto da felicidade do mundo. Por essa razão, esperaríamos que os protagonistas militantes da situação mundial fossem indivíduos que estivessem no pólo maníaco de uma psicose maníaco-depressiva.

A educação segundo a doutrina democrática

A tendência democrática, do modo como ela existe, pode ser fortalecida por um estudo da psicologia tanto do indivíduo como da sociedade. Os resultados de um estudo desse tipo devem ser fornecidos numa linguagem que seja inteligível para as democracias existentes e também para todos os indivíduos saudáveis, a fim de que eles se tornem *autoconscientes de modo inteligente.* A menos que tenham autoconsciência, não podem saber o que atacar ou o que defender, nem tampouco podem reconhecer quando surge um ataque à democracia. "O preço da liberdade é a eterna vigilância." Uma vigilância realizada por quem? Dois ou três dos 100 — *(x + y + z)* por cento de indivíduos maduros. Os outros estão muito ocupados, sendo bons pais comuns, ajudando na tarefa de fazer os filhos crescerem e desenvolvendo a si mesmos.

A democracia na guerra

A pergunta que deve ser feita é: existe democracia na guerra? Com toda certeza, a resposta não é um simples "sim". A rigor, durante um período de guerra existem algumas razões para que se anuncie uma suspensão temporária da democracia.

É claro que indivíduos saudáveis, maduros, formando coletivamente uma democracia, deveriam ser capazes de ir à guerra a fim de: 1) criar espaço para crescerem; 2) defender aquilo que é valioso ejá é possuído, etc.; e 3) lutar contra tendências

antidemocráticas enquanto existirem pessoas para sustentar tais tendências por meio da luta6.

No entanto, conceber as coisas dessa maneira tem sido muito raro. De acordo com a descrição acima, uma comunidade nunca é composta dc 100% dc indivíduos maduros e saudáveis.

Tão logo a guerra se aproxima, há um rearranjo de grupos, de modo que, já na época em que a guerra está ocorrendo, não são os saudáveis que estão cuidando de toda a luta. Existem quatro grupos:

1. Muitos dos anti-sociais, junto com os paranóicos leves, sentem-se melhor por causa da guerra, e dão boas-vindas à ameaça persecutória real. Encontram uma tendência pró-social por meio da luta ativa.
2. Dos indeterminados, muitos se aferram ao que deve ser feito, utilizando talvez a triste realidade da guerra para crescer, algo que não poderiam fazer de outra forma.
3. Dos anti-sociais ocultos, talvez alguns encontrem uma oportunidade para o impulso de dominar nas várias posições- chave criadas pela guerra.
4. Os indivíduos maduros e saudáveis não se mostram necessariamente tão bem como os outros. Não têm tanta certeza quanto os outros de que o inimigo seja ruim. Têm dúvidas. Têm, também, uma visão mais positiva da cultura mundial, da beleza e da amizade, e não podem acreditar com muita facilidade que a guerra seja necessária. Comparados com os quaseparanóicos, são lentos em pegar a arma na mão e puxar o gatilho. Na verdade, perdem o ônibus para a linha *dofront,* mesmo que, se lá chegarem, sejam o fator confiável e os mais capazes de se adaptar à adversidade.

Além disso, alguns dos que são saudáveis em tempos de paz tornam-se anti-sociais na guerra (desertores conscientes),

não por covardia, mas por uma dúvida pessoal genuína, da mesma forma que os anti-sociais dos tempos de paz tendem a empreender ações corajosas durante a guerra.
Por essas e outras razões, quando uma sociedade democrática está lutando, é o grupo inteiro que luta, e seria dificil encontrar um exemplo de guerra conduzida justamente por aqueles que fornecem à comunidade, em tempos de paz, o fator democrático inato.
Pode ser que quando uma guerra tenha perturbado uma democracia, o melhor que se tem a dizer é que naquele momento a democracia acabou, e aqueles que gostam desse modo de vida vão ter que começar de novo, lutando dentro do grupo para o restabelecimento da máquina democrática, depois que o conflito externo tenha terminado.
Este é um assunto amplo, que merece a atenção de pessoas de mente aberta.

Sumário

1. O uso da palavra “democracia” pode ser estudado do ponto de vista psicológico, com base no que esse uso implica
em termos de maturidade.
2. Nem a democracia nem a maturidade podem ser implantadas numa sociedade.
3. O fator democrático inato numa comunidade deriva dos trabalhos de um bom lar comum.
4. A principal atividade para a promoção da tendência democrática é negativa: evitar a interferência no bom lar comum. O estudo da psicologia e da educação de acordo com o que é conhecido fornece ajuda adicional.

5. Há um significado todo especial na devoção da boa mãe comum a seu filho, fundamentando-se nessa devoção a capacidade para uma conseqüente maturidade emocional. Uma interferência maciça nesse aspecto, numa sociedade, poderia rápida e efetivamente diminuir o potencial democrático dessa sociedade, do mesmo modo que diminuiria a riqueza de sua cultura.

O lugar da monarquia

Escrito em 1970

Proponho que se examine o lugar da monarquia na Grã- Bretanha. Tenho que fazer isso sem conhecimento da literatura especificamente relacionada com a monarquia e sem especialização em História, mas talvez seja válida a desculpa de que a monarquia é algo com que convivemos, e sobre a qual nos mantemos o tempo todo informados, através da televisão e da imprensa popular, e em conversas com motoristas de táxi e com amigos locais. Por coincidência, moro perto do Palácio de Buckingham, cuja bandeira, desfraldada ou recolhida, informa se a rainha está em casa ou não. Mas para todas as pessoas neste país há uma questão permanente e vital: será que Deus salvou a rainha? Atrás disso háo dito popular "O rei está morto, viva o rei!", que é significativo na medida em que implica que a monarquia sobrevive ao rei. Eis aí o x da questão. Ainda que eu não seja particularmente sentimental em relação à realeza e as famílias reais, encaro com seriedade a existência da monarquia, acreditando que a Grã-Bretanha seria um lugar muito diferente para se viver se ela não existisse, e deixando de lado uma outra questão: diferente para melhor ou

para pior? Também deixo de lado todas as considerações complexas referentes a uma avaliação objetiva de quem é hoje o rei, ou a rainha, enquanto pessoas. Antes de mais nada, para fazer um exame da monarquia e do lugar que ela ocupa na comunidade, é natural que se formule a seguinte pergunta: o que dizem as pessoas comuns quando abordadas de modo adequado e tendo oportunidade de expressar uma opinião pessoal? É claro que a maioria das pessoas demonstra dois tipos de atitudes: uma relativa aos sentimentos e outra à conversação.

A atitude relativa à conversação é expressa pelo jogo que se chama falar. A verbalização nos dá liberdade de ação para uma ampla exploração de possibilidades; pode ser que tenhamos pontos de vista conflitantes numa mesma discussão e argumentemos pelo simples prazer de argumentar. Nesse tipo de exibição de atitude, que é muito valiosa, também é verdade que a maioria das pessoas ignora a terrível complicação que é a motivação inconsciente, O inconsciente é considerado um incômodo, uma espécie de estraga-prazeres. O inconsciente diz respeito à psicanálise e à terapia de gente doente. *Nopub*, falemos o que pensamos saber e apresentemos racionalizações que passam por razões. E não nos permitamos ser sérios demais, ou vamos acabar nos defrontando com o amor ou com a guerra em menos tempo do que levaríamos para pronunciar “Jack Robinson”. Mesmo assim, conversa séria é indício de civilização, e poderia haver um convite para quem conversa: dar espaço ao inconsciente. A atitude referente aos sentimentos, sendo uma resposta total, inclui o inconsciente; mas as pessoas não conseguem fazer de imediato justiça aos sentimentos, como fariam se fossem pessoas totais.

Na atitude verbalizada em relação ao lugar da monarquia em nossa cultura, descobrimos que o assunto todo da realeza é muito facilmente considerado um conto de fadas. Pode ser que contos de fadas sejam encarados como algo familiar, aconchegante, que traz alegria, um enriquecimento da vida diária. Ou

pode ser que o conto de fadas seja sentido como um exercício escapista, que enfraquece nossa decisão de alterar as coisas ruins da economia, a moradia ruim ou inadequada, a solidão das pessoas idosas, o desamparo dos deficientes fisicos, o desconforto da sujeira e da pobreza, a tragédia das perseguições baseadas em preconceitos. A palavra "escapista" condensa essa atitude, e é com base nisso que se condena o conto de fadas.

Correspondendo a isso existe a palavra "sentimental", que diz respeito à atitude daqueles que nunca acordam de verdade, que não conseguem ver a monstruosidade de uma favela e que já se retiraram para o mundo do faz-de-conta.

Os que usam a palavra "escapista" desprezam os que são sentimentais; os sentimentais não sabem exatamente o que fazer com aqueles que se lhes opõem, até que se vejam completamente desnorteados, confundidos numa situação política, talvez uma revolução que não tem o menor significado para eles.

O uso inconsciente da monarquia

O pressuposto que subjaz ao que estou discutindo aqui é dificil de entender ou de assumir. Vai direto à base da existência do indivíduo e ao aspecto mais fundamental da relação objetal. Esse pressuposto pode ser enunciado da seguinte maneira: *o* ***que*** *é bom está sempre sendo destruído.* Isso envolve o conceito de intenção inconsciente. Sua verdade é mais ou menos semelhante à verdade do ditado popular: "A beleza está nos olhos de quem a vê."

Esse é um dos fatos da vida. Aparece em nosso hino nacional: "Deus salve a rainha/o rei!" Salvar do quê? É fácil pensar em salvar o rei e a rainha dos inimigos, ainda que as últimas linhas do hino façam justiça a essa idéia. (É muito engra-

çada a expressão “suas artimanhas de velhaco”*, mas sabemos que isso não é ox da questão.) Os seres humanos não conseguem deixar em paz algo que é bom. Precisam consegui-lo e destruí-lo.

A sobrevivência separada da preserva çdo

Esta é uma questão pertinente: por que será que as coisas boas existem, se sua existência e sua bondade incitam as pessoas e podem conduzir à sua destruição? Há uma resposta, que apela para as qualidades verdadeiras da coisa boa. A coisa boa *pode sobreviver.* A sobrevivência pode ser um fato em função das propriedades da coisa boa que está sempre sendo destruída. Pois a coisa boa é amada, valorizada e quase que adorada, de uma nova maneira. Ela passou pelo teste de ter sido usada de modo cruel e de ter sido um objeto que não protegemos de nossos impulsos (e idéias) mais primitivos.

A monarquia está sempre sob teste. Pode sobreviver às fases dificeis por causa de um apoio monarquista ou leal, mas, no fim, tudo depende dos reis e das rainhas que se acham no trono, na posição de reis, sua escolha pessoal à parte. É justamente aqui que o princípio de hereditariedade se mantém. Este homem (ou esta mulher) encontra-se no trono não por escolha — dele ou nossa —, ou por voto político, ou por mérito; mas por simples hereditariedade.

Examinando o assunto dessa maneira, descobre-se que é quase um milagre que a monarquia tenha sobrevivido por mais de mil anos em nosso país. Houve momentos precários, a impossibilidade de deixar herdeiros, pessoas não-amadas ou não- amáveis colocadas na posição de rei de modo forçado, e houve a morte de reis. Porém, a interrupção da monarquia foi um fenômeno raro, e tanto é assim que logo pensamos em Cromwell,

que talvez tenha ajudado o país a perceber que um bom ditador pode ser pior do que um mau soberano.

Há duas considerações importantes que surgem do fato de uma coisa boa que tenha sido submetida, sem proteção, a todo tipo de sentimento ter sobrevivido, o que implica inibição do impulso e postergação do momento da verdade, o teste verdadeiro.

Uma dessas considerações diz respeito aos indivíduos envolvidos, em qualquer época. A sobrevivência da coisa (aqui, a monarquia) a torna valiosa, e capacita pessoas de todos os tipos e idades a perceberem que a vontade dc destruir não tem nada a ver com raiva — tem a ver com um amor primitivo, e a destruição ocorre na fantasia inconsciente, ou no sonho pessoal que corresponde ao dormir. A coisa fica destruída apenas na realidade psíquica interna pessoal. Na vida desperta, a sobrevivência do objeto, seja lá qual for, traz um sentido de alívio e um novo senso de confiança. Agora fica claro que é *devido a propriedades que são suas* que as coisas podem sobreviver, apesar de nosso sonho, apesar do pano de fundo de destruição em nossa fantasia inconsciente. O mundo começa a existir agora por si próprio: um lugar onde viver, não um lugar para recear ou ao qual sempre devemos obedecer ou no qual ficamos perdidos; e também não um lugar onde lidar apenas com os sonhos ou com a indulgência à fantasia.

Muito da violência no mundo refere-se a uma tentativa de alcançar a destruição que em si mesma não é destrutiva, a menos, é claro, que o objeto não consiga sobreviver, ou chegue a ser provocado até a retaliação. Há portanto um valor grande, profundo até, para o indivíduo quando as coisas centrais sobrevivem, um exemplo das quais, em nosso país, é a monarquia. A realidade se torna mais real e o impulso pessoal de exploração primitivo, menos perigoso.

A segunda consideração tem a ver com a política. Num país que não seja muito grande, e que tenha uma história, e que, se possível, seja uma ilha (quer dizer, nenhuma fronteira exceto o mar), é possível manter uma dualidade, um sistema político com

o governo podendo ser periodicamente destruído, enquanto a monarquia permanece indestrutível (“O rei está morto, viva o rei”).

Algo óbvio, que no entanto precisa sempre ser repetido, é que o funcionamento do sistema democrático parlamentar (em oposição à idéia da ditadura) depende da sobrevivência da monarquia, e *pari passu* a sobrevivência da monarquia depende do sentimento de que o povo realmente pode, através do voto, derrubar um governo por meio de uma eleição parlamentar, ou livrar-se de um primeiro-ministro. Presume-se aqui que a derrubada de um primeiro-ministro ou de um governo precisa ser feita na base do sentimento, expressa em votação secreta, e não com base em pesquisa de opinião pública (tipo Gallup), que não consegue dar expressão ao sentimento profundo ou à motivação inconsciente, ou às tendências que parecem ilógicas. Livrar-se de uma figura política ou de um partido envolve algo menos imediato, ou seja, a eleição de um chefe político alternativo. No caso da própria monarquia, isso é resolvido previamente. Desse modo, a monarquia pode originar um sentimento de estabilidade num país em que o cenário político é tumultuado, como aliás deve ser periodicamente.

O lugar da pessoa que ocupa a posição de rei

Felizmente é verdade que a sobrevivência da monarquia não depende da psicologia nem da compreensão lógica, ou de alguma palavra hábil pronunciada por um líder político ou religioso. No final das contas, a sobrevivência depende do homem ou da mulher que estiver no trono. Seria interessante ver qual é a teoria que se poderia construir em torno de fenômenos tão interessantes.

Estamos sempre conscientes do fato de que se pode destruir num dia uma monarquia que foi alicerçada em mil anos de História. Ela poderia ser destruída por teorias falsas ou por

um jornalismo irresponsável. Poder-se-ia ridicularizar a monarquia, como fazem aqueles que só enxergam um conto de fadas, ou que vêem um balé ou uma encenação teatral, quando na verdade poderiam se dar conta de um aspecto da própria vida. Esse aspecto da própria vida precisa ser claramente compreendido, pois geralmente não é levado em consideração numa fala descritiva. Diz respeito a uma área intermediária, onde ocorrem a transição do sono para a vigília e da vigília para o sono. É o lugar ocupado pela experiência lúdica e cultural, e ocupado também pelos objetos transicionais, constituindo-se todos eles em evidências de saúde psiquiátrica2.

É surpreendente que, embora a teoria da personalidade e da vida humana seja descrita principalmente em termos da alternativa do sonho pessoal e da realidade existente ou compartilhada, ao olharmos sem viseiras, percebemos que a maior parte da vida de adultos, adolescentes, crianças e bebês é gasta nessa área intermediária. A própria civilização poderia ser descrita nesses termos.

A melhor maneira de estudar essa área é em termos de bebês vivendo sob os cuidados de mães e pais satisfatórios, com uma vida doméstica adequada. Enunciei do modo mais claro que me foi possível que a característica dessa área é a *aceitação do paradoxo* que vincula a realidade externa à experiência interna. E um paradoxo que nunca deve ser resolvido. Em termos do bebê com um pedaço de pano ou um ursinho, essenciais para a segurança e a alegria, simbolos de uma mãe ou de um elemento materno (ou paterno) sempre disponível, jamais lançamos o desafio: você criou isso oujá achou pronto? A *resposta* não tem importância, ainda que a *pergunta* seja relevante e significativa.

Em termos da monarquia, o homem ou a mulher que está no trono representa o sonho de todo mundo, e *ainda assim* é

um homem ou uma mulher real, com todas as características humanas.
Só se estivermos longe dessa mulher, a rainha, podemos nos permitir sonhar e colocá-la na área do mito. Se vivermos próximos dela, é muito possível que nos seja dificil manter o sonho. Para milhões, entre eles eu mesmo, essa mulher está representando para mim um sonho meu, e ao mesmo tempo ela é um ser humano que posso ver dentro de seu automóvel, enquanto espero sentado num táxi que ela saia do Palácio de Buckingham para desempenhar alguma função que é parte de seu papel, designado pelo destino, no qual a maioria de nós a mantém. Enquanto estou praguejando por causa do atraso que ela vai provocar no meu compromisso, sei que precisamos de formalidade, da deferência e da parafernália do sonho tornado realidade. É muito possível que a mulher que é rainha esteja também odiando isso tudo, *mas jamais saberemos,* por não termos quase nenhum acesso aos detalhes da vida e da pessoa que é essa mulher em particular, sendo esse o modo de manter seu valor enquanto sonho. Sem esse valor, ela não passa de uma vizinha.
É claro que poderíamos tentar tirar o véu. Gostamos de ler a respeito da rainha Vitória, e inventamos histórias que são ao mesmo tempo sentimentais e obscenas, mas no centro disso tudo existe uma mulher (ou um homem) que tem ou não tem a capacidade de sobreviver, de existir sem reagir à provocação ou à sedução, até que um sucessor hereditário assuma essa terrível responsabilidade, quando ela (ou ele) morre. É uma responsabilidade terrível, justamente por ser irreal em sua dura realidade, porque onde há vida pode haver morte, porque no momento crucial existe isolamento, um grau sem paralelo de solidão.
Ao examinar essa área intermediária em que vivemos e brincamos, onde somos criativos, o paradoxo tem que ser tolerado, nunca resolvido. Para deixar esse aspecto mais claro, pode-se examinar o fato dos retratos reais. Eles têm um valor artístico enorme e foram colecionados pela rainha e seus ante-

cessores através dos séculos, e pertencem a ela. E ao mesmo tempo pertencem à nação — a cada um de nós pois a rainha é nossa rainha e é a personificação de nosso sonho. Imaginem uma liquidação da monarquia, e imediatamente essa linda coleção vai virar uma lista de preços num catálogo, e vamos perdê-la para um qualquer que tenha libras ou dólares para gastar num momento determinado.

Do modo que está, com a rainha nos representando como proprietária, nem precisamos pensar nos falsos termos do valor do dinheiro.

Sumário

A sobrevivência da monarquia depende, conseqüentemente, de suas próprias qualidades; de seu lugar lado a lado à arena política no parlamento e nos procedimentos eleitorais, que são conduzidos principalmente de modo verbal; de nossos próprios sonhos ou potencial inconsciente; de quem realmente é o homem ou a mulher que ocupa a posição de rei e da natureza da família real, e de questões de chance de vida ou morte acidental ou por doença; da saúde psiquiátrica geral da comunidade, que abrange uma proporção não muito grande de pessoas ressentidas pela privação; de fatores geográficos; e assim por diante.

Seria um erro pensar que nós próprios vamos preservar aquilo que achamos que é bom. No final, o que vai decidir a questão é a capacidade da monarquia de sobreviver. No momento, parece que temos sorte. Podemos valorizar profundamente quem sofre as pressões decorrentes da grande honra e do privilégio de estar no trono desta terra, uma terra que não é muito grande, que é cercada pelo mar, e que já inspirou uma música: “A Nice Little Tight Little Island”*.

Conclusão

Minha tese é que a questão não é salvar a monarquia. Pelo contrário. A existência contínua da monarquia é uma das indicações de que aqui e agora existem condições nas quais a democracia (um reflexo das questões familiares, no contexto social) pode caracterizar o sistema político, e nas quais provavelmente não vai surgir uma ditadura, benigna ou maligna (qualquer delas se baseia no medo). Sob tais condições, os indivíduos, se forem saudáveis do ponto de vista emocional, podem desenvolver o senso de existir, podem realizar alguns de seus potenciais pessoais, e podem brincar.